ANNABELLE SLATOR



O Algoritmo DO AMOR

Sem chance disto virar um romance de escritório

ALTA NOVEL

E se a chave para encontrar o amor verdadeiro em um aplicativo de namoro fosse conhecer a pessoa cara a cara primeiro?

Neste romance de estreia cheio de humor e diversão de Annabelle Slator, colegas de trabalho rivais acabam virando um casal improvável depois de serem obrigados a colaborar no desenvolvimento de um novo aplicativo de namoro, tudo isso para conquistar uma promoção. Perfeito para fãs de *O Jogo do Amor "Ódio"*, de Sally Thorne.

"Um encontro dos sonhos em forma de livro. Divertido, romântico e cheio de coração — *O Algoritmo do Amor* tem tudo!"

— Emily Wibberley e Austin Siegemund-Broka, autores de *O Rascunho do Amor*

"Hilário e viciante! Um *enemies-to-lovers* irresistível, com química de sobra e personagens que conquistam."

— Donna Marchetti, autora de *Cartas de Amor e Ódio*

"Com o charme sarcástico de *O Diário de Bridget Jones* e uma química de tirar o fôlego, *O Algoritmo do Amor* é inteligente, divertido e impossível de resistir."

— *Booklist*

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
www.altabooks.com.br
/altanovel
/altanovel



Annabelle Slator

passou a infância escrevendo histórias nos confins do interior britânico. Depois de se formar em escrita criativa, dedicou grande parte do final da adolescência e do começo da vida adulta a redigir conteúdos para redes sociais, blogs de start-ups e empresas de tecnologia em Londres. Hoje em dia, quando não está escrevendo, provavelmente está acompanhando fofocas de nichos específicos na internet, aperfeiçoando as habilidades de esgrima ou garimpando achados em feirinhas de antiguidades com o marido e seus dois dachshunds miniatura, Gruffalo e Gryffin. *O Algoritmo do Amor* é o primeiro livro de Annabelle, inspirado na época em que trabalhou em um famoso aplicativo de relacionamentos.

Design de capa por Yeon Kim
Ilustração da capa por Mallory Heyer

Para conseguir o emprego dos sonhos, ela terá que sair com o cara que mais detesta...

O emprego dos sonhos de Grace Hastings no popular aplicativo de namoro Fate, que promete o "amor verdadeiro", virou um pesadelo. A chefe dela é uma aproveitadora, sua carreira estagnou e o noivo acabou de largá-la de forma cruel. Sua esperança de viver o próprio conto de fadas está cada vez mais distante e ela se sente uma farsa ao promover um conceito no qual não acredita mais. Quando o CEO da empresa lhe oferece a oportunidade de receber uma grande promoção, ela decide enfrentar a síndrome do impostor e mostrar que merece conquistar o próprio espaço.

A oportunidade?

Lançar um aplicativo totalmente novo, voltado para encontros reais e conexões genuínas.

O problema?

Ela precisa desenvolver e testar uma série de "primeiros encontros" com o outro candidato ao cargo: o famoso playboy da alta sociedade e maior rival de Grace no trabalho, Eric Bancroft.

Em meio a trilhas desastrosas, aulas de culinária perigosas e sessões de ioga quentes, eles começam a perceber que as diferenças gritantes entre os dois podem ser apenas superficiais e que Eric talvez seja a pessoa perfeita para desafiar as percepções de Grace sobre amor, dinâmica de relacionamentos e autoestima.

Elogios a *O Algoritmo do Amor*

“Cheio de charme e muita emoção, o livro de estreia de Annabelle Slator é um encontro dos sonhos transformado em livro. Com uma protagonista fácil de se identificar que recupera a fé no romance, mesmo em meio a tensões criadas por inimigos que se apaixonam e trapalhadas no trabalho, *O Algoritmo do Amor* tem tudo.”

— Emily Wibberley e Austin Siegemund-Broka,
autores de *O Rascunho do Amor*

“Uhuu! Uma nova comédia romântica chegou arrasando! Este livro de estreia tem tudo o que você busca: uma protagonista fabulosamente engraçada e fácil de se identificar, um homem irresistível e aquela dose ideal de drama. Prepare-se para se apaixonar por Eric e Grace enquanto disputam uma promoção e tentam, a todo custo, não se apaixonar. *O Algoritmo do Amor* é uma comédia brilhante e divertida perfeita para os fãs de *O Jogo do Amor “Ódio”*. Prepare-se para colocar Annabelle Slator na sua lista de compras.”

— Lizzy Dent, autora de *The Summer Job*

ANNABELLE SLATOR

O Algoritmo DO AMOR

Tradução
Letícia Carvalho

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2025

O Algoritmo do Amor

Copyright © 2025 ALTA NOVEL
ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)
Copyright © 2025 ANNABELLE SLATOR
ISBN: 978-85-508-2592-2

Translated from original The Launch Date. Copyright © 2025 by Slator Creative Limited. ISBN 9780063383623. This translation is published and sold by arrangement with Avon, an Imprint of Haper Collins Publishers, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

S631a 1.ed.
Slator, Annabelle
O algoritmo do amor / Annabelle Slator ; Tradução Letícia Carvalho. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Alta Books, 2025.
ePub3.
ISBN 978-85-508-2592-2

1. Romance inglês. I. Carvalho, Letícia. II. Título.

05-2025/78 CDD 823

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura inglesa 823
Aline Graziele Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano
Produtora Editorial: Beatriz de Assis
Tradução: Letícia Carvalho
Copidesque: Beatriz Guterman
Revisão: Mariana Naime
Diagramação: Natalia Curupana
Livro Digital: Carol Dias

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora **afiliada à:**


abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
DIREITOS REPROGRÁFICOS


ASSOCIADO
CBL
Câmara
Brasileira
do Livro

Sumário

Início
01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32

33
34
35
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora

A todos os meus colegas impostores,
é inacreditável ainda estarmos
conseguindo enganar todo mundo.



01

Respiro fundo, tentando me acalmar.

Eu sou capaz, eu me encaixo aqui, eu mereço estar aqui.

Repasso mentalmente o mantra que vi no Instagram; a mais recente tentativa em meio a várias de superar esta insegurança que me corrói.

Eu sou capaz, eu me encaixo aqui, eu mereço…

Um pigarro quebra minha concentração e quando olho para cima, lá está *ele*, com um sorriso de canto, como se soubesse exatamente o que se passa na privacidade da minha mente e achasse pura perda de tempo.

Foi preciso cinco anos de muita dedicação para conquistar meu cargo atual: gerente de marketing de uma das maiores start-ups de Londres. Acordo todos os dias com a sensação de que tudo vai ruir, de que o disfarce de competência que sustento vai cair, expondo meu verdadeiro eu medíocre para o mundo inteiro. Já Eric Bancroft age como se nada o abalasse.

Meu currículo parece um recibo de farmácia de tão longo, lotado com cada peça minúscula de marketing que já fiz: desde promoções (30% de desconto!) até campanhas de antidepressivos e antialérgicos de uso sob orientação médica. Todo o histórico de carreira de Bancroft está gravado no anel de sinete de ouro que ele gira no dedo quando está entediado.

Neste exato momento, ele está sentado ali, do outro lado da mesa de madeira enorme da sala de reuniões, totalmente relaxado. Sem questionar por um segundo sequer se merece estar aqui. A luz do sol londrino entra fracionada pela janela da sala de reuniões do décimo segundo andar, banhando metade de seu rosto. Faz com que seus olhos, de um azul quase gélido, brilhem com tanta intensidade que parece que poderia lançar raios através dos óculos de armação marrom mesclado que, tenho certeza, usa apenas para parecer mais inteligente.

Eu o fuzilo com o olhar.

— Grace?

O som do meu nome sendo dito como se fosse uma pergunta reverbera nas paredes de tijolos brancos. Minha chefe, a lendária Susie Jopling, me fita,

aguardando uma resposta.

— Ah, desculpe. — Meu notebook zune baixo quando abro a apresentação com meus gráficos de desempenho e crescimento do mês para projetar na parede. Meus dedos suados digitam no teclado enquanto mentalmente mando o coração se acalmar. — Susie, pode apertar a setinha de avançar para mim, por favor? Eu aviso quando precisar…

Eu sou capaz, eu me encaixo aqui, eu mereço estar aqui.

— Virou a noite, Hastings? — pergunta Eric Bancroft, com um sorriso de vilão, mordendo a ponta de uma caneta do Grupo Catch com seus dentes impecáveis.

Ele adora me chamar pelo sobrenome, como se eu fosse uma de suas rivais da escola de elite.

— Tem gente que trabalha até tarde, Bancroft — retruco com um sorriso forçado, mantendo os olhos fixos na tela. Uma risadinha discreta de Dharmash, seu chefe, preenche o silêncio enquanto meus olhos se ajustam aos slides da apresentação projetados na parede. — Próximo slide, por favor.

Com confiança fingida, pigarreio e aliso as lapelas de camurça rosa do meu terninho vintage da sorte. Não é a escolha mais esperta para um verão escaldante na cidade, mas, junto com os tênis usados comprados no eBay que parecem caros, faço todos acreditarem que estou completamente no controle.

Aponto a mão para o primeiro gráfico, que mostra um crescimento.

— Como podem ver, a Fate teve um aumento fantástico de usuários este mês. A nossa campanha mais recente, “Amor Verdadeiro”, atingiu o público-alvo que queríamos. A base de usuários entre 25 e 34 anos cresceu sete por cento mês após mês, o que me deixa muito feliz.

Bancroft se recosta na cadeira e cruza os braços por cima da camisa azul-marinho, sem dúvidas de grife. Ele age como se já tivesse ganhado a Batalha dos Gráficos deste mês, como um gladiador que já se considera vencedor antes mesmo de entrar no ringue.

— Podemos dar uma olhada no vídeo da campanha? — pergunta-me Dharmash. — Adoraria ver o que vocês andam fazendo do outro lado da cerca.

A cerca, neste caso, simboliza a divisão metafórica entre as duas empresas notoriamente opostas do escritório do Grupo Catch: Fate e Ignite, cada uma

localizada em um espaço próprio, separadas por um andar no arranha-céu do GC. Os outros dez andares são destinados aos vários outros aplicativos de jogos, serviços de streaming e redes sociais da empresa de tecnologia. Quando comecei a trabalhar na Fate, achava estranho os dois principais aplicativos de namoro do grupo ficarem em andares diferentes, mas agora agradeço aos deuses projetistas de escritórios por não ter que esbarrar com Eric Bancroft todo santo dia.

— Está no slide seguinte. Susie? — Olho para Susie, que está absorta no celular. Sentindo o rosto esquentar, vou até o notebook e aperto o play, tentando retomar o foco enquanto uma música suave começa a tocar e o vídeo mostra duas pessoas em uma varanda. Um homem e uma mulher belíssimos, de mãos dadas, rodeados por arbustos de rosas cor-de-rosa em plena floração, para ser exata.

"Nunca gostei da ideia de usar um aplicativo de namoro para encontrar o amor verdadeiro, mas estou tão feliz por ter dado uma chance ao Fate." O homem atraente, na casa dos vinte e poucos anos, fala com alguém atrás da câmera enquanto lança olhares fugazes para a linda mulher agarrada ao seu braço musculoso, um enorme anel brilhando em seu dedo com unha feita em manicure.

"Tentei outros aplicativos, mas nunca sabia quem queria um relacionamento sério e quem só estava atrás de algo casual", acrescenta a mulher. "Foi graças ao Fate que nos encontramos em meio a um mar de pessoas que não queriam nenhum comprometimento".

Ela dá um beijo na bochecha do homem, e ele sorri de volta. Eu me esforço para não fazer uma careta.

Já revi esse vídeo umas cem vezes para garantir que cada cena fosse a personificação perfeita de uma história de amor de sucesso da marca Fate. Um ano atrás, eu teria caído nessa, mas agora o melodrama de "amor verdadeiro" me dá vontade de vomitar, gritar e chorar ao mesmo tempo.

Desde que William terminou comigo, a ideia de encontrar um amor verdadeiro parece um sonho impossível, inventado apenas para gerar downloads e vender planos de assinatura. A Fate é uma máquina sem alma que eu mesma criei, que vende promessas clichês em filtros cor-de-rosa para iludir os usuários com a ideia de amor verdadeiro. Passo a maior parte dos meus dias criando novas formas de vender um conceito que não me

convence mais: um romance arrebatador, transformador e que promete acabar com a solidão.

Com um floreio musical final, o vídeo chega ao fim, e eu retomo minha apresentação.

— Hoje à noite, Susie dará início a uma série de palestras sobre vida, amor e carreira com o objetivo de atrair usuários influentes e sérios, complementando os resultados e garantindo que a proposta do Fate permaneça como a melhor da cidade.

Apesar da relutância de Susie em me oferecer um mísero elogio, é graças a eventos como este que o Fate está se tornando, aos poucos, o aplicativo de namoro número um para quem busca um amor clássico, de conto de fadas. Infelizmente, o crescimento da Fate é muitas vezes ofuscado pela estratégia de marketing da Ignite: "curta primeiro, pergunte depois". Entendo o apelo do aplicativo deles: é prático e simples. Só que é o oposto do que eu quero; nunca consegui bancar a despreocupada e fazer o estilo "casual". Diferente de certas pessoas aqui, não tenho estômago para pular de pessoa em pessoa como quem prova novas sobremesas no cardápio; prefiro aceitar que vou ficar sozinha.

Lanço um olhar para Bancroft e nossos olhares se cruzam por um segundo antes de ele voltar a encarar a tela. Dá para ver que ele está elaborando suas provocações para depois da reunião. Merda, preciso bolar algo também. Passei os últimos seis meses pensando tanto nele só para não deixar que levasse a melhor. As coisas não eram assim antes; nós já fomos amigos. É por isso que ele sabe me atingir onde mais dói. A dinâmica das nossas posições sempre deu um toque de rivalidade às nossas interações, mas agora ele faz questão de que suas alfinetadas doam por dias. Provocações amigáveis deram lugar a um gosto amargo e visceral no fundo da minha garganta. Bancroft passa um de seus dedos longos pela minha página minuciosamente formatada de gráficos de crescimento e suspira contente. Aposto que está comparando os números com os dele. Sinto a pele esquentar e suar ao perceber que ele venceu a batalha de marketing deste mês.

— Não, meu bem, você se equivocou — intervém Susie, com uma risada carregada de condescendência, me trazendo de volta à sala à minha frente. — *Você* vai comandar as palestras; não tenho tempo para isso.

— Ah, entendi. — Eu me atrapalho toda, soltando uma risadinha sem graça e ajeitando os cachos ruivos atrás da orelha. — Acho que consigo me virar… — Deixo a frase morrer ao imaginar o deserto que é o espaço pós-18h do meu Google Agenda. Não é de estranhar que Susie esteja me fazendo substituí-la: isso virou algo corriqueiro nos últimos anos. Quando perguntei sobre estágios na Fate, ela me deu uma oportunidade. Quando a Fate foi adquirida por Martin Catcher por uma fortuna e passou a ser parte do Grupo Catch, Susie seguiu como a emblemática Chefa®, à frente das operações diárias. Insistiu que sua equipe principal, incluindo eu, mantivesse os cargos.

Ela é responsável por todo o meu crescimento profissional e sempre faz questão de me lembrar disso. Sou grata a ela, mas desde a compra da Fate, sinto que estou sempre pisando em alçapões, cuja alavanca é ela quem controla.

— Não é como se você tivesse algo melhor para fazer, né? — pergunta Susie.

Uma onda de vergonha intensa percorre minhas veias, indo direto para o meu peito que bate acelerado. Precisava falar desse jeito? É a verdade, mas ela não precisa expor minha vida sem graça na frente de todo mundo como se fosse uma atração de circo. Venham ver a Mulher Solitária, ela ganha a vida promovendo o amor, mas está mais sozinha que capivara na chuva!

— Humm, não. Hoje à noite, não. — Sinto o rosto arder, como se tivesse acabado de pegar sol. Volto a me sentar, tentando não olhar para o sorriso vitorioso que sei que me aguarda do outro lado da mesa. Fracassada no trabalho, fracassada na vida. Por que isso nunca acontece com *ele*? Talvez porque o chefe dele saiba dar o devido valor ao tempo de Bancroft. Ele jamais passará por uma coisa dessas; é venerado na Ignite desde que lhe deram esse cargo de mão beijada.

Ele se levanta para sua apresentação, passando uma mão no cabelo loiro cor de areia e dominando a sala com uma facilidade majestosa, sem precisar dizer uma só palavra. Ele para bem atrás de mim, o que me obriga a girar a cadeira em 180 graus para testemunhar sua vitória certa. Ele é alto, talvez um dos homens mais altos da empresa, mas é sua aura inata de quem se sente completamente em casa que faz com que todos se calem e prestem atenção antes mesmo que abra a boca. Bancroft me olha de cima a baixo e gesticula com as sobrancelhas para indicar que eu abra passagem.

Sai da frente… quem realmente se encaixa aqui chegou.

Mordo o interior da bochecha e pressiono as solas dos pés no carpete sem graça, fazendo as rodas da cadeira chiarem ao serem arrastadas pelo chão.

— A nossa meta deste mês era impulsionar a captação de usuários, algo que conseguimos com facilidade graças a uma variedade de projetos bem-sucedidos. — Ele pressiona um botão preto para avançar para o próximo slide.

Olho ao redor. De onde ele tirou esse controle remoto? Será que trouxe de casa ou estava aqui o tempo todo? Os outros parecem totalmente alheios a isso; não devem nem ter notado.

— Nossa abordagem multimídia foi fundamental para o sucesso das campanhas atuais. Diferente de alguns concorrentes, que preferem um marketing ultrapassado, estamos utilizando inteligência artificial e realidade virtual para reforçar nossa proposta única de valor.

Ele segue assim por mais cinco minutos, soltando jargões corporativos que tenho certeza que todo mundo está fingindo entender para não parecer burro. O que mais me incomoda é que ele não precisa fazer tudo isso. Não é algo que esperem dele. Ele é uma imagem, uma marca, um legado. Um sorriso perfeito e cabelo estiloso ao qual os usuários podem aspirar ou desejar. Ser ele ou transar com ele. Ainda assim, ele entra nesta sala todo mês e tenta, por vezes conseguindo, vencer.

É como se sentisse algum tipo de prazer doentio ao competir comigo.

Quando a reunião se encerra, mantenho os olhos fixos no celular e me dirijo até a porta. Para ser sincera, eu mesma me coloquei nesta situação, saboreando demais os meses em que venci, passando os dias seguintes me gabando, esfregando na cara dele e me divertindo horrores com sua derrota. Determinei o clima dessa rivalidade há muito tempo e agora não há mais volta. Sim, talvez tenha exagerado no dia em que mandei um bolo de sorvete com a frase “Maior Perdedor do Mundo” para o escritório dele. É bem possível que minhas ações tenham criado uma criatura cujo único fim é me destruir. Minha versão do monstro de Frankenstein, com seu 1,90 metro, cabelo loiro escuro, olhos azuis e óculos falsos.

— Dois meses seguidos em que os meus números de crescimento superaram os seus, Hastings. Está perdendo o jeito — disse ele, projetando o queixo e fazendo um beicinho zombeteiro com o lábio inferior carnudo.

Que vontade de agarrar aquele lábio e arrancá-lo daquela boca prepotente.

— A única coisa que estou perdendo é a paciência com essa conversa. — Dou meia-volta e saio, fazendo questão de rebolar um pouco mais do que costumo ao deixar a sala de reuniões.

Bancroft me segue em direção ao elevador reluzente no fim do corredor. É difícil fazer uma boa saída dramática num corredor estreito quando um homem grande e irritante toma conta de quase todo o espaço.

— Se estiver precisando de ajuda, é só falar. Te dou umas… — ele inclina a cabeça, me analisando de cima a baixo — dicas.

Reviro os olhos e faço um muxoxo, encarando o sorriso irônico permanente em seu rosto. Ele deveria patentear essa expressão: o Sorriso Permanente, exclusivo para os mais arrogantes de Londres. O Sorriso Permanente, sem dúvida herdado do pai célebre, tem sido a chave para abrir portas que eu nem sabia que existiam.

— Valeu, ó sabichão. Quando precisar organizar uma festa para fazer calouros bêbados criarem conta no Fate, eu te chamo. O meu aplicativo é para quem busca algo real, alguém que leva o amor verdadeiro a sério.

— Ah, entendi… então você deveria mesmo estar à frente do marketing? — contesta Bancroft, fazendo um biquinho.

Inclino a cabeça para o lado e o encaro com um olhar incrédulo, incapaz de formular uma resposta rápida.

Ele desconversa, percebendo que passou do ponto.

— Fala sério, Hastings. Você não acredita nessa baboseira de conto de fadas.

Consegui sustentar a fachada para quase todo mundo, então detesto que ele perceba que meus sentimentos estão ficando cada vez mais amargos.

— Claro que sim. Eu amo o amor.

Ele me analisa com um olhar penetrante, avaliando minha declaração antes de revirar os olhos.

— Ah, qual é, não me insulte. Conheço você melhor do que pensa.

— Você não sabe nada sobre mim. Vai me desculpar, mas eu não quero sair por aí com qualquer um e depois nunca mais ver a pessoa.

Julgar a vida sexual de alguém… não foi uma jogada muito elegante, mas é sempre um insulto fácil e uma forma de desviar a atenção do eleito "Solteiro do Ano" pela *Societeur Magazine*.

— O Ignite está repleto de homens que chamam as mulheres de "fêmeas" ou que procuram alguém que "não se leve tão a sério" — continuo. —

Tradução: “Não se leve a sério, porque eu não vou”. Convenhamos, o seu aplicativo é um desrespeito com as mulheres.

— E é isso que o Fate faz? Respeita as mulheres? Você respeita o fato de que elas podem querer algo além da Pessoa Certa?

Bufo, sabendo que ele tem razão, mas irritada demais para admitir. Então, digo:

— Está falando igual um programa educativo. Você consegue passar do primeiro encontro ou as mulheres só aturam sua personalidade para aparecerem na mídia?

— Melhor ir a primeiros encontros do que a nenhum. Ou será que a Susie já liberou espaço na sua agenda para isso? Espero que seja elogiada por passar o resto da vida solteira e na seca. — Ele revira os olhos, deixando claro que só a ideia já o apavora.

— Nem tudo é questão de receber elogios, mas de conquistar confiança, coisa que você nunca precisou se esforçar para ter! — Percebendo que nossos chefes estavam se aproximando, abaixo o tom da voz para o meu argumento final. — Desça para o seu andar, Babacroft, ou, melhor ainda, para o inferno.

Uma expressão de decepção surge em seu rosto enquanto ele aperta o botão do elevador, mas logo recobra a compostura de sempre. O elevador apita quando chega para levá-lo ao andar da Ignite, um abaixo da Fate.

— Beleza, eu vou. — Ele cede e entra no espaço prateado. As luzes do elevador o envolvem em um brilho angelical enquanto ele espera que eu entre, mas me recuso a ficar naquele aperto com ele. Nem por um segundo sequer.

— Que bom. Diga aos outros demônios que mandei “oi”. — Sorrio e aceno, sentindo um gostinho de orgulho por ter dado a última palavra.

Houve uma época em que conseguíamos ficar no mesmo ambiente sem trocar encaradas hostis sob a luz das telas de computador ou revirar os olhos durante o café na copa. Já fomos colegas cordiais, companheiros de trabalho, parceiros. Já fomos amigos. Agora, agimos como rivais em um campo de batalha, aguardando que o outro inicie as hostilidades do dia, desencadeando nosso ciclo de insultos, afrontas e ataques. A gente finge que sempre foi assim. Finge que um ano inteiro de conversas diárias jamais aconteceu. Finge que várias outras coisas nunca aconteceram.

— Relaxa, Hastings. Vou guardar o seu segredo. — Bancroft abre aquele sorriso travesso de novo enquanto pressiona o número do andar dele. — Mas acho que no fundo nós dois sabemos… você adora passar o dia em cima de mim. — O elevador se fecha e eu fico ali, com as bochechas queimando.

Raiva transborda por todos os poros. Direcionada a ele, a Susie, mas, principalmente, a mim mesma. Mesmo quando éramos amigos, ele sempre foi mais ágil que eu. Uma infância rodeada por gigantes da indústria e uma educação em escola de elite fazem isso com a pessoa. Agora, ele usa essa agilidade para cativar os outros ou me deixar desconcertada, sem saber o que dizer.

Fico irritada comigo mesma por não ter me esforçado mais para superá-lo; deveria estar fazendo mais para provar que sou capaz de ganhar. Quem sabe, se tivesse uma mandíbula bem marcada, uma fama de playboy e a grana do papai, eu conseguisse ser tão despreocupada em relação ao trabalho quanto ele.

Lembrando que a palestra está se aproximando, aperto freneticamente o botão para ir passar a hora seguinte no escritório aprendendo tudo que der sobre as palestrantes de hoje à noite. Não deveria ser tão difícil, já que organizei o evento inteiro, mas a cada minuto que passa, a ansiedade vai tomando conta dos meus pensamentos. O estômago embrulha só de pensar em falar para cem das mulheres solteiras mais cobiçadas de Londres. As usuárias do Fate são confiantes e altamente bem-sucedidas, com negócios próprios ou cargos de alto escalão nas melhores empresas da cidade. Faz muito mais sentido a Susie ser a apresentadora; ela é a verdadeira estrela, é a pessoa certa para estar no palco, diante dessas mulheres. É uma gigante da tecnologia que, no auge da carreira, foi capa de revistas e atraiu milhões para suas palestras TED sobre empoderamento feminino. Sequer sou qualificada para estar ali. Ao entrar no elevador, fecho os olhos e respiro fundo três vezes.

Eu sou capaz, eu me encaixo aqui, eu mereço estar aqui, cacete.



02

Meu corpo inteiro protesta enquanto me arrasto com uma bolsa enorme cheia de produtos da Fate pelos degraus do velho sobrado até meu apartamento, pisando com o máximo de cuidado para evitar chamar a atenção de Bertie, o senhorzinho do andar de baixo que adora contar uns causos. Em outras circunstâncias, eu ficaria feliz em me sentar nos degraus para ouvir as histórias, muitas vezes de meia hora, que ele conta sobre seus dias perambulando a cidade com um grupo de ativistas punks. Só que, esta noite, preciso preservar o pouco de energia mental que me resta para terminar a planilha de despesas que a Susie mandou por e-mail pouco antes de eu chegar à palestra. Mal consigo manter os olhos abertos enquanto encaro o brilho azul da tela do celular.

Ela quer que eu organize mais de quarenta fotos de recibos em uma planilha detalhada até amanhã. Claro, não podia ter me avisado antes que o financeiro precisava disso, só na véspera do prazo.

Assim que termino de subir os três lances de escada, largo a bolsa e a jaqueta no chão e me jogo no sofá rosa e confortável que encontramos no Facebook Marketplace. As manchas duvidosas estão estrategicamente escondidas por uma manta amarela de tricô e almofadas com listras azul-claras. Dou uma olhada nas fotos que Susie mandou e uma sensação de desânimo toma conta de mim. Vejo um recibo borrado de vários espresso martínis consumidos em um clube exclusivo no Soho (imagino que deva classificar como “reunião com cliente”), um mês inteiro de almoços e pelo menos quinze notas fiscais diferentes da Wilfred’s, a cafeteria de luxo que, claro, Bancroft também frequenta. Paro em uma nota fiscal de dois ingressos para um festival de música badalado na Europa, com “presente para cliente” rabiscado em cima. Franzo a testa e dou zoom no preço: 1.935 euros por dois ingressos VIP.

Pesquiso no Google a data do festival e comparo com a agenda da Susie: ela esteve ausente por quatro dias, incluindo os dois do evento, registrados apenas como “viagem de negócios”, o que não ajuda em nada. Decido deixar para perguntar a ela sobre isso amanhã.

Yemi, minha colega de apartamento, entra e se senta ao meu lado, afastando a bolsa com o pé. Ela é a Diretora de Análise de Dados da Fate e minha ídola. No dia em que me contou que nada a fazia mais feliz do que encontrar um brechó que é um verdadeiro tesouro escondido e comprar um guarda-roupa inteiro por cinquenta libras, suspeitei que tinha encontrado uma amiga para a vida toda. Isso ficou claro quando cheguei no trabalho com a pele pálida, cabelo oleoso e olhos inchados depois de passar o fim de semana inteiro chorando por causa do William, e ela saiu comigo na hora do almoço, ajudou a arrumar minhas coisas e insistiu que eu ficasse no sofá dela pelo tempo que precisasse. Quando seu contrato de aluguel expirou, encontramos nosso apartamento atual e nossa outra colega de apartamento, Alice, em um anúncio online e vivemos felizes para sempre.

— Como foi? — pergunta Yemi enquanto me aninho nos almofadões do sofá. Instintivamente, me encosto nela e ela me envolve com o braço.

— O evento? — indago e depois dou de ombros. — Consegui me virar sem grandes incidentes, mas teria sido muito melhor se fosse a Susie.

Mandei mensagem para a Yemi para avisar que não conseguiria voltar de metrô com ela, como de costume; as mensagens só chegaram quando já estava em casa.

— Você devia ter me contado antes, teria ido te dar uma força.

Solto um suspiro.

— Relaxa. Seríamos duas passando por aquele sufoco.

— Agora está cuidando das contas dela também?

Estou acostumada com as demandas de última hora intermináveis da Susie, mas Yemi parece tão aflita enquanto faz cafuné na minha cabeça cansada que as palavras que Bancroft disse mais cedo ecoam na minha cabeça até saírem pelos lábios.

— Eu deveria simplesmente dizer que não vou mais fazer essas coisas ridículas para ela.

Esse pensamento surge a cada poucas semanas, quando a sensação de incompetência e exaustão transbordam os limites da minha paciência. Começo a digitar um e-mail para a Susie. Quando estou digitando a terceira frase comprida e cheia de justificativas sobre estar “à beira do *burnout* profissional”, Yemi derruba o celular da minha mão e ele vai parar no tapete grosso e estampado.

— Você não vai sabotar sua carreira só porque está cansada. Já sabe a regra da casa… — Ela arqueia a sobrancelha e aponta para a parede, onde está o retrato de um *gremlin* vestido de rei Tudor, que compramos no Etsy.

Enterrando o rosto no sofá, deixo que as almofadas me engulam por inteiro.

— Não envie e-mails depois das 22h — murmuro com a voz abafada por algodão, poliéster e espuma.

É uma regra que inventamos para não pirarmos e nem perdermos nossos empregos.

Yemi inclina a cabeça.

— Sei que a vê como a chave para o sucesso e o fracasso da sua carreira, mas está na hora de procurar oportunidades de sair da sombra da Susie. Não faça nada precipitado, como enviar e-mails com ultimatos à noite por mais alguns meses e eu garanto que algo de bom vai aparecer.

Ao longo dos anos, sugeri várias ideias para expandir a marca Fate; Susie demonstrava interesse no início, mas seu entusiasmo por projetos de longo prazo minguava à medida que surgiam projetos mais rápidos e chamativos com patrocínio de celebridades. O conceito que mais importa para mim é um que não tenho coragem de propor de novo. Para Sempre: um recurso do aplicativo que ajuda os casais do Fate a preservar a magia por meio de terapia de casal online e sugestões diárias de demonstração de afeto. Já faz um tempo que tenho trabalhado nisso nas horas vagas e, com a enorme ajuda da Yemi, desenvolvi uma versão beta bem simples. Só que a ideia de ela ser rejeitada outra vez me causa um estresse terrível.

— E se nunca mais acontecer nada de bom na minha vida?

Yemi levanta as mãos em um gesto meditativo.

— Vamos canalizar toda essa energia negativa e ansiosa para algo realmente desprezível.

Antes que eu tenha chance de responder, ela salta do sofá e sai saltitando para o quarto. Nosso apartamento é uma miscelânea de abajures de brechó, peças decorativas encontradas com desconto no eBay e móveis reformados; gosto da sensação de estar cercada por coisas que já tiveram outras histórias. Dos tapetes surrados encontrados em um bazar às pilhas de livros de arte usados que viraram mesa lateral e aos pratos decorativos de restaurantes cobrindo as rachaduras da parede da cozinha, este apê é único e todo nosso. É a junção perfeita do estilo arrojado e colorido da Yemi, do

charme escandinavo da Alice e do meu gosto mais tradicional. É apertado, mas eu não trocaria por nada neste mundo.

Yemi retorna com a nova edição da *Societeur Magazine* e me mostra um artigo sobre uma festa. Há uma foto de Bancroft com o braço envolvendo uma mulher deslumbrante; uma modelo, a julgar pelas maçãs do rosto absurdamente marcadas e o corte estilo chanel perfeito do cabelo castanho.

> Sexy, simpático e completamente desimpedido, o eleito Solteiro do Ano pela *Societeur* faz jus ao título. Foi flagrado deixando a badalada boate Weston's com três mulheres diferentes na mesma semana! Herdeiro de Malon Bancroft, o magnata da arquitetura e veterano das noitadas deixa claro que filho de peixe, peixinho milionário é…

— Ainda escrevem esse tipo de matéria? — Solto uma risada ao ver os chifres de diabo que Yemi desenhou na cabeça de Bancroft com uma caneta permanente preta. — Por que comprou essa revista?

— Primeira lei de guerra: conheça bem seu adversário. — Ela dá batidinhas na página com a unha pintada de lilás. — Pensei em comprar um alvo de dardos e colar o rosto dele no meio para você relaxar depois das reuniões mensais.

Ela abre um sorriso radiante, que sempre consegue me animar.

— E se colocarmos a foto da Susie junto? — Eu rio.

Yemi faz que sim com a cabeça e acaricia meu braço em um gesto silencioso de apoio.

Alice entra apressadamente na sala, com uma máscara de argila verde no rosto.

— Amiga, me empresta este vestido para usar no meu encontro amanhã? — Ela rodopia com um vestido de paetês que vai até a metade das coxas e fica perfeito em seu corpo.

Inclino a cabeça para o lado, observando a peça brilhante familiar, lembrando-me de tê-la jogado no enorme saco de roupas que doei para o brechó beneficente da Cats Protection League há mais de um mês.

— Tá legal, você se desfez dele, mas — Alice cutuca os dedos com um ar de culpada —, quando os sacos estavam no corredor, vi a pontinha dele e talvez tenha resgatado porque amei este vestido e vi uma garota no Instagram usando um bem parecido e…

Interrompo seu desabafo ininterrupto com uma risada conciliadora.

— Pode ficar… fica um arraso em você!

— Sério? — Ela dá um gritinho de empolgação, alisando os paetês. — Obrigada de coração, amiga. A menina com quem vou sair é tão descolada que me sinto um tribufu perto dela.

Eu e Yemi rimos da ideia de que Alice — uma verdadeira deusa; uma loira alta, bronzeada e de cair o queixo que você juraria ser sueca — poderia parecer um tribufu.

Sorrio para ela.

— Você está parecendo um lindo globo espelhado e, para ser sincera, seja lá quem ela for, teria sorte de estar a cinco metros de você, quem dirá ficar com você.

Yemi me estapeia no braço.

— Eu e o Robert falamos a mesma coisa para você o tempo todo e você nunca acredita.

Yemi conheceu Robert, seu namorado, quando trabalhava em um curso de programação que incentivava meninas e jovens mulheres a se interessarem por tecnologia e ciência. Foi amor à primeira variável. Já Alice está sempre saindo com alguém. Minhas sobrancelhas arqueiam em um reflexo de autodefesa.

— A diferença é que, ao contrário de vocês, eu sou uma pessoa impossível de namorar. Passo o dia inteiro trabalhando e não tenho vida social fora deste apartamento!

— Pelo amor de Deus, você trabalha em um dos maiores aplicativos de namoro do país. Se você não consegue encontrar alguém, que esperança o restante de nós tem? — diz Alice.

É um ótimo argumento.

O Grupo Catch está em muitas frentes tecnológicas, como aplicativos de saúde, sistemas de gestão de conteúdo e softwares de reservas online. Eu já reparei em alguns homens bonitos nos outros andares do escritório. Talvez devesse passar a me esforçar mais para conhecer as pessoas do meu prédio.

Alice arfa.

— Já sei! Vamos atualizar o seu perfil no Fate!

Meu estômago dá um nó, mas forço um sorriso empolgado, pois aprendi da pior forma que com a Alice, às vezes, é melhor só aceitar suas ideias impulsivas.

Melhorar minha experiência de namoro provavelmente me ajudaria no trabalho, mas sempre que alguém descobre que eu trabalho em um aplicativo de namoro, surgem uma das duas perguntas.

Número um: Me ajuda a melhorar o meu perfil?

Tradução: o encontro não foi aquela experiência impactante de “amor à primeira vista” que o Fate promete.

Número dois: Você consegue ver as mensagens que mando para outras pessoas?

Tradução: ou a pessoa tem o costume de mandar mensagens esquisitas ou tem a intenção de mandar num futuro próximo.

O único encontro que tive desde o William começou com as duas perguntas e terminou comigo chorando e indo embora antes da sobremesa. Não foi bem a superação revitalizante e cheia de paixão que eu tinha imaginado.

Alice dá uma olhada nas minhas fotos no perfil, uma galeria da mulher que eu acho que deveria ser, e faz uma careta.

— Ai, meu Deus, estão todas horríveis, né?

— Não, você está linda, é só que… — Sua voz vai sumindo e eu dou uma risada nervosa.

Yemi toma o celular da Alice e fita a tela.

— Isso aqui está mais para um currículo do que um perfil de namoro. Você não deveria mandar bem nesse tipo de coisa?

Franzo a testa e olho para a tela. Pego o celular e confiro meu perfil. Há fotos minhas sorrindo em um bar, com um grupo de amigos da faculdade em um acampamento e o restante são fotos em eventos corporativos.

— Eu mando! Aliás, me orgulho de ter essa habilidade. Quando estou fazendo para os outros — exclamo. — É como quando você vê alguém com um corpo parecido com o seu e acha a pessoa maravilhosa, mas depois olha para si mesma e pensa: sou horrível. Sei como transformar as habilidades, interesses e curiosidades de alguém em algo cativante, mas nunca consigo fazer o mesmo comigo.

— “Grace, 29 anos, nascida em Wiltshire, logo, ama a natureza” — lê Yemi.

Alice bufa.

— Amiga, você detesta atividades ao ar livre! Você prefere ficar em casa lendo um livro, e quando sai, é para, sei lá, um museu ou uma galeria de

arte, ou algo assim sem graça.

Não dá para negar; minha infância no interior me rendeu uma aversão intensa pela vida ao ar livre. Meu olhar vagueia instintivamente pela sala, pousando nos pôsteres e gravuras desses passeios, uma das poucas coisas que trouxe do apartamento do William para cá.

— Meio irônico a gerente de marketing de um aplicativo de namoro ter o perfil mais falso de todos — acrescenta Yemi. Encaro-a com um olhar zangado, apesar de, lá no fundo, saber que ela tem toda razão.

— Acabou de chegar um convite no seu calendário. — Alice coloca o celular bem diante do meu rosto e o brilho da tela me faz semicerrar os olhos.

O convite para a reunião é da assistente pessoal de Martin Catcher, CEO do Grupo Catch. Abro a notificação e o título enigmático "Reunião" às 9h de amanhã aparece, sem mais informações. Desço o olhar até a lista de convidados e meu estômago se contorce de ansiedade ao ler os nomes:

Martin Catcher aceitou o convite.

Susie Jopling aceitou o convite.

Dharmash Khatri aceitou o convite.

Antes que eu tenha tempo de processar o que isso pode significar, outra mensagem surge na tela:

Eric Bancroft aceitou o convite.

Droga. Clico em "aceitar" no instante seguinte, para não parecer devagar comparada a ele. Alice continua se arrumando para o encontro e Yemi se oferece para assistir à versão de *Orgulho e Preconceito* com Keira Knightley comigo, sentindo que não estou pronta para falar sobre esse novo desdobramento. É um dos poucos filmes românticos que ainda consigo assistir sem que meu cinismo vença, mas não consigo me concentrar; fico atualizando meus e-mails a cada dois minutos, na esperança de descobrir do que se trata a reunião. E se significa que vou ser demitida.

Yemi suspira e pausa na cena que foca o rosto perfeito do Sr. Darcy, com suas costeletas impecáveis.

— Ei! — Estico o braço em direção à tela. — Estávamos chegando na parte em que ele flexiona a mão!

Ela me encara com um olhar severo.

— Grace, acha que *ele* está pirando?

— Deve estar… está apaixonado por alguém que o vê como um babaca!

— Não o Sr. Darcy. Eric Bancroft!

Reviro os olhos tanto pela menção quanto pelo discurso motivacional que sei que está por vir.

— Não tenho dúvida de que é a última coisa que se passa na cabeça do Bancroft agora. Ele deve estar se divertindo tanto que é capaz de virar prato cheio para os paparazzis. — Pego a revista e a deixo no sofá entre mim e Yemi, sem mencionar que não é a primeira vez que me pergunto o que Eric Bancroft faz nas horas vagas.

— Exatamente, então você precisa relaxar e aceitar que, aconteça o que acontecer amanhã, você vai dar conta. — Yemi olha diretamente nos meus olhos. — Você manda muito bem no que faz, eles têm sorte de poder contar com você, e eu prometo, o mundo não vai acabar, tá bem?

Penso na palestra, no espaço adornado com arranjos florais em tons de rosa e caules verdes entrelaçados, e nos convidados ansiosos para ouvir as três mulheres falarem sobre seus contos de fadas contemporâneos. Jessie Fig, influenciadora digital e estrela das redes sociais, focada em positividade corporal e amor-próprio; Sonia Armington, coach sexual e CEO de uma marca sustentável de brinquedos sexuais; e a Dra. Bernadette Reid, terapeuta de casais famosa e apresentadora de podcast. Todas muito bem-sucedidas e inspiradoras. Lembro a risada que dei ao me apresentar como “Susie Jopling da Shopee” e como aquele brilho se apagou assim que vi Eric Bancroft entrar na sala e ficar no fundo. A presença dele costuma ser impossível de ignorar, mas, dessa vez, com tantas mulheres buscando amor, sua entrada discreta teve o impacto de uma explosão de bomba de testosterona. Todos os olhares estavam voltados para ele, mas o dele estava fixo em mim. Ele me provocava, com a sobrancelha levemente arqueada, como se quisesse se gabar de não precisar anotar piadas sem graça em um cartão para atrair a atenção do público.

Enquanto Keira Knightley se dissolve em lágrimas na tela, fico me perguntando quanto tempo da reunião de amanhã vou passar me sentindo completamente inferior.



03

Com unhas recém-pintadas e roídas, tamborilo no joelho, enquanto as luzes fluorescentes brancas lançam um brilho nada lisonjeiro em meu corpo. O *look* de hoje é um conjuntinho de blazer e calça em quadriculado branco e azul-centáurea; li em algum lugar que réus que vestem azul-claro no tribunal são mais propensos a serem absolvidos pelo júri. Não faço ideia do que fiz, mas posso garantir que, se sou culpada, é por causa do encrenqueiro incansável sentado à minha frente.

Ele me ignorou ao entrar na sala de reuniões, recostando-se na cadeira e cruzando uma perna vestida com calça de alfaiataria sobre a outra, numa clara demonstração de indiferença e provocação. Revirei os olhos e decidi ignorá-lo também, fixando minha atenção nos quadros lustrosos que exibiam artigos do *New York Times*, matérias do *Business Insider* e honrarias da *Forbes* enaltecendo os feitos de Martin Catcher e sua prestigiada empresa.

Dou mais uma olhadela na direção de Bancroft. Sinto um arrepio subir pela espinha ao notar seus olhos impassíveis já presos em mim, como aquelas pinturas sinistras de mansões mal-assombradas que parecem acompanhar cada movimento seu. Não consigo explicar bem o porquê, mas, ultimamente, sinto que ele está não apenas um passo à frente, mas vários. Em um esforço para imitar sua postura relaxada, recosto-me na cadeira desconfortável e cruzo as pernas. Do outro lado da mesa, Dharmash e Susie mexem em seus celulares, sem sequer olhar para nós.

Bancroft está com uma aparência ótima, diria até renovada, levando em conta o que dizem que fez após o evento de ontem à noite. A *Societeur Magazine* publicou uma foto de paparazzi na qual ele jantava com uma jovem que parecia vagamente familiar. Ela era esbelta, tinha cabelo curto, moderno e castanho, e olhos grandes e amendoados. Cliquei no usuário marcado: @irisfender. Sua bio dizia que ela era modelo, tinha meio milhão de seguidores no Instagram, 22 anos e era pisciana. Na foto dos dois juntos, notei que ele olhava para a câmera. Era o mesmo olhar que recebo quando

supero seus resultados nos relatórios. Mesmo em 2D, aquele olhar ainda me tira do eixo.

O vozeirão do Sr. Catcher interrompe meus devaneios.

— Agradeço aos dois por comparecerem assim de última hora. O Grupo Catch está preparando o lançamento de uma nova experiência de aplicativo de namoro para o ano que vem com o objetivo de preencher uma lacuna vital no mercado, o Ditto. Uma plataforma que conecta usuários com base em afinidade de estilos de vida e interesses, e que agenda de forma automática encontros pré-definidos. Atividades e encontros: conectar pessoas com base no estilo de vida e passatempos complementará bem as nossas outras duas plataformas voltadas para a imagem. — Ele aponta para Bancroft — E perfil pessoal. — Olha para mim. — Esse alinhamento assegura que os usuários sigam dentro da família Grupo Catch durante toda a sua trajetória de namoro.

— O usuário curte para escolher os encontros ou outros usuários? — pergunto, com curiosidade.

— Ótima pergunta. Vamos usar a mesma linguagem de back-end do Fate e do Ignite, mas a primeira interface que os usuários verão será uma seleção de pacotes de encontros. Quando decidirem se têm interesse ou não, dependendo do tipo de encontro que preferem, o algoritmo vai mostrar matches em potencial que fizeram as mesmas escolhas. Quando curtirem alguém, estarão concordando em participar de um encontro com aquela pessoa no horário reservado.

— Então não terá uma função de bate-papo ou mensagem?

Catcher sorri para mim e assente, em sinal de aprovação.

— Os usuários assinantes terão essa função disponível, mas com um limite de mensagens por interação. A intenção é vender o aplicativo como uma alternativa “offline” aos nossos serviços atuais, o que me leva a vocês dois.

Ficamos em silêncio, mas vejo a mandíbula de Bancroft ficar tensa.

— Vocês estão trabalhando juntos há quase dois anos e acham que não notamos? — pergunta Catcher, com os implantes de cabelo balançando à medida que circula pela sala de reuniões.

Minha mente está a mil. Fico pensando se devo me adiantar e confessar o que quer que Catcher esteja se referindo antes que ele nos demita ali mesmo.

Ele vê minha expressão e ri.

— Não faça essa carinha de assustada, querida.

Minhas bochechas coram na hora, tomadas por uma mistura de constrangimento por ser o centro das atenções e irritação com o machismo escancarado. Pelo canto do olho, vejo os nós dos dedos de Bancroft ficarem brancos.

Pela primeira vez desde que entrou aqui, Catcher fica imóvel.

— Veja bem, estou nesse ramo há tanto tempo que sei identificar uma parceria promissora quando vejo uma. Não teria chegado onde estou se não soubesse capitalizar algo assim.

Pisco e olho para Bancroft, em busca de confirmação de que não estou alucinando; ele evita meu olhar, mas a tensão em sua mão diminui um pouco.

— Pelo que ouvi, vocês são como combustível um para o outro, o que resultou nas maiores taxas de aquisição de usuários que o Grupo Catch viu em anos. Vocês parecem trazer à tona o que há de melhor no outro.

O Sr. Catcher olha para Dharmash e Susie. A diferença nas reações é como água e vinho: Dharmash parece orgulhoso, enquanto Susie, visivelmente furiosa e com olhos semicerrados, me encara como se fosse uma atiradora prestes a disparar.

Por que ela não me contou nada? Não parece surpresa com a notícia. Ela franze o cenho. Sustenta a expressão irritada por mais uns segundos antes de desviar o olhar para o chão, fazer um muxoxo e cruzar os braços. O Sr. Catcher tem razão: a rivalidade com Bancroft me obriga a trabalhar mais e melhor, mas nossos resultados eram tão bons, talvez até melhores, quando não nos enxergávamos como rivais na batalha mensal de egos.

Bancroft levanta a mão.

— Com todo o respeito, Catcher, não havíamos combinado que isso seria um projeto só meu?

Mantenho a expressão neutra, tentando juntar as informações enquanto o Sr. Catcher anda de um lado para o outro na nossa frente.

— Eric, valorizo sua confiança, mas é essencial que tenhamos uma perspectiva feminina neste projeto. A Grace já provou que consegue atrair o público feminino e atualmente sessenta e sete por cento dos usuários ativos do Ignite são homens. Não me leve a mal, você é ótimo em atrair as mulheres… — Sr. Catcher dá uma risada, se inclina para frente e dá um tapinha no ombro dele —, mas elas não ficam por muito tempo.

Ele volta a caminhar pela sala, alheio à expressão de desconforto de Bancroft.

— É por isso que preciso que vocês dois trabalhem em equipe nesta fase de criação. Quero lançar o aplicativo no mercado dentro de um ano. Troquem experiências e usem seus contatos para angariar parceiros.

— E quanto à minha apresentação? — questiona Bancroft entredentes. Meus olhos vão de um para o outro, tentando ligar os pontos invisíveis.

— Não precisa se preocupar. Você ainda vai apresentar suas ideias para a estratégia de lançamento, Eric. Vocês dois vão. Separadamente.

— Por que precisa de duas estratégias? — Bancroft tenta, sem sucesso, manter a postura séria e profissional, e me contenho para não rir.

— Ótima pergunta — declara o Sr. Catcher, acariciando a barba grisalha por fazer com o polegar e o indicador. — Esse lançamento é uma jogada vital para que o Grupo Catch se mantenha na liderança na indústria de namoro. É uma abordagem inovadora para atrair usuários que não estão interessados nos métodos de namoro online atuais ou que se cansaram de não obter resultados. Quero ter as perspectivas dos nossos dois aplicativos principais para que isso dê certo. Também precisarei que os dois registrem o feedback durante a fase de pesquisa.

O anel de sinete de Bancroft reflete a luz do sol enquanto ele esfrega o rosto e, a contragosto, pergunta:

— E… a promoção?

— Continua valendo — responde o Sr. Catcher prontamente. — Contudo, a estratégia da Srta. Hastings também será levada em consideração.

— Hã… a fase de pesquisa? E… que promoção? — indago com a voz trêmula.

Ele lança um olhar irritado para uma Susie apreensiva, suspira e volta sua atenção para mim outra vez.

— Peço desculpas, achei que já tivesse sido informada. Tem uma vaga aberta na Ditto. Chefe de Marketing. Queremos alguém que já esteja familiarizado com o funcionamento interno da empresa, então a pessoa com a melhor estratégia para o lançamento do Ditto será considerada para o novo cargo.

Contenho um suspiro e tento esclarecer as coisas.

— Quer dizer que nossas apresentações de estratégia vão servir de entrevista de emprego?

O Sr. Catcher assente de forma resoluta.

— Também avaliaremos candidatos de fora, mas quero manter esse novo empreendimento o mais interno possível, ainda mais nesta fase crítica de concepção.

Todo o meu corpo fica suado. Então… sou eu contra o Bancroft?

— Será um trabalho em equipe — continua ele. — Com a experiência e os históricos de vocês, sei que terão abordagens bem diferentes para a estratégia de lançamento e estou ansioso para ver as duas. Quero que colaborem na parte de testes e captação de parceiros. Me parece mais impactante ter representantes da Ignite e da Fate mostrando uma frente unida ao tratar com as marcas, não concordam?

Bancroft, em um tom mais alto do que usou até agora, começa a protestar.

— Não há necessidade disso… já tenho reuniões agendadas…

— Não tenho nenhuma objeção — respondo, sorrindo de forma cortês para os três superiores. Se algumas reuniões extras com Bancroft forem o preço a pagar por uma promoção, que seja. Eu sei ser profissional.

— Ótimo — responde o Sr. Catcher. — O Eric pode te colocar a par dos pormenores.

Susie, por fim, se pronuncia:

— Não darei o meu aval se ela não atingir os KPIs de costume nas próximas seis semanas.

Encaro o rosto irritado de Susie e, por dentro, estremeço. Sei que vou sofrer as consequências, mas esta pode ser minha única chance de promoção. A única escapatória dos surtos noturnos e das planilhas de última hora. Não é *só* por causa da Susie. Quanto mais penso no assunto, mais me sinto sufocada pelo peso da constante propaganda de “amor verdadeiro” da Fate. Quero sair, e esta é a oportunidade.

Pigarreio e endireito os ombros.

— Consigo manter minha produtividade. Obrigada pela oportunidade, senhor! — Assinto para enfatizar.

— Fantástico. — O Sr. Catcher junta as mãos, fazendo um barulho alto. — É fundamental que, como sempre, a experiência do usuário seja insuperável. Quero que testem os encontros, se coloquem no lugar do usuário. As apresentações de vocês devem incluir pesquisa de campo e desdobramentos desses encontros preestabelecidos, além de estratégias para promover o conceito de maneira eficaz.

Meu estômago dá um nó e depois desata, como uma molinha velha indo escada abaixo, enquanto a real dimensão disso vai tomando forma. Vou ter que ir a encontros com… Eric Bancroft?

Tento disfarçar o choque, mas meu corpo já está passando pelas etapas de *rigor mortis*. Susie arqueia uma sobrancelha para mim do outro lado da sala, como se estivesse tentando me convencer telepaticamente a não aceitar a proposta do Sr. Catcher.

Bancroft me lança um sorriso provocador e confere as horas no relógio, marcando a hora da minha morte. Este é o meu pior pesadelo.

— Não me parece que a Srta. Hastings se sentiria à vontade com isso.

— Claro. Grace, se não se sentir à vontade, não precisa seguir em frente. — O Sr. Catcher solta uma risada constrangida. — Tenho certeza de que algum outro integrante da equipe de marketing da Fate adoraria ter essa oportunidade.

— Não! Não tem problema nenhum! Eu topo — falo antes que um dos dois sugira uma alternativa. — Consigo manter meu trabalho em dia e ainda ir aos encontros. Sem problemas!

O Sr. Catcher se vira para Bancroft, com um sorriso arrogante e desafiador no rosto.

— Fantástico! Espero que não se importe com uma competiçãozinha saudável, Eric.



04

Cacete, cacete, *cacete.*

Meu coração está batendo tão forte que consigo sentir as batidas na cabeça.

O que foi que eu fiz?

Prejudicar o Bancroft tem suas consequências, mas contrariar a Susie vai me deixar em maus lençóis bem rápido, não tenho dúvida. Antes, ela adorava o meu entusiasmo, a minha disposição para sugerir novas ideias e ir além das minhas responsabilidades. Agora, parece que se ressente do fato de eu querer crescer na carreira de qualquer forma. A porta de vidro sibila ao raspar no carpete verde modular quando entro com passos decididos no escritório da Fate.

Vou me esquivando pelas fileiras de mesas, evitando fazer contato visual com qualquer um até chegar à minha mesa e me jogar na cadeira de rodinhas que range.

O computador emite uma notificação, indicando uma nova mensagem de Bancroft:

EB: Quando está livre para um apanhado geral?

Meu estômago começa a se revirar. Na última vez que ficamos sozinhos, as coisas não acabaram *nada* bem. Pego a revista que a Yemi colocou na minha bolsa ontem à noite e folheio até encontrar o rosto familiar, indo direto para uma caixinha no canto do artigo:

TRÊS CURIOSIDADES SOBRE
ERIC BANCROFT

Filho de Malon Bancroft, o magnata da arquitetura e veterano das noitadas, deixa claro que filho de peixe, peixinho milionário é …

1. Eric ingressou no curso de Design e Tecnologia Arquitetônica, mas no segundo ano da universidade migrou para Marketing e Publicidade — dizem que a mudança não agradou seus pais!

2. Há rumores de que Eric esteja namorando Margaux Bardin, herdeira francesa e fundadora da fabulosa marca de óculos Chaleur Lunettes. O casal foi visto pela primeira vez em clima de romance no seleto Bar da Matilda, em fevereiro, tomando vodca martíni com um toque de limão: a bebida preferida dele.
3. Ele está colocando suas habilidades sociais a serviço do aplicativo de namoro Ignite. Os downloads atingiram um recorde histórico no dia em que foi nomeado Gerente de Marketing da empresa pertencente ao Grupo Catch S.A. — nada mal para um homem que nunca passa mais de uma semana solteiro!

A maior parte dessas informações eu já sabia, ainda que nossa amizade no passado tivesse um certo distanciamento. Desde que nos conhecemos, senti aquela força gravitacional que ele parece carregar por onde passa. Sou transportada de volta à lembrança do nosso primeiro encontro. Ainda consigo me lembrar de como Jessica, Chefe de RH do Grupo Catch, me chamou do outro lado do saguão, com seus cabelos pretos e sedosos balançando enquanto seus saltos ressoavam pelo chão ao se aproximar de nós.

— Quero que conheça Eric Bancroft, o novo Gerente de Marketing da Ignite. — Ela o apresentou como se fosse um troféu reluzente. — Eric, esta é Grace Hastings.

Eu já havia visto fotos dele, mas pessoalmente ele era deslumbrante. Como se Hugh Grant e Jude Law tivessem tido um filho criado por um estilista de primeira.

— Olá, Grace Hastings — cumprimentou ele, arrastando as palavras com a voz aveludada como um bom uísque. A ênfase no meu nome fez um calor incômodo percorrer meu corpo.

— Oi! — cumprimentei, mais alto do que pretendia, e minhas bochechas arderam quando vi uma covinha surgir em sua bochecha esquerda.

— Oi — repetiu em um tom bem mais moderado. — Que tal a gente bater um papo em particular depois que eu me ambientar? Seria ótimo entender melhor como funciona o trabalho.

Um sorriso educado surgiu em seus lábios e juro que seus olhos azuis da cor do mar brilharam sob as luzes fluorescentes do teto do escritório.

— Bótima ideia! — respondi, ofegante.

Houve um momento de silêncio e então ele franziu as sobrancelhas em confusão. Fiquei parada, segurando meu notebook como se fosse um bote salva-vidas, enquanto caímos em um silêncio constrangedor. Senti meu corpo inteiro perder as forças enquanto ele me observava de cima a baixo, como se tentasse medir o meu caráter: um predador avaliando se eu seria classificada como amiga, inimiga ou presa.

— Desculpe, meu cérebro ficou indeciso entre boa e ótima, então acabei dizendo "bótima" — expliquei de forma desanimada, desejando que o chão se abrisse e me engolisse inteira.

Ainda recordo o momento em que o sorriso dele se transformou em um travesso.

Jessica, por fim, me salvou de mais constrangimento e, gentilmente, me lembrou de que eu estava indo almoçar com Yemi.

— E esta é Olayemi Musa, Diretora de Análise de Dados da Fate.

— Me chame de Yemi. — Ela sorriu e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Oi, Yemi — respondeu Eric. — Adoraria bater um papo com você também, se puder.

— Claro — respondeu ela como uma pessoa normal.

Acho que meu cérebro nem registrou a breve conversa depois disso; Yemi continuou sendo sua versão fabulosa e competente, enquanto eu apenas assentia em silêncio, com os lábios comprimidos.

Por fim, ele sorriu.

— Bom, foi *bótimo* conhecer as duas.

Antes que eu ou Yemi pudéssemos dizer mais alguma coisa, os dois se encaminharam para os elevadores, com os sapatos de Jessica ecoando pelo saguão.

A voz de Yemi me arranca da minha viagem involuntária ao passado.

— Você está bem?

— Sim! — respondo rápido e com entusiasmo demais, me afastando da mesa.

Ela faz um ruído de desconfiança, percebendo que minha resposta não foi nada sincera.

— Vamos almoçar? Já reservei uma mesa.

— Com certeza. — Eu me levanto, pegando a bolsa.

— Meu bem, tem *certeza* de que tem tempo para um almoço demorado? — A voz aguda de Susie invade o espaço entre mim e Yemi.

Ela nunca deixa passar quando tento tirar toda a minha hora de almoço. A última vez que tirei foi para uma consulta de emergência no dentista para consertar um dente quebrado. Após uma hora que fez meus olhos lacrimejarem e o bolso doer, ela mandou mensagem me pedindo para levar café, achando que eu estava resolvendo pendências na rua.

— Hum, não. Acho que não — digo, me acomodando de volta na cadeira. Engulo a culpa que sei que não deveria sentir e abro um sorriso sem graça e pesaroso para Yemi. — Pode ir, como um sanduíche depois.

Yemi encara Susie, incrédula. Ser diretora de um departamento a exime de aturar os desaforos de Susie, mas, a contragosto, mantém um certo respeito por ela como fundadora e ex-proprietária da empresa. Além disso, ela sabe que irritar Susie só vai servir para piorar o meu dia. Às vezes, este emprego me dá a sensação de estar presa em um lago gelado e escuro, agarrada às margens, tentando sair. A lama pesada escorrega pelos meus dedos e os tufos de grama úmida se desprendem do solo quando puxo com muita força. Em alguns momentos submerjo, em outros consigo boiar, mas, não importa o quanto tente escapar, sempre acabo voltando para onde comecei.

Quando Yemi vai embora, Susie se vira de volta para mim.

— Precisamos conversar sobre algumas coisinhas. — Com o som dos saltos ecoando, ela vai para o escritório, já esperando que eu a acompanhe.

E assim o faço.

O mix de colares de várias cores tilinta enquanto ela entra com elegância em seu escritório impecavelmente projetado, que mais lembra o lounge de um clube sofisticado do que um ambiente corporativo. Seu perfume floral forte permeia o ambiente, repleto de poltronas estilo *mid-century* em tons pastéis e luminárias de bronze chiques, que ela usa para iluminar o espaço, já que detesta iluminação direta. Há algumas pilhas decorativas pequenas de livros de alguma loja de móveis de luxo espalhadas pelas superfícies, cujas páginas tenho certeza que nunca foram folheadas.

— Quero falar sobre a reunião com o Catcher — diz ela, com os lábios comprimidos.

Assinto, tentando fazer de conta que não sei o que ela vai dizer. Ela pareceu surpresa e depois irritada quando aceitei a proposta dele; uma das poucas falhas dela é não conseguir se conter quando se trata de dar a

opinião. Ela suspira e se acomoda de forma despreocupada na cadeira de tecido bouclé branco, atrás de uma mesa de vidro imaculada.

— Sinceramente, acho que você não vai ter tempo para isso, meu bem.

Eu sou capaz, eu me encaixo aqui, eu mereço estar aqui.

Permaneço em silêncio enquanto ela continua.

— Sua agenda já está tão cheia: os relatórios diários, os eventos à noite, as parcerias, e, claro, os seus… almoços. — Ela interrompe a fala para causar efeito e me olha de cima a baixo. — Você não vai ter tempo para mais uma responsabilidade, vai ser impossível sobrar tempo para dedicar a si mesma.

Como se sobrasse tempo antes.

— Bom, hã, talvez eu pudesse… — Seguro meu bloco de notas com força — abrir mão de algumas das minhas… funções de assistente por enquanto. Como, fazer seus relatórios de despesas?

O silêncio se torna opressor no meu peito, a ponto de meus pulmões parecerem prestes a colapsar, e um suor frio escorre pelas minhas costas.

Eu sou capaz.

Eu me encaixo aqui.

Susie encara suas unhas impecáveis enquanto responde.

— Acha mesmo que eu teria tempo para assumir suas responsabilidades além das minhas? Estou atolada de coisas. Todo esse… negócio de Ditto… — Ela gesticula com a mão na minha frente — só vai desperdiçar seu tempo.

Ela pega um batom Charlotte Tilbury rosa e um espelho compacto de sua bolsa Louis Vuitton e retoca a maquiagem enquanto segue falando comigo.

— Meu bem, estou atrasada para uma reunião. Aproveite o tempo que eu estiver fora para refletir sobre suas prioridades e a quem você é leal. Me avise quando tiver recobrado a razão e enxergado tudo com mais clareza.

Ela fecha o espelho com um estalo e me encara de forma incisiva. Minhas bochechas ficam tão coradas quanto seus lábios, com a mistura de vergonha, culpa e ingratidão.

Eu mereço estar aqui?

Assinto com tanta força que meu pescoço dá um estalo.

Ela se vira e vai em direção à porta.

— Dê uma olhada nesses contratos com influenciadores. — Ela aponta para a pilha de papéis arrumada de forma impecável na mesa. — E procure aquela menina com quem trabalhamos uns anos atrás.

Ela estala os dedos, como se tentasse fazer o nome sair da minha boca.

Franzo o cenho.

— Não sei a quem se refere.

— Àquela que andava para cima e para baixo com um cachorro barulhento. Você vai encontrar, meu bem. — Ela sai bufando.

Pelo visto, *esta* é a punição pelo que aconteceu de manhã.

Limpo o rosto suado com uma mão igualmente úmida e reflito sobre as palavras de Susie. Ela me deu esta oportunidade. É o motivo de eu estar aqui. Apostou em mim quando eu não passava de uma simples estagiária de marketing na Fate, ganhando salário mínimo e trabalhando como garçonete aos fins de semana em um restaurante de rede. Ela me acolheu sob sua asa, sempre me dando tarefas de um cargo mais bem remunerado, porque sabia que isso me daria a experiência necessária para avançar no mercado. Susie é a única pessoa a quem devo minha trajetória até aqui, por isso faço o trabalho pesado por ela, lhe dou cobertura. Às vezes, esqueço o quanto nosso relacionamento se deteriorou nos últimos anos, desde a aquisição da empresa pelo Grupo Catch. Sua essência brilhante e apaixonada, junto com uma energia poderosa e acessível, fez com que muitos desejassem trabalhar para ela quando a Fate nasceu em um apê em East London. A disposição e o entusiasmo de Susie em apoiar quem mostrasse "potencial" era algo raro de se encontrar na indústria da tecnologia, tão dominada por machismo e nepotismo. Ela foi uma mentora incrível para mim e tantos outros — até deixar de ser.

Quem sabe esse projeto lhe mostre que sou capaz de gerir tudo sozinha. Que ela pode voltar a confiar em mim. Pego a pilha de papéis da impressora no escritório da Susie e largo na minha mesa. Se eu ganhasse a promoção na Ditto, nunca mais precisaria trabalhar em um cubículo minúsculo e abarrotado de coisas. Não ter que competir o tempo todo com Bancroft é algo que também pesa na balança. Seria como queimar uma ponte para abrir caminho em meio aos destroços de outra.

Horas depois, um som rápido e melódico de batidas me assusta tanto que me corto com os papéis dos relatórios.

— Merda — murmuro e aperto o dedo até que uma pequena gota de sangue apareça no corte. Levanto o olhar para procurar a origem do som. Meus olhos se ajustam das páginas brancas iluminadas pela lâmpada para o brilho quente do pôr do sol que entra pelas janelas do escritório da Fate, subindo até revirarem ao encontrar a figura alta parada na porta pouco iluminada.

A luz do entardecer contorna os ombros de Bancroft à medida que ele surge na entrada envidraçada. Sem os óculos, seus olhos estão ainda mais brilhantes e parecem me atravessar enquanto ele se apoia no batente da porta. Em suas mãos, há dois copos de café preto com "Wilfred's Cafe" estampado em relevo em letras brancas. Observo em silêncio enquanto ele leva um à boca.

— Desculpe incomodar — diz com um tom delicado e fora do comum. Quanto tempo faz que estou sentada aqui? E quando todo mundo foi embora?

— Sim, você está incomodando. O que quer?

Digito algo urgentíssimo no teclado, olhando fixamente para a sequência aleatória de letras que aparece na tela do computador. Ele não responde, apenas entra na sala e caminha até mim, observando minha reação a cada passo. Conforme se aproxima, noto a revista *Societeur Magazine* aberta na matéria sobre ele. Chifres demoníacos e uma seta grande apontam para seu rosto sorridente, junto com a palavra "cretino" escrita em preto e negrito, impossíveis de ignorar. Eu me debruço sobre a revista para que ele não a veja e, com o cotovelo, empurro-a para o chão. Ela cai dentro da minha bolsa e mexo em alguns papéis para abafar o som. Na mesma hora, ele inspeciona a mesa como um gato selvagem atrás de ratos. Bancroft faz uma breve expressão de nojo ao observar migalhas, bolinhas de papel e embalagens antigas de barrinhas de cereais espalhadas na mesa, mas seus olhos logo se detêm em um porta-retratos mostrando uma história de sucesso da Fate: um casal posando com seu bebê recém-nascido. Ele sorri com um ar condescendente. Viro o porta-retratos e lhe lanço um olhar zangado.

Ele reage com um sorriso de canto.

— Trabalhando até tarde de novo?

— Não, fico aqui só para curtir a iluminação fluorescente e ouvir Ronnie, o zelador, cantando heavy metal — respondo, tamborilando a ponta de

borracha de um lápis verde com a marca da Fate na mesa. — O que você quer?

Ele destoa completamente deste escritório cheio de detalhes fofos e femininos. Nunca estive no dele, nem mesmo quando éramos amigos. Faço questão de evitar, a todo custo, cruzar com o time tarado de Produto da Ignite, que parece não ver uma mulher de verdade há meses. Sempre dá para perceber quando acabaram de sair do elevador, porque entrar depois deles é um ataque direto ao olfato. Ainda bem que, quando o Grupo Catch comprou a Fate, Susie fez de tudo para manter os dois escritórios separados, para "preservar a magia". Eu costumava achar que Bancroft gostava de trabalhar aqui comigo e que sair da bolha da Ignite era uma maneira de manter a sanidade. Porém, agora, sempre que ele aparece, em vez das nossas sessões de pânico para cumprir prazos tarde da noite, fica claro que só vem para me atormentar. Nunca entrei no escritório dele, mas sempre imaginei que fosse uma fusão do escritório do Matthew McConaughey em *Como Perder um Homem em 10 Dias* com o do Don Draper em *Mad Men*. Claramente masculino, mas de um jeito clássico: com capas antigas da *Playboy* nas paredes, cadeiras de couro acolchoadas e o cheiro daquela colônia que ele usa todo santo dia. Não é forte, mas é uma fragrância distinta que fica no ar mesmo quando já deixou o recinto, como se quisesse que você pensasse nele por horas. O completo oposto dos programadores. Algumas meninas do escritório estão apostando há quase um ano em qual colônia ele usa. Deve ser Eau de Lúcifer.

— Está precisando de um escritório só seu — declara Bancroft, com aquele tom sarcástico e arrastado que já me é familiar.

Reviro os olhos com tanto gosto que eles quase caem em uma pilha de cadernos e potes Tupperware usados. Se fosse tão fácil quanto ele faz parecer, eu já teria um andar inteiro, em vez desta sala apertada com dez mesas brancas encaixadas como o Lego mais sem graça do mundo.

Um sorriso melosamente doce se forma nos meus lábios enquanto me ajeito na cadeira, ajeitando a barra do vestido.

— Quando eu for promovida, pode deixar que peço uma.

Ele solta uma risada carregada de condescendência e balança a cabeça.

— Olha, por falar nisso… — diz, num tom mais brando de novo e eu já fico alerta com o rumo da conversa. — Se você não estiver confortável com o… *trato,* não tem problema algum.

Ele tira um lenço do bolso, passa na borda da mesa para limpar as migalhas, coloca o segundo café na minha frente e, com os braços cruzados, se apoia na parede de vidro à minha frente.

— Não *precisamos* ir a esses "encontros" juntos. — Ele mexe os dedos no ar, zombando da ideia por trás da palavra. — Posso recorrer aos meus contatos, você aos seus. Não precisamos trabalhar juntos.

Percebo que ele está tentando disfarçar um sorriso travesso com um semblante de empatia, então retribuo com uma expressão de indiferença.

— Ou… — Ele prolonga a pausa, fazendo um biquinho com o lábio inferior, como se estivesse acabado de pensar nessa ideia. — Posso tocar esse projeto sozinho.

— E por que eu concordaria com isso? — pergunto, forçando um tom de ingênua.

Ele dá de ombros.

— Porque, como você mesma falou uma vez, sou "puro gim e nada de tônica"? — A voz dele ganha um tom provocativo que me causa arrepios.

Engulo o sentimento nostálgico.

— Claro, estar perto de você me dá urticária, mas pelo menos vou ser promovida no final.

A única vantagem de trabalhar ao lado dele é o vasto rol de contatos de sua família, que inclui fundadores, CEOs e gigantes da indústria. Não posso competir com o nepotismo geracional sozinha, e se eu concordar em trabalharmos separados, estaria entregando a medalha de ouro antes de a corrida começar.

Vejo a garganta dele se movendo enquanto toma um gole demorado no copo de papel. Quando tínhamos nossas reuniões na cafeteria chique com vista para a movimentada Charlotte Street, ele sempre fazia questão de pagar para mim. De jeito nenhum vou aceitar o café que ele trouxe por pena, por mais gostoso que esteja.

— Hastings, você claramente está desconfortável em ficar sozinha comigo depois de… — Ele se encolhe, como se a ideia do meu desconforto lhe causasse dor. Não precisa terminar a frase para eu entender a que está se referindo. Isso paira sobre cada atrito entre nós, como uma guilhotina com a corda desgastada. Como se ele tivesse uma carta invisível na manga que nunca joga, mas que nós dois sabemos estar ali. A mera possibilidade de ele dizer é quase tão forte quanto o ato de realmente falar.

— Não faço ideia do que está falando — respondo rápido, os olhos fixos na tela do meu computador, como se tivesse recebido um e-mail com o assunto *Você ganhou um ano de café grátis no Wilfred's!*

Fingir amnésia é a única estratégia que tenho contra ele, pois Bancroft quase nunca aborda o assunto diretamente, só fica jogando indiretas. Está apelando hoje, o que me faz pensar que, por dentro, deve estar entrando em pânico com a ideia de perder seu projeto precioso. Ainda mais para mim.

Ele vira a cabeça de lado e uma emoção que não consigo identificar surge em seus olhos quando se inclina sobre a mesa. Desvio o olhar, tentando afastar a lembrança da sensação do calor do seu hálito na minha pele quando me protegeu do frio.

— Hastings. — A maneira lenta e sensual com que sussurra a palavra me faz odiar o meu próprio nome. Isso nem sempre me causou repulsa. Antes, eu até achava fofo. Bem melhor do que "Gracie", o apelido que as pessoas costumam me dar. Antigamente, a gente se sentava à esta mesma mesa, devorando comida chinesa de um restaurante que fica a três ruas daqui. Abríamos biscoitos da sorte, trocávamos fofocas do escritório e nos estressávamos com os prazos. Agora, sempre que ele vem aqui, há alguma intenção por trás.

Não digo nada diante da cara de quem viu um passarinho verde.

Em vez de responder, tomo uma atitude bem mais ousada do que de costume: pego o telefone e ligo para o ramal do escritório de Martin Catcher. Aperto o viva-voz, quebrando o silêncio da sala com um toque estridente.

Uma voz alegre, e agora familiar, atende com um tom agradável e melódico:

— Escritório do Sr. Catcher.

— Oi, Harriet, é a Grace.

— Oi, que Grace?

Titubeio.

— Grace… Hastings? Nos vimos pela manhã?

— Ah, da reunião com o Eric.

Ele arqueia uma sobrancelha para mim e minhas orelhas ardem de frustração.

— Isso. Essa mesma — digo com os dentes cerrados.

— Como posso ajudá-la? — responde ela em tom alegre.

Apoio-me no cotovelo e encaro Bancroft bem no fundo de seus olhos glaciais e semicerrados.

— Por favor, informe ao Sr. Catcher que estou super empolgada para começar este projeto e que já tenho ideias incríveis para alguns… hã… testes iniciais.

— Certo, Grace… Hastings… super empolgada com… o projeto. Testes iniciais — repete ela devagar, anotando. — Prontinho!

— Valeu, Harriet — agradeço, afastando o telefone do ouvido e o colocando no gancho com força, em um movimento teatral.

Bancroft descruza os braços, ocupa a cadeira da mesa vazia ao lado e apoia o pé com sapato brogue da Armani feito de couro na superfície branca.

— Até que enfim você ficou interessante, Hastings.

Eu até diria para ele tirar os pés de lá, mas Hannah, dona da mesa, desmaiaria de emoção só de saber que qualquer parte do corpo dele encostou onde ela passa o dia inteiro.

— Interessante? Acho que o Sr. Catcher teria usado a palavra “vital” — falo, tentando ao máximo imitar sua confiança descontraída, ao mesmo tempo em que giro minha cadeira para encará-lo, cruzo as pernas desnudas e apoio o queixo na mão. — Nós dois sabemos que ele não confia que você consiga fazer isso sem mim.

Ele contrai o maxilar enquanto desvia o olhar para baixo. Por dentro, vibro por ter atingido um ponto fraco. Ainda conheço todos os seus sinais. O problema é que isso provavelmente significa que ele ainda conhece os meus. De forma sutil, abandono minha postura de insegurança em que estou inclinada para frente e assumo uma pose relaxada na cadeira, repousando as mãos no colo com um ar vitorioso.

— Não vamos nos precipitar, tá? Você ainda não sabe a verdadeira dimensão deste projeto. — Ele passa a mão tensa pelos cabelos cor de areia, recostando-se para imitar minha posição.

Gesticulo em sua direção com a mão aberta.

— Me elucide, por favor.

Ele pega uma bola de elásticos coloridos da mesa de Hannah, joga no ar e a pega com uma mão enquanto começa a explicar:

— Eu… Bom, *a gente* precisa fazer parcerias com empresas para criar pacotes de encontros patrocinados para os usuários do Ditto, levando em conta uma variedade de estilos de vida e interesses. Criar os encontros é só

uma parte, precisamos convencer marcas e empresas a colaborar conosco. O lançamento não vai acontecer sem o apoio de alguns parceiros fortes.

Um pavor me invade só de pensar em ter que fazer isso sozinha. Por um segundo, fico impressionada que ele já estivesse fazendo isso, mas logo me desfaço desse sentimento. Ele joga a bola mais alto com uma das mãos e depois pega com facilidade.

Com a bolsa pendurada no ombro, Yemi passa pela parede de vidro que separa a área da equipe de marketing, provavelmente para me tirar do transe de trabalho e me obrigar a ir para casa. Só que, quando ela vê com quem estou conversando, fecha a mão em um punho frouxo e a balança para cima e para baixo atrás da cabeça de Bancroft, esboçando com a boca a palavra "punheteiro".

Bancroft nota meu sorriso e olha para trás justamente quando Yemi segue em direção ao elevador, passando pela parede de vidro. Ele se vira de volta para mim, pigarreia e coloca a bola de elásticos de volta na mesa de Hannah.

— Marquei uma reunião com uma grande rede de hotéis para daqui a algumas semanas, o que dá tempo suficiente para montar uma boa lista de marcas complementares antes disso. E já tive uma reunião inicial com uma empresa de trilhas guiadas, mas planejava testar o percurso neste fim de semana. — Ele suspira. — Acho que você vai ter que me acompanhar.

Ele está se rendendo. Sabe que estou certa: o Sr. Catcher jamais confiaria esse projeto somente às mãos de Bancroft; os encontros provavelmente acabariam em um clube de strip de luxo ou em uma caçada a faisões em uma mansão no campo.

— E, como o Catcher falou na reunião, precisamos redigir um relatório sucinto de cada experiência para organizar nossos dados. Já criei uma planilha com ele para que possa acompanhar nosso progresso. Consegue planejar um encontro em breve ou está atolada de trabalho da Susie?

Um sorriso travesso, que se estende até os olhos, me observa em busca de uma reação de indignação. Que babaca!

— Claro que estou disponível! — minto outra vez, apontando para o Google Docs repleto de uma mistura caótica de vogais e consoantes.

Ele pisca os olhos.

— Humm, claro. Vamos organizar dois ou três encontros cada um, para dividir o trabalho.

— Ótimo, porque eu já tenho pelo menos três ideias em potencial. — Tamborilo com a caneta na tela apagada.

— Bom, mal posso esperar para descobrir quais são. Mas, no domingo de manhã, vamos fazer uma trilha. Por favor, vista algo… adequado.

Aff, trilha. De manhã. A única coisa pior do que estar ao ar livre é estar ao ar livre de manhã. E a única coisa pior do que estar ao ar livre de manhã é estar ao ar livre de manhã fazendo exercício. E a única coisa pior do que estar ao ar livre de manhã fazendo exercício é fazer essas coisas com *ele*.

— Por que eu teria algo "adequado" para fazer trilha? — pergunto, imitando o tom grave e eloquente dele. — Por que alguém em sã consciência iria *querer* fazer trilha?

Ele solta um gemido de irritação.

— Se conforme, Hastings. Eu faria isso feliz da vida sem você. — Ele contrai o maxilar enquanto se afasta da mesa; está ficando irritado comigo, então me rendo, não estou com disposição para a fúria que já vi sua equipe de baixo rendimento enfrentar. É frustrante ver como as pessoas o respeitam, e como ele consegue ser firme sem ser rotulado de mandão.

— Tá bom, já que o Sr. Catcher disse que você realmente precisa da minha ajuda para colocar em prática o plano dele de dominar o mundo dos encontros, acho que vou te ajudar. — Dou de ombros, triunfante, tomando o primeiro gole de café. — Mas se você aparecer com aqueles tênis de dedo esquisitos, vou embora.

Ele me dirige um sorriso falso e, em seguida, se levanta para sair do escritório.

— Mal posso esperar por esse encontro. — Ele apoia uma das mãos no batente da porta. — Aberta ou fechada?

— Fechada.

Ele se vai sem pressa, deixando a porta escancarada.



05

Onze meses atrás

Nas últimas três horas, o único movimento que fiz foi levantar e mexer os braços para acionar as luzes de sensor de movimento no escritório. Eu devia ter saído às 17h para jantar com o William, mas Susie fez a maior parte da equipe de marketing da Fate trabalhar para concluir um curso completo sobre empreendedorismo feminino. Ela vai se apresentar amanhã em uma feira de carreiras de uma universidade renomada, com slides, planilhas e um histórico das campanhas mais bem-sucedidas da Fate.

Hannah estava dando os toques finais nos gráficos para a apresentação, enquanto eu procurava fotos e estatísticas de um evento pop-up de sorvete vegano que fizemos em 2016. Nos últimos anos, trabalhei com a Hannah com frequência, e ter uma pessoa tão talentosa quanto ela ao meu lado foi uma mão na roda em várias ocasiões. Katherine, a mais nova estagiária da equipe de marketing, estava sentada à minha frente, com cara de tédio. O trabalho era monótono e mentalmente cansativo, mas ela não tinha a questão de "se eu for demitida, como vou pagar o aluguel?" como motivação. Ela morava com os pais e viajara até a cidade para passar a noite trocando o cartucho da impressora.

William nunca gostou que eu trabalhasse até tarde, mas sempre que eu levava trabalho para casa, quase sempre acabava em uma discussão sobre não passarmos "tempo de qualidade" juntos. Mesmo que esse "tempo de qualidade" fosse apenas ver ele assistindo futebol.

Meu celular sinalizou uma mensagem:

EB: Alguma chance de você ainda estar no escritório? Estou trabalhando nas estatísticas para a reunião de amanhã e preciso da sua opinião.

GH: Ainda estou aqui. Me manda o que você já fez e eu dou uma olhada.

EB: Já estou indo.

Meus dedos congelaram no teclado. Olhei para a minha mesa, observando a desordem cobrindo a superfície cinza, principalmente os restos de um sanduíche de ontem que eu tinha comido no almoço. Fazendo um bloco de notas de pá e vassoura, empurrei as migalhas e a embalagem para a lata de lixo perto dos meus pés. Desliguei o monitor para ver meu reflexo na superfície preta e brilhante, ajeitei o cabelo na frente e passei o dedo indicador abaixo das sobrancelhas, limpando as marcas de rímel borrado que denunciavam um dia inteiro diante da tela. A última vez que vi o Eric foi no nosso bate-papo individual, há pouco menos de um mês, onde expliquei a ele as minhas funções diárias. Descobri na reunião que a descrição do trabalho dele não batia com a minha. Minha longa lista de tarefas aleatórias era o dobro do tamanho da dele. Acho que fazia sentido, já que eu estava na função há mais tempo. Eu tinha acumulado várias outras responsabilidades sem deixar de lado as anteriores. Convenci-me de que isso era uma coisa boa. Percebi, no entanto, que ele fez várias perguntas. Nossos e-mails viraram mensagens de texto quando percebi que seria mais fácil para ele me procurar para questões rápidas dessa forma.

A porta de vidro sibilou ao se abrir.

— E aí — disse ele ao entrar, abrindo um sorriso charmoso e cativante para Hannah e Katherine antes de se concentrar em mim.

— E aí — respondi no tom mais casual que eu conseguia, sem tirar os olhos da tela.

A confusão de Hannah era quase palpável. Uma onda de culpa me tomou, fazendo minhas bochechas ficarem escarlates. Respirei fundo e engoli a sensação de que estava fazendo algo errado. Eric escolheu vir até aqui; eu não o chamei. Então, por que Hannah estava movendo os olhos arregalados entre nós dois, como se precisasse de pipoca para acompanhar a cena?

— Você ficou até tarde — afirmou ele, se aproximando da minha mesa.

— Você também — falei, limpando a garganta para manter a voz neutra. Girei a cadeira em sua direção e cruzei as pernas.

— Verdade, mas sou o novato na equipe, tentando causar uma boa impressão no Dharmash. Já não conquistou o direito de sair às dezessete?

Suspirei.

— O marketing de aplicativos de namoro é uma causa nobre que não espera por nenhuma mulher.

Ele me encarou com aquele mesmo olhar demorado e avaliador que usara quando nos conhecemos. Sustentei o olhar por um segundo e então virei novamente para a mesa, percebendo de repente a quantidade de sujeira entre as teclas do teclado.

— Com liceeença. — Hannah fez uma expressão de desconforto e prolongou a palavra, como se tivesse acabado de interromper uma Cúpula do G8. — Grace, pode me dar sua aprovação final neste slide antes de irmos embora?

— Aham! — Fiquei de pé, virando para o Eric. — Um segundinho.

De repente, me senti constrangida com o som dos meus sapatos no carpete, em seguida, contornei as mesas para olhar a tela de Hannah. Inclinei-me sobre a mesa dela, mal prestando atenção no que ela me mostrava, pois sentia os olhos penetrantes de Eric ainda me analisando, enquanto ele permanecia em pé, com as mãos nos bolsos da calça azul-marinho.

— Sim, está ótimo. — Lancei um sorriso um pouco tímido, mas amigável, para as duas. — Bom trabalho, pessoal. Até amanhã.

Hannah e Katherine arrumaram as coisas e se despediram, enquanto eu me acomodava outra vez na cadeira, me virando para Eric.

— E aí… com o que você precisa de ajuda?

Senti o peito apertar enquanto esperava a resposta dele, nervosa, com receio de que fosse um problema complicado que eu não saberia resolver. E se fosse algo da área de Produto? Não sabia nada sobre os detalhes internos do aplicativo e ficaria completamente perdida nas várias camadas de código que compõem o algoritmo do Ignite. Beleza, ele provavelmente não esperaria que eu soubesse disso, mas e se ele precisasse de slides para a apresentação de amanhã? Ou de algum esboço de produto novo e estiloso? Olhei para a porta, desejando que Hannah ou até mesmo Katherine ainda estivessem por perto, assim eu teria alguém a quem recorrer quando ele, por fim, fizesse a pergunta impossível de responder.

— Certo. — Ele empurrou a cadeira de rodinhas preta mais próxima pelo carpete verde até que ela batesse na minha. Colocou seu notebook ao lado do meu computador, e o brilho vermelho da tela com a marca Ignite iluminou as maçãs de seu rosto. — Não consigo encontrar as estatísticas sobre usuários ativos diários em nenhum lugar do *hub* de dados. Preciso delas para amanhã ou vou passar vergonha.

Senti os ombros relaxarem de alívio ao perceber que o problema dele era algo com o qual eu poderia ajudar. Respirei fundo, sentindo o cheiro de frutas cítricas e amadeirado quando ele se inclinou mais para perto para ver minha tela.

— Você vai ter que me acompanhar porque só consigo acessar as do Fate.

Abri o programa e fui clicando nas especificações, evitando olhar para as veias das mãos dele se movendo enquanto ele acompanhava com toques rápidos e precisos no próprio teclado.

— No Fate, é aqui. — Indiquei na tela com o dedo dobrado. — Yemi desenvolveu esse software para o Grupo Catch, então a versão do Ignite será a mesma. Basta calcular a média de minutos por dia.

Olhei por cima do ombro para ver se ele estava entendendo e o encontrei com os olhos fixos em mim. Sustentei o olhar por um segundo antes de pigarrear.

— Também gosto de isolar o maior tempo gasto por local, assim, para poder criar um mapa de calor de uso.

Ele assentiu e começou a mover as mãos pelas teclas do notebook para fazer o mesmo. Passamos os minutos seguintes jogando uma versão estranha e corporativa de “O Mestre Mandou”, enquanto eu o orientava a como extrair os dados de que precisava.

Por fim, ele soltou um suspiro e passou a mão pelos cabelos cor de areia.

— Caramba. Você manda muito bem. Obrigado, Grace. — Os olhos gélidos dele derreteram, dando lugar a um céu azul.

Por um instante, um friozinho se espalhou pela minha barriga, me fazendo cócegas por dentro. Contive-o antes que se descontrolasse e respondi com uma risada nervosa, fingindo que o elogio não mexera comigo.

— Imagina. Fico feliz em ajudar.

Seus olhos perscrutaram os meus, como se eu fosse um mapa e ele estivesse decidindo qual caminho seguir.

Por fim, retomei as anotações da aula que preparava para Susie, aumentando o som da minha playlist no Spotify para me manter motivada. Eu esperara que ele fosse embora, mas a cadeira rangeu quando se acomodou de vez e puxou o notebook para perto. Aos poucos, o nervosismo que me deixava agitada foi desaparecendo e me vi confortável em nossa silenciosa e harmoniosa produtividade. Sentamos lado a lado, com o som das minhas músicas favoritas tocando em modo aleatório nos fones de

ouvido. O silêncio era pontuado apenas pela digitação e pelo zumbido do ar-condicionado na sala ao lado.

Trabalhamos assim por cerca de trinta minutos, até que Eric resolveu quebrar o silêncio.

— Que horas você geralmente vai para casa?

— Não reparou no saco de dormir debaixo da mesa? Eu moro aqui. — Arqueei uma sobrancelha. — Sempre de plantão, que nem uma cirurgiã, só que *bem* mais importante.

Não sei por que minha resposta automática foi repetir a piada que William fez para os amigos às minhas custas. Quando as palavras saíram da minha boca, a mesma pontada de culpa me invadiu, mas Eric gargalhou. Um calor tomou conta de mim ao ver pela primeira vez seu sorriso genuíno, não aquele maroto e cheio de charme.

— Bom, parece que não foi a única nessa situação hoje, então pelo menos pode compartilhar do sofrimento, né?

Meu olhar se dirigiu à mesa de Hannah, agora vazia.

— É, a Hannah fez uma diferença enorme hoje à noite.

— Ela parece… prestativa. — Ele comprimiu os lábios.

Dou uma risada abafada com a escolha diplomática de palavras.

— Não precisa se fazer de tímido. Se está interessado nela, saiba que ela é a presidente do seu fã-clube. Aposto que ela tem um alerta no Google para quando a *Societeur Magazine* menciona você.

— Ah, valeu — disse ele, como se eu tivesse jogado um balde de água fria nele. — Mas ela não faz o meu tipo.

— Quê? — Eu me recostei na cadeira e cruzei os braços. — Ela é gente boa.

— Não tenho dúvidas — concordou ele.

— Qual é o problema, então? — perguntei.

Ele ficou batendo a caneta na coxa.

— Se alguém está interessado em mim com base no que vê nas redes sociais e em artigos sensacionalistas, então não está realmente interessado em *mim*.

Quase não contive a vontade de revirar os olhos.

— Você parece bem convicto disso.

Ele fez um som de concordância.

— Sei que faz eu parecer um babaca, mas é fruto da experiência.

— Então você só namoraria alguém que não fizesse a *mínima* ideia de quem você é? — perguntei, tentando não refletir demais sobre o motivo de me importar tanto.

Ele comprimiu os lábios.

— Ao contrário do que dizem na *Societeur Magazine*, parei de "namorar". Sexo sem amarras é bem mais simples.

Meus lábios se curvaram em um sorriso cheio de malícia.

— Nesse caso, você é mesmo o representante perfeito da Ignite.

Voltamos a nos encarar, com um desafio silencioso nos olhos.

A pergunta sai da minha boca, rápida como uma bala.

— E qual é o seu tipo? Para sexo casual, quero dizer.

Seus olhos percorreram meu rosto, para a esquerda, depois para a direita, como se estivesse tirando uma foto mental. Um sorriso discreto apareceu em seus lábios e uma sensação de calor se espalhou pelo meu corpo, corando as bochechas e aquecendo o interior.

— Ah, não estava falando de mim. Tenho namorado — falei sem pensar. — Parceiro. Pessoa. William.

Senti o rosto esquentar ainda mais, tentando não me encolher de vergonha na frente dele.

Ele sorriu de canto, fazendo um esforço visível para não rir.

— Relaxa. Eu sei.

Meus ombros relaxaram. Eu me perguntei como ele sabia, mas antes que eu pudesse terminar o pensamento, ele continuou.

— Não é só quem acompanha a *Societeur* e suas postagens idiotas que sabem *stalkear*, sabe.

Uma pausa mais tensa do que a anterior se seguiu e eu estava prestes a fazer uma pergunta constrangedora quando ele tirou o celular do bolso.

— Com fome? Eu mataria por uma comida oriental agora.

Passamos mais duas horas no escritório da Fate, comendo *dim sum* frio e conversando sobre como estavam sendo as primeiras semanas de Eric. Fiz um apanhado das melhores pessoas para ele conhecer no Grupo Catch (Yemi, sem dúvida, em primeiro lugar), quem evitar (Jeffrey, o desenvolvedor de Produto, mas Eric já tinha sacado) e mostrei outras formas de encontrar bons dados de marketing no software interno. Por fim, nos afastamos da mesa às 23h e no caminho para casa percebi que esta foi a única noite trabalhando até tarde que realmente curti.



06

São 6 horas da manhã de domingo e nunca, nem nos meus piores pesadelos, imaginei que estaria aqui.

No ponto de partida de uma trilha particular, sem dúvida pertencente a alguma firma de capital privado querendo passar uma imagem ecológica, esperando por Eric Bancroft. O ar morno da manhã que acaricia meus ombros descobertos é agradável, mas não vale o sacrifício de acordar às 5h e pegar o mesmo metrô dos que estão voltando das festas de sábado.

Brincando com a barra desfiada da minha bermuda ciclista, comprada em um brechó, olho ao redor e vejo a paisagem impecável. Quiosques estão espalhados na entrada de uma trilha sinuosa vendendo café moído na hora, sucos naturais e aveia amanhecida em potinhos de vidro. Minha boca saliva: talvez eu conseguisse me adaptar a essa parte das caminhadas se fosse em um horário mais razoável. A vegetação ao longo do caminho é selvagem e densa, mas bem-cuidada, servindo de moldura para as catracas que dão acesso à trilha. Este lugar é a Soho House das trilhas de caminhada. Observo os outros madrugadores começando a subida com uma facilidade tão grande que parece que acordam com o sol sem esforço, usando conjuntos da marca Lululemon e carregando as garrafinhas de alumínio da vez, caras e que gritam status. Alguns me lançam olhares de soslaio enquanto bebo de uma garrafinha plástica que comprei na loja de conveniência 24 horas no caminho até aqui. A última vez que me exercitei foi há mais de um mês, correndo atrás de um ônibus que, no fim das contas, acabei perdendo. Compro um *latte* com leite de aveia e um *pain au chocolat* que custam os olhos da cara no carrinho de café descolado e me sento com as pernas cruzadas em uma rocha decorativa, já exausta.

— Bom dia, Hastings. — Meu corpo enrijece ao ouvir a animação forçada dele. Por um momento fugaz, enquanto saboreava o chocolate, esqueci o motivo de estar aqui.

Bancroft veste um *look* todo preto e óculos Ray-Ban. Short da Nike combinando, tênis esportivo de grife e um moletom com zíper curto, tudo

impecável, além de um cabelo perfeitamente bagunçado, passando a impressão de estar alerta e à vontade, como se estivesse acordado há horas.

— Está atrasado — digo enquanto termino de mastigar o que resta da massa folhada. É como se ele adorasse ser o último a chegar, criando a ilusão de que todos estão à sua espera.

— Pensei em te dar uns minutinhos para saciar seu vício em açúcar e cafeína antes de começarmos. — Seu olhar percorre meu corpo e para no saco de papel pardo engordurado e vazio na minha mão.

Dirijo-lhe um olhar fulminante.

— É pesquisa de campo — falo, fazendo uma bolinha com a embalagem e a arremessando em sua direção. Um senhor com traje de maratonista solta um muxoxo reprovador entre ofegos.

Limpo as migalhas do peito enquanto ele alonga as panturrilhas tonificadas em um banco de madeira lindamente talhado e coberto de musgo.

— Olha, já negociei o acesso com desconto para os usuários, agora é só conferirmos a trilha em si. — Bancroft recolhe a embalagem e a arremessa em uma lixeira a vários metros de distância. Ela cai bem no centro, é claro. Fico um tanto impressionada, mas mantenho a pose de indiferença ao me levantar da pedra.

— Vamos acabar logo com isso porque quero voltar a dormir. — Coloco meu boné surrado para dar um efeito dramático.

— É assim que se fala! — diz ele, dando um tapinha nas minhas costas assim que me levanto.

Caminhamos em silêncio, enquanto o sol do verão começa a aquecer o solo lentamente. A trilha se enche de mais versões das mulheres das 6h, seguidas pelos casais fitness das 6h30, com roupas esportivas coladinhas, e, por último, os grupos de amigos das 7h com seus cafés gelados e carrinhos de bebê.

Tentamos manter distância um do outro: eu a alguns metros atrás dele, bufando sarcasticamente toda vez que alguém o encara; já ele mantendo um passo firme à frente, o que só pode ser algum tipo de jogo de poder. Tento uniformizar a respiração enquanto minhas coxas queimam ao seguir em direção ao que espero ser o fim da trilha, mas sinto a cabeça ficando mais pesada toda vez que inspiro.

— Tudo em ordem aí atrás? — pergunta ele olhando por cima do ombro, com o suor brilhando na testa, já cansado da primeira subida.

— Como. Nunca. Valeu. — Cada palavra é um esforço.

As pernas, o peito, a testa, tudo arde. Seria poético morrer aqui, desta forma: ela morreu como viveu, tentando com todas as forças chegar a algum lugar, mas sem alcançar o topo.

Ele diminui o passo para acompanhar o meu.

— Estamos quase no topo, mas se precisar de uma pausa, a gente para.

— Estou bem — respondo, me esforçando para subir a ladeira e ultrapassá-lo.

Ele para de repente, a poeira roçando seus tornozelos.

— Seria melhor se você não desmaiasse no topo da trilha. Senão, teria que carregá-la de volta. — A luz do sol faz a garrafa prateada dele cintilar quando ele a estende para mim. — Sei que atividade física nunca foi seu forte, mas você pode pelo menos beber água?

Cerro os punhos e me viro para encará-lo.

— Por quê? Se eu morrer na trilha, você terá o caminho livre para a promoção. Vai conquistar o que quer com facilidade, como sempre!

Ele ri, secando o suor da testa com o dorso da mão.

— Se você morrer agora, não terei ninguém para prejudicar depois, e cadê a graça nisso? — Ele inclina a cabeça, em um gesto interrogativo.

— Para mim isso não tem *graça*… é a minha vida inteira que está em jogo. — Sigo trilha acima pisando duro, com as pernas queimando.

Ele bufa.

— Faz sentido. É por isso que você lambe as botas da Susie há anos, apesar de nunca ter sido promovida?

Paro e me viro para ele, o rabo de cavalo chicoteando meu rosto. Odeio o fato de já termos sido amigos, que ele agora possa usar contra mim as verdades que lhe confidenciei no passado.

— Você nem precisa do cargo! Só quer porque *eu* quero. E agora vai ter essa porra de mão beijada. — Estou tão furiosa que pontos pretos começam a surgir na minha visão, como moscas me importunando.

— Está falando sério? — resmunga ele em voz baixa e entre dentes, reduzindo a distância entre nós em três passos rápidos. Seus olhos brilham de raiva. — Se acha que só quero o emprego porque você quer, então é doida pra caralho.

Ele abaixa o tom de voz, mas seus olhos me fuzilam de cima, enquanto se aproxima, fazendo com que me sinta minúscula.

— Por mais que queira acreditar que todas as minhas decisões giram em torno de você, está enganada. A verdade é que eu não penso em você tanto quanto imagina, Hastings. Na realidade, você nem passa pela minha cabeça.

Meus olhos percorrem o imponente iceberg humano, piscando várias vezes. Uma onda de vergonha me assola ao perceber quanta energia mental despendi pensando nele, sempre presumindo que ele fazia o mesmo.

— Vá à merda, Babacroft! — É a única coisa que meu cérebro consegue articular enquanto começo a descer a colina rochosa.

Só quero manter um pouco da compostura, mesmo com o sangue martelando nos ouvidos. O sol matinal, antes brando, agora é um calor úmido que me sufoca. Preciso sair daqui. Desço a colina rochosa e íngreme pé ante pé, tentando controlar a frustração que ameaça me fazer chorar, derrotada. Sinto uma dor aguda no tornozelo e antes que possa me agarrar a um galho próximo, a uma pessoa, a qualquer coisa, meu pé se torce de forma estranha.

Meus braços se agitam para amortecer a queda enquanto meus joelhos cedem e eu caio de lado na terra. Uma enxurrada de palavras, impróprias para tão cedo, ecoa de Bancroft atrás de mim, seguida pelos passos de seus tênis de grife.

— Você está bem? Hastings? — Ele ofega enquanto se agacha ao meu lado, com os olhos arregalados de puro desespero. — É melhor a gente te levar para o pronto-socorro. Consegue se mexer?

— Não, está tudo bem! — digo, mais alto do que pretendia, enquanto meus olhos procuram a rota de fuga mais próxima. — Vai levar horas e nem está doendo. Estou bem.

Tento me levantar e recuperar a dignidade perdida, mas uma dor aguda e latejante atravessa meu tornozelo. Caio de novo — desta vez interceptada por mãos fortes e quentes que me agarram e me erguem. Ele nos coloca cara a cara, tão perto que consigo sentir seu peito arfando enquanto me avalia. Instintivamente, ele esfrega os meus braços, deixando um rastro de arrepios. A sensação me distrai da dor por alguns instantes. Nossos olhos, antes cheios de pânico, se encontram e depois suavizam, nervosos, quando nos damos conta da posição em que estamos. Até que ele quebra o silêncio carregado.

— Podemos descer por uma trilha mais curta. Vou chamar um Uber para nos pegar lá embaixo — declara ele com firmeza.

Pisco quando a expressão dele se torna gravemente séria, com a mandíbula cerrada, mas, apesar da vergonha, solto um suspiro de alívio.

— Tá bem. Moro na…

— Não precisa dizer — interrompe ele, segurando meu braço com uma mão enquanto tira o celular do bolso com a outra.

Franzo o cenho diante da combinação de dor e irritação.

— Você é um *stalker* ou está me sequestrando? — Meu pé bom bamboleia quando tento manter o equilíbrio em uma perna só na descida determinada a não o fazer de muleta.

Ele suspira, sem tirar os olhos da tela.

— Não preciso porque já tenho salvo no celular.

Ele deixa esse fato pairar entre nós por um momento; a dor da lembrança da última vez que ele teve que me arrastar para um táxi é pior que a dor no tornozelo.

— Mas também porque vamos para a minha casa.

Seu olhar crava em mim, desafiador, esperando que eu reclame.

— É sequestro, então! — digo alto o bastante para que as pessoas que passam por nós nos encarem com estranheza.

Ele olha do meu rosto para o meu pé suspenso no ar.

— Seu tornozelo já está inchando. Você precisa de repouso e eu moro a dez minutos daqui.

Levanto a mão arranhada por causa do cascalho para interromper sua explicação enquanto pulo em uma perna só, lançando-lhe um olhar suplicante para que pare.

Ele se aproxima; meu coração acelera, uma mistura de ansiedade, vergonha e adrenalina quando ele me envolve com o braço e segura meu cotovelo com a mão livre. Uma dor aguda sobe pela minha perna à medida que descemos lentamente pelo caminho de terra. Cambaleamos em um silêncio carregado por alguns minutos até que solto uma risada ofegante ao passarmos por uma placa de metal verde-neon que diz “Trilha para Iniciantes” em letras brancas e negrito.

— Não passou por sua cabeça fazermos este caminho na subida?

— Em minha defesa, eu não pensei que você fosse tão ruim. Esta é a rota que as pessoas usam com carrinhos de bebê. — Eu me lembro das mulheres com os mini buggys e me pergunto se nos emprestariam um para eu descer

esta colina interminável. Um ofego escapa dos meus lábios quando meu pé raspa no chão.

Bancroft me segura com mais firmeza e passa o polegar áspero na cicatriz branca saliente no meu antebraço.

— Você precisa se distrair. Me fala como ganhou esta cicatriz.

Por um momento, fico surpresa que tenha reparado nela durante nossa manhã tumultuada, mas é provável que já tinha visto antes, só nunca perguntou.

— Foi um acidente que sofri quando era criança. — Solto o ar, me concentrando no formigamento nos dedos dos pés.

— O que houve?

— Humm, eu adorava subir numa árvore enorme no quintal porque minha mãe dizia que fadas moravam lá. Nem temporal me tirava dali, tentando conversar com elas. Aí meu pai construiu uma casinha na árvore e pendurou um balanço de pneu nos galhos. — Sinto uma fraqueza ao recordar. — Como eu não tinha muitos amigos, ele teve a ideia de construir uma casinha na árvore para que as crianças da vizinhança pudessem vir brincar comigo.

— Então foi uma dessas crianças que fez isso? — indaga ele.

Sinto a garganta secar quando ele me olha nos olhos, a luz do pôr do sol refletindo em suas íris.

Minha careta de dor se transforma em um sorriso melancólico ao recordar:

— Não. Acho que meu pai não percebeu que a maioria das crianças da minha idade já havia trocado as brincadeiras de faz de conta por videogames. Eu também já tinha quando ele terminou, mas não tive coragem de contar para ele. Então eu, meu pai e minha mãe fizemos um piquenique com tema de fadas na casinha na árvore e depois resolvemos testar se os três cabiam no balanço de pneu. A corda se rompeu e eu quebrei o braço na queda.

Bancroft apertou o meu cotovelo com mais intensidade.

— Ai.

— “Ai” mesmo — confirmo. — Acho que ele não se perdoou até hoje. O engraçado é que eu virei a sensação da minha turma por ter sido a primeira ali a quebrar o braço. De repente, todo mundo queria conversar comigo e assinar o meu gesso rosa-choque.

Bancroft arqueia a sobrancelha.

— Então, de certa forma, o plano do seu pai deu certo.

Dou uma risada.

— Sim.

Espero que ele compartilhe uma história parecida sobre a cicatriz em sua mão direita, geralmente escondida pelo anel de sinete, mas ele não diz nada.

Por fim, desisto e pergunto:

— Como você ganhou essa cicatriz?

Ele analisa a cicatriz branca que sobe do seu dedinho e desce pela lateral da mão; contrai o maxilar por um segundo e depois relaxa.

— Foi só… bobagem de adolescente.

— Entendi — concordo, me arrependendo no mesmo instante de ter me aberto tanto.

Meu peito se alivia quando chegamos a uma clareira e vejo a pedra que marca o início da trilha. — O carro chegará em três minutos — murmura Bancroft, resoluto, os dedos apertando meu braço com um pouquinho mais de força.

Quinze minutos depois, chegamos em frente ao prédio dele e eu tropeço ao sair do carro. Ele me observa dar dois passos mancando em direção à porta antes de se oferecer para me carregar. Protesto de forma não convincente, e quando volto a cambalear, ele revira os olhos e me pega no colo. O porteiro de uniforme nos olha confuso quando entramos no saguão impecável no estilo *mid century*. Ele nos observa enquanto nos dirigimos ao elevador, notando meus arranhões e meu pé pendurado em um ângulo estranho.

— A sua namorada está bem, Sr. Bancroft? — pergunta o homem quando dobramos em direção aos elevadores. — O senhor precisa de…

— Estou bem! E não sou namorada dele! — respondo, gritando, ao homem. — Já pode me colocar no chão — exijo entre dentes enquanto ouço a risadinha do porteiro, sentindo o calor fugir das minhas bochechas em chamas enquanto as portas de metal se abrem.

Bancroft me coloca no chão com cuidado e eu me apoio no corrimão do elevador com uma perna só, sentindo as mãos arranhadas doerem ao entrarem em contato com o metal frio. Esperamos no silêncio absoluto, ouvindo apenas o zumbido do elevador. Um tinido ensurdecedor anuncia a chegada ao andar dele, fazendo nós dois nos sobressaltarmos.

Ele se abaixa para envolver um braço em minha cintura. Minha mão machucada repousa em seu ombro e eu resisto ao impulso de explorar os

músculos tensos. Ele tensiona o braço e me levanta, me carregando até a metade do corredor elegante e acarpetado.

Suas chaves tilintam ao abrirem a fechadura, quebrando o silêncio que ainda pairava no ar desde o elevador. De imediato, o cheiro amadeirado e cítrico toma conta do meu olfato enquanto ele me leva por um corredor com assoalho de madeira escura em padrão espinha de peixe. O apartamento é moderno, mas aconchegante. Com luz natural filtrada por cortinas de linho, teto alto branco, paredes decoradas com pôsteres de filmes antigos e pinturas abstratas modernas. É a cara dele. Masculino, mas da melhor maneira possível. Sofisticado, porém descontraído. Franco, porém charmoso. É convidativo e modesto, nada parecido com o apartamento desleixado de solteiro estilo James Bond que sempre imaginei. Ao entrarmos na sala de estar principal, noto um par de brincos de argola dourados e pequenos em uma tigela entre moedas e chaves.

—Foi você que decorou? — pergunto em tom casual.

Ele dá um sorriso de canto, claramente ciente do que ficou implícito na minha pergunta.

— Tive uma ajudinha.

Com cuidado, ele me acomoda no sofá de canto cinza e vai até a cozinha, de onde volta com uma bolsa de gelo envolvida em um pano de prato. Ele a coloca ao lado da minha perna, no sofá. O frio do ar-condicionado me envolve enquanto minha frequência cardíaca enfim começa a desacelerar, mas aumenta de novo quando Bancroft envolve os dedos quentes na minha panturrilha com delicadeza e levanta a minha perna para analisar o tornozelo. Só pode ser coincidência que o ar-condicionado provoque arrepios no meu corpo todo justo neste momento.

— Então esse é o seu esquema para trazer mulheres para cá? — especulo, mais ofegante do que gostaria, enquanto resisto à dor. — Faz com que se machuquem em trilhas remotas e as carrega até aqui porque não têm como protestar?

Ele me fuzila com seus olhos azuis cintilantes e carregados de intensidade.

— E eu aqui achando que estava mais para uma situação de donzela em perigo.

Prendo a respiração, tentando resistir à tentação de procurar conforto naquele olhar tão familiar.

— Não preciso da sua ajuda.

Ele arqueia uma sobrancelha e aperta meu tornozelo de leve. Minha perna se move involuntariamente e eu gemo de dor.

— Seu sádico!

— Está doendo mais do que você admite e seu tornozelo dobrou de tamanho desde que saímos da trilha. — Ele fixa o olhar em mim. — Então, você vai ficar quieta, aceitar minha ajuda e parar de reclamar. — Seu olhar retorna ao estado normal de quem está irritado comigo, mas há um leve sinal de preocupação que poderia passar despercebido se eu piscasse.

O jeito que ele me encara, com as mãos grandes firmando meu tornozelo e a panturrilha, provoca uma sensação entranha na minha barriga que realmente prefiro ignorar por ora.

Solto um suspiro irritado e me jogo de volta no sofá, cobrindo o rosto com o braço para evitar seu olhar.

— Quer dizer que você *consegue* fazer o que mando? Bom saber.

Calor se espalha pelo meu corpo e desejo ter morrido lá em meio à poeira mesmo. Ter afundado no solo e me tornado parte da terra, para nunca mais passar essa vergonha. Bancroft segura meu tornozelo e começa a desatar os cadarços sujos dos tênis, fazendo um muxoxo.

— O que foi agora? — Suspiro. Ele critica cada passo que eu dou. Será que ele é assim com todo mundo ou é um traço de personalidade que ele guarda só para mim?

— Parece que uma criança amarrou esses nós… não é à toa que você quase caiu na trilha. — Ele mostra os cadarços mal amarrados.

— Desculpa se eu não aprendi o nó Windsor em alguma escola de etiqueta ou algo do tipo. — Percebo que ele está se contendo para não rir. Mesmo quando estou irritada com ele, sempre fico um pouco satisfeita ao ver sua fachada controlada rachar. Ele se levanta e volta para a cozinha com bancada de mármore.

— Por que está tão empenhado em me ajudar? Somos inimigos mortais.

Ele se curva para procurar algo na geladeira, e sinto as bochechas corarem, já que sua roupa de caminhada justinha não deixa muito para a imaginação nessa posição.

— Não tem graça chutar cachorro morto, você não seria uma adversária à altura. — Ele abre um sorriso radiante, abre um suco verde e me oferece, como se fosse uma oferta de paz temporária.

O cheiro do líquido grosso e verde me faz sentir como se estivesse respirando o ar de um pântano enlameado.

Ele me vê fazer careta e solta um suspiro longo.

— Só… beba. Vai te fazer bem.

— Você não come mais comida de gente normal? — Sinto uma pontada de arrependimento no peito ao lembrar das vezes em que ele pedia refogados orientais para nossos jantares no escritório quando trabalhávamos até tarde. E de como eu tirava sarro da obsessão dele por pedir esse tipo de comida, para depois tirar metade dos ingredientes e colocar no meu prato.

— Não costumo comer aqui. Ou estou no escritório ou fora com… amigos. — Ele vai até a cozinha e volta com uma fatia de pão integral torrado e dois comprimidos num prato bege com arte de salpicos. Ergo uma sobrancelha com uma expressão interrogativa.

— Pare com isso. É só ibuprofeno. Para ajudar com a inflamação. Você vai ter que ficar aqui até o inchaço diminuir. — Ele me entrega um copo com água e fica parado à minha frente, me encarando. Engulo os comprimidos e noto seu olhar fixo na minha garganta enquanto bebo a água toda. — Vou tomar um banho rápido para me refrescar da caminhada. Descanse. Volto em alguns minutos.

— Vá mesmo, acho que fiquei com um pouco do seu fedor grudado em mim quando me carregou.

Sem se virar, ele levanta o dedo do meio e vai embora. A porta range e logo escuto o som de uma ducha de alta pressão.

A tentação de bisbilhotar o apartamento enquanto ele não está é quase irresistível. Cada canto, móvel e superfície conta um pedaço da história de Bancroft, ou pelo menos da pessoa que decorou o apartamento. Até o aroma no ar faz lembrar dele: uma combinação amadeirada com notas cítricas doces que gruda na mente mesmo após sua ausência. Inclino-me para tentar espiar melhor o cômodo, mas o movimento provoca uma pontada de dor que irradia do tornozelo até a perna. Levanto a compressa de gelo e, pela primeira vez, inspeciono a lesão. Pressiono um dedo contra o inchaço do tamanho de uma bola de golfe, onde deveria estar o osso do meu tornozelo. Resolvo não me mexer. Posso bisbilhotar tudo daqui mesmo.

De onde estou, consigo ver o quarto dele. Reparo nos lençóis creme com bordados marrons, cobrindo o que parece ser uma cama king-size.

Por algum motivo, achei que encontraria uma mulher espetacular aqui em pleno domingo de manhã, preparando o brunch, talvez a mesma pessoa que o ajudou a decorar. Aproveito para inspecionar os objetos pessoais próximos — praticamente só revistas e controles remotos —, buscando indícios da presença de outra pessoa.

Poucos minutos depois, a água para de correr e, em seguida, o som de pés descalços ecoa do banheiro em direção ao quarto.

— Você mora sozinho? — Minha voz se propaga pelo amplo espaço de conceito aberto.

— Estou acostumado assim. — A voz dele ecoa pela porta entreaberta do quarto. — Gosto da minha própria companhia.

— Acho que forçar as pessoas a tomar essa lama verde logo quando chegam acaba as afastando, né?

— Só se forem viciadas em cafeína e açúcar — responde ele.

Sorrio e tomo um gole do suco grosso e com gosto de terra.

Olho para cada canto do apartamento até parar na mesa de centro. Há pilhas de livros pesados espalhados de um jeito que me faz pensar que ele realmente os leu: um livro gigante com pinturas de David Hockney, fotografias de Slim Aarons, os arquivos da NASA; Bancroft poderia montar uma exposição da Editora Taschen na própria sala de estar. Com as pontas dos dedos, puxo um livro de fotografia intitulado *Experiências Remotas: Viagens Extraordinárias de Norte a Sul* do topo da pilha e o coloco na borda da mesa, folheando-o, na esperança de encontrar alguma explicação secreta sobre o que se passa em sua cabeça. O folhear contínuo das páginas é de repente interrompido por um marcador. Só que não é bem um marcador. Colocando o livro pesado no meu colo, tiro o cartão retangular e comprido e, à medida que a ficha cai, minha mão começa a tremer.

É uma tira de fotos minha e dele tiradas na festa de Natal do Grupo Catch, seis meses atrás. Uma lembrança perdida de quando o puxei para a cabine de fotos volta com força enquanto passo o dedo pelas imagens, parando na última. Eu, sorrindo para a câmera, com os olhos vidrados. Ele, me olhando com uma ternura que faz meu estômago gelar, como se estivesse despencando de um prédio.

Em um movimento rápido, enfio a tira de fotos no livro e o fecho com força.

— Olha, preciso ir. Prometi à minha colega de apartamento que a ajudaria com a dissertação hoje — minto. Depois de alguns segundos de silêncio, Bancroft aparece, recém-saído do banho, vestindo uma camiseta branca de algodão e calça jeans azul. Ignoro seu peito ainda úmido e verifico meu tornozelo, apoiando-o com cuidado no piso de carvalho com uma careta de dor.

— Deixa eu ver como está o inchaço. — Ele se inclina para perto de mim; seu peito com cheiro de sabão. O cabelo, que costuma ser cor de areia, fica mais escuro quando molhado; os cachos curtos caem na testa em pequenos espirais.

— Já está bem melhor. — Forço um sorriso. — Já podemos parar com essa encenação de *Louca Obsessão*.

Um lampejo de algo brilha nos olhos dele e logo desaparece; ele pigarreia e diz:

— Pelo menos me deixe te ajudar até a porta.

Faço um gesto discreto de concordância com a cabeça, evitando o contato visual, sentindo o calor se espalhar nas minhas bochechas ao pensar nas fotos.

Seus braços me envolvem e sinto suas mãos me segurando de maneira delicada, porém firme. O cheiro dele me envolve como um edredom quente numa manhã fria.

— Valeu… — sussurro, como se minha gratidão precisasse ser dita em segredo — … e valeu pelo lodo saudável… me sinto renovada.

Ele dá uma risadinha constrangida e ofegante.

— Disponha. — Ele dá um passo para trás e passa a mão nos cabelos molhados. Antes que qualquer pergunta idiota saia da minha boca, pego a bolsa, o meu orgulho e saio mancando.



07

Sabia que isso não ia acabar bem… — ouço alguém dizer.

Com muito esforço, abro os olhos pesados de sono e tento identificar de onde vem a voz. Yemi está em pé ao lado da cama, com os braços cruzados e segurando um saco de ervilhas congeladas.

— Nunca imaginei que partiriam para a agressão física logo assim de cara — responde Alice de perto do meu tornozelo, com um olhar preocupado no rosto cheio de sardas. A cama range quando me sento, dobrando a perna para verificar a torção. Passou de rosa para roxo desde a última vez que dei uma olhada, mas pelo menos o inchaço diminuiu.

— Fui a única ferida — confirmo com a voz rouca, esfregando o rosto para tentar apagar os acontecimentos desta manhã. — Que horas são?

Olho para o sol do fim da manhã entrando pelas persianas; devo ter dormido por apenas algumas horas.

— Meu Deus, o que ele fez com você? — pergunta Alice, com a boca aberta e os olhos alternando entre mim e Yemi.

— *Ele* não fez nada — suspiro, fazendo uma careta de dor por conta do tornozelo. — De forma resumida: eu caí; ele me carregou morro abaixo e me levou para o apartamento dele; foi humilhante.

— Infelizmente, não temos legumes congelados para ajudar com orgulho ferido — consola Yemi, mas não consegue disfarçar o sorriso enquanto coloca o saco no meu tornozelo.

Instintivamente, pego o celular para conferir os e-mails e observo o círculo girando enquanto a caixa de entrada atualiza. Às vezes, quando fecho os olhos, ainda consigo ver aquele pequeno círculo girando sem parar, como se minha mente estivesse carregando a lista interminável de tarefas inúteis do dia seguinte. Como sempre, há vários e-mails da Susie, outros com cópia de colegas, um boletim informativo da *AdWeek* e…

ERIC BANCROFT FEZ EDIÇÕES NO SEGUINTE DOCUMENTO: "RELATÓRIO DO PROJETO DITTO."

Um frio se instala no meu estômago. Tudo o que ele escreveu está disponível para qualquer pessoa com acesso — incluindo o Sr. Catcher.

Meu tornozelo lateja enquanto puxo o notebook da bolsa na lateral da cama, escancaro a tela e clico feito louca.

Gostei de participar desta experiência:

Discordo.

Comentários adicionais:

A trilha não é indicada para quem é sedentário ou leva tudo na brincadeira.

E lá se vai a promessa de esperar minha recuperação para que eu seja uma adversária à altura.

As fotos que vi no apartamento dele não saem da minha mente. E se ele as colocou ali de propósito quando eu não estava olhando só para me desestabilizar? Estavam tão à mostra, posicionadas em um lugar conveniente *demais*.

Eu nem sequer passo pela mente dele. Foi o que ele disse na trilha. Uma simples tira de fotos não muda nada; quem a pôs no livro é a mesma pessoa disposta a me passar para trás por uma promoção. Para conseguir essa vaga, preciso ser calma, centrada e determinada. Séria. O oposto de uma pessoa que surta por causa de uma mera série de fotos plantadas ou que fica remoendo palavras até elas se desintegrarem em confetes na mente. Ironicamente, preciso ser mais como o Bancroft para isso dar certo.

Digito com força no teclado:

Quando um dos usuários carece de empatia ou é mais egocêntrico que o outro, o pacote de encontro na trilha pode virar um desastre.

Alice se junta a mim na cama com um pulinho e se joga nos travesseiros, como um desenho animado.

— Quer dizer que você foi a um encontro com um dos homens mais cobiçados de Londres, torceu o tornozelo como uma donzela frágil e ele te carregou morro abaixo? Me explique como isso *não* é o sonho de toda fã de comédia romântica?

Esfrego o rosto, tentando pensar em frases completas.

— Porque, mesmo que ele seja tão cobiçável quanto a *Societeur Magazine* alega, ele só é "cobiçado" por pessoas que nunca tiveram o desprazer de passar um tempo com ele.

— Além disso, em uma comédia romântica, o interesse amoroso não é o cara que te chama de maluca grudenta para os colegas! — diz Yemi. — Merda, foi mal. — Ela se encolhe.

— Não, você tem razão. — Suspiro.

Para preservar minha sanidade, tenho evitado pensar em como nossa amizade terminou, seis meses atrás. Nem mesmo Bancroft sabe o verdadeiro motivo de tudo ter acabado tão mal. Ele acha que foi por causa do que aconteceu na festa de Natal do Grupo Catch; não faz ideia de que foi três dias depois.

Depois do fiasco que protagonizei na confraternização, resolvi me desculpar. Quando cheguei à porta do escritório dele, vi que estava entreaberta e deu para ouvir ele conversando com alguém. Achei que fosse uma reunião, até que escutei meu nome.

A Hastings é uma maluca grudenta… Nem para uma rapidinha ela serve. Esse tipo de desespero não é nada atraente. É simplesmente ridículo.

Ele tentou puxar conversa comigo uns dias depois, mas eu o ignorei. Era coisa demais acontecendo; já estava tentando sobreviver ao estrago que o William causou e não tinha energia para mais um confronto. Duas semanas depois, ele me pegou sozinha, rolou um bate-boca, e ele nunca mais insistiu.

— Azar o dele. — Yemi sorri de leve, como se soubesse exatamente no que estou pensando.

Alice se levanta de repente.

— Tá legal, você tem que derrotar esse canalha. — Ela escancara meu guarda-roupa. — E eu vou escolher um *look* de tirar o fôlego para o seu próximo encontro.

Yemi concorda com a cabeça.

— Você quem vai decidir o que fazer no próximo, né?

Assinto.

— Beleza, onde será? — pergunta Alice, passando as roupas de um lado para o outro do cabideiro.

— Uma aula de culinária naquele restaurante que a gente foi, o El Turo? Mas estou com pouco tempo para planejar tudo.

Para bater de frente com os contatos de Bancroft com empresas grandes e globais, estive pensando que minha abordagem deveria focar em negócios locais e encontros exclusivos. Trabalhar para criar experiências únicas e mais pessoais com marcas e empresas independentes, em vez de trabalhar com as gigantescas empresas genéricas com as quais Bancroft negociará, pode ser o diferencial que eu preciso para conseguir a promoção.

— Amiga, você não tem um primeiro encontro de verdade há *anos* — declara Alice. — Mesmo que seja com Eric Bancroft, você devia encarar esses encontros como, sei lá, um treino!

— Terapia de exposição — acrescenta Yemi com um semblante sério. — Sair com um babaca vai te preparar pra qualquer encontro no futuro.

Alice pega uma peça do meu guarda-roupa: um vestidinho curto vermelho de tom intenso, estilo anos setenta, com um decote bem ousado que encontrei numa feirinha de roupas vintage logo que cheguei em Londres. Comprei acreditando que eu e William aproveitaríamos ao máximo a vida na cidade, mas na prática eu vivia cansada demais para sair, e ele sempre implicava com a ideia de eu sair sem ele.

Balanço a cabeça.

— Bonitinho, mas não posso usar na aula de culinária. Pediram para ir com roupas de mangas compridas.

Alice segue revirando minhas roupas até desenterrar um vestido do fundo e estendê-lo para mim.

O vestido de veludo preto balança para frente e para trás por alguns segundos antes de Yemi o tirar do cabide e sussurrar algo para Alice:

— Esse não. É *aquele* vestido.

— Putz. — Alice suspira. — Foi mal, amiga.

— Tudo bem! — digo por impulso. As duas me encaram com olhares de cachorro abandonado. — Sério, gente, tá tudo bem. É só um vestido…

Passo os dedos no tecido macio. Gastei uma grana nesse vestido. Usei por algumas horas, até ele ficar todo manchado de lágrimas e ir parar numa caixa com o resto das minhas roupas na mudança.

— Você está certa — concorda Yemi. — É só um vestido.

— Já que é só um vestido — Alice dá um sorriso travesso —, quem sabe eu possa dar uma repaginada nele. Este vestido cai tão bem em você que não dá para deixá-lo apodrecer no cabide, comido por traças. — Arqueio as sobrancelhas enquanto ela continua: — Vou fazer uns ajustes e você vai ter novas lembranças de como se sentiu maravilhosa no seu encontro e conquistou a primeira parceria para a sua apresentação. Me dá quinze minutos e você não vai nem reconhecer o vestido.

Meus lábios se curvam e eu faço beicinho, tentando segurar as lágrimas. Admito, ganhar uma colega de apartamento aspirante a designer de moda é uma vitória e tanto.

— Você é a melhor amiga do mundo! — Suspiro. — Só para deixar claro, isso não é um “encontro”. É praticamente uma reunião.



08

Na manhã seguinte, esfrego os olhos para afastar o sono e me concentro de novo no monitor da câmera, enquanto os lábios carnudos de Jessie Fig se curvam em um sorriso melancólico. Ela termina de recontar a história do primeiro encontro dos sonhos, suspirando para a câmera e segurando o braço do namorado, Ezra, que está de touca.

Ele solta uma risada tímida.

— Eu não queria que o encontro acabasse. Soube que ela era A Pessoa Certa quando os garçons tiveram que nos avisar que queriam ir embora, éramos os últimos no restaurante!

— Foi um encontro… fatídico. — Jessie abre um sorriso iluminado.

Comemoro mentalmente quando ela termina a frase com um encolher de ombros, ao mesmo tempo coquete e natural. Eles estão tão à vontade diante das luzes amarelas. Depois da palestra, sugeri que ela e Ezra apresentassem um novo podcast de conselhos amorosos patrocinado pela Fate para quebrar o preconceito contra encontrar o amor em aplicativos de namoros. O cenário é simples, mas bonito, uma sala de estar em tom rosa queimado com detalhes em verde-sálvia. Esses vídeos fazem parte de uma campanha publicitária para as redes sociais que será lançada nas próximas semanas para promover o podcast. Comparado a outros projetos como esse, me sinto estranhamente tranquila. Jessie e Ezra têm seguidores fortes e leais; o podcast de conselhos é leve e agradável de ouvir e comprovadamente eficaz; é um caminho claro para reter ouvintes. É praticamente à prova de falhas.

Enquanto Jessie e Ezra refazem as últimas tomadas, variando o tom e a entrega de suas falas, minha atenção se volta para o restante da minha agenda de trabalho de hoje. Listo cada item na minha mente:

- *Discutir ideias para a campanha de Natal da Fate com a equipe toda;*

- *Fazer o relatório da campanha de verão com influenciadores;*
- *Finalizar os contratos para a ativação no cenário de dates em West London;*
- *E, por fim, trabalhar no projeto Ditto.*

Tenho algumas ideias iniciais para colocar no papel, mas é provável que o Bancroft esteja bem mais avançado do que eu. A vantagem dele é tão grande que está atravessando o teto do seu apartamento de luxo. Ele soube do projeto antes e tem um chefe que o deixa fazer o que quiser com o próprio tempo. Eu ainda estou me acostumando com a notícia e tenho… a Susie.

Bem na hora, o nome dela aparece na tela do meu celular, que vibra sem parar. Respiro fundo, bem fundo, e encosto o aparelho no ouvido.

— Oi, Susie. Tudo bem? — O sorriso falso estampado no meu rosto parece dar um tom animado às palavras. — Está tudo bem no escritório?

— Meu bem, hoje estou fora. Tenho um almoço.

Franzo a testa e olho para o relógio na parede de tijolos brancos; são 12h30.

— Está tudo bem? — repito.

— Preciso que você levante os dados de aquisição dos eventos do mês passado no Reino Unido e na Europa até o fim do dia.

Eu hesito.

— Todos?

São quase trinta só no país e vai levar horas para levantar tudo. Cacete. Minhas mãos começam a suar, e a ansiedade toma conta do meu peito.

— Eu… acho que não vou conseguir terminar isso hoje. Vou passar o dia na gravação e à noite ainda tenho que trabalhar no projeto Ditto.

Ela solta um suspiro alto do outro lado da linha e ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Meu bem, só se passou uma semana desde que você concordou com esse projeto maluco e ele já está atrapalhando o seu trabalho *de verdade*. Não me surpreende. — Sinto meu coração batendo forte nas têmporas. — Preciso desses números até amanhã de manhã! Quem vai fazer o relatório?

Vou até o canto da sala antes de responder. Não quero plateia para o que vou dizer e nem para a reação que sei que vou receber.

— Humm, talvez… você? Depois do almoço.

O silêncio que se segue a essa sugestão é ensurdecedor. Prendo a respiração para evitar que as palavras escapem. Um suspiro longo e irritado vem do outro lado da linha.

— Ou… se me desse mais tempo… — proponho, fazendo uma careta pela minha própria falta de jeito.

— Está bem. Vou te dar um prazo extra desta vez, mas não pode ficar negligenciando suas responsabilidades assim.

Franzo os lábios e assinto para ninguém em particular.

— Puxa, muito obrigada, Susie. Que gentileza da sua parte. — O tom sarcástico passa despercebido, dando lugar à gratidão que me invade com essa solução tão rápida.

— Não há de quê. Tenho certeza de que vai me retribuir em breve.

Ela desliga antes que eu tenha a chance de responder.

Uma hora depois, quando estamos quase terminando as últimas tomadas da entrevista e aguardando Jessie retocar a maquiagem, Ezra me chama para conversar, com a testa suada sob o gorro.

— Estava pensando: poderíamos gravar um último vídeo depois de terminarmos tudo o que você queria?

Verifico a prancheta.

— Mas vocês mandaram bem. Já temos tudo o que precisávamos.

— Quero dizer uma coisa para a Jess. — Ele abre um sorriso travesso e mexe as sobrancelhas de um jeito cômico. — Pode acreditar, você vai querer ter isso gravado.

Meu estômago embrulha enquanto observo seu rosto e tento pensar em maneiras de convencê-lo a não fazer o que eu acho que vai fazer. A mistura de empolgação e nervosismo, incerteza e esperança. A lembrança de William ajoelhado, com o mesmo olhar no rosto, me atinge com tanta força que eu dou um passo para trás.

— Eu vou dar o sinal e você finge que precisamos refazer nossa entrada — orienta ele, retorcendo as mãos.

Passados alguns minutos, ele faz um leve aceno com a cabeça, um toque de medo abalando sua postura geralmente confiante. Pigarreio e me inclino em direção à equipe.

— Valeu, pessoal. Jessie, Ezra, podemos fazer mais uma tomada para o B-roll? Quero gravar vocês entrando e se sentando.

Reiniciamos e fico observando por trás da câmera enquanto Jessie entra e se posiciona no lugar de sempre, mas, em vez de se sentar ao lado dela, Ezra se ajoelha, os olhos já marejados de lágrimas. A equipe solta um coro de “aahhhh”, como se tivessem ensaiado. Jessie ofega, cobrindo a boca com as mãos, como se tentasse se impedir de gritar a resposta.

A voz de Ezra está trêmula, mas cheia de confiança. Como se não tivesse ensaiado, mas soubesse exatamente o que dizer. Ele diz que a ama desde o momento em que se conheceram e que não consegue imaginar a vida sem ela. O sangue martela nos meus ouvidos e um calor súbito sobe pelo meu pescoço e se espalha pelo rosto. Engulo o pânico familiar e tento me concentrar na luz vermelha da câmera, garantindo que esteja ligada e gravando. Ela começa a assentir freneticamente antes mesmo de ele terminar, as lágrimas escorrendo em silêncio pelo rosto. Quando Ezra enfim pergunta se Jessie quer se casar com ele, ela pula em seus braços e uma onda de palmas, suspiros e gritos reverbera por todo o set. Os dois riem entre soluços de alegria e lágrimas enquanto ele coloca um anel com uma esmeralda enorme e em tom vibrante cercada por diamantes cintilantes no dedo dela, exibindo sua unha bem cuidada.

Encerramos logo em seguida e Jessie e Ezra praticamente correm do prédio para uma limusine decorada com garrafas de champanhe e rosas brancas que ele havia preparado a fim de levá-la a uma viagem surpresa para comemorar o pedido de casamento. A equipe desmonta as câmeras e a iluminação com rapidez, dispersando-se para ir direto para a próxima gravação. Uso o pretexto de limpar o local como desculpa para não retornar ao escritório. São 14h30, e, a esta altura, quase todos já devem estar em reuniões ou almoçando. Ainda estou sem forças para encarar outras pessoas.

Junto as almofadas da sala de estar cenográfica, mergulhada em penumbra. Minha respiração acelera à medida que enfio cada almofada em um saco de lixo, o tecido macio se deformando dentro do plástico transparente. Com as mãos trêmulas, amarro as tiras amarelas e solto o saco aos meus pés. Lágrimas começam a brotar nos meus olhos e sinto o calor de uma escorrer pelo rosto. Uma segunda se junta à primeira, depois outra e mais outra, até que perco o controle e a barreira cede de vez. Meu peito aperta, como se eu

estivesse sufocando e respirando em excesso ao mesmo tempo. Entre soluços profundos, começo a hiperventilar, incapaz de me conter.

— Grace?

A voz familiar e reconfortante vinda da porta do estúdio me faz pular de susto, e eu rapidamente enxugo as lágrimas nas mangas da jaqueta. Yemi vem até mim com passos decididos, se senta ao meu lado, se inclina para perto e acaricia minhas costas.

Viro o rosto para o outro lado e seco os últimos vestígios de lágrimas do rosto.

— Ei, o que você está fazendo aqui?

— Resolvi dar uma passadinha pra ver se está disponível para almoçar. O que houve?

— Eu estou bem… — Solto um suspiro e minha voz sai estridente, o completo oposto de bem. — Está tudo bem.

Yemi fica em silêncio, me dando espaço para organizar os pensamentos em vez de ficar tentando encontrar uma resposta. Por fim, acabo cedendo, controlando a respiração o suficiente para formar uma frase completa.

— O namorado da Jessie Fig acabou de pedir ela em casamento na frente de todo mundo.

Yemi fecha os olhos por um instante, entendendo tudo de imediato.

— Já estava tudo planejado. Ele simplesmente fez o pedido. Na frente de todos, da equipe toda, e foi…

Eu me jogo para trás e deixo o pescoço pender para fora do sofá, como se desobstruir as vias respiratórias fosse tirar o peso emocional que sinto no peito.

O olhar de Yemi abranda quando ela se junta a mim.

— Não precisa falar a respeito, mas se quiser falar, isso não sai deste sofá surpreendentemente desconfortável, tá bem?

Solto um bufo abafado e cubro o rosto com as mãos, escondendo a vergonha que parece vazar por cada poro.

Meu celular apita com uma notificação do calendário:

15h: Reunião sobre a parceria Ditto.

— Cacete, preciso ir. Tenho uma ligação com o El Turo sobre o projeto Ditto daqui a cinco minutos. — Enxugo as novas lágrimas na manga encharcada e me levanto, a cabeça latejando com a ressaca emocional da

crise. — Urgh, não sei como vou aguentar o Bancroft no teste do encontro. Estou um caco. Ele vai perceber e atacar enquanto estou vulnerável. Talvez eu devesse deixar a promoção para ele mesmo.

Yemi agarra meus ombros e me vira para encará-la. Seu olhar é gentil, mas ao mesmo tempo sério.

— Presta atenção, Grace, você tomou a decisão certa. — Ela me dá um último sacolejo enquanto me esforço para me manter firme, soltando a ansiedade em forma de uma respiração quente e enevoada no ar gelado. — Respira fundo. Se recomponha. Depois faça a ligação e consiga essa promoção.



09

Três dias depois, fico cutucando minhas unhas recém-pintadas no corredor pouco iluminado do El Turo. Os pelos dos meus braços se arrepiam quando as mangas de tule preto roçam minha pele. Para crédito da Alice, ela ajustou o vestido tão bem que parece uma roupa totalmente nova e ainda refez algumas costuras para ter um caimento perfeito em mim. A forma como ele se ajusta à minha cintura e desliza sobre minhas panturrilhas, com uma fenda de um lado subindo até a metade da coxa, é realçada pelos meus lábios vermelhos e pelos brincos dourados e longos. Peguei emprestado as botas de couro preto dela, os únicos sapatos no nosso apartamento que cobriam meu tornozelo e minha panturrilha machucada. O inchaço diminuiu depois de um dia e meio de compressa gelada, mas o tornozelo parece cheio de rabiscos infantis feitos com giz de cera roxo e verde. Só de não ter de exibir a lesão e reviver o último encontro com Bancroft já vale o desconforto. Essa roupa é tão diferente das que uso para trabalhar, mas depois do fiasco na trilha, preciso me sentir outra pessoa.

O cheiro marcante de alho assado é ofuscado pelo som de conversas, garfos e facas nos pratos e copos tilintando, enquanto passos de sapatos brogue da Armani se aproximam de mim.

Bancroft, vestido com um suéter preto de gola alta e calças de alfaiataria em azul-marinho com riscas, me avalia de cima a baixo com um olhar desinibido e indulgente.

— Hastings, eu não esperava que você se vestisse de forma tão…

— Tão o quê? — Arqueio uma sobrancelha e me recosto na parede de cal vermelha escura, cruzando o tornozelo machucado sobre o bom e esperando o insulto.

Os olhos dele percorrem o vestido até alcançarem os meus, sua íris em um tom de azul mais escuro na luz atmosférica do restaurante.

— Avassaladora.

Mordo o interior das bochechas na tentativa de evitar que fiquem vermelhas e encaro uma mancha, de repente muito interessante, no piso

cinza marmorizado.

Ele pigarreia e muda de assunto.

— Me relembre por que você achou que uma aula de culinária seria algo romântico? — pergunta ele, abrindo aquele sorriso sarcástico com o qual sei lidar bem melhor do que seja lá o que foi *aquilo* que acabou de acontecer.

Retribuo a mesma postura arrogante.

— É como um esporte: serve para fortalecer a equipe, mostrando como o casal pode se apoiar, seguir as orientações juntos e se ajustar um ao outro.

A última coisa que vou fazer é revelar o verdadeiro motivo de ter escolhido este lugar, só para o caso de ele usar isso contra mim depois. El Turo é um negócio local, gerido por três gerações da família Alberti. Tem um valor sentimental para mim porque foi aqui que eu, Yemi e Alice jantamos juntas pela primeira vez depois de oficializarmos nossa convivência como colegas de apartamento. Não está completamente decidido, mas o plano atual para este projeto envolve usar minhas conexões locais para proporcionar experiências que Bancroft jamais consideraria.

O braço de Bancroft se contrai sob o suéter ao abrir a porta.

— Algumas pessoas gostam de perder o controle. Talvez você devesse tentar para variar.

Arqueio uma sobrancelha para o seu ato de cavalheirismo de fachada enquanto ele gesticula para que eu entre primeiro.

— Quê? Você ainda não está toda debilitada e machucada? — Ele faz um biquinho de dó para mim.

— Agradeço a sua preocupação. — Uso o pé bom para dar uma bicuda na canela dele ao passar, me divertindo demais ao ouvi-lo tentar segurar um gemido, desfazendo o biquinho dos lábios idiotas. Jogo o cabelo para trás ao entrar no cômodo. — Mas estou sarando rápido.

Caminhando atrás de mim, ele se inclina sobre o meu ombro e aproxima os lábios do meu ouvido.

— Quem é o sádico agora?

O hálito quente dispara uma corrente elétrica pelo meu corpo enquanto entro.

A cozinha reluzente e claramente italiana está repleta de inscritos para a mesma aula, em sua maioria mulheres, com alguns homens que parecem bem menos empolgados. Talvez tenham imaginado que ficariam na cozinha principal com os chefes do restaurante, mas esta área é reservada para as

aulas semanais. Alguns colegas me olham rapidamente e depois olham de novo ao notarem o homem alto e esguio que entra logo atrás de mim. Pela reação, todas as mulheres querem estar com ele e os homens que as acompanham querem matá-lo. Sinto um formigamento no peito quando alguns me examinam dos pés à cabeça.

Instintivamente, eu me encolho, me perguntando se percebem a solidão e o medo de morrer sozinha que parecem emanar de mim como uma lâmpada piscando. A vergonha e a culpa brotam como bile enquanto meus olhos percorrem o grupo curioso, procurando a chefe da aula. Um rosto alegre e bronzeado cruza meu olhar, me oferecendo um sorriso caloroso e sincero, em forma de lua crescente.

— Bem-vindos! — exclama ela. — Sou a Chefe Giada! — Ela estende as mãos bronzeadas e calejadas e nos puxa para um abraço coletivo, apertando o corpo de Bancroft contra o meu, como caules de flores presos por um punho firme. Meu rosto fica esmagado no peito dele. Sim, mesmo sob o *cashmere* macio, ainda é tão rígido quanto naquele outro dia. Consigo ouvir seu coração acelerado e tento contar as batidas para me distrair. Assim que Giada nos solta e se volta para os outros participantes, respiro fundo e aliso o vestido, evitando contato visual com Bancroft. — Pessoal, nosso último casal da noite: Grace e Eric!

É verdade que estamos em dois, mas há algo no tom enfático dado à palavra *casal* que me faz estremecer. Bancroft muda o peso de um pé para o outro sem dizer nada. O constrangimento entre nós é tão tangível que daria para pegar um pedaço e mastigá-lo como uma maçã.

— Vamos lá! — continua a Chefe Giada, nos conduzindo até a última ilha disponível e entregando aventais listrados em azul-marinho e branco, iguais ao do resto da turma.

— O que foi aquilo? Aquela troca de pés — pergunto a Bancroft pelo canto da boca, tentando amarrar o nó nas costas do meu avental.

Ele passa a gola do avental pela cabeça e faz um nó rápido, sem desviar os olhos de mim.

— Percebi que você queria dizer algo, mas estamos aqui para vivenciar esta aula como se fosse um encontro de verdade. — Ele estreita os olhos, me observando enquanto sigo tentando fazer um lacinho perfeito, mexendo os ombros para conseguir um ângulo melhor. — Não podemos sair por aí

dizendo que estamos aqui para uma investigação romântica — diz baixinho, destacando a letra R.

— Certo. — Assinto e mordo o lábio inferior, concentrada.

— Minha nossa, será que dá pra você… — Ele pega meu ombro e me vira de costas para ele, afastando minhas mãos. Apoio as palmas na borda fria da ilha e meu coração acelera enquanto ele desata as fitas do laço frouxo nas minhas costas.

Ele enrola a cordão nos dedos e se demora um segundo ali, enquanto sinto a respiração instável na nuca. Uma sensação familiar de frio se instala na minha barriga devido à proximidade, mas resisto à vontade de ceder a ela. Antes que eu sequer tenha a chance de ceder, ele dá um puxão forte e ajusta o nó na minha cintura.

— Pronto, um dia vou te ensinar como dar um nó de respeito — sussurra no meu ouvido e uma descarga de eletricidade percorre minha coluna.

— Obrigada — digo baixinho por cima do ombro, soltando uma risada nervosa e um sorriso educado para os quatro outros casais que estavam nos observando com expressões difíceis de interpretar. A ilha é pequena, então, quando Bancroft se afasta das minhas costas para ficar ao meu lado, o tule no meu ombro e a lã macia do braço dele se tocam de leve. O perfume dele atinge meu nariz; as notas cítricas e amadeiradas se misturam com o cheiro de alho e alecrim de um jeito que me faz imaginá-los em um pedaço de *focaccia* fresquinha. Eu me desloco para deixar mais espaço entre nós, mas logo me questiono; um casal em um encontro não estaria preocupado com o espaço pessoal.

Chefe Giada bate palmas para chamar a atenção da turma.

— O cardápio de hoje é a famosa *pasta alla vodka* do El Turo com *linguine* caseiro. Vamos começar com dois ingredientes essenciais em qualquer prato italiano: alho e extrato de tomate!

A faca recém-amolada zune ao ser retirada do suporte de plástico e começo a esmagar e picar o alho na tábua de corte de madeira clara.

Após alguns minutos, ela acrescenta:

— Por favor, peguem uma panela da prateleira, vamos começar a ferver a água.

No meio do processo de picar o alho, levanto o olhar para as panelas penduradas acima de nós, no suporte de ferro retorcido. Bancroft chega antes, estendendo a mão e fazendo o suéter subir um pouco, mostrando os

músculos do abdômen. Aperto com mais força o cabo da faca e pisco para sair do transe, enquanto ele tira a panela de inox do suporte. Vejo que o bulbo de onde estava tirando os dentes do alho rolou para o chão. Eu me agacho para pegá-lo, mas ao levantar e voltar à tabua, esbarro no tronco do Bancroft, que coloca a panela no fogão fazendo barulho e soltando uma exclamação de dor.

— Caralho! — exprime ele tão alto que o casal do outro lado da sala escuta; seus nós dos dedos ficam brancos ao redor do cabo da panela enquanto se inclina sobre a bancada.

Solto uma risada confusa enquanto ele olha para a barriga com o rosto franzido.

— Ai, quanto drama! Tenho metade do seu peso.

— Tá de sacanagem? — Minha risada desconfiada se transforma em confusão total ao ouvir a pergunta, até que ele se vira para mim e eu noto uma mancha vermelha em forma de círculo no avental, bem acima da cintura.

Relaxo os ombros.

— Tenho certeza de que a lavanderia dá um jeito nessa manchinha de extrato de tomate.

— Hastings… — fala ele baixinho, com os dentes entrecerrados, para não chamar mais atenção, mas com firmeza o bastante para chamar a *minha* atenção. Ele encontra meu olhar confuso com os olhos marejados e então olha para minha mão, que ainda segura a faca recém-amolada. — Você… me esfaqueou… porra.

A adrenalina me atinge como um copo de água gelada na cara.

— Ai, meu Deus, ai, meu Deus, *ai, meu Deus*! — Minha voz reverbera pela sala, bem mais alta que a dele, e jogo a faca no balcão. O volume alto do meu tom logo atrai a atenção da Chefe Giada, que vem saltitando até nós.

— Está tudo bem, pessoal! — anuncia para os rostos preocupados na sala. — Tenho treinamento em primeiros socorros e não é a primeira vez que uma aula de culinária acaba em corte! Precisavam ver minha prima Marta: três anos à frente de um restaurante e sem as pontas dos dedos! — Ela ri de forma descontraída, levantando o suéter de Bancroft e observando a área sangrenta em seu abdômen. — Ufa, tudo tranquilo. Foi só um arranhão, nada muito profundo, não vai precisar de pontos. — Apesar do tom

descontraído, o alívio no rosto da Giada é óbvio. Ela sorri de forma acolhedora para Bancroft, que relaxa os ombros e se acalma.

Fico ali, sem saber o que fazer, enquanto o resto da turma observa minha "vítima" sendo tratada. Tento não olhar enquanto a Chefe Giada limpa a linha vermelha com um bálsamo esterilizante. Quando Bancroft volta à nossa área de trabalho, sussurro um pedido de desculpas quase sincero.

— Estamos quites agora? — retruca ele, observando o rasgo no avental causado pela minha faca. — Ou já está se preparando para dar sequência ao seu plano de vingança?

— Vingança pelo quê? Quando foi que você me machucou?

Ele apoia as duas mãos na bancada com os braços esticados, e me lança mais um daqueles olhares de "está de sacanagem comigo, porra?".

— Disse que foi culpa *minha* você ter torcido o *seu* tornozelo.

— Que mentira! — Faço cara de indignada, cruzando os braços, e me esforço para conter um sorriso.

— É, verdade! Ouvi você reclamando no Uber, murmurando coisas como "eu não estaria andando desse jeito se você não fosse tão 'Babacroft'". — Ele arqueia uma sobrancelha em provocação. — Só para deixar claro, prefiro Eric. Babacroft é o nome do meu pai.

Tento segurar o sorriso, mas acabo falhando. Depois de alguns segundos, ele inclina a cabeça para se aproximar de mim, com os olhos brilhando.

— Então… será que podemos ficar quites agora, *por favor*?

Reflito por alguns segundos.

— É justo.

Nós nos encaramos, os dois pensando no que dizer em seguida, quando a Chefe Giada se aproxima. Agradeço aos deuses da comida italiana pela interrupção, porque está claro, mesmo em tão pouco tempo, que não sei como ter uma conversa civilizada com o meu namorado de mentira.

— Sem querer ser dura… mas vocês dois vão precisar dar um gás aí. — Ela olha para a bancada, onde a faca nova, sem vestígios de sangue, ocupa o lugar da minha e a entrega a Bancroft. — Sua vez de picar.

— Sim, chefe. Acho que é melhor mesmo. — Ele abre um sorriso cativante para ela.

Trabalhamos rápido e em perfeita sintonia para alcançar o restante da turma e fico surpresa com a fluidez das coisas. Bancroft corta as cebolas sem derramar uma lágrima e eu ralo quase um queijo parmesão inteiro até

meu braço parecer um balão murcho. Estamos até indo melhor que alguns outros — um casal, Derek e Angela, está discutindo o que seria uma massa "al dente" há mais de meia hora. Derek está certo de sua opinião, já que tem 12% de ancestralidade italiana. Bancroft tenta ignorá-los e mede com precisão o creme de leite em uma jarra medidora. Tento não pensar em como as coisas poderiam ter sido diferentes se fôssemos uma equipe; como poderíamos ter nos apoiado, em vez de termos passado o tempo tentando sabotar um ao outro.

— Mas me conta, por que você não cozinha? — pergunto, vendo a mistura de alho, cebola, pimenta e extrato de tomate começando a borbulhar na panela. — Dá pra ver que leva jeito.

Ele demora alguns segundos para responder, limpando com o dedo uma gota de creme que escorreu pela jarra.

— Nunca parei para pensar nisso. Minha família não cozinhava nem se juntava para comer quando eu era criança. Ou pedíamos comida porque meus pais estavam ocupados demais ou jantávamos com clientes em potencial que gostavam da ideia de "família unida".

Quando passam uma garrafa gigante de vodca pela nossa área de trabalho para deglaçar a mistura grudenta nas panelas, Bancroft se abaixa para pegar dois copos e serve uma dose em cada.

— A ter que lidar com Derek e Angela.

Dou uma risadinha e me agacho por baixo do balcão salpicado de queijo, fora da vista do restante da turma agitada. A gente faz um brinde e toma a bebida em um gole só.

Fazendo careta por conta da ardência, pergunto:

— A vodca que a gente tomava no escritório tinha um gosto tão ruim assim? — A sensação de calor que o álcool provoca ao descer pela garganta me faz estremecer.

Ele solta uma risada engasgada.

— Tenho certeza de que não era vodca de segunda, só para usar na cozinha.

Ele estende a mão para limpar a bebida que escapou da minha boca, mas para no meio do caminho, pigarreando em seguida.

— Tem uma coisinha… — Ele aponta para o meu queixo, e eu uso o dorso da mão para limpar o álcool antes que pingue no vestido.

Ficamos nos encaramos por um instante, o som das panelas e facas batendo na madeira se dissipando ao fundo. Ele tira a garrafa da minha mão, o toque leve dos dedos nos meus acompanhando sua voz baixa:

— Está queimando.

Engulo em seco e baixo o olhar por um instante, vendo-o umedecer o lábio inferior.

— A… vodca?

Ele ergue o olhar para o balcão antes de voltar a me encarar.

— O molho.

— Certo. — Sinto as coxas enrijecerem quando me levanto de repente e despejo a vodca na panela sem medir, o chiado preenchendo o espaço entre nós.



10

Nunca jantei com alguém que já me atacou com uma faca, mas acho que para tudo existe uma primeira vez. — A luz dos postes na rua projeta sombras no rosto de Bancroft, destacando as maçãs do rosto marcantes e o maxilar quadrado. Solto uma risadinha debochada ao olhar para ele, mas, tomada pela culpa, meus olhos logo desviam para o buraco no *cashmere*.

Coço a nuca e faço uma careta.

— Me desculpa mesmo. Foi sem querer. Como está seu abdômen?

Ele levanta o suéter para mostrar o curativo branco e quadrado na barriga.

— Foi superficial. Vai ter que se esforçar mais se quiser realmente me matar.

Minha boca se contorce em um sorriso enquanto acenamos para nos despedir do restante da turma. O casal ao nosso lado se aproxima e coloca os braços no ombro um do outro, andando pela calçada mal iluminada.

Caminhamos em silêncio. O único som que se ouve é o farfalhar das folhas no parque residencial cercado do outro lado da rua e os carros que passam ao longe. Minhas mãos seguram a bolsa de trabalho à minha frente, enquanto as dele carregam a caixa marrom e quentinha de comida para viagem com a massa que fizemos. O clima está menos constrangedor do que da última vez, mas, quando minha mente se distrai, só consigo pensar na tira de fotos de nós dois escondida na mesa de centro dele, e então tudo que penso é na dureza de sua voz, dizendo aquelas coisas sobre mim, alguns meses atrás. Mas há momentos, como quando torci o tornozelo na trilha, em que ele me olhou como alguém que se importa de verdade. Não consigo decidir qual versão dele é a verdadeira.

Ouço, atrás de mim, o arrastar de sapatos no asfalto e me dou conta de que Bancroft não está mais andando ao meu lado na rua silenciosa e pacata.

Contra a minha vontade, sigo-o pela rua em direção a um jardim residencial privado, cercado por portões altos de ferro preto com pontas afiadas e ornamentadas.

— O que está fazendo? — pergunto em um sussurro abafado, virando a cabeça para os dois lados da rua para ver se há alguma testemunha.

— Precisamos de um lugar para saborear nossa obra-prima culinária. — Ele agarra o topo das barras de ferro, bem acima da cabeça, e se ergue até apoiar os joelhos em uma borda horizontal no alto. Ele gira o corpo e desce do outro lado em um movimento rápido, antes de me pegar o encarando. — Você vem?

— Não podemos entrar aí!

Meu estômago embrulha só de pensar em me meter em encrenca. Mesmo reclamando, pego a caixa de comida que ele deixou apoiada no aviso de "Acesso exclusivo para moradores" e a passo entre as barras.

Bancroft apoia os braços nas barras acima, com os tríceps pressionados no ferro preto e me encara com um sorriso travesso.

— Sabe, Hastings, nem sempre vale a pena aguardar permissão. Quando a oportunidade surge, você tem que agarrá-la.

Não respondo, apenas me inclino para espiar por trás dele e vejo um lindo jardim à luz do luar, repleto de glicínias brancas. Ele força o portão de ferro preto até que se abra o suficiente para que eu me esprema por baixo da corrente que balança na fresta.

O aroma de grama recém-cortada, terra quente e flores doces preenche o ar noturno enquanto caminhamos sem pressa pelo jardim em direção a um dos bancos de madeira cercados por luzes festivas cintilantes. Faço um lembrete mental de perguntar à Chefe Giada sobre este lugar. Seria tão romântico vir aqui, desfrutar da paz longe da cidade e degustar a comida deliciosa da aula de culinária. O banco velho range um pouco quando nos sentamos e abrimos a caixa de comida, sentindo o aroma de massa fresca e rica em alho.

O som de notificação me faz pegar o celular do bolso do casaco e vejo que é uma mensagem da Susie. Faço uma careta.

— O que foi?

— Susie quer que eu prepare uma proposta para ela apresentar em uma reunião amanhã bem cedo.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— A reunião é dela, mas quem vai fazer a proposta é você?

— Sim… — forço-me a dizer, passando a mão nos cabelos e deixando a luz artificial da tela do celular se infiltrar na minha mente. Guardo o celular

na bolsa. — Depois eu respondo. Estou morrendo de fome, não vou deixar você comer tudo sozinho.

Pego o garfo de plástico e pego um pouco do linguine, agora em temperatura ambiente.

Bancroft me encara, as sobrancelhas erguidas, como se não acreditasse no que vê.

— Acho que nunca vi você fazer uma coisa dessas.

— O quê? — pergunto, mastigando a comida saborosa.

Ele se inclina na minha direção, e sua voz fica mais baixa, como se estivesse insinuando algo ilegal:

— Ignorar uma ordem da Susie.

Ele fica me olhando, esperando que eu responda, mas viro o rosto, dou de ombros e pego outra garfada. Analisar demais meu breve momento de insolência é uma passagem garantida para o País da Ansiedade. Ele parece entender que não deve insistir, porque, quando fala novamente, está tirando sarro de mim.

— Nunca vi alguém dar garfadas tão grandes na comida como você. — Ele toma o garfo da minha mão, enrola uma quantidade bem menor e me mostra. — *Esta* é a quantidade que um ser humano normal come.

Sorrio com a provocação dele e, antes que consiga reagir, me aproximo, agarro seu pulso e devoro o rolinho de macarrão.

— Meu Deus, Grace! — Ele solta uma risada e balança a cabeça, segurando meu antebraço com a mão grande para tirar o garfo de mim. O calor da pele dele na brisa fria provoca um arrepio por todo o meu corpo.

Interrompendo a mastigação, cubro a boca cheia com a palma da mão para falar.

— Você me chamou de Grace?

— É, acho que sim. — Ele ri sem jeito, com os olhos fixos nas bordas das pedras de concreto sob nossos pés. Eu inclino a cabeça, em questionamento, e ele bufa e fala: — Hábitos antigos.

Uma dor atravessa meu peito ao lembrar como fiquei devastada quando passamos de usar nossos sobrenomes de forma brincalhona a usá-los como uma espécie de escudo social. Claro, Hastings é melhor do que *Gracie*, mas desde que ele passou a me chamar pelo sobrenome, criou-se uma barreira de intimidade que eu nunca imaginei que conseguiríamos romper de novo.

Decidindo que a provocação é nossa zona de conforto, respondo:

— Hum, é meio estranho. Não sei se ainda consigo te enxergar como… — Encosto o dedo no lábio inferior, fazendo um biquinho caricatural. — Desculpa, como é que você se chama *mesmo*?

Ele arqueia as sobrancelhas, encarando meu dedo com um ar desafiador. Vejo de relance em seus olhos algo que não consigo identificar.

— Quer saber? Vou abrir um B.O. E me dá isso aqui…

Ele toma o garfo da minha mão e raspa o restante do macarrão. Eu arquejo, apesar de estar tão cheia de carboidratos que sinto que vou estourar, e uso os dedos para pegar os últimos pedacinhos de linguine.

Ele ri, balançando a cabeça em descrença.

— Você é um monstro. — Ele gira o garfo entre os dedos.

Ouço outra notificação no celular.

— Aff, melhor eu responder à mensagem da Susie. Pode pegar meu celular? Minhas mãos estão sujas de *pasta alla vodka*.

Ele se abaixa para pegar minha bolsa e retira algo que sem dúvidas não é meu celular. Arregalo os olhos. Ai, meu Deus, a revista, dobrada na página com o rosto dele estampado em papel *couché*. Meu corpo inteiro se arrepia de vergonha e adrenalina enquanto tento tomar a revista da mão dele, mas estou paralisada. Talvez ele não consiga enxergar com essa iluminação?

Ele começa a ler a página em voz alta, soltando uma risada seca e ríspida, que não reflete em seus olhos.

— “Hora dos Babados: Eric Bancroft, festeiro notório, sai do Chiltern Bistro com mais uma mulher misteriosa, apesar dos rumores sobre seu envolvimento com Margeaux Bardin”.

Sinto as bochechas arderem quando olho para a palavra “cretino” e os chifres demoníacos desenhados à mão na testa dele. Bancroft desvia o olhar da folha e um lampejo de mágoa atravessa seu rosto. Ele contrai o maxilar enquanto se vira e se senta na beirada do banco, deixando a revista se torcer nas mãos rígidas que estão entre as pernas.

Engulo a vergonha, me preparo para explicar, mas ele fala primeiro:

— Sabe, eu vejo como as pessoas me olham; quando estão falando comigo, elas acham que estão falando com isso aqui. — Ele enrola a revista como se fosse um taco de beisebol. — “O famoso festeiro de Londres, que aparece com uma mulher diferente a cada noite”. — Ele vira o rosto para mim e arqueia as sobrancelhas. — O que, aliás, é distorcido de maneira

absurda. — Ele suspira e volta a encarar o chão. — Depois de tudo o que passamos, não imaginei que você também me enxergasse dessa forma.

Estou prestes a dizer algo em minha defesa, mas minha mente se perde. Já usei os rumores contra ele muitas vezes.

— Não achava antes, mas não conversamos há seis meses e meio.

Ele muda de posição.

— Anda contando, né?

— Não fique aí se achando.

Ele solta uma risada seca, desprovida de humor.

— Sabe, eles nunca publicam fotos em que eu não esteja com uma mulher, e, quando publicam, geralmente estou com uma das amigas bêbadas ou drogadas da minha irmã, que estou ajudando a levar para casa antes que façam um papelão na frente dos malditos paparazzi da *Societeur*, que insistem em nos seguir.

Ele joga a revista amassada no banco com um baque.

— Por sorte, o Dharmash acredita em mim, porque é evidente que o Catcher só aceitou me contratar por causa da minha fama de playboy… e o projeto Ditto só garantiu que ele sempre me enxergará dessa forma. Ele nunca confiou no meu trabalho; nunca teve a intenção de me deixar provar que sou bom no que faço.

A dor em seus olhos é tão chocante comparada à postura que ele mantém no trabalho. Chega a ser admirável como ele consegue aparentar tanta autoconfiança quando, na verdade, se sente assim por dentro.

Olho ao redor, desconfortável, brincando com os polegares e tentando organizar a sopa de letrinhas na minha cabeça em busca de uma resposta útil. Ele está sendo mais honesto agora do que jamais foi quando éramos amigos. Talvez seja porque não somos mais. Ele finalmente consegue se mostrar vulnerável; como se, comigo, isso não tivesse importância.

— Por que você não toma uma atitude? Faça com que parem.

Ele passa a mão no cabelo e solta um suspiro.

— Tentei no começo, e até funcionou por um tempo. Mas foi só eu começar a trabalhar na Ignite que a imprensa não deu mais trégua. Um simples drinque com uma amiga virava manchete de fofoca. Diziam que eu andava de festa em festa, com uma mulher diferente a cada noite, gastando uma fortuna nos lugares mais caros. Porra, até meus pais acreditaram nessas histórias. Eles confiavam mais nessas malditas revistas e blogs do que nas

palavras do próprio filho. Ainda confiam. E o Catcher adorava a atenção que isso trazia para a empresa. Chegou a um ponto em que era mais fácil agir de acordo com o que as pessoas pensavam de mim do que lutar contra essa imagem. Para que decepcioná-los com quem eu realmente sou?

Uma pontada de culpa reverbera no meu peito. A reputação dele não é responsabilidade minha, mas eu o associei às mesmas suposições de todo mundo, procurando provas dessa reputação como se fosse um cão farejador no momento em que ele me acolheu em sua casa. A *Societeur Magazine* alimenta seus leitores com essas narrativas, mas eu acabei reforçando isso sempre que pude — mesmo quando éramos amigos. Provocando-o, chamando-o pelos mesmos apelidos que todo mundo usava, tratando-o como se fosse menos que os outros devido à sua imagem. Sou orgulhosa demais para me desculpar, mas a vontade de estender uma bandeira branca é esmagadora.

— Tive uma ideia. — Começo e ele ergue a cabeça para me encarar. — Que tal *tentarmos* um cessar-fogo… só para esse projeto.

Ele arqueia a sobrancelha, questionando, fazendo com que eu revire os olhos instintivamente.

— Você é ótimo em conquistar novos usuários; eu sou boa em criar uma experiência incrível para eles. Você pode provar a todos que é mais do que um rostinho bonito, e eu não vou passar o restante da minha carreira inteira tendo que me certificar de que o café da Susie está a exatamente 96 graus Celsius. Se um de nós quer ter a chance de conseguir essa posição, só nos resta trabalhar juntos. — Suspiro antes de completar: — Catcher claramente errou ao dizer que trabalhamos bem juntos… Por pouco não te esfaqueei hoje… Mas, em uma coisa, ele tinha razão: precisamos um do outro.

— Ahhh, então quer dizer que… você me acha bonito? — Ele exibe um sorriso vitorioso, iluminado pela luz aconchegante.

Arqueio as sobrancelhas e o encaro, tomada por uma incredulidade impulsionada pelos carboidratos.

— Essa foi a única parte que você absorveu do que eu disse?

— Tá bom, você tem razão. Chega de destruição mútua daqui pra frente. — Ele me dirige um sorriso mais contido desta vez, a covinha na bochecha ficando evidente.

Ao nos esgueirarmos para fora do jardim, cruzamos com uma lixeira preta ornamentada. Arremesso a revista com os desenhos infantis no lixo em um

gesto dramático. Bancroft faz o mesmo, jogando por cima os restos de papelão manchados de tomate que sobraram da nossa noite.

No trajeto de ônibus para casa, encosto a cabeça no vidro frio e começo a planejar mentalmente como incluir uma aula de culinária no El Turo na minha apresentação. Posso dizer com segurança que meu primeiro encontro-teste foi bem melhor do que o de Bancroft. Se eu continuar nesse ritmo, acho que tenho uma boa chance de conseguir a promoção. Acabo cedendo à curiosidade mórbida e pego o celular para conferir as últimas mensagens de Susie. No entanto, sou recebida com uma mensagem de William:

Oi. Como você está?
Queria saber se podemos tomar um café em breve,
conversar um pouco? Bjs, Will

Posso ver as mensagens anteriores que trocamos logo acima. Mensagens minhas, implorando para ele repensar o término e o ultimato. Ao passar pelas mensagens patéticas que mandei nos dias seguintes ao fim do relacionamento, sinto como se algo estivesse rastejando por todo o meu corpo. Essa mensagem despretensiosa é um contraste tão grande em relação às anteriores. Como se eu fosse uma amiga que ele não vê há um tempo, e não alguém cujo coração ele destruiu e deixou largado no chão. Um chazinho da tarde ao lado do cenário de um crime sangrento. É tão indiferente. Será que foi assim que ele se sentiu esse tempo todo, enquanto eu me corroía por dentro?

Atende, por favor!

Precisamos conversar.

Eu te amo, só precisamos conversar. Podemos resolver isso.

Will, por favor?

Não sei o que vou fazer sem você.

Assim que começamos a namorar, William me colocou em um pedestal. Eu fiz o mesmo, só que o coloquei em um cavalo branco metafórico. Tudo o que eu sempre quis foi alguém que me amasse tanto quanto meus pais se amam, um Final de Conto de Fadas. Quando conheci o William, parecia que minha vez tinha chegado. Até mesmo a forma como nos conhecemos

pareceu coisa de conto de fadas. Eu, a donzela em perigo, ele, o herói galante disposto a largar tudo para me salvar.

Estava no meu segundo ano da faculdade e passava todas as horas acordada na biblioteca, alimentada por café preto e pelo medo de falhar. Eu parecia um zumbi, vestindo estampas descombinadas, que não absorvia nenhuma informação já fazia algumas boas horas. Decidi ir para casa e tentar tomar um banho e dormir uma hora antes da próxima prova. Eu me arrastei até a saída, segurando notebook, canetas marca-texto e livros, tentando enfiá-los na bolsa de tecido que estava pendurada no meu ombro.

Uma nova camada de neve havia coberto as ruas nas primeiras horas da manhã, transformando os degraus cheios de sal em pilhas escorregadias e traiçoeiras. Desci a escada de concreto com cautela, tentando não escorregar. Assim que meus pés tocaram a calçada, suspirei aliviada e dei um passo à frente, entrando bem no caminho de uma bicicleta que se aproximava.

Eu me preparei para o impacto, para a colisão, para a dor iminente, mas ela nunca veio. Duas mãos fortes me puxaram de volta para as escadas, e caí no chão com um bufo de dor, o corpo amortecendo o que teria sido uma queda dura no concreto coberto de neve. Meus livros e o notebook não tiveram a mesma sorte, voaram pelo ar antes de atingirem o chão com um baque.

— Você está bem?

Abri os olhos que havia fechado com força e encarei os olhos castanho claro e aflitos. Lábios macios repetiram a pergunta, mas meu cérebro não registrou as palavras. Eu estava hipnotizada demais pelo rosto gentil, emoldurado por cabelos castanhos e um maxilar com barba por fazer, enquanto ele me olhava à procura de ferimentos.

Relaxei em seus braços enquanto ele me segurava, garantindo que eu estava bem. Senti o rosto corar quando tocou minha bochecha com uma mão enluvada, verificando se eu não estava com uma concussão.

Enquanto ele se preocupava comigo, parecia que eu ouvia a voz de um ser celestial dizer: “Grace Hastings, dirija-se ao balcão para retirar seu pedido: um Príncipe Encantado”.

Pensando bem, é bem provável que eu *tive* uma concussão.

Algo me fez voltar à realidade e eu vi meu notebook, virado para baixo, caído em uma poça de neve derretida. Peguei-o e vi que água suja escorria de dentro.

— *Merda!* — Meu grito ecoou pela rua banhada pela luz do amanhecer, fazendo-o dar um passo para trás.

— Você está bem? — perguntou ele outra vez, agora mais cauteloso. Olhou para mim como quem observa uma bomba prestes a explodir.

— Não. Quer dizer, sim. Obrigada por me salvar, mas é que meu notebook está destruído. Eu preciso dele para uma prova daqui a duas horas, e mesmo que eu conseguisse outro a tempo, não tenho *mesmo* como pagar. Talvez eu possa pedir ao professor para remarcar, mas ele é aterrorizante e acho que é preciso solicitar com 24 horas de antecedência e…

Ele colocou a mão no meu ombro, silenciando meu surto verbal.

— Pode usar o meu.

Levantei a cabeça, desviando o olhar da tela rachada, e o observei de verdade pela primeira vez. O moletom azul-marinho da universidade estava levemente amassado, como se tivesse acabado de sair da cama.

— Pode. Usar. O. Meu. — falou pausado, enfatizando cada palavra. — Me devolva depois da prova. Vou estar lá. — Ele apontou com o queixo para as portas da biblioteca.

— Não posso aceitar. — Olhei para ele como se ele fosse o louco da história. —Você nem me conhece. Isso poderia ser um golpe para roubar seu notebook.

Ele riu.

— Um golpe arriscado, não acha? Existem formas bem mais fáceis de roubar alguém sem colocar a própria vida em risco.

Ele retirou a mochila do ombro e pegou um MacBook prateado novinho, oferecendo-o para mim com a naturalidade de um garçom entregando um cardápio.

Estendi a mão, mas depois hesitei.

— Mas não vai precisar dele na biblioteca?

Ele deu de ombros e suspirou.

— Vim fazer uma pesquisa, então vou passar as próximas horas lendo um livro velho e enorme.

Por algum motivo, minha mente se distraiu ao imaginá-lo lendo um livro pesado, incrivelmente atraente e concentrado.

— E se você sair antes de eu voltar?

Ele pensou por um instante, pegou o celular, digitou algo e me entregou. A tela iluminada me fez estreitar os olhos, mas não contive um sorriso ao ver

“Ladra de Notebook” como nome do contato.

Eu ri, digitei meu número e devolvi o aparelho.

— Só para constar, meu nome é Grace — esclareço.

— William. — Ele apertou o botão de ligar, e meu celular vibrou no bolso. Ele estendeu o notebook mais uma vez, e finalmente o peguei.

— Foi um prazer te conhecer, Grace. Boa sorte na prova. — Ele deu um sorriso meio acanhado e subiu as escadas da biblioteca.

Depois daquele dia, passei a vê-lo como meu herói, meu cavaleiro com produtos da Apple reluzentes, que me salvou duas vezes em questão de minutos. Parecia um sonho se tornando realidade, uma história digna de competir com a dos meus pais. O momento de conto de fadas que sempre desejei. Nosso primeiro encontro foi em um bar no campus da universidade. Desde o dia que nos conhecemos, trocávamos mensagens todos os dias, e eu sentia que já o conhecia tão bem. Ao fim do encontro, ele me disse que achava que eu era sua alma gêmea. Primeiro, pensei que estava brincando, mas depois percebi que ele falava sério.

Balanço a cabeça para me livrar das lembranças e volto ao celular, relendo as mensagens desesperadas que enviei nos dias seguintes ao término até sentir enjoo, não sei dizer se por causa do movimento do ônibus ou não. A pessoa que escreveu aquelas palavras parece uma amiga que não vejo há muito tempo. É estranho pensar que já estive *tão* fora de controle, tentando recuperar alguém que havia acabado de me despedaçar. Remoendo o machucado, reabrindo a ferida repetidamente até que tudo o que restou foi uma cicatriz profunda. O ônibus balança ao passar por lombadas enquanto meu dedo abre o Instagram e digita o nome de usuário de William. Ele não postou quase nada desde que terminamos, algo que, na época, foi meio que um alívio durante o processo de superação. Não ter como ver a vida idealizada de quem partiu seu coração é ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição. A ausência completa dele era uma maldição por si só, mas ainda assim melhor do que ver que ele estava melhor sem mim.

As lágrimas escorrem lenta e pesadamente pelas minhas bochechas até que reconheço os pontos familiares da minha rua. Enxugo os olhos e releio a mensagem de William mais umas quinze vezes enquanto caminho para casa, na esperança de encontrar um significado oculto, algo que eu pudesse imprimir e emoldurar, uma prova de que não estou destinada a passar o resto da vida sendo a casca de uma pessoa não amada. Algo do tipo *Oi, só*

queria que você soubesse que ainda te amo e me arrependo de tudo, tá? Valeu, tchau.

“Estão vendo!” eu diria para meus convidados imaginários. “Um homem já achou que eu valia um relacionamento longo!”

Só que tudo o que encontro é um poço fundo de vergonha que ainda tento escapar. Por isso, decido deixá-lo no limbo, esperando e se questionando, assim como fez comigo.



11

ERIC BANCROFT FEZ EDIÇÕES NO SEGUINTE DOCUMENTO: “RELATÓRIO DO PROJETO DITTO.”
Gostei de participar desta experiência:
Concordo.
Comentários adicionais:
Ambiente descontraído, comida saborosa e uma instrutora excelente. A aula é uma ótima oportunidade de criar laços.

Sinto meu corpo relaxar de alívio após quase uma semana aguardando esse relatório. Ainda bem que ele não mencionou o episódio da faca. Releio o comentário por garantia e travo na última palavra. Com certeza ele não quis dizer que *nós* criamos um laço; só quis dizer que, hipoteticamente, seria uma boa *oportunidade* para isso. Para qualquer pessoa, menos nós. Pego o celular, hesito olhando para a conversa vazia e por fim digito uma mensagem.

GH: Valeu por não me dedurar.

EB: Você não me esfaqueou fundo o suficiente para justificar contar para o papai.

GH: Ufa, porque dedo-duro sempre paga caro.

EB: E sorte sua que só precisei pagar por um curativo e um band-aid.

Depois disso, ficamos alguns dias sem nos falar. Talvez, com essa trégua recém-estabelecida, seja melhor manter o contato ao mínimo. Se não tem nada de bom para dizer, é melhor não dizer nada. Esse era o tipo de pensamento saudável que eu deveria ter adotado antes de ficar obcecada pelo significado por trás da mensagem do William, o lado sombrio da mensagem inocente. Seguindo os conselhos de Alice e Yemi, decidi não me precipitar em marcar um encontro presencial.

Oi. As coisas estão meio puxadas no trabalho agora.
Sobre o que você queria conversar?

William leu a mensagem quase na mesma hora; ele é daqueles que não se importa nem um pouco em deixar as confirmações de leitura ativadas e responder quando bem entender. É como morar no térreo e andar pelado com as cortinas abertas, só que na versão digital. Mesmo assim, não parei de conferir se ele havia mandado uma resposta.

Quando não estava me arrependendo da mensagem enviada, marquei outro encontro-teste. Faz semanas que penso em fazer aula de cerâmica e estava conversando com Mellie, a dona, sobre uma parceria.

— Então, viemos fazer… uma caneca? — pergunta Bancroft segurando a porta para mim e eu passo por baixo do seu braço.

— Minha colega de apê me trouxe aqui outro dia; ela chama de "terapia criativa". — Reviro os olhos de forma exagerada para esconder o motivo real de eu conhecer o lugar.

Alice diz que, quando tudo parece desabar, criar algo do nada ajuda a curar as feridas. Embora o resultado não tenha sido exatamente esse, ajudou a distrair minha mente durante os primeiros meses pós-término. Fizemos "canecas da amizade" com bolinhas coloridas; rosa para Alice, amarela para Yemi e azul para mim. Elas acabaram não servindo para líquidos, pois estavam cheias de rachaduras e lascas nas bordas que cortavam nossos lábios, mas serviram de decoração para a nossa cozinha sem graça e apertada.

— Oiiiiii! — exclama Mellie quando nos vê na porta. Seus brincos de resina verde balançam quando se aproxima, me dá um abraço e aperta a mão de Bancroft.

Abro um sorriso.

— Obrigada por nos receber.

— Sim, estou super animado para fazer canecas terapêuticas — acrescenta Bancroft com confiança, assentindo.

Mellie ri.

— Acho que dá para chamar assim. Eu prefiro chamar de vasos de apoio emocional.

A sala ensolarada está impregnada com o aroma terroso de plantas e argila. Canecas e tigelas coloridas enfeitam estantes de madeira ao longo das paredes. O ambiente é impressionantemente sereno, considerando que um único movimento errado pode destruir uma infinidade de peças artesanais. A ansiedade que senti ao entrar nesta sala pela primeira era quase um

reflexo perfeito da minha própria saúde mental, de uma forma tão óbvia que era impossível ignorar. Minha mente evoca aquela versão de mim mesma: pálida, com olhos vermelhos rodeados por olheiras azuladas de exaustão. Um movimento em falso e tudo desabaria.

Depois de discutirmos com Mellie a logística da parceria, eu e Bancroft vestimos macacões cinza-escuros que nos fazem parecer marinheiros em um navio de guerra. Ou melhor, me fazem parecer uma encanadora e o transformam no marinheiro mais charmoso que já cruzou os mares.

Nós sentamos diante de dois tornos para cerâmica manchados, cada um com um pedaço de argila marrom-acinzentada. Como no El Toro, somos apenas mais dois participantes na aula, mas, ao contrário do restaurante, aqui tudo é bem mais livre. Menos "adicione exatamente três dentes de alho" e mais "deixe a argila te guiar". Seguindo as instruções de Mellie, mergulhamos nossas mãos secas em um balde de água morna e turva que está entre nós. Os dorsos de nossas mãos se tocam brevemente ao submergirem e um arrepio percorre meus braços até os ombros tensos. Evito fazer contato visual com Bancroft, deixando alguns fios soltos do meu rabo de cavalo caírem pelo rosto enquanto me concentro no meu pedaço maleável de alegria.

Percebendo meu desânimo, ele endireita os ombros e tenta quebrar o silêncio.

— Quer ser o Patrick Swayze ou o fantasma?

— Patrick Swayze *é* o fantasma — digo, sem muito entusiasmo, apertando a argila para testar a resistência. A substância úmida escorre pelos meus dedos enquanto pressiono o pedal devagar, fazendo o torno girar sob as minhas mãos.

— Olha o spoiler! — reclama ele.

— Esse filme é mais velho do que eu. Como que pode isso ser spoiler? É o mesmo que dizer que o navio afunda no final de *Titanic* e achar que é um spoiler — digo, sem tirar os olhos da argila.

Mellie, usando um macacão lilás coberto de argila, se aproxima com um sorriso.

— E aí, como estão indo? — Ela se apoia na estante cheia de tigelas, vasos e esculturas salpicadas atrás de nós.

Bancroft sorri para ela.

— Já me disseram que sou bom com as mãos, mas agora estou em dúvida!

Mellie ri educadamente da piada boba e olha para mim.

— Seu namorado é engraçado — comenta antes de se voltar para Bancroft. — Como tudo na vida, é só questão de prática. Você chega lá. — Ela dá tapinhas nas costas dele. — Grace, conversamos mais tarde?

— Ele não é… — Eu me calo para não arruinar o clima positivo da conversa com uma potencial parceira. — Claro! Vai ser ótimo trabalhar com você.

Abro um sorriso convincente e faço um joinha com o polegar enlameado. Se tudo der certo, terei fechado minha segunda parceria, me deixando na frente da única conquista de Bancroft. Tenho certeza de que ele vai aparecer com uma parceria enorme logo, mas, enquanto isso, vou aproveitar meu momento de vitória solo.

Bancroft desvia o olhar da roda e me encara de soslaio.

— Gostei da sua abordagem, misturando parceiros locais com marcas grandes e trabalhando com empreendedoras. É… legal.

Dou uma risadinha.

— Uma semana atrás, eu acharia que você estava sendo sarcástico, mas já que fizemos uma trégua, vou encarar como um elogio.

— Caramba. Olha só para nós, nos dando bem — responde ele com um sorriso irônico.

— Praticamente melhores amigos — rebato com um tom cantarolado e imitando o sorriso dele.

Ele pigarreia.

— Já que estamos tentando um cessar-fogo… pensei em como poderíamos colaborar de forma mais eficiente.

— Certo… — respondo num tom monótono.

— Você precisa ir a um encontro de verdade — diz ele, resoluto, balançando a cabeça como se a decisão estivesse tomada.

Minha argila gira sem rumo até que eu tiro o pé do pedal e me viro para ele, piscando em confusão.

— Quê?

— Você precisa ir a um encontro de verdade — repete ele, sem desviar os olhos da argila que começa a ganhar forma.

— Por quê?

— Bom, me corrija se eu estiver errado, mas… você foi a algum encontro desde que…? — Ele se remexe na cadeira, com os olhos ainda fixos na base

giratória.

Percebo que ele não quer mencionar o William. Um botão que ele prefere não apertar, com medo de abrir um alçapão embaixo de si.

— Não exatamente — digo em voz baixa, fingindo me concentrar na minha argila, que coloco para girar novamente. Houve aquele encontro em que chorei por causa do William no meio do restaurante, praticamente encorajando o cara a fingir que ia ao banheiro e me deixar com a conta. — Fui em um, mas não deu certo. — Nem sei se posso chamar aquilo de encontro.

— Certo, então… como sua pesquisa para o Ditto vai ser eficiente se você não faz ideia de como são os encontros hoje em dia? Você não tem uma referência atual. — Ele arqueia as sobrancelhas, dando abertura para que eu proteste. Que o contradiga.

Mordo o interior das bochechas e penso, tentando me lembrar do último encontro minimamente romântico que tive com William… e fracasso.

— Não estou tão velha assim! Faz só… — Conto nos dedos cobertos de argila. — Seis anos?

— Então quer dizer que ficou sem ir a um encontro pelo tempo equivalente à duração da Segunda Guerra Mundial?

Lanço-lhe um olhar atravessado.

— Você com certeza tem experiência de sobra por nós dois, né? — O arrependimento me atinge como uma bola de vôlei no peito quando lembro do que ele disse no jardim na outra noite.

O maxilar dele tensiona e depois relaxa.

— Usando suas próprias palavras, sou bem versado, sim. — Ele dá uma piscadela, mas o brilho habitual nos olhos está ausente. — Só estou dizendo que, se formos trabalhar juntos, preciso de uma parceira forte. Não posso arriscar ser arrastado pelo seu jeito de freira e papo ruim.

Endireito os ombros.

— Ei! Eu tenho conta no Fate… só não apareceu ninguém que despertasse o meu interesse. E, mesmo que aparecesse… entre este projeto do Ditto e o meu trabalho normal, mal tenho tempo para lavar roupa… — Meus polegares pressionam o meio da bola de argila, formando uma borda arredondada nas laterais. — … quem dirá desperdiçar duas horas da minha vida e uma roupa bonita só para descobrir que a pessoa não combina comigo.

— Não estou dizendo para você encontrar um marido, Srta. Bennet! — Ele ergue as mãos cobertas de argila em sinal de defesa. — O Fate se leva muito a sério; não é o lugar certo para você agora. — Ele pausa, pensativo. — Você devia criar um perfil no Ignite.

Eu bufo.

— Por que você acha que minha alma gêmea é alguém com um iguana de estimação e uma coleção de catanas?

Ele sorri, mudando de posição até nossas pernas quase se tocarem.

— Para você se divertir em encontros casuais e talvez, Deus que te livre — Ele abaixa o tom de voz para um sussurro debochado, inclinando a cabeça na minha direção —, transar!

Nossos olhares se cruzam e ali permanecem; os olhos dele descem para os meus lábios. A luz dourada do entardecer atravessa as janelas e acentua ainda mais seu olhar intenso. Meus dedos atravessam o vaso que eu estava tentando modelar, arruinando o formato que eu tinha acabado de criar. O sorriso de Bancroft cresce quando tento disfarçar, fazendo outro buraco do lado oposto como se fosse uma escolha artística deliberada.

— Nunca nem pensou nisso? — provoca, as pupilas dilatadas. Sua voz tem um tom de desafio.

Meu rosto queima: ele sabe que já pensei. E sabe exatamente quando.

Percebendo meu desconforto, Bancroft muda de assunto.

— Só estou dizendo que você tem essa ideia de que buscar o “amor verdadeiro” vai fazer você encontrá-lo. Mas, pela minha experiência, as pessoas que encontram algo épico não estão procurando. — Ele engole em seco, encarando intensamente sua argila. — O amor verdadeiro, aquele de abalar as estruturas, não se força e nem se encontra por vontade própria. Ele acontece *com* você, não *por causa* de você.

Arqueio uma sobrancelha.

— Engraçado ouvir isso de alguém que não acredita em amor verdadeiro.

Ele olha para mim.

— Quem disse que não acredito? — O silêncio se instala entre nós por alguns segundos, até o sorriso dele dissipar a tensão. — Acha que me conhece como a palma da sua mão, não é?

Transformo o vaso deformado de volta numa bola.

— Acho, sim. Você é a manchinha na minha palma que chamo de *Filhote de Satanás*.

— Chamar meu pai de diabo é dar crédito demais. Ele está mais para um demônio que espalha caos por aí. Agora pare de enrolar. Você vai criar um perfil no Ignite.

Olho para o meu amontoado de vaso-tigela-jarro, ponderando a ideia.

— O que eu sequer colocaria no perfil? Além de idade, sexo, localização e se estou ou não a fim de transar?

Ele umedece o lábio inferior com a língua.

— Não é tão difícil. Só algo simples, mas interessante, sobre você.

— Tipo o quê? — insisto, afinal, como qualquer pessoa normal com problemas de autoestima, não consigo pensar em nada que seja interessante em mim.

Ele pondera por um instante, projetando o lábio superior.

— Seu gosto musical maluco.

Inflo as bochechas enquanto luto contra um sorriso. Nas noites que antecediam nossas reuniões mensais, quando inevitavelmente ficávamos até tarde no escritório, Bancroft pegava meu celular, conectava-o ao sistema de som do escritório da Fate e apertava o botão de reprodução aleatória. Qualquer música que aparecesse primeiro tinha que ser encaixada na reunião do dia seguinte. Algumas eram fáceis, como *I Couldn't Sleep a Wink Last Night* [Não Consegui Pregar os Olhos Ontem à Noite] de Frank Sinatra e *Is This It* [É isso?] do Strokes. Outras aumentavam o nível de dificuldade, como *God Is a Woman* [Deus É Mulher] da Ariana Grande e *My Heart Will Go On* [Meu Coração Continuará] da Celine Dion. Nosso auge foi quando consegui enfiar *It's Not Easy Being Green* [Não É Fácil Ser Verde] no meio de uma frase sem que Susie ou Dharmash percebessem. A única vez em que falhamos foi com *Hard Rock Hallelujah* [Glória ao Rock Pesado] de Lordi, a banda vencedora do Eurovision de 2006.

Fico quieta, mergulhada na nostalgia, quando Bancroft sugere uma proposta mais interessante:

— Tá bom, que tal isso? Nós *trocamos* de aplicativos, testamos as plataformas um do outro. Aí, no nosso próximo encontro-teste, discutimos quais recursos poderiam ser implementados no Ditto. O que gostamos, o que não gostamos, funcionalidades, público-alvo, etc. Mas você não pode só instalar, tem que *usar*. Ir a um encontro de verdade, não vale fingir que foi a um.

— A Margeaux Bardin não vai se importar de você criar uma conta no Fate?

Ele tensiona o maxilar, desviando o olhar antes de voltar a me encarar.

— Parei de sair com ela há algumas semanas.

Pisco os olhos.

— Ah.

— É. — Ele leva a mão ao cabelo, mas para ao lembrar da argila. — Parece que a *Societeur* ainda não se atualizou.

Franzo a glabela.

— Bom, por mais que eu goste da ideia dessa troca digital de esposas, acho que não tenho as qualidades certas para uma transa casual. Não sou divertida como você. Eu gosto de ir a museus e…

— Se você disser que "não é como as outras garotas", vou cancelar sua carteirinha de feminista — interrompe ele.

— Eu não ia dizer isso. O que eu quero dizer é que não tenho as características que os caras procuram em alguém para uma transa sem compromisso. Não consigo ser indiferente, nem desapegada, e eu sou… — Não completo a frase, porque esse tipo de vulnerabilidade só existia entre nós quando éramos amigos, mas não mais.

Bancroft inclina a cabeça, estreitando os olhos como se não acreditasse.

— Não me venha com essa. Você sabe muito bem que tem várias qualidades atrativas.

O celular dele vibra na mesa entre nós, o nome *Rissy* aparece em destaque. Ele ignora, focando em mim. Suas mãos molhadas seguram meu rosto, espalhando argila gelada pelas minhas bochechas.

— Hastings você é um partidão.

— Ai, meu Deus! — Solto um gritinho e uma risada juvenil, chamando a atenção de todo mundo. Seguro os pulsos dele, tentando afastar suas mãos.

As mãos dele permanecem firmes enquanto aquele olhar gélido me atravessa.

— Temos um acordo?

Com o primeiro sorriso genuíno que deixo escapar em dias, afirmo:

— Tá bem, tá bem, tá bem! Eu topo!

— Que bom. — Ele solta meu rosto enquanto lança um olhar rápido para meus lábios. Limpo a argila que espirrou neles com o dorso de uma das mãos e pego toalhas de papel da pilha entre nós com a outra. O celular dele

vibra de novo, e ele seca as mãos. — Acho melhor eu atender. — Ele se levanta, com os ombros tensos.

— Sim, claro — falo baixinho, fingindo estar tão ocupada limpando a argila das bochechas que nem percebi sua mudança repentina de humor.

Ele sai para a rua movimentada. Da janela de vidro, vejo-o caminhar de um lado para o outro sob a luz dourada do fim da tarde. Um lampejo de frustração cruza seu rosto sério e ele aperta a ponte do nariz com a mão livre. Consigo distinguir as palavras "fica aí", seguidas de uma expressão preocupada antes de ele encerrar a ligação, apertando o celular com força.

Ele retorna à sala alguns instantes depois, com passos pesados, parecendo o gêmeo malvado e ligeiramente descabelado do homem que estava tentando me animar momentos antes.

— Preciso ir.

Ele olha para o celular e depois para mim, como se encarar os dois simultaneamente pudesse teletransportá-lo para dois lugares ao mesmo tempo. No torno de cerâmica, o vaso que ele estava moldando desmorona pelo abandono.

De onde estou, olho para ele e percebo a tensão em sua mandíbula. Tento manter o tom despreocupado:

— Está tudo bem?

Ele assente.

— Sim. Quer dizer… não, está tudo bem. É a minha irmã — responde, os dedos apertando o celular com tanta força que os nós ficam brancos. Ele tenta parecer irritado, mas há uma urgência nítida em sua voz que faz os pelos do meu braço se eriçarem.

— Ela está bem?

Ele passa a mão no cabelo volumoso e cor de areia.

— Acho que sim. Ela está com as amigas no Bar da Matilda e fizeram uma conta absurda. O gerente não quer deixar ela sair até que pague, mas o cartão dela não está passando. Parece que está meio… fora de si.

Ele parece constrangido, como se não fosse a primeira vez que algo assim acontecesse. O Bar da Matilda é um dos bares mais caros e badalados de Londres. Nunca fui, mas dizem que se preocupam mais em checar o número de seguidores nas redes sociais do que a idade na entrada.

Bancroft suspira e desabotoa o macacão, revelando uma camisa branca sem um único amasso e uma calça social com pregas tão ajustadas que

parece um Super-Homem às vessas e estressado.

— Vou com você — digo, tirando meu macacão também; a camiseta e a calça jeans que estou vestindo destoam completamente da roupa dele. Parecemos uma fazendeira e o cara que queria cimentar o paraíso para fazer um estacionamento.

— Não. — A voz dele é firme, mas carrega algo que me faz perceber que a situação é séria. Normalmente, quando algo o deixava nervoso no trabalho, ele ativava o modo "robô carismático" e o Sorriso Permanente não demorava a aparecer. Uma tentativa de mascarar o caos mental. Percebo que estou vendo a rara versão de Bancroft que presenciei depois que caí na trilha. Puro pânico.

Ele diz que não precisa de ajuda, mas, em vez de sair imediatamente, enfia as mãos nos bolsos e espera minha resposta. Cruzo os braços e imito a expressão tensa dele.

— Acha mesmo que consegue dar conta do gerente do bar, da sua irmã *e* das amigas bêbadas sozinho?

Ele abre um sorriso de canto e dá de ombros em um gesto falso de despreocupação.

— Já fiz isso antes.

Sinto uma enorme vontade de tocar no braço dele, mas hesito. Em vez disso, adoto um tom decidido e afirmo:

— Bom, não deveria precisar fazer isso sozinho. Eu vou com você. — Sem esperar sua reação, pego meu casaco, dobro-o nos braços e gesticulo para a porta. — Vamos?

Ele não responde, mas também não tenta me impedir enquanto dou uma explicação rápida de "emergência familiar" para Mellie, prometendo discutir os detalhes por ligação. Ela acena com um gesto de "vá logo" enquanto eu o sigo porta afora, entrando no banco de trás de um táxi preto.



12

Há vezes na vida em que o universo o acerta com tanta força na cabeça que, de repente, tudo ganha cor. Foi isso que aconteceu quando vi Iris Fender, em um vestido preto frente única cheio de brilho, sentada em um sofazinho de veludo rosa-escuro, desabada sobre uma mesa de mármore verde cercada por garrafas vazias de champanhe e taças de coquetel. Finalmente, fez sentido: ela era quem estava nas fotos com o Bancroft semanas atrás. Eu sabia que ele tinha irmã, mas nunca havia mencionado o nome. E, claro, assim que descubro essa informação, começo a notar as semelhanças entre os dois: a altura, o formato das bocas e os olhos azuis glaciais. Tal como limpar um espelho velho e manchado até que o reflexo comece a surgir. Enquanto Bancroft se senta ao lado da irmã e cuidadosamente a levanta da mesa grudenta, tento entender por que ele parece tão empenhado em esconder o status social de sua irmã caçula.

O bar, iluminado por uma luz laranja baixa e intensa, parece brilhar como o interior de uma tenda de circo real, com cortinas de tecido dourado drapeadas no teto. É sábado à noite, e o lugar está fervendo de gente. O cheiro doce e enjoativo de coquetéis e licores fortes preenche o ar. Não consigo evitar notar a pompa que parece emanar de todos, como um perfume caríssimo que, ironicamente, cheira muito mal. Eu me encolho, tentando ocupar o mínimo de espaço possível, enquanto homens e mulheres altos em roupas que lhes caem como uma luva passam por mim como se eu fosse invisível; se pudessem atravessar meu corpo, sem dúvida o fariam. Bancroft parece aborrecido com todos, lançando olhares cortantes para qualquer um que ousa olhar para sua irmã. Estava claro para todo mundo ali que ela precisa de ajuda, mas, em vez disso, torcem os narizes esculpidos e franzem os lábios com preenchimento ao ver a confusão inconveniente no sofazinho do canto, antes de voltarem a beber seus espresso martínis.

Eu insisti em vir nessa missão de resgate, mas, agora que estou aqui, não tenho a menor ideia do que fazer para ajudar. Sinto-me como um guarda-chuva que você leva em um dia nublado “por precaução”, mas que acaba

carregando o dia inteiro sem precisar. No caminho, Bancroft deu a entender que já havia passado por isso antes, então espero a alguns metros de distância, deixando que ele resolva as coisas e lhes dando privacidade. Bom, o máximo de privacidade possível em um bar cheio de gente que provavelmente sabe quem ele é e talvez quem ela seja também. Meu olhar se volta para um grupo de pessoas altas, magras e belas que parecem crianças. Uma garota (que, se eu tivesse dez anos a menos, me apavoraria) dá uma risadinha enquanto grava Iris, cuja cabeça pende para trás, enquanto Eric tenta fazer com que ela beba água. Um homem de terno azul-marinho impecável, com um cabelo castanho penteado para trás de forma tão perfeita que só posso chamar de "cabelo de Lego", caminha na direção deles. Ele entrega uma bandejinha de latão com um pedaço de papel dobrado em cima; Bancroft suspira, resignado, e pega a carteira. A cabeça de Iris bate no peito dele com um som oco, como uma bola de boliche caindo na canaleta.

A garota que está gravando o vídeo é vários centímetros mais alta do que eu, então levanto o queixo para encará-la nos olhos.

— Oi, você é amiga da Iris?

Lentamente, ela desvia os olhos cor de mel da tela do celular, mas não para no meu rosto; ela começa me observando pelos sapatos e vai subindo o olhar devagar, como se tivesse uma etiqueta de preço mental para avaliar cada peça do meu visual e decidir se eu valho uma resposta.

— Não somos amigas. A gente se segue no Instagram. — Ela volta a atenção para o celular.

— Certo. Mas você está aqui *com* ela? Há quanto tempo ela está assim? — Ela me ignora, o brilho do celular criando reflexos vítreos em seus olhos. — Dá para parar de gravar? — Coloco a mão na frente da câmera. — Há quanto tempo ela está assim? — repito.

Ela revira os olhos de boneca e abaixa o celular.

— Uma hora e meia, mais ou menos… ela tem apagado e voltado — responde ela, os cabelos loiros dourados balançando sobre os ombros magros enquanto ri. — Mas é muito fraca para bebidas mesmo!

Uma onda de raiva me invade e antes que meu cérebro consiga acompanhar, meus pés já estão me levando até Bancroft, Iris e o gerente do bar. Bancroft é o primeiro a me ver e sinto a vergonha emanando dele à medida que me aproximo.

— Posso ver? — pergunto de forma direta, estendendo a mão para o gerente. Ele suspira, claramente irritado, e entrega o recibo comprido na minha mão. Meus olhos percorrem a lista de bebidas até chegarem ao total. Meu Deus. Três mil libras: mais do que pago em três meses de aluguel, tudo gasto em poucas horas.

Bancroft deve ter notado minhas sobrancelhas se arqueando.

— Tá tudo bem, Hastings. Eu resolvo.

Ele parece tão desconfortável que é capaz de pagar essa quantia absurda só para sair desta situação. Dou outra olhada na conta, tentando calcular quantas bebidas Iris conseguiu tomar antes de apagar.

— Preciso de outro cartão… o dela foi recusado — ralha o gerente, apontando uma unha roída para Iris.

Reviso rapidamente a conta de novo, passando o dedo pelos itens.

— Aqui diz que essa comanda foi aberta no nome dela há cerca de duas horas? — Ergo o queixo para encarar o grupo de espectadores. — Disseram que ela está inconsciente há uma hora e meia. Então, vocês não notaram uma garota desmaiada no meio do bar ou não viram problema em deixar clientes aleatórios colocarem garrafas de champanhe de quatrocentos libras na conta sem o consentimento dela?

Bancroft arqueia as sobrancelhas, espelhando as minhas, enquanto o gerente morde o interior das bochechas, alternando o olhar entre Bancroft, Iris e eu.

Seu pomo de Adão sobe e desce.

— Ela só ficou assim faz alguns minutos. Foi tudo ela! Ou vocês pagam agora ou eu chamo a polícia.

Mantenho a voz controlada, tentando não perder a calma diante do seu tom cada vez mais agressivo.

— Isso, chama! Aposto que alguém com o celular na mão tem um vídeo que prova que você está mentindo.

O gerente desvia os olhos para um homem enorme, careca, usando uma camiseta preta, que parece mais pronto para um ringue de luta livre do que para trabalhar aqui. Quando o segurança começa a caminhar na nossa direção, sinto a adrenalina bombear pelo corpo, tornando meu sangue tão espesso que ele parece sustentar as pernas trêmulas como estacas. Olho de relance para as “amigas” dela, me certificando de que estão escutando, e aponto um dedo trêmulo para o gerente e insisto.

— Vocês aumentaram a conta enquanto ela estava apagada. E, ao que parece — gesticulo com a mão suada para Iris —, não é a primeira vez que isso acontece aqui.

Espero uma resposta que não vem, então continuo, assumindo uma nova persona cheia de confiança:

— Vocês fazem isso com todos os clientes ou só com jovens mulheres? Acho que não vão querer ganhar a fama de se aproveitar de garotas desacordadas.

Ele arranca a conta da minha mão com a rapidez de quem acabou de descobrir que está segurando um bilhete de loteria premiado. O segurança se coloca entre nós e eu congelo: um cervo em uma estrada de terra estreita prestes a ser atropelado. O sujeito parece animado por finalmente estar prestes a entrar em sua primeira grande briga da noite. Por um instante, minha indignação justa é engolida pela percepção de que estou prestes a levar um soco de um trem humano. Bancroft dá um passo à frente, posicionando-se entre nós, e me empurra de leve para o lado, protegendo meu corpo com o seu.

O gerente se volta para nós e solta um suspiro exagerado.

— Só… vão embora. E façam com que *ela* — cospe ele, apontando um dedo acusador para Iris — nunca mais apareça aqui.

— Com prazer — retruca Bancroft.

Nós colocamos os braços de Iris sobre nossos ombros. Ela parece uma boneca de pano, em parte andando, em parte sendo arrastada pelo bar em direção à saída, seus saltos arranhando o chão de madeira como giz em um quadro-negro. Suas “amigas de Instagram” ainda cambaleiam pelo salão, rindo com coquetéis nas mãos. Assim que percebem o olhar mortal de Bancroft, se dispersam como baratas, correndo para a porta rumo à próxima parada de sua peregrinação de champanhe. Conseguimos sair do prédio e entrar no táxi que Bancroft deixara esperando lá fora.

— Essa não é a Margeaux. — A mão de Iris se mexe desajeitada como um peixe fora d’água, me indicando enquanto me sento do outro lado do táxi, olhando para eles em silêncio absoluto.

Bancroft pressiona os lábios, tentando disfarçar um sorriso, enquanto ajusta o cinto de segurança de Iris e o prende com um clique.

— Não, essa é a Grace — corrige Bancroft. Minha testa se franze: estamos nos tratando pelo primeiro nome agora? O jeito como ele pronuncia meu

nome o faz parecer novo, como se fosse a primeira vez que eu o ouvisse.

Iris solta um suspiro fraco, e o calor da sua respiração forma uma leve névoa na janela.

— Ah, *essa* é a Grace. Hastings… da batalha…

Um lampejo de pânico atravessa o rosto de Bancroft; ele passa a mão na boca, e a expressão desaparece. Iris esmaga o rosto ruborizado na janela do táxi e adormece. Tenho vontade de perguntar o que "*essa* é a Grace" quer dizer, mas escolho não fazer isso; é provável que ele já tenha reclamado ou falado mal de mim para a irmã pelas minhas costas.

Em vez disso, pergunto:

— Não querendo ser grosseira, mas… a sua família não é *podre* de rica? Por que você teve que vir pagar a conta dela?

O táxi começa a se mover, fazendo nós três sacolejarmos nos assentos até entrarmos na estrada. Bancroft suspira e pensa por um momento antes de responder.

— Nossa mãe tem o hábito de bloquear nossas contas sempre que se sente "desvalorizada". Ela faz isso para chamar atenção… ou quando acha que não estamos sendo tão gratos quanto deveríamos. — Ele olha para a irmã adormecida com uma mistura de amor e pena. — Como eu tenho um emprego fixo, isso não me afeta tanto, mas com a Rissy ainda funciona direitinho.

Penso na minha própria mãe e sinto uma pontada de culpa; foram tantas chamadas não atendidas e visitas desmarcadas nos últimos anos, porque a vida, o trabalho ou o William sempre acabavam atrapalhando. Mas nunca recebi nada além de amor em troca.

— Foi por isso que aceitou o emprego na Ignite? Para não depender mais dela?

— Talvez no começo, mas eu gosto do meu trabalho. Faria até por bem menos. — Percebendo meu desconforto, ele se ajeita, desviando o olhar para o colo. — Desculpa por termos interrompido o seu encontro.

— Tudo bem. A Mellie parece bem interessada na parceria. Vou ligar para ela na segunda para oficializar. — Sentindo a necessidade de amenizar o clima, encosto no banco retrátil e cruzo as pernas. Minha panturrilha roça de leve no joelho dele no espaço apertado, um toque que fingimos não perceber. — Mas estou indignada por não ter conseguido terminar minha obra-prima de argila.

— E o que você estava fazendo? Parecia que estava tentando criar uma… — Ele faz um biquinho, procurando as palavras. — … massa marrom-acinzentada? — Ele tira o paletó e o coloca sobre o colo da Iris, cobrindo o vestido que subiu. Ao se mover, sua camisa se abre ligeiramente entre os botões, deixando à mostra a pele dourada e alguns pelos um pouco mais escuros que o cabelo cor de areia.

Dou uma olhada rápida em seu peitoral e, em seguida, desvio os olhos para as minhas mãos, examinando os resquícios de argila sob as unhas.

— Era uma estátua sua. Achei que ficou bem realista.

— É claro. Quem sou eu para questionar o trabalho de uma artesã? — Ele sorri de canto, com os olhos pesados. — Essa estátua era para adoração ou está pensando em lançar uma maldição em mim? Porque, se for o segundo caso, seria bom saber antes.

Dou uma risadinha pelo nariz.

— Minha ideia era que fosse como no filme *A Boneca que Virou Gente,* e eu tivesse uma versão mágica sua para fazer tudo por mim.

— Não ficou com medo de que acontecesse igual ao mito de *Pigmalião*?

Finjo um suspiro empolgado, levantando as mãos como se tivesse tido uma epifania.

— Talvez essa seja a solução para o meu dilema amoroso: criar o homem perfeito esculpido em pedra!

Iris se remexe no banco, com o rosto pressionado no vidro embaçado, e volta a dormir.

— Então o homem perfeito seria eu… só que sem a minha personalidade? — Ele faz uma expressão de falsa indignação, levando a mão ao peito como se tivesse acabado de levar um tiro no coração.

Abaixo o queixo.

— Talveeez… eu considerasse incluir *alguns* traços da sua personalidade … — Dou uma leve batidinha com o pé na canela dele.

As luzes da rua lançam reflexos dourados e sombras em Bancroft conforme passamos por elas.

— Tipo quais?

— Bem… — Finjo pensar. — A parte que insiste em pedir sushi caro pra gente nas noites no escritório? — Aponto para ele, reforçando minha fala. — *Essa* parte do seu cérebro pode ficar.

— Ahhh — diz ele, assentindo. — O lobo tempurá.

Dou uma risadinha e ele se inclina para frente, com as mãos entrelaçadas entre as coxas.

— Quer saber qual parte do seu cérebro eu manteria?

Arqueio as sobrancelhas, mostrando que estou disposta a entrar no jogo. Seus olhos brilham na penumbra.

— A parte que te fez ser um mulherão da porra lá dentro.

Quando ele se aproxima, o perfume suave de sua colônia me envolve, como um cobertor quente em um dia chuvoso.

Antes de responder, faço uma retrospectiva mental de toda a minha vida para confirmar, mas…

— Acho que é a primeira vez que alguém me chama disso.

Ele me encara com seu olhar intenso.

— Talvez você devesse agir assim com mais frequência então.

Iris solta um gemido delicado em seu sono etílico enquanto o táxi sacoleja ao passar por um buraco.

Rio baixinho ao ouvir o conselho, sabendo que ele está absolutamente certo.

— Quer saber um segredo?

— Sempre.

Eu me inclino para frente, encontrando-o no meio do táxi, meu peito pressionando o cinto de segurança.

— Eu me inspirei em *você*. — As sobrancelhas dele se arqueiam, espelhando as minhas, enquanto continuo: — No jeito que você é nas reuniões, com sua equipe. Foi como se eu pudesse sentir você dentro de mim e… — Fecho a boca com tudo, agradecendo à escuridão por esconder o rubor intenso das minhas bochechas. O som do motor e dos carros ao redor faz parecer que as paredes forradas do táxi estão aos poucos nos empurrando um para o outro.

Ele lambe os lábios e depois os franze, tentando esconder um sorriso. Sua voz baixa um tom, me fazendo estremecer apesar da noite quente:

— Sabe, um homem menos nobre responderia a essa frase de um jeito bem indecoroso.

Sinto o estômago pesar enquanto seus olhos semicerrados me observam; na penumbra do táxi, eles parecem quase negros. Preciso me lembrar, com esforço, que não estamos sozinhos neste espaço tão pequeno. Preciso me

conter para não dizer *Queria que você respondesse* e não perguntar *Como você responderia?*

O cinto de segurança aperta a lateral do meu pescoço enquanto meu corpo se inclina na direção dele como se atraído por um ímã. Por um segundo fugaz, imagino que o leve incômodo na minha pele é o arrastar de seus dentes. A pressão da tira de nylon contra minha cintura se transforma na força de suas mãos me prendendo, enquanto sua língua desliza pelas minhas pernas.

Pisco de volta para a realidade quando o carro dá outro solavanco.

— Já passamos e muuuito do que é decoroso.

Quando consigo transformar o sorriso de canto dele em um sorriso completo, me sinto como uma chefe de cozinha que dominou a arte de preparar baiacu venenoso: transformar aquilo que poderia matar em algo delicioso.

— Acho que passamos mesmo — concorda ele, olhando para minhas bochechas, meu queixo, meus lábios e depois de volta para os meus olhos, me deixando com a sensação de ter engolido uma bala de canhão. Ficamos sentados em um silêncio confortável, entrecortado por risadas vindas de restaurantes ao longo do caminho e pelo som de nossos cintos de segurança rangendo quando nos inclinamos mais para frente, no centro do táxi. Dois planetas sendo lentamente atraídos para a órbita um do outro.

Se alguém vomitasse em uma fogueira, isso apagaria as chamas? Porque, neste caso, apaga. Iris, acordada por uma onda de náusea, vomita com força dentro da própria bolsa. O clima que vinha se formando entre mim e Bancroft se transforma em cinzas de champanhe regurgitado.



13

Chego à minha mesa na segunda-feira de manhã um pouco mais tarde do que o habitual (9h06 em vez de 8h45) e dou de cara com uma pilha de contratos da Susie, referentes aos quatro e-mails que ela me mandou às 5h30, e três Post-its neon de assistentes de marketing com dúvidas sobre as reuniões de hoje. Tudo dentro do esperado para os primeiros seis minutos do meu expediente. O que foge à rotina é o copo reluzente de café preto e um saco de papel pardo engordurado com um croissant de amêndoas. Levo o saco ao nariz, inspiro e suspiro como se fosse um homem das cavernas inalando o primeiro ar fresco em meses. Pelo logo da Wilfred's estampado no copo, já desconfio quem é o autor do presente. Quando viro o copo, minha suspeita se confirma ao ler o bilhete colado na parte de trás.

— *Para a minha Pigmaliãozinha.*

Contenho um sorriso ao perceber que ele ainda lembra qual é o meu café preferido, mesmo depois de meses quase sem nos falarmos. Tiro o bilhete, tomo um gole do café deliciosamente quente e deixo o calor me aquecer de dentro para fora, combatendo o frio do ar-condicionado.

Minha mente volta para o fim da noite, quando ajudei Bancroft a levar a irmã do táxi até o apartamento. Iris, mesmo naquele estado, não perdeu tempo: arrancou os saltos e tirou as argolas das orelhas, jogando-as na tigela na mesinha de canto perto da porta, como se tivesse feito aquilo um milhão de vezes antes.

— Você se vira daqui pra frente? — perguntei. Eu até teria me oferecido para entrar, mas parecia um momento íntimo de família, algo em que uma colega não deveria se meter.

— Sim, eu me viro. — Senti um arrepio enquanto ele me olhava por mais tempo do que o necessário… até parecer se dar conta disso, balançar a cabeça e pegar o celular do bolso. — Deixa eu chamar um carro para você.

— Está tudo bem, foca na sua irmã. Eu dou um jeito — Sorrio com a boca fechada e de forma contida, e ele retribuiu brevemente antes de se apressar para ajudar Iris a se desatar da alça da bolsa.

Antes de sair, fiquei na porta por alguns segundos, observando-os se transformarem em duas crianças que se cuidam porque mais ninguém faria isso por eles. Um fundo fiduciário não vai levar você para casa em segurança e garantir que beba um copo d'água antes de dormir. Pensei neles o caminho todo até chegar em casa, ignorando os e-mails que recebi de Susie durante a noite e que estavam marcados como URGENTE, mas que não eram tão urgentes assim. O que me trouxe de volta à realidade foi a mensagem de William.

Arrumei um novo emprego e comprei uma
casa maravilhosa de três quartos na zona oeste. Bjs

Franzi a testa diante da mensagem; será que eu perguntei como ele estava? Ou ele apenas ofereceu essa informação sem eu pedir, querendo mostrar como tudo está indo bem para ele? Decidi fazer o mesmo.

Que ótimo. Por aqui também está tudo bem.
Estou prestes a conseguir uma grande promoção.

Para minha surpresa, desta vez William respondeu quase que de imediato.

Legal, ainda no aplicativo de namoro? Bjs

Meu sorriso se desfez enquanto eu lutava contra a vontade de analisar cada palavra. *O aplicativo de namoro*. Era dessa forma que ele se referia à minha carreira, como se dar o devido nome a transformasse de algo abstrato e frívolo em algo real. Algo concreto que eu pudesse usar para me sustentar, em vez de depender dele.

Aham!

Respondi, me arrependendo da exclamação assim que enviei a mensagem.

Mais uma vez, os três pontinhos de "digitando" surgiram em segundos. Senti um aperto no peito; por que essa troca rápida de mensagens parecia, de algum modo, mais pessoal do que aquele "esperar alguns dias e depois responder" que imaginei para essa conversa? Os três pontinhos sumiram e soltei um suspiro de alívio, apagando a tela do celular.

Minutos depois, meu celular apitou de novo.

Andei pensando muito esses dias…
em como terminamos. Bjs

Cacete.

— O que é isso? — pergunta Yemi, aparecendo por trás de mim e interrompendo a lembrança que se repetia sem parar na minha mente. Engasgo com o café e tento segurar o líquido quente que escorre pelo meu queixo com o dorso da mão. Ela pressiona o bilhete, como se estivesse colocando todo o peso do corpo em um único dedo.

Em uma tentativa de parecer indiferente, dou de ombros sem muito entusiasmo.

— É do Bancroft, é só uma piadinha interna — digo, limpando o resto do *latte* do pescoço.

As sobrancelhas dela se arqueiam quase até o teto.

— Ah, então agora está trocando piadas internas com ele, é? — pergunta em um tom de voz agudo.

— Quase nem é interna, é mais como uma varanda fechada, um galpão… tipo um ambiente que integra área interna e externa. — Faço um movimento casual com a mão no ar para reforçar meu aparente desapego.

— Sei… — Yemi não parece muito convencida, mas continua: — Então não tem nada a ver com isso? — Ela ergue o celular, mostrando uma postagem no Instagram da *Societeur Magazine*. Na foto, Iris aparece praticamente desmaiada nos braços do irmão, enquanto ele a ajuda a entrar no táxi. Os flashes refletem na pintura preta do carro, e no canto da imagem é possível ver o topo da minha cabeça segurando a porta para os dois.

— Merda. — Pego o celular da mão dela e uso dois dedos para ampliar no rosto de Iris. Seus olhos estão entreabertos e a cabeça pende para o lado; sinto um nó no estômago ao ver a expressão de Bancroft, uma mistura de preocupação e raiva. Quase não dá para identificar que sou eu na foto, porque o flash exagerado deixa meu cabelo cacheado parecendo loiro morango em vez do meu tom ruivo acobreado natural. Mesmo assim, a legenda me menciona:

FENDER NA FARRA: Iris Fender, a it girl *e* nepo baby*, sai cambaleando do Bar da Matilda — supostamente sem pagar a conta — com o irmão Eric Bancroft e sua misteriosa namorada ruiva!*

Meu corpo inteiro gela e o gosto do café na boca ganha um toque metálico enquanto releio a legenda repetidas vezes.

Coitada da Iris. Espero que ela não tenha visto. Ter seus piores momentos expostos para o mundo todo deve ser horrível. E é assim que as mulheres que saem com Bancroft se sentem? Não me surpreende que ele seja

conhecido por nunca repetir companhia; se o objetivo da pessoa não for aparecer em cliques de paparazzi, quem iria querer isso? E se alguém quiser esse tipo de atenção, será que realmente quer *ele*? Namorar já é difícil sem que cada momento privado vire público.

— E aí, como foi o encontro? — Yemi se inclina sobre minha mesa com um olhar significativo.

— Foi bom, obrigada por perguntar, mãe. — Yemi revira os olhos e solta uma risada exasperada enquanto eu esclareço: — E quantas vezes vou ter que dizer que não foi um encontro?

— Por causa da gracinha, vou ficar com metade disso. — Ela parte o croissant ao meio e morde um pedaço. — E para os seus delírios de encontros, trouxe isso. — Ela bate uma pasta cheia de planilhas no único espaço livre da minha mesa.

— Ahhh, é o ranking dos filmes do Paul Mescal que pedi? — Abraço os papéis. — Muito obrigada!

— Paul Mescal? — pergunta Yemi, incrédula.

Dou de ombros, com um sorriso que admite que isso é de fato absurdo, mas sem dar o braço a torcer.

— São dados, espertinha. Dados que talvez ajudem no seu projeto de *não encontro*. — Ela diz a última parte baixinho, com os dentes cerrados, para evitar que os fofoqueiros de plantão escutem.

— Conte mais, ó sabichona. — Eu me inclino, ansiosa, tomando um gole do meu café.

Ela me olha com um sorriso astuto.

— Você precisa de ideias para encontros pré-definidos, então analisei os dados sobre estilo de vida declarados pelos 1% dos nossos usuários mais ativos e cruzei com as informações básicas dos perfis para criar algo que você possa usar.

Franzindo o cenho, pergunto:

— Tradução para não gênios da computação, por favor?

Yemi ri com desdém, cruzando os braços.

— Fiz uma lista de pessoas que vivem marcando encontros na cidade e seus passatempos favoritos para você usar na apresentação. — Ela olha ao redor e, em seguida, se inclina para sussurrar: — Também consegui que um estagiário da Ignite me passasse os dados deles.

— Ai, meu Deus! — exclamo, de olhos arregalados, folheando as páginas. — Isso é incrível, muito obrigada! — Empurro a metade restante do meu croissant pela mesa, balançando a cabeça em admiração. — Você merece o croissant inteiro.

Yemi solta outra gargalhada de boca cheia.

— Mereço mesmo.

— Eu precisava de algo que me desse uma vantagem contra o Caderninho de Mandachuvas do Bancroft, e isto aqui é perfeito. Você é incrível, e eu vou ficar te devendo para sempre.

— Continue me dando esses seus "presentinhos de piada interna" deliciosos e caros, e ficamos quites.

— Se eu conseguir a promoção, prometo comprar as delícias da Ladurée para você todos os dias — prometo, cruzando um dedo sobre o coração para selar o juramento.

— *Quando* você ganhar essa promoção, você vai comprar delícias da Ladurée *e* café chique todos os dias para mim. — Meu rosto cora com a ideia enquanto ela desfila de volta para a própria mesa.

Devoro as informações nas páginas com entusiasmo. Isso é perfeito. O Bancroft pensaria em conseguir uma munição como essa. Minha soberba é levemente abalada por uma pontada no peito. Quero derrotar a versão Bancroft que me tira do sério no trabalho, mas será que quero acabar com o Bancroft que vi no sábado à noite? O engraçado, carinhoso e protetor? Não, eu só preciso tirá-lo da minha cabeça de vez. Mesmo com esses dados, cada vantagem conta. Talvez a ideia que ele mencionou na aula de cerâmica, sobre eu sair em encontros reais, seja a melhor forma de tirar as duas versões dele da cabeça. Com um nó na garganta e o arrependimento já tomando forma, baixo o Ignite.

Criar o perfil foi bem mais rápido do que no Fate. O Ignite quer saber muito pouco sobre você, mas está extremamente interessado em que você carregue o máximo de fotos possível. Pelo visto, os usuários do Ignite querem saber tudo sobre os pretendentes, menos quem realmente são.

Carrego algumas fotos recentes, a maioria em eventos corporativos, torcendo para que ninguém repare no logotipo do aplicativo de encontros concorrente ao fundo de quase todas. Escolhi colocar o mínimo de informações na minha biografia, em parte por pura birra com a filosofia da marca, mas principalmente porque quero entrar e sair daqui o mais rápido

possível. Se meu mundo no Fate é feito de nuvens de algodão-doce no céu, o Ignite é como uma poça de óleo reluzindo sob as luzes da cidade. Prendo a respiração e vou preenchendo o perfil.

A voz abafada de Susie atravessa a porta fechada:

— Não me interessa o que o conselho quer, esta empresa é minha, Martin, não sua. — Ela soa irritada, mas, ao me inclinar para trás na cadeira, consigo enxergar seus olhos vermelhos e brilhando com lágrimas contidas através das paredes de vidro.

Ela aperta os lábios enquanto ouve a pessoa na outra linha.

— Se você fizer isso, vai ter notícias do meu advogado. — Ela desliga e passa as mãos no cabelo, ajeitando-o atrás das orelhas.

Viro a cabeça de volta para a minha mesa ao ouvir a porta do escritório se abrindo.

— Imagino que tenha visto meus e-mails, já que nunca larga o celular?

Dou uma risada nervosa e me contenho para não retrucar com "nunca largo o celular porque você nunca larga do meu pé" e opto por um simples:

— Vi, estava agorinha indo responder. Desculpe, tive que lidar com algumas… hã… questões pessoais. — Mexendo nos dedos, hesito antes de perguntar: — Você … você está bem?

Por um breve instante, tenho um vislumbre da Susie que, anos atrás, me tirou do anonimato. Mas ela pisca os olhos e apaga qualquer rastro de sua versão antiga.

— Bom, já que está aqui agora, presumo que tudo já foi resolvido? — Suas sobrancelhas perfeitamente desenhadas arqueiam quase até o cabelo.

— Aham. — Assinto, endireitando a postura.

— Ótimo. — Ela franze o nariz e abre um sorriso largo, mostrando todos os dentes. — Quero todos os docs. na minha mesa até o fim do expediente.

Ela é o tipo de pessoa que adora abreviar as palavras ao falar, mesmo que isso não economize nenhum segundo a mais.

— Pode deixar — respondo entre os dentes, virando minha cadeira rangente de volta para o computador. Susie se posiciona ao meu lado e fica olhando para a tela por alguns segundos, antes de apontar com um dedo comprido para a pasta marcada PARA SEMPRE 2.0.

— O que isso está fazendo no seu computador de trabalho? — questiona ela, incisiva.

— Ah, isso? — Solto uma risada nervosa, clicando no e-mail dela para tentar distraí-la.

— Eu te avisei para parar com esse projeto. — Ela cruza os braços bem apertado.

— Bom, depois que você disse que não servia para o Fate, eu talvez tenha começado a desenvolver a ideia um pouco mais, quando sobra tempo. E talvez eu possa apresentar de novo para você em algum momento? — Fecho os olhos, me arrependendo na mesma hora.

Ela solta um suspiro e aperta a ponte do nariz, como se essa conversa fosse mais uma gota no seu copo quase transbordante.

— Como falei antes, apresentar aplicativos novos e ideias complexas… está um pouco além das suas capacidades, não acha?

Minha barriga vira uma geleira enorme.

— É que eu…

— Isso é coisa para quem ocupa uma posição *sênior* se preocupar, não? — Ela pisca. Minha pele se arrepia, tentando pensar em uma resposta que não envolva atirar um abajur contra a parede.

— Acho que sim, é que… — engulo em seco — você me disse uma vez que eu deveria trabalhar para o cargo que eu quero, não o que eu tenho. Achei que apresentar novas ideias fosse parte disso. — A raiva reprimida liquefaz atrás dos meus olhos. *Não chore.*

— Sim, mas só se as ideias forem boas.

Minha barriga vira uma geleira maior ainda, e o café azeda imediatamente enquanto aperto as mãos sob a mesa.

— Entendi. — Assinto sem pensar, com os olhos entrando e saindo de foco como uma lente de câmera quebrada.

— Por favor, retire isso do computador da empresa, imediatamente. E não mencione de novo. — Susie sorri docemente. — Que tal dar continuidade ao que foi contratada para fazer, como aquele relatório de expansão para mim?

— Tá bem.

Ela se vira para sair enquanto começo a piscar sem parar.

— Meu bem, só mais uma coisa?

— Sim?

— Preciso que fique até mais tarde para supervisionar a estagiária que vai embalar as caixas de presentes dos influenciadores hoje à noite… Não

confio em mais ninguém para fazer isso direito. — Ela me analisa de cima a baixo mais uma vez, estalando a língua. — Acha que consegue fazer isso?



14

O que você está fazendo, Hastings? — Bancroft aparece na porta do armário de produtos patrocinados, a luz do escritório principal se espalhando ao seu redor e invadindo a sala.

— Estou pensando em me enforcar com uma ecobag — respondo do chão, olhando para as pilhas de copos de café reutilizáveis, camisetas, dedões de espuma gigantes, bonés e sacolas de tecido com logo da Fate espalhadas ao meu redor. — E a Iris, como ela está? Vi a postagem da *Societeur*.

Ele pigarreia e encara as parafernálias espalhadas ao meu redor.

— Ela está bem. E você, como se sentiu com seus quinze segundos de fama? — Ele me encara com seus olhos azuis penetrantes.

— Adorei. Já ofereceram um patrocínio de chá laxante para a minha nuca.

Ele dá uma risadinha e cruza os braços.

— Não são os estagiários que cuidam dessas coisas?

Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha e suspiro.

— Mandei ela embora há trinta minutos, me senti mal por estar demorando tanto. — Meus olhos percorrem o corpo dele até chegar ao rosto. — E você, o que faz aqui tão tarde?

— Estou tentando escrever o relatório de avaliação sobre sábado. Como resumir a experiência de fazer metade de um vaso e depois ter que correr atrás da sua irmã, enquanto foge de gerentes de bar abusivos e fotógrafos obsessivos?

— Ah. Que tal começar comentando sobre como, uma vez que você toca a argila molhada, ela vai parar em tudo que é canto. Ontem de manhã, encontrei uma mancha na sola do meu pé e eu estava o tempo todo calçada!

Ele solta uma risada e se agacha na minha frente, a luz do teto quebrada dividindo seu rosto em linhas duras. Ele pega um boné, examina o logo bordado e o joga de volta na pilha.

Seus olhos azuis, perplexos, encontram os meus.

— Precisa de ajuda?

— Não vou te submeter a isso… vai levar horas.

— Bem, na verdade, eu te devo uma e preciso conversar sobre o projeto Ditto com você de qualquer forma, então posso muito bem te ajudar com seja lá o que for isso que está fazendo.

Faço que não com a cabeça.

— Você não me deve nada. Sério, está tudo bem. Não quero que passe por esse sufoco também.

Ele inclina a cabeça e abre um sorriso travesso.

— Se eu te contar um segredo, você me deixa ajudar?

Ele deve estar desesperado para falar sobre os planos dele. Franzo o cenho.

— Tem certeza de que quer sentar no chão duro, com essa luz estranha que faz a gente ficar vesgo e empacotar caixas com produtos de divulgação comigo?

Ele entende minha pergunta como uma aceitação do acordo.

— Meus pais viajavam muito a trabalho, e, quando eu tinha onze anos, me mandaram para um internato em Hampshire… para me dar "estabilidade na infância" — conta, fazendo aspas com o dedo. — Por um tempo, fui o único aluno novato, então naturalmente era o menos respeitado e acabei sendo o saco de pancadas dos outros meninos do dormitório.

Enquanto continuo a empacotar, digo:

— É difícil imaginar você sendo vítima de bullying. Você parece impossível de intimidar.

— Então espero que você também não consiga me imaginar com um corte de cabelo estilo cuia e acne hormonal.

Dou uma risadinha zombeteira.

— Ah, *para isso* vou me esforçar ao máximo.

Ele pega um saco de lixo cheio de luvas de torcida e joga em mim.

— Posso terminar de contar a minha história?

Eu sorrio e assinto enquanto ele segue:

— O único mecanismo de defesa que eu tinha era organizar a mala com as coisas que podia levar. Eu organizava meus livros e figurinhas por ordem alfabética e organizava e reorganizava minhas roupas nesse guarda-roupa minúsculo. Ou então colocava tudo cuidadosamente na mala e fingia que estava indo para casa no fim de semana, como os outros garotos. Até que um dia encontrei um livro na biblioteca sobre lavar e dobrar roupas e passei *horas* dobrando e desdobrando minhas camisetas escolares até que ficassem perfeitas.

— Você ainda é assim? — pergunto, e logo fico me sentindo mal ao lembrar de todas as vezes que fiz minha mesa virar uma bagunça quando ele estava por perto só para ver a expressão de sofrimento no rosto dele.

Ele torce as mãos entre as pernas, girando o anel no dedo.

— Não é tão ruim agora. Certa vez, uma das professoras me viu contando obsessivamente na sala e alertou os meus pais. Eles procuraram um psiquiatra infantil, o que acho que… ajudou.

— Eles perguntaram *por que* você fazia isso?

— Acho que não ligaram para o fato de que era um mecanismo de defesa.

— Então quando foi que amenizou?

— Quando comecei a revidar. — Ele bufa como se fosse uma piada, mas não rio. Minha expressão fica mais séria.

— Quanto tempo durou isso?

— Dois anos. — Ele suspira. — Até que quebrei o nariz de outro aluno e fui expulso. Minha mãe me levou para Nova York para ficar com ela.

— Foi assim que você ganhou essa cicatriz — afirmo, olhando para a mão dele, lembrando de como evitou o assunto quando perguntei. — Por que não me contou? — Eu devolvo o saco, e ele o pega no ar, fazendo-o amassar.

Então abre o mesmo sorriso que me deu no táxi.

— A sua história da casa na árvore foi tão fofinha, com seus pais e os piqueniques com fadas, não era o momento certo para a história da origem de um vilão.

Sorrio, mesmo que contra a vontade.

— Então vai me deixar ajudar? — pergunta.

— Acho que, com seu vasto conhecimento, podemos terminar isso bem mais rápido. — Meus lábios se curvam quando aponto para as pilhas de camisetas personalizadas, capinhas de celular e porta-copos. — Isso tudo precisa ir para aquelas caixas.

Ele resmunga enquanto se aperta ao meu lado e cruza as pernas, nossos joelhos se tocando no pequeno espaço. Trabalhamos em sincronia, organizando as embalagens com a precisão de uma oficina de duendes de Natal estilizada em rosa e verde-militar. Enquanto isso, ele me conta sobre uma possível parceria com uma rede de hotéis descolada e como pretende estruturar a ideia.

Depois de alguns minutos, eu congelo.

— Droga, o papel de seda.

— Que papel de seda?

— Precisamos colocar o papel de seda da Fate em cima.

— Por quê?

— Você sabe… — balanço os braços — … para a grande revelação!

Ele me encara, tentando conter um sorriso.

— A grande revelação?

— Se der para ver o presente de cara, qual é a graça? É tudo questão de suspense, mistério… e aí, a revelação! Tem que criar expectativa, a tensão!

Ele ri.

— Tá bom, você me convenceu! Não é à toa que você trabalha com marketing. — Tento ao máximo não corar. — Mas onde está o papel de seda?

Estico o pescoço enquanto olho para o topo da estante metálica industrial.

— Numa caixa lá em cima.

Ele se levanta, limpando as mãos na calça para alisá-la. Examina a estante, que se estende bem acima de sua altura impressionante.

— Espero que esteja presa à parede — comenta, se esticando para agarrar a borda da prateleira de cima e então se impulsiona para cima. — Qual é a caixa?

— Humm, uma caixinha marrom quadrada?

— Você está descrevendo uma caixa de papelão pequena no meio de um mar de caixas de papelão pequenas. — Ele pula de volta ao chão com um baque, o cabelo tão bagunçado que sinto uma vontade absurda de passar a mão para arrumar. Quero alisar cada fio e ajeitá-los de forma que emoldurem seu rosto.

— Sabe de uma coisa? Vão sobreviver sem o papel — digo ofegante, a voz mal passando de um sussurro.

Ele apoia as mãos nos quadris, ainda recuperando o fôlego, e arqueia as sobrancelhas.

— E a grande revelação? O mistério? A expectativa? — Ele gesticula de forma exagerada, os olhos brilhando com diversão. — Você já me convenceu. Agora vamos achá-la. Levanta.

— Se nem você alcança, quem dirá eu.

— Levanta! — insiste ele, se encostando na estante e se agachando. Estende as mãos e coloca uma sobre a outra.

— O que você está fazendo? — pergunto, cruzando os braços.

— Você vai saber qual é a caixa quando vir, certo? Então eu te levanto.

Me aproximo devagar e coloco as mãos em seus ombros. Seus músculos são mais fortes do que imaginei, não que eu tenha *imaginado* antes. Meu coração acelera enquanto me apoio e coloco um pé em suas mãos.

— Pronta?

Assinto, com os lábios fechados com força.

Ele me ergue com facilidade enquanto solto uma risada nervosa. Quando a prateleira superior chega ao nível dos meus olhos, perco totalmente a capacidade de processar o que está à minha frente. Toda minha atenção está focada na sensação de formigamento causada pela bochecha dele encostada na parte externa da minha coxa enquanto me levanta ainda mais.

Depois de alguns segundos, ele pigarreia.

— Achou?

A pergunta traz as caixas de volta ao foco, e eu entro em ação. Após mexer em várias delas, finalmente vejo a que procuro, encostada na parede, e estico o braço como uma vara de pescar.

Suas mãos apertam minhas panturrilhas com firmeza.

— Hastings, se não pegar agora, vou te derrubar.

— Não alcanço. — A ponta do meu dedo do meio roça a borda da caixa e tento puxá-la na minha direção.

— Calma aí. — Eric muda o peso do corpo e segura meu pé com uma mão enquanto apoia a outra na parte de trás da minha panturrilha. Minha perna esquerda continua no ar como contrapeso enquanto ele me levanta mais.

Faço força e consigo envolver a borda da caixa com mais dois dedos. A sensação do toque dele na minha panturrilha atravessa a calça jeans, deixando minha pele em chamas.

— Peguei! Obrigada, meu Deus. — grito, triunfante, segurando a caixa com o polegar e os indicadores enquanto a arrasto para mim.

— De nada — responde ele com a respiração levemente ofegante. Dá para notar o sorrisinho em sua voz enquanto começa a me abaixar.

Segurando a caixa com uma mão, uso a outra para me apoiar na prateleira enquanto ele me desce devagar. Para me estabilizar, as mãos dele sobem lentamente pelas minhas pernas até que…

— Merda! — Minha mão escorrega da borda metálica, e eu balanço para trás e para baixo ao mesmo tempo, agitando os braços como um pássaro de

desenho animado aprendendo a voar. Meus olhos se fecham enquanto solto a caixa, tentando me agarrar às barras de metal e me preparando para o impacto.

O impacto não vem. Bancroft solta minha perna e me segura pela cintura com as duas mãos, atrasando minha queda e me mantendo em pé. Suas mãos apertam minha cintura enquanto meus pés tocam o chão com força.

Meus olhos cerrados se abrem aos poucos e dou de cara com ele me encarando. A percepção do espaço reduzido, do tempo que passamos ali e do quão à vontade ficamos nesse cantinho quase aconchegante me atinge como um raio.

— Está bem? — pergunta ele, observando meu rosto.

— Sim — respondo, sem fôlego. Ele engole em seco e seu olhar desce até meus lábios antes de voltar para os meus olhos. Foi tão rápido que quase pareceu coisa da minha cabeça. Ele quebra o contato visual e, descansa o queixo na minha testa com um suspiro; ou talvez arfando levemente pelo esforço de me levantar e depois me segurar, não sei ao certo. Não me afasto porque o toque quente de suas mãos firmes na minha cintura dispara faíscas de eletricidade em uma parte do meu corpo que achei estar já estar morta. Minha barriga Frankenstein se contorce de um jeito que não fazia desde a noite que nós dois preferimos esquecer.

— Para quem vivia em cima de uma árvore, achei que seu equilíbrio seria melhor — diz ele, a voz reverberando no peito.

— Acho que só perdi o jeito. — Minha voz sai num sussurro. Só então percebo que agarrei sua camisa enquanto caía.

Ele abaixa o olhar para mim, a luz atrás dele sombreando suas feições e deixando seus olhos mais profundos. A estrutura de metal range quando finalmente solto a camisa, o que o faz se endireitar. Sem saber onde colocar as mãos, deixo-as descansar em seus braços, ainda tensos. Os músculos relaxam devagar, assim como os dedos quando ele expira, deslizando as mãos pela minha cintura com uma delicadeza que fazem minhas pernas derreterem. Uma lembrança paira no ar entre nós; os olhos azuis dele se estreitam e brilham com a memória enquanto seus lábios se movem, prontos para falar algo.

Atrás de nós, a estante de aço vibra quando o celular dele começa a tocar em cima de uma prateleira, ao lado de uma caixa de óculos de sol cor-de-rosa da Fate. Nós dois nos sobressaltamos e recuamos para cantos opostos

da sala minúscula, enquanto meu rosto queima de rubor. Dou uma olhada rápida e vejo *Mãe* piscando na tela. Finjo que não vi e estico o braço para lhe entregar o aparelho.

Ele retesa os ombros ao perceber quem está ligando.

— Preciso atender — sussurra, ainda ofegante.

— Hum-rum. — Assinto, alisando a camisa e evitando seu olhar.

— Vou ficar fora por alguns dias — completa ele, olhando para trás.

Encaro as pilhas de caixas quase prontas espalhadas pelo chão, resistindo à vontade de olhar para ele.

— Ah, legal, tranquilo.

Não, não é legal. Por que eu falei isso?

— É, *bótimo* — responde ele, ainda meio aéreo, enquanto abre a porta, deixando a luz fria do escritório iluminar o espaço. O calor da provocação gentil se esvanece assim que percebo que ele acredita que estou feliz pela sua ausência.

Já são quase 22h quando chego em casa. Entre um "choro relâmpago" de cinco minutos no banheiro por causa da rejeição leviana da Susie à minha ideia do *Para Sempre*, as reuniões da equipe de marketing e a correria pela cidade para encontrar um restaurante libanês *pop-up* para o almoço dela, só consegui começar o trabalho às 17h. E, claro, ainda tive que terminar as caixas. Felizmente, assim que entrei em casa, encontrei Alice me esperando com uma taça do nosso vinho rosé favorito, que chamamos de "vinho da galinha" por causa do desenho no rótulo e da nossa total incapacidade de pronunciar francês.

Nós nos jogamos no sofá, reclamando de nossas chefes por uma hora, até que eu ficar alegrinha o suficiente para confessar que criei uma conta no Ignite de manhã, mas que estou com medo demais para começar a ver os perfis.

— Tá de brincadeira. Você jurou de pés juntos que *jamais* entraria em um aplicativo de namoro como o Ignite, não importa o quão desesperadora fosse a situação.

Cubro o rosto com a mão, escondendo as bochechas vermelhas.

— Eu seeeiiii — arrasto a palavra —, mas eu preciso arranjar um encontro de verdade ou vou ficar completamente despreparada para a minha apresentação. Faltam só três semanas… Preciso fazer trabalho de campo!

— digo rindo, percebendo como isso soa ridículo. — Mas ainda não consigo me obrigar a olhar os perfis.

Alice me lança um olhar ferrenho, estendendo a mão.

— Passa pra cá.

Reviro os olhos como uma adolescente contrariada e entrego o celular em suas mãos animadas. Eu me pergunto se Bancroft está tão relutante quanto eu em criar um perfil no Fate. Pelo menos vou poder jogar isso na cara dele se não cumprir o combinado. Minha mente volta àquela expressão no rosto dele, a mesma da festa de Natal.

— Hummm, vamos ver — narra Alce cantarolando e franzindo os lábios como se estivesse escolhendo um prato do cardápio de um restaurante. — Que tal esse aqui? Ele é bonito.

Ela me mostra o celular como um garçom exibindo uma garrafa de vinho, deslizando as fotos com um dedo com unha feita na manicure.

Sacudo a mão como um peixe fora d'água.

— Até seria, se a primeira foto dele não fosse com uma garrafa gigante de vodca.

Ela dá de ombros e desliza para o próximo perfil.

— Espera aí. — Alice faz uma careta para a tela. — Esse não é o seu ex-namorado?

Ela vira o aparelho e o mundo parece desacelerar enquanto meus olhos pousam naquele rosto tão familiar. O mesmo rosto das mensagens que não param de chegar.

As palavras ecoam na minha mente enquanto uma raiva pesada e pegajosa se instala no meu peito. Passo pelas fotos do perfil; a maioria já vi no Instagram dele. Ele em um jogo de futebol com os amigos, em um restaurante chique, sem camisa nas férias recentes, mas uma foto me faz parar.

— É o meu cachorro — digo, olhando para a foto.

— Como assim? Você nem tem cachorro — responde Alice.

Olho para ela.

— Não, desculpa. Quis dizer o cachorro da minha família.

— Ownnn, que fofo! Qual é o nome dele?

— O nome dele era Archie, mas morreu faz alguns anos. Por que o William usaria uma foto dele com o meu cachorro?

Eu me lembro daquela cena como se fosse ontem. Eu tirei a foto do William com o cocker spaniel dourado da minha família durante as férias que passamos na praia em comemoração a um ano de namoro. Fazia um frio de congelar, mas queríamos assistir o sol se pôr no mar. Por um momento, sinto o sabor do ar salgado misturado com chocolate quente com licor na boca.

— É tão estranho ele pegar essa foto do nada e usar agora, depois de sair de um relacionamento longo. — Tiro uma captura da tela antes que Alice arranque o celular da minha mão.

— Aqui é uma zona livre de ex-namorados — diz ela com firmeza, trocando meu celular pela taça de vinho do rótulo de galinha.

Dou uma risada forçada, mas a suspeita paira ali no ar, cheirando mal. Tento afastar os pensamentos intrusivos.

— TÁ, PRÓXIMO! — grita Alice. — Que tal esse: *Ativo, determinado, aventureiro, temperamental, quase sempre morto de fome.*

Semicerro os olhos.

— Isso aí é só uma lista de adjetivos.

Alice bufa, revira os olhos e diz para o perfil:

— Ela tem razão. A gente não tá aqui pra ler! — Ela passa para o próximo perfil: — Eeeepa, olha só esse: *Jack. Vinte e sete anos. Adora cadeiras de bar confortáveis, ouvir sobre as paixões dos outros e passar mais tempo de pijama do que de terno.* — Ela me encara com expectativa. — É meio que a sua cara, amiga. E olha só, ele tem um cachorro fofo. Que deve estar vivo!

Ela me mostra o perfil; ele é, de fato, atraente. Tem cabelos escuros e ondulados, pele oliva e uma barba muito bem cuidada.

— Tudo bem, vai. Pode curtir.

Alice desliza para a direita, e meu celular emite um som:

Grace e Jack deram match!

— Até que enfim! — Alice suspira, aliviada, e já passa para o próximo perfil. — Tá, olha só esse… *Estudante de dia, DJ de noite*…

— Nem mooooooorta!

— Ele é um gato!

— Sem querer ofender, mas pensando bem, acho que você não é a pessoa mais indicada para me ajudar a escolher *homens*.

Ela coloca a mão no peito, fingindo indignação.

— Quem te contou?

Caímos na gargalhada enquanto ela continua a passar rápido para mais perfis.

— Só porque gosto de mulheres não quer dizer que não sei reconhecer um homem bonito… tipo esse aqui…

Ela faz uma pausa dramática e mostra o celular para mim, com um sorriso travesso.

— Ai, meu Deus, eu não consigo me livrar de você — digo ao ver a foto de Eric Bancroft.

Tenho que admitir, é uma foto boa, uma que eu nunca tinha visto antes. Ele está de blazer preto elegante e camisa branca entreaberta, sentado à uma mesa cheia de velas e taças de vinho. Está rindo, olhando para alguém fora do enquadramento. O sorriso sincero me provoca uma pontada no estômago, que logo reprimo ao notar dedos envoltos em seu braço. A pessoa foi cortada da foto, mas os dedos compridos e as unhas vermelhas pontudas já dizem o bastante. Margeaux Bardin? Ou outra pessoa?

Alice nota meu olhar preso na tela e começa a ler o perfil.

— *Eric Bancroft, trinta anos, Gerente de Marketing na Ignite. Por favor, não me peça para avaliar seu perfil.*

Afundo nos almofadões.

— Aff… Tá vendo? Ele nem precisa se esforçar e mesmo assim as mulheres fazem fila pra sair com ele. Esse aplicativo não passa de um desfile de gente bonita querendo se pegar.

— Tá dizendo que acha ele bonito? Isso merece um deslizar para a… direita! — Alice desliza o dedo pela tela de forma teatral antes que minha mente turvada pelo vinho processe o que ela está fazendo.

— Não, não, não, não, não, não, não! — Arranco o celular da mão dela e encaro a tela com olhos arregalados. — Caceeeete!

— Por que ele apareceu aí? Vocês moram em lados opostos da cidade! — Alice ri, incrédula.

Balanço a cabeça.

— Eu criei meu perfil no escritório hoje de manhã, então deve ter usado a nossa localização na hora e… — Minha explicação apressada é interrompida por um som de notificação. Olho para a tela, boquiaberta, enquanto uma animação aparece.

Grace e Eric deram match!

As nossas fotos sorridentes aparecem cercadas por emojis de fogo. *Merda, merda, merda*. Meu corpo inteiro encharca de suor, como se as chamas do celular fossem reais.

— Peraí, deu match? Então ele já tinha curtido o seu perfil também? — Alice nem tenta disfarçar a empolgação.

Imploro mentalmente para que o aplicativo desfaça o erro, mas já sei que é inútil. Ele já deve ter recebido a mesma notificação. Outra notificação ecoa pelo cômodo vinda do celular.

Mensagem de William:

Sei que minha mensagem foi inesperada,
mas será que podemos conversar?
Não consigo parar de pensar em você.
Quero falar sobre darmos outra chance pra gente. Bjs

Atiro o celular para o outro lado do sofá como se estivesse em chamas de verdade.



15

Foram quatro dias inteiros e noventa e seis horas agonizantes aguardando uma mensagem, uma provocação ou até um avião com recado no céu abafado acima do meu prédio dizendo que Bancroft e eu demos match. Bom, tecnicamente foi a *Alice* quem deu uma curtida no perfil dele, mas duvido muito que ele também tenha uma colega de apartamento lésbica e metida a cupido escolhendo pretendentes por ele.

Em defesa do Bancroft, ele não tem falado com ninguém desde que avisou que ia viajar. Soube que não aparece no escritório há uns dias. Fora a confirmação no Google Agenda para mais um encontro-teste hoje à noite, ele sumiu completamente. E, sendo sincera, depois daquela troca estranha no armário seguido de um match no Ignite, eu não ia ser a primeira a mandar mensagem. Só espero que não me dê bolo no encontro que *ele mesmo* planejou.

Passando o dedo distraída pelo celular, espero ao lado de um parque verde e florido, ouvindo os pássaros cantarem enquanto o céu se tinge de laranja do pôr do sol. Depois de uns trinta segundos curtindo a natureza, abro o aplicativo de notas e reviso minha “lista de tarefas de longo prazo”:

• *Aumentar o alcance do Ditto.*

Pensei em mais formas de deixar minha apresentação impecável.

• *Melhorar o conceito do Para Sempre.*

Por mais que a Susie tenha rejeitado, não consigo tirar essa ideia da cabeça.

• *Procurar um terapeuta.*

Mas só depois de resolver o problema de mal conseguir pagar o aluguel com o que ganho agora.

Quando Bancroft finalmente chega, parece distraído. O sol do fim de tarde reflete em sua barba rala de uns dois dias. Não que eu esteja acompanhando o crescimento de sua barba ou reparando no rosto dele em geral.

— Está tudo bem? — pergunto, enquanto nossos sapatos fazem o cascalho bege ranger.

Andamos devagar em frente a um prédio branco imponente, com colunas e arcos adornando a fachada. Totalmente diferente dos últimos dois lugares que visitamos. Este lugar tem um ar de arena, mas estamos entrando nessa batalha juntos, apesar de estarmos em páginas completamente diferentes.

— Aham… — responde ele, mas deixa a frase no ar enquanto coça a nuca, bagunçando os cachos. Eu estreito os olhos, tentando ler seu rosto, mas ele desvia o olhar. — Vamos entrar.

Ele sobe os degraus de pedra que levam à entrada de uma sala branca e estéril, inundada por uma iluminação que imita luz natural. Bancroft respira fundo e endireita os ombros. Observo a fachada impecável que ele usa no trabalho voltar ao lugar, enterrando qualquer traço de vulnerabilidade, como um baú de tesouro afundado e esmagado pelas profundezas de um oceano.

— Sr. Bancroft? — chama uma mulher alta e magra, de óculos quadrados e cabelo escuro preso em um rabo de cavalo apertado, que a faz parecer um pardal elegante. — E esta é a sua namorada?

— Colega! — responde ele, quase gritando. Depois pigarreia e estende a mão, voltando ao charme habitual. — Esta é a minha colega, Grace Hastings.

A mulher volta a atenção para mim e estende a mão adornada de joias.

— Me chamo Valentina. Bem-vindos à Calico Gallery. Muito prazer.

— Obrigada. O prazer é meu. — Abro um sorriso simpático e aperto sua mão. Tenho certeza de que já vi uma influenciadora usando essa pulseira de ouro e também tenho certeza de que custa em torno de 15 mil euros.

Minhas mãos desprovidas de joias ou esmalte parecem nuas em comparação. Este é o mundo do Bancroft, não o meu. O terno azul-marinho impecável, a gravata de seda caramelo e o cabelo desarrumado de um jeito perfeitamente calculado lhe conferem um ar de pertencimento natural que eu nem ouso sonhar em ter.

— Obrigado por nos receber fora do seu expediente, sei como sua agenda é cheia. — Bancroft abre uma versão atenuada do seu sorriso estrategicamente encantador.

— Ah, não foi problema algum. — Valentina descarta a formalidade agitando sua mão de quinze mil euros, sem perceber a falta de sinceridade

nas palavras dele. — Sua mãe é uma cliente generosa; sempre temos tempo para os Bancroft.

Olho de soslaio para meu colega e noto o maxilar dele se contrair antes de relaxar.

— Agradecemos muito — responde, mudando de assunto depressa. — A galeria é fantástica. Tem muitas exposições em cartaz?

— Sim, incrível, né? — responde ela com entusiasmo. — Seus clientes vão *adorar* a nossa nova exposição.

Ela ri e toca o braço dele, sinto uma satisfação estranhamente prazerosa quando ele não reage, se limitando a abrir um sorriso forçado.

— Tenho certeza de que sim.

— Bom — suspira ela, satisfeita, enquanto junta as mãos. — Vocês chegaram no momento certo para a exibição de hoje à noite! Se quiserem se juntar ao grupo, nosso guia os mostrará a exposição, que termina no bar, onde teremos coquetéis temáticos inspirados nas obras.

Sorrio entusiasmada para ela, sentindo uma pontada de pena por ela não estar sendo alvo do famoso charme de Bancroft.

— Obrigado. — Com um sorriso polido e um leve aceno de cabeça, ele caminha em direção ao pequeno grupo de admiradores de arte.

Eu sigo alguns passos atrás, ponderando se deveria puxar assunto. Ele parece mais disposto a bater a cabeça numa parede do que falar sobre o que quer que esteja o incomodando. Antes que eu consiga abrir a boca, somos interrompidos pelo letreiro enorme que tem escrito *A Arte do Amor-Próprio* gravado em luzes néon. Aponto para o letreiro, como se estivesse o acusando de dizer *ENTRADA PROIBIDA SE SEU NOME FOR GRACE HASTINGS*.

— É… isso… que vamos ver?

Ele evita meu olhar de pânico.

— Sim, é a exposição esgotada deles — responde com a voz firme enquanto pega uma taça de vinho deixada para os convidados. — Os usuários do Ditto terão acesso exclusivo ao ingresso mais disputado do ano.

O vazio no meu estômago é brevemente preenchido por uma calorosa admiração.

— Que benefício incrível para os usuários… E foi sua mãe que conseguiu?

— O sorriso orgulhoso dele logo é substituído pela expressão amuada de

antes. Ergo as mãos em sinal de rendição. — Ei, se eu tivesse esses contatos, usaria também.

— Sim… bem, essa influência social é o único ponto positivo de ser filho dela, então…

Minhas sobrancelhas se franzem enquanto abro a boca para perguntar mais, mas me distraio ao dobrarmos o corredor e darmos de cara com a exposição. Sinto o rosto enrubescer na mesma hora e fico paralisada na entrada. Bancroft segue à frente com passos firmes para se juntar ao resto do grupo, mas logo percebe que fiquei para trás. Ele para e se vira, me encontrando estática, absorvendo tudo. A sala branca está repleta de quadros na parede, estátuas em pedestais e esculturas. Meus olhos vão de uma fotografia em preto e branco de uma mulher nua observando suas partes íntimas com um espelho de mão para um pênis inflável gigante pendurado no teto com palavras como “insatisfatório” e “seja homem” grafitadas em preto, até uma escultura de mármore de uma mulher em um vestido floral abraçando uma menina com o mesmo vestido.

O semblante rígido dele suaviza ao ver minha expressão, e aquele sorriso torto que só ele tem aparece.

— Tudo bem por aí, Hastings?

— Tudo ótimo! — Endireito os ombros e entro decidida na sala, tentando desviar o olhar da parede coberta de moldes de vaginas feitas de argila.

Pego uma taça de vinho de um pedestal de mármore perto da entrada e tomo tudo de uma vez. Nós nos juntamos ao grupo de pessoas ao redor do guia que apresenta a exposição.

— O amor-próprio é o primeiro passo para oferecer amor ao mundo. Amar a si mesmo é enxergar quem realmente somos, sem medo ou julgamento. É encarar o vazio com aceitação. Convidamos alguns de nossos artistas residentes favoritos e novos talentos para nos mostrar a visão deles de amor-próprio e autoexpressão. Algumas obras trazem o aspecto físico, outras o psicológico e algumas são metafóricas: esperamos que cada peça os aproxime da visão deles sobre vulnerabilidade e aceitação interna.

Nós nos separamos, explorando a exposição em lados opostos da sala. Ainda assim, estou o tempo todo ciente de onde Bancroft está. Depois daquele momento no armário, pareceu que algo havia mudado entre nós, mas agora começo a duvidar. Uma série de doze autorretratos chama minha atenção. Ocupam uma parede inteira, um espectro que começa em preto e

branco e explode em cores vibrantes. A descrição diz que a artista pintou um por mês após sair de um relacionamento tóxico. Fico olhando para o primeiro, vendo algo de mim naqueles olhos, pensando: era assim que eu estava? Com certeza era assim que me sentia: com uma dormência e um peso quase irônicos, levando em conta como algo foi arrancado de mim de forma tão brutal. As mensagens que mandei para William depois que ele terminou comigo ecoam na minha mente como uma melodia triste e desesperada. Ao perceber a aproximação de Bancroft, pisco para afastar a umidade nos olhos e cruzo os braços.

— Gostei dessa. — Indico com o queixo a sétima pintura da série. As cores se destacam das sombras em pinceladas amplas, como flores que desabrocham de forma acelerada.

— Humm — responde ele sem emoção, claramente com a mente ainda presa no que quer que esteja o incomodando.

Quero bater os pés e acabar com o clima estranho como uma criança furiosa derrubando uma torre de blocos, mas opto por algo mais sutil.

— Sua irmã está bem?

Ele observa o padrão de corações brancos e foscos pintados no piso polido de madeira.

— Ela ficou meio abalada com tudo aquilo. — Ele faz uma pausa. — E também com uma *baita* ressaca… mas prefiro vê-la vomitando na minha planta do que atrás das grades.

Nós dois soltamos risadas tímidas. A tensão de seus ombros alivia um pouco, como uma chaleira liberando vapor, instantaneamente me relaxando por osmose. Por um instante, me odeio por deixar seu humor me afetar tão facilmente, detestando o quanto me sinto conectada ao seu bem-estar. Ele se vira para mim e me encara pela primeira vez na noite.

— Mais uma vez, obrigado. Pela ajuda. Foi… bom não ter que lidar com aquilo sozinho.

— Imagina — murmuro, enquanto caminhamos para a próxima pintura, nos aproximando mais, como quem tenta deixar a conversa um pouco menos desconfortável. Meu coração acelera quando pergunto: — Acha que sua mãe vai voltar atrás em relação à Iris?

Ele bebe o restante do vinho e coloca a taça vazia na bandeja de um garçom que passa, com um leve aceno da cabeça; depois enfia as mãos nos bolsos do terno de algodão azul-marinho e volta a encarar o chão.

— Espero que isso já esteja resolvido.

Ele parece ficar mais tenso a cada pergunta, mas insisto.

— É por isso que você estava sumido esses dias?

Ele suspira, como quem se rende, relutante, sabendo que agora que fiz uma rachadura, não vou parar até encontrar o ouro.

— Sim. Minha mãe passou a semana aqui e eu precisei convencê-la a reativar a conta bancária da Iris para evitar que minha irmã acabasse indo morar com aquelas amigas de merda.

Evito expressar minha opinião sobre que tipo de mãe faria algo assim com os próprios filhos e opto por uma pergunta mais neutra:

— Por que ela faz isso?

— Acho que é por causa do marido atual; ele é banqueiro em Dubai e está tentando convencê-la a parar de bancar a Iris de vez. Nossa mãe se importa mais com o que as manchetes dizem sobre nós do que com o que realmente acontece na nossa vida.

É difícil sentir pena de alguém com um fundo fiduciário, mas não consigo deixar de sentir compaixão pelos dois, ainda mais depois de ver o estado em que a Iris estava naquela noite. Parece que ela nunca teve a chance de amadurecer por completo, já que está sempre cercada de pessoas que se aproveitam dela.

— A Iris não pode morar com você? — pergunto, levantando o rosto para olhar para ele.

— Ela está comigo por enquanto, mas não quer ser "tratada como criancinha". Está realmente tentando encontrar uma forma de resolver tudo sozinha e parar de depender da nossa mãe. Mas, com *amigas* como as dela, é difícil não a ver como alguém que ainda precisa de cuidado.

Depois de umas buscas noturnas no Google, já sei a resposta para a pergunta que estou prestes a fazer. O pai de Iris é Lars Fender, um famoso roqueiro e vocalista dos The Shags. Uma banda que fez muito sucesso nos anos 1990, mas que agora é mais conhecida pelas confusões do que pela música.

— O pai dela é presente?

— O pai da Iris está sempre em turnê. Ele não é ruim, mas nunca foi o modelo de pai estável que ela precisava, nem antes, nem agora. Quando minha irmã era pequena, nossa mãe não gostava que ela viajasse com ele,

mas também não dava atenção quando a Iris estava em casa. Então, basicamente, fui eu e uma série de babás aleatórias que cuidamos dela.

Não sei o que dizer, então escolho o silêncio. Isso não é verdade; eu sei exatamente o que quero perguntar. A dúvida que tem me atormentado desde a aula de cerâmica.

— Por que você quase nunca fala dela?

Por que nunca a mencionou? Ou a sua família?

O músculo em sua bochecha se contrai enquanto ele dá de ombros de forma quase imperceptível. Ele passa a mão no rosto, e então responde:

— Eu amo a Rissy, mas não gosto de espalhar por aí que ela é minha irmã. Ela já tem os próprios problemas. Não precisa lidar com os meus também. Na maioria das vezes, eu não tenho paciência para explicar todo o drama familiar. Algumas pessoas sabem, mas não é de conhecimento geral. Essa é praticamente a única parte da minha vida que consigo manter privada.

Perceber que ele não se sentia próximo o suficiente de mim para falar da Iris cria um buraco do tamanho de uma cratera no meu peito.

Ele percebe meu olhar e se remexe, desconfortável, e percebo que não estou escondendo bem o que sinto.

Bancroft continua:

— Nossa mãe e o Lars tiveram um caso turbulento enquanto meus pais ainda eram casados. Quando minha mãe descobriu que estava grávida, ela sumiu por um tempo para ter a Iris. Felizmente, a imprensa nunca ligou os pontos. — Ele dá uma risada seca. — Acho que esse é o único lado bom de nunca terem se envolvido muito na nossa criação.

Andamos até parar diante de uma minúscula escultura fálica embrulhada em celofane transparente, acompanhada de uma plaquinha sobre como tamanho não importa.

— E o *seu* pai? — pergunto, de olhos arregalados.

Ele ri, mas o riso não alcança os olhos.

— O que tem ele?

Sou uma domadora de leões andando na corda bamba, esperando as garras aparecem.

— Como… ele é?

Ele me encara de soslaio, estreitando os olhos.

— Se você já abriu uma revista nas últimas duas décadas, sabe como ele é.

— Já li algumas *coisas*. — Estico as palavras, me lembrando das manchetes que sempre pareciam algo do tipo: “Malon Bancroft, magnata da arquitetura, lança arranha-céu e apresenta nova esposa”.

— Mas *como* ele é de verdade, sabe, como pai?

Ele faz uma careta.

— É só imaginar ter o Lex Luthor como pai.

Não dou risada. Só mantenho meu olhar firme no dele até que a casca do ovo Fabergé comece a rachar.

— Não sou uma repórter. Pode confiar em mim — digo, menos como uma garantia e mais como um lembrete óbvio. — Se quiser, pode até me revistar para ver se estou com um microfone escondido. — Ofereço a sugestão com a maior seriedade, tentando aliviar o clima da única maneira que sei.

Bancroft dá um sorrisinho e pela primeira vez seus olhos mostram um brilho de diversão.

— Hastings, estamos em público.

Por fim, ele suspira, resignado.

— Como você já deve saber, meu pai tem fama de pegador. Durante minha infância, meus pais tentavam manter a fachada de família perfeita, mas nem moravam na mesma casa. Minha mãe era a secretária dele e o relacionamento começou como um caso. Não sei por que, mas mesmo depois de quinze anos juntos, ela achava que as coisas acabariam diferente.

Abro a boca para fazer outra pergunta, mas ele vira o jogo.

— E seus pais… como são?

Jogo o cabelo para trás, pronta para contar a versão ensaiada.

— Eles se conheceram num bar, na véspera de Natal. Os dois eram de outra cidade, mas por acaso estavam no mesmo lugar, na mesma hora. Trocaram olhares de longe e foi instantâneo, amor à primeira vista. — Dou de ombros e olho para o teto, como se o Cupido estivesse ali em cima, de prontidão para confirmar minha história.

Ele inclina a cabeça para mim, com um sorriso de lado.

— É a *sua* cara mesmo.

Respondo com um sorriso sarcástico, escolhendo ignorar seu comentário certeiro. Desde que passei a entender frases completas, escuto a história de como meus pais se conheceram e se apaixonaram pelo menos três vezes por ano. Quando fui para a faculdade e depois entrei no mercado de trabalho, sempre que queria deixar as pessoas de bom humor, eu contava essa

história. É meu conto de fadas da vida real, cravado na minha mente como o ideal de qualquer relacionamento. Pode parecer clichê, mas contar essa história é como deitar em lençóis limpos. Familiar, mas de certa forma indulgente. Continuo:

— Eles se beijaram, mas as amigas da minha mãe a arrastaram para fora do bar logo depois… eles nem sabiam o nome um do outro! No ano seguinte, meu pai voltou lá na esperança de a reencontrar. E encontrou! Mas ela tinha namorado na época. Conversaram, dançaram, mas ficou só nisso. No outro ano, a mesma coisa. Dessa vez, ela estava solteira e ele não. Isso aconteceu de novo e de novo, ao longo de *cinco anos*. Sempre havia algum obstáculo. Meu pai diz que começou a imaginar que a via na rua, no supermercado, no trabalho; como se estivesse enlouquecendo, mas ele sabia que isso significava que ela era A Pessoa Certa. No sexto ano, ele decidiu que não aguentava mais. Com muita coragem impulsionada pelo álcool, confessou que uma noite por ano com ela era melhor do que trezentos e sessenta e quatro dias com qualquer outra pessoa. A partir daquele dia, nunca passaram mais de uma semana separados. — Respiro fundo, preparando o grande final. — O bar onde eles se encontravam era conhecido localmente como Grace.

Espero pelo clássico suspiro encantado. Bancroft, no entanto, me observa de cima a baixo como se fosse um robô tentando decifrar a lógica por trás das emoções humanas.

— Fofo — comenta sem entusiasmo.

Eu cruzo os braços, sentindo o rosto corar.

— Eu não chamaria o destino de “fofo”.

— Isso não é destino. — Ele se vira com indiferença para inspecionar a próxima obra de arte.

— Então, o que é? — exijo saber, com o olhar fixo na luz refletida na maçã do seu rosto.

— Duas pessoas que preferiram confiar no “universo” e continuar separaras por cinco anos, em vez de simplesmente admitirem o que sentiam desde o início. — Ele mantém os olhos presos na pintura a óleo à sua frente.

— Naquela época não tinha nem telefone direito! É épico e romântico! — exclamo e bufo.

— É ingênuo — conclui ele, se movendo para a próxima obra.

Vou atrás, sem acreditar.

— Está dizendo que você não esperaria cinco anos pelo amor da sua vida?

Seu maxilar se contrai. Ele parece prestes a responder, mas para, reflete e por fim diz:

— Eu esperaria o tempo que fosse necessário, mas ainda assim seria um tolo por me sujeitar a esse tipo de tortura. Não gosto de esperar por algo que quero.

— Você é só impaciente, então — concluo, com desprezo, passando à frente dele.

— Não é impaciência. É ser sensato. Se a oportunidade aparece e você não a aproveita, pode perdê-la. Brincar com isso é arriscado. — Ele me olha nos olhos. — Esperar o alinhamento perfeito das estrelas pode te deixar de mãos vazias.

Chego mais perto, até nossos ombros se tocarem, e pergunto:

— Então você já passou por algo parecido? — Arqueio a sobrancelha.

— Algo assim. — Ele umedece o lábio inferior, os olhos fixos em uma escultura de ferro de dois corpos nus entrelaçados. — Não deu certo.

Antes que eu tenha chance de perguntar mais alguma coisa, o guia da galeria nos chama para a próxima seção, cheia de esculturas dramáticas. Nós nos reunimos com o grupo e seguimos com eles. Finjo estar fascinada pelas obras de pedra, vidro e metal.

— Foi isso que você teve com seu ex? Uma “grande história de amor”? — pergunta ele, interrompendo minha análise das formas estranhas e distorcidas à nossa frente.

— Eu achava que sim, até levar um pé na bunda sem cerimônia, depois de toda uma cerimônia. — Ele franze as sobrancelhas, confuso, então explico: — Ele terminou comigo na festa de trinta anos de casamento dos meus pais.

— É, eu soube… Foi pouco antes do Natal, não foi?

A lembrança daquela festa de Natal e os dias que se seguiram preenchem o espaço entre nós.

Ele pigarreia.

— Você nunca chegou a me contar o que aconteceu.

Não é bem uma pergunta, e sim uma declaração de que há algo pendente entre nós. É como se estivéssemos em um jogo de quem recua primeiro, de quem vai evitar o impacto das emoções que estão prestes a colidir. Olho para ele, para o contorno tenso de sua mandíbula, enquanto ele aguarda minha resposta. Respiro fundo e começo.

— Ele me pediu em casamento no meio da festa dos meus pais, na frente de cem convidados, com microfone e tudo.

O clima ao nosso redor parece mudar enquanto Bancroft me encara com mais intensidade, como se tentasse decifrar as memórias nebulosas que invadem minha mente.

— Eu tinha acabado de fazer o discurso que me deixou nervosa por dias. Falei sobre meus pais, o amor que sentem um pelo outro e como o amor verdadeiro nunca se desvia de seu caminho. — Suspiro. — Fiz as pessoas rirem nos momentos certos, se emocionarem um pouco, e até preparei uns slides com fotos deles ao longo dos anos. Eu terminei e todos aplaudiram. Finalmente me senti relaxar, pronta para curtir a festa. Só que aí o William segurou minha mão e pegou o microfone…

A galeria some ao fundo e eu me vejo novamente no palco, com todos me encarando, sorrindo, chorando, aplaudindo. Meus pais estavam no centro, abraçados, com sorrisos que transbordavam alegria. Meu pai tinha uma expressão cheia de orgulho e minha mãe enxugava as lágrimas dos olhos.

— Desculpe interromper, pessoal — disse William com aquele sorriso exagerado. — Estou tão feliz de estar aqui com vocês celebrando esta ocasião tão especial. Diane e Emmett, vocês têm algo que qualquer um deseja: um parceiro, alguém com quem contar, alguém para voltar para casa depois de dias longos e difíceis no trabalho. Eu só espero, daqui a trinta anos, ter isso com a sua filha.

As pessoas responderam com murmúrios e sorrisos de aprovação, e então ele continuou:

— Por isso, não consigo esperar mais.

William se ajoelhou, com os olhos brilhando de esperança.

— Gracie, quer casar comigo?

Todos os olhos se voltaram para mim, agora aguardando com ansiedade. A atmosfera calorosa evaporou. Fiquei completamente imóvel, com o rosto vermelho feito um tomate e olhos arregalados. Uma risada nervosa escapou da minha garganta e coloquei a mão no peito, onde meu coração batia tão forte que parecia prestes a sair pela boca. Antes que eu conseguisse registrar o que estava acontecendo, William me abraçou e virou meu rosto para longe da multidão enquanto os aplausos e gritos começavam, anunciando que eu havia dito sim.

— E disse? — A voz de Bancroft ao meu lado me traz de volta; por um momento, tinha esquecido que ele estava ali.

— Disse o quê?

— Você disse “sim”?

— Não! — respondo, enfática. — Não tinha anel, não havíamos conversado, nem nada. Ele simplesmente tomou aquela grande decisão sozinho e me colocou contra a parede com a pressão do que era esperado pela sociedade para garantir que eu dissesse “sim”.

Revivo a raiva enquanto lembro como queria ir embora, pensar, refletir sobre a situação. Mas, em vez disso, fui bombardeada com perguntas: “Quando vai ser o casamento?”, “Onde?”, “Que tipo de cerimônia vocês querem?”. Eu mal tinha processado o pedido e, de repente, já estava discutindo qual criança da família seria a daminha e o nome do nosso futuro filho. Não fazia sentido que ele tivesse feito aquilo sem me consultar ou, ao menos, me avisar. Ele sabia que eu odiava surpresas, ainda mais uma tão impactante como aquela, na frente de todos. Se eu não tivesse concordado, teria arruinado a festa dos meus pais, que tinham planejado e investido tanto na comemoração dos trinta anos de casamento.

— Quando voltamos para a casa dos meus pais depois da festa, perguntei por que ele tinha feito aquilo de forma tão pública, ainda mais quando mal tínhamos falado sobre casamento. — Mordo o lábio inferior. — Ele ficou bravo, ignorou completamente minhas perguntas e disse que eu teria tempo para planejar o casamento e o nosso futuro porque, agora que estávamos noivos, eu poderia largar o emprego e começar uma família.

Bancroft franze a testa, incrédulo, virando o rosto para mim.

— Quê?

— Foi o que eu disse! Ele simplesmente declarou que eu “sair pela cidade fingindo ser uma mulher de negócios” era algo inaceitável para ele. E, de algum jeito, conseguiu me fazer sair como a errada da história. Quando eu não quis ceder, ele terminou comigo e me mandou ir embora do apartamento *dele*.

O apartamento que ele comprou quando nos mudamos para Londres juntos, mas que ele sempre afirmou ser nosso. Ele ganhava três vezes mais do que eu, mas eu transformei o lugar em um lar com meu tempo, minha energia e o pouco dinheiro que ganhava. E então me expulsou assim que deixei de me encaixar nos planos dele.

O maxilar de Bancroft se contrai enquanto seguimos com o grupo até a próxima pintura.

— Por que não contou isso a ninguém quando voltou para Londres?

— Porque o fato de minha família saber já foi uma humilhação só. Meus pais têm uma história de amor incrível e eu simplesmente passei de noiva para solteira e desabrigada em questão de horas. O término já foi bem difícil e não consegui esconder de ninguém no trabalho. A gente trabalha em uma empresa que prega o conceito de almas gêmeas e amor verdadeiro; eu não queria que ninguém sentisse ainda mais pena de mim… então simplesmente omiti o *verdadeiro* motivo do término. Não conseguia falar sobre isso. Era doloroso demais.

Enquanto as palavras saem, sinto uma queimação no bolso onde o celular está guardado, onde as mensagens de William estão esperando.

Vejo a pergunta na ponta da língua do Bancroft, uma que eu mesma já me fiz tantas vezes: *Se ele tivesse pedido em particular, você teria dito sim?*

— Eu entendo por que não quis contar para ninguém… — diz Bancroft, se aproximando e tocando de leve meu antebraço, o que me faz levantar os olhos para ele. — …, mas quero que saiba que nunca teria sentido pena de você. Eu só… não sabia que tinha sido tão difícil assim.

Ele olha brevemente para a obra de arte e nós dois seguimos juntos para a próxima peça: uma folha de metal martelada que distorce nossos reflexos, nos transformando em silhuetas indistintas. Dou de ombros e permaneço onde estou, enquanto o grupo avança para a próxima sala.

— Não era como se estivéssemos nos falando naquela época.

A Hastings é uma maluca grudenta… Nem para uma rapidinha ela serve.

— Não, não estávamos — concorda ele.

Prendo a respiração para que o ar deixe de oxigenar o meu cérebro e me deixe burra o suficiente para perguntar:

— O que você teria feito se estivéssemos nos falando?

Ele bufa sem emoção e encara nossos reflexos deformados na superfície diante de nós.

— Teria feito de tudo para garantir que isso não te destruísse como destruiu. Teria te protegido disso. Feito o impossível para que você não desmoronasse e, se eu falhasse… teria guardado os pedaços até que você estivesse forte o bastante para se reerguer.

Meu corpo inteiro se cobre de arrepios, como um camaleão tentando se camuflar no quadro pontilhista ao meu lado. Com os olhos ardendo, me viro para encarar a parede.

Sinto sua mão pousar no meu ombro, e ele respira fundo, o calor de seu corpo atravessando minha camiseta fina de algodão, enquanto se aproxima para sussurrar:

— Grace, eu…

— Tudo certo aí atrás, pessoal? Vocês estão ficando para trás! — comenta o guia, rindo, enquanto o grupo todo se vira para olhar para os dois atrasados.

— Aham! — respondo imediatamente, secando as lágrimas.

Bancroft coloca as mãos nos bolsos e recua meio passo, cabisbaixo.

— É que ficamos tão emocionados… com a obra!

Dou uma risada nervosa e assinto, confirmando a mentira de Bancroft.

— Ah! — O guia gesticula e ri com gosto. — Não seria a primeira vez… fiquem à vontade.

— Já estamos bem. Acho que podemos continuar. — Bancroft dá um sorriso contido à medida que acompanhamos o grupo até a próxima pintura.



16

Meus saltos ecoam no piso de mármore travertino enquanto atravesso o saguão do térreo. Aceno para Dave, o segurança, e desejo uma boa segunda-feira enquanto saio no calor para buscar o almoço da Susie no restaurante asiático chique na esquina. Não gosto muito de ir lá porque sempre me lembra das vezes em que eu e Bancroft pedíamos comida durante nossas longas noites trabalhando juntos no escritório no ano passado.

— Se você acredita tanto na Fate, devia obedecer o que o biscoito da sorte diz — declarou Bancroft numa noite de inverno, após duas tigelas de *missoshiru* e um bocado de *dumplings*.

— Claro que sim — respondi. — Jamais desafiaria as regras dos biscoitos — brinquei, quebrando a casquinha açucarada e puxando a fitinha de papel.

Levantei-a para ler sob a luz fraca do escritório:

— "A utilidade de um copo está em seu vazio".

Bancroft assentiu, passando a mão no queixo.

— Sabe, sempre falei isso.

Eu ri.

— E o que isso quer dizer, então?

— Acho que quer dizer… — Ele pegou um copinho de plástico velho da minha mesa e o encheu com uma dose da vodca à temperatura ambiente que, naquela altura, era quase uma tradição em nossas reuniões noturnas. — … que você precisa esvaziar este copo.

Virei o conteúdo do copo de uma só vez, estremecendo com o gosto como se um fantasma tivesse atravessado meu corpo. Depois, coloquei o copinho virando para baixo na minha cabeça, como se fosse uma coroa de papel.

— Sua vez.

Ele quebrou o biscoito da sorte e pigarreou.

— "Siga o que seu chamado".

— Profundo. Me diga: Qual é seu chamado no momento? — Eu me inclinei para frente, como uma produtora entrevistando alguém para um documentário comovente.

Os olhos dele brilharam enquanto pensava, sorrindo para si mesmo e imitando minha postura. A proximidade dos nossos rostos me fez hesitar, mas não me afastei.

— Agora? — perguntou, a voz um pouco mais baixa que o normal.

Mantive minha posição, piscando para afastar a imagem repentina dele segurando meu rosto com as mãos e me puxando para perto. Era isso o que eu queria?

Com os olhos semicerrados, ele apontou para a pilha de *wontons* crocantes espalhados pela mesa.

— No momento, aquilo ali.

Afundei na cadeira, soltando uma risada nervosa antes de recobrar o senso e afastar a sensação elétrica que ainda percorria minha pele. *Deixe de ser idiota.*

— Você acha que alguém realmente escreve essas frases? — perguntou ele, mastigando um camarão crocante.

— Gosto de imaginar uma velhinha na fábrica de biscoitos da sorte, compartilhando sua sabedoria de vida com o mundo — respondi, sonhadora.

— Escrevendo suas memórias, uma frase vaga e apelativa por vez? — Ele sorriu de canto.

Estalei os dedos.

— Exato! Uma espécie de Confúcio comercial. Se colecionarmos todas, teremos um novo clássico literário em mãos.

— Parece que estaríamos fazendo um favor ao mundo — concordou ele.

Depois desse desafio, aquele virou nosso lugar preferido para pedir comida nas madrugadas, embora nunca tenhamos seguido adiante com a ideia de colecionar as mensagens dos biscoitos.

Meu celular vibra, me tirando da lembrança agradável. Eu tenho evitado olhar para o celular desde que respondi à confissão de William ao chegar em casa depois da visita à galeria:

Não acho que nos encontrarmos
agora seja uma boa ideia.

— Grace! — Uma voz ressoa pelo ambiente. Viro a cabeça imediatamente e vejo uma garota alta e lindíssima na porta de vidro, acenando com entusiasmo. Iris.

Droga, ela deve estar aqui para ver o irmão. Não estou pronta para reencontrar Bancroft tão cedo, não depois da nossa conversa na Calico. Desde o fim do tour, as coisas parecem ter mudado. Não de forma ruim, mas como se, ao nos conhecermos melhor, estivéssemos pisando em território desconhecido. Dou uma olhada para a porta, como se fosse a saída de emergência de um avião prestes a cair, enquanto minhas mãos começam a suar.

— Oi, Iris! — cumprimento com um sorriso involuntário enquanto ela se aproxima.

Seu sorriso angelical é tão contagiante que entendo por que as pessoas são obcecadas por acompanhar cada movimento dela nas redes sociais. Ela parece uma fada de festa mágica, vestida com um macacão rosa-choque propositalmente largo, que fica perfeito em sua silhueta magra, com presilhas de glitter azul e verde enfeitando os cabelos castanhos brilhantes. Ela caminha até mim e me dá um abraço apertado, do tipo que só se dá em velhas amigas que não se falam há anos, mas que estão radiantes de felicidade por se reencontrarem. Sua energia é acolhedora e revigorante, como uma fogueira, que atrai todos ao redor em uma noite fria. Uma diferença gritante da garota desamparada que estava desabada na mesa do Bar da Matilda.

— Como você está? — pergunto.

Ela baixa os olhos para as botas por um momento antes de me encarar novamente.

— Estou bem. — Seu sorriso perde um pouco do brilho. — Me sinto mal por arrastar vocês para o meu… — ela faz um gesto vago com a mão — caos.

— Não tem por que se desculpar — digo, apertando seu braço de leve. — E pode parecer um conselho batido, mas nunca tenha vergonha de pedir ajuda.

— Acho que só preciso começar a procurar amigas melhores. — Ela sorri. — Como você é para o Eric.

Engasgo, tentando encontrar as palavras certas:

— Nós não somos bem amigos. Somos colegas de trabalho.

— Bom, nunca conheci *nenhuma* das amigas ou… “colegas” dele. — Ela gesticula aspas no ar com suas unhas roxas e compridas.

O celular começa a tocar na minha mão. Embora deva ser a Susie perguntando por que a comida ainda não apareceu magicamente na mesa dela, aproveito a oportunidade para escapar do assunto. Mas quando vou atender, o nome que aparece na tela é *William*.

— Pode atender se quiser, não me importo. — Iris sorri com educação, claramente planejando retomar a conversa assim que eu terminar.

Dou uma risadinha nervosa, sentindo o rosto esquentar.

— Não tem problema. — Rejeito a chamada. — É só o meu ex.

O suspiro escandalizado de Iris ecoa pelo mármore e me arrependo do que disse na mesma hora. Iris tem um jeito de fazer você se sentir a pessoa mais interessante do mundo, o que sempre acaba me deixando com a língua solta.

— Não, não é nada disso — esclareço. — Ele só quer conversar.

Os olhos dela, que já são enormes, ficam ainda maiores.

— Ai, meu Deus! Que emocionante! — Sua exclamação ecoa, atraindo olhares. — Vocês vão voltar?

— Não… acho que não. Não tem nada de emocionante! — protesto, balançando a cabeça. — São só mensagens. Não é nada.

— O que não é nada? — pergunta uma voz calma e grave atrás de mim. Um arrepio percorre minha espinha.

— A Grace está trocando mensagens com o ex — anuncia Iris sem hesitar à figura que se aproxima, por cima do meu ombro. Fecho os olhos e passo a língua nos dentes, lutando para não dizer nada. Endireito os ombros e me viro, me preparando para encará-lo.

O cabelo dele está mais bagunçado do que o normal, mas os olhos continuam com aquele tom de azul quase irreal que parece perfurar os meus.

— Oiêêêêê! — cumprimento com uma voz melodiosa e me arrependo no instante em que vejo ele franzir a sobrancelha em uma expressão confusa.

Os olhos de Bancroft pousam nos meus lábios vermelhos por um breve segundo antes de se voltarem para o meu rosto. Ele me lança um olhar devastador de decepção e pergunta à irmã se está pronta para ir. Como se sequer tolerasse me dirigir a palavra.

— Aham, tchau, Grace! — despede-se Iris com um sorriso radiante, alheia à pá que acabou de me entregar para que eu entrasse em um buraco ainda

mais fundo. Ela me beija nas duas bochechas. — Foi tão bom te ver. Precisamos marcar de tomar um cafezinho.

Meu coração aperta com sua doçura genuína.

Bancroft passa por mim sem nem me olhar, e eu os observo enquanto se afastam, me lembrando de como as coisas mudaram desde a primeira vez que os vi juntos. Um frio cortante atravessa minha barriga ao pensar em voltarmos ao ponto em que estávamos antes de começar o projeto Ditto. Espero trinta segundos simbólicos antes de sair do prédio, na tentativa de evitar o constrangimento clássico do “já nos despedimos, mas estamos indo na mesma direção”. Mas não precisava me preocupar. Quando piso na calçada abrasadora e sigo rumo ao calor do metrô, vejo Bancroft abrir a porta de um carro para Iris e fechá-la logo após entrar.



17

Nove meses atrás

EB: Tá livre agora?

GH: Acabei de sair de uma reunião, pode falar.

EB: Me encontre no Wilfred's em quinze minutos,
tenho algo sensacional pra te mostrar.

O sininho da porta soou assim que entrei no café movimentado, e o cheiro doce de baunilha e avelã tomou conta das minhas narinas. Olhei ao redor, até encontrar Eric sentado à uma mesa no canto. Ele arqueou as sobrancelhas e fez sinal para eu me apressar e sentar.

— O que foi? — Joguei a bolsa na cadeira vazia ao lado.

Ele abriu um sorriso divertido.

— Nem um "oi"? "Quanto tempo"? Nada?

— Só fiquei fora uma semana. — Estava em uma viagem "de família" com o William e os meus pais. No fim das contas, acabei trabalhando quase todos os dias, o que deixou o William para lá de irritado. Fiz um gesto com as mãos, pedindo pra ele ir direto ao ponto. — Mas oi, quanto tempo. Como vai?

O sorriso dele ficou ainda mais travesso.

— Café?

O pires rangeu na mesa de madeira quando ele o empurrou na minha direção.

— Ai, meu Deus, será que dá pra me contar logo o que está acontecendo? — Peguei o café das mãos dele, ignorando o choque que percorreu minha mão quando nossos dedos se tocaram por um instante.

Tomei um gole; ele havia acertado meu pedido de sempre, mas eu estava irritada demais com as provocações dele para agradecer. Estar fora do escritório juntos já era estranho o bastante, mas não saber o motivo daquela reunião me causava uma ansiedade incômoda no estômago. Será que ele precisava falar algo que não era seguro discutir no trabalho? Algo que ninguém mais podia ouvir?

Depois de mais alguns segundos de sorrisos suspeitos, ele por fim cedeu.

— Tá, olha ali, mas seja discreta… — Ele apontou com o queixo para uma mesa atrás de mim.

Eu me virei e soltei um suspiro dramático. Uma máquina de vapor atrás do balcão chiou, abafando o som.

— Minha nossa, eu falei para ser discreta! — Eric cobriu o rosto com a palma da mão.

Apoiei os dedos no encosto da cadeira enquanto voltava a encará-lo.

— Você sabe que não sei ser discreta nem que me paguem.

Ele soltou uma risada rara, e o som aqueceu meu peito.

— Então trate de aprender rápido. Estou tentando passar despercebido.

— Mas aquele é o Jeffrey — falei.

— Isso mesmo — confirmou Eric.

— Em um *encontro* — continuei.

— Exato. — Eric tomou um gole da caneca. — Estou aqui para o bem dela.

Dei uma risada de deboche e olhei de novo para a mulher sentada à frente de Jeffrey. Era bonita, tinha cabelo loiro na altura do queixo e vestia uma camisa de algodão branca simples com calça jeans azul-escuro. Tomava pequenos goles no canudo de papel enquanto assentia com educação para algo que Jeffrey parecia explicar, com uma expressão impossível de decifrar.

— Não acredito que alguém aceitou sair com ele, ainda mais alguém aparentemente normal.

Eric ergueu as sobrancelhas em concordância.

— Ele não admitiu ainda, mas tenho quase certeza de que rolou uma manipulaçãozinha de algoritmo no Ignite para que esses dois pombinhos dessem match.

— Puta merda, isso é *muito* antiético.

Ele murmurou em concordância.

— Por isso me senti obrigado a ser o guarda-costas invisível dela.

O som de uma cadeira de madeira raspando no piso de cerâmica cortou o ar, e virei a cabeça bem a tempo de ver a companhia de Jeffrey jogar um *latte* gelado na cara dele.

O estabelecimento inteiro ficou em silêncio por alguns segundos; até a máquina de café parou de chiar. O único som era o dos saltos dela no piso e

do sininho da porta quando ela saiu. De boca aberta, me virei para Eric.

— Pelo jeito eu nem precisava me preocupar — declarou ele. — Essa aí sabe se defender.

Jeffrey tirou um canudo de papel molhado do ombro encharcado e passou um guardanapo no rosto.

— Nunca vi algo assim acontecer na vida real — falei, ainda em choque com a coragem da moça.

— Você claramente não é obrigada a passar tempo com babacas assustadores.

Recostei as costas na cadeira e tomei outro gole do café.

— Não, só com riquinhos mimados como você.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Está gostando do *latte* de graça?

Nossos lábios se curvaram ao mesmo tempo quando nos encaramos de verdade pela primeira vez em uma semana. Eu nunca admitiria, mas ele estava na pequena lista de pessoas com quem senti falta de conversar enquanto estive fora.

— Como foi a viagem? — perguntou Eric.

Nossa bolha estourou conforme minha mente deixava o Wilfred's e voltava à Grécia. Teve menos praia e museus, que era o que eu queria, e mais aventuras seguidas de jantares com meus pais. Trilhas matinais, pedalinhos nos lagos e subidas intermináveis de degraus de pedra branca até achar o melhor lugar para apreciar a vista. A viagem dos sonhos de William, mas não dos meus.

Tomei outro gole do café e dei de ombros.

— Foi bom, mas precisei trabalhar bastante.

— Susie te deu trabalho nas férias de novo? — perguntou ele, a testa franzida em irritação.

— Pois é, mas eu queria aproveitar o pouco tempo livre que tive para trabalhar naquela ideia do Para Sempre que te falei.

Ele assentiu, levando os lábios até a borda da xícara de café. Ele sabia o quanto a oportunidade de apresentar a ideia para a Susie era importante para mim.

— Não se incomodaram com isso? — perguntou, os olhos fixos em meu rosto.

Eu sabia que ele não estava falando dos meus pais. Por algum motivo, parecia estranho contar para Eric o que aconteceu na semana passada. Sentia que estaria colocando-o no espaço de "confidente". E, na verdade, contar a alguém sobre os vários desentendimentos que eu e William tivemos no nosso quarto de hotel, para que meus pais não ouvissem, só porque precisei responder a e-mails e atender ligações quando supostamente estávamos "de folga", parecia uma quebra de confiança.

Desenvolver projetos pessoais, que só poderiam ser feitos fora do ambiente de trabalho, também estava fora de questão. Meus planos para o Para Sempre, um possível recurso no aplicativo para manter a base de usuários do Fate após eles encontrarem o amor, haviam se tornado um sonho distante, rabiscado em cadernos velhos.

As palavras que William me disse começaram a ecoar na minha cabeça desde que voltamos para Londres.

"Está bem óbvio que você não sabe gerenciar seu tempo ou se organizar se não consegue tirar uma semana de folga sem a empresa desmoronar."

— Não, não se incomodaram — menti, tomando um gole do meu *latte* e desviando o olhar.

Eric franziu as sobrancelhas por um segundo e me observou com aqueles olhos gélidos, como se fizesse um raio-x emocional. Pigarreei e mudei de assunto rapidamente:

— E aí, não ficou tentado a manipular os algoritmos, igual o Jeffrey?

— Não preciso disso. — Ele deu de ombros, aceitando a mudança de rumo na conversa.

Soltei uma risada debochada, levantando as mãos em defesa.

— Tá legal, Sr. Capa de Revista, não sabia que você era assim *tão* disputado.

Era mentira. Sabia, sim, que ele era disputado. E dava para entender o motivo: a aparência dele só perdia para a personalidade. Segundo minhas amigas solteiras, bonito e engraçado era uma combinação difícil de encontrar em uma cidade cheia de caras do mundo financeiro e *personal trainers* com a mesma profundidade de um pires.

Ele passou os dedos na borda da xícara.

— Não preciso… porque estou saindo com alguém.

— Ah… humm… parabéns — falei, forçando um sorriso.

Eric sorriu de canto e inclinou a cabeça para o lado, com a luz refletindo na maçã do rosto.

— Parabéns? Não ganhei o Prêmio Nobel da Paz.

Minhas bochechas ficaram quentes enquanto eu tentava encontrar algo positivo para dizer.

— Não… é só que, sabe, uhul. — Acenei com as mãos como se estivesse comemorando, depois pigarreei. — Só estou surpresa. Achei que você "não namorava". — Imitei o tom baixo dele. Zombar dele, sim, isso esconderia o que eu estava realmente sentindo.

Eu me forcei a engolir a enxurrada de perguntas que pesavam no meu peito. Eu não tinha nenhum direito de saber como ela era, como se conheceram ou se ela tinha algum passatempo interessante. Não era da minha conta, mas isso não impediria que eu me sentisse consumida por isso.

— Acho que tenho mais nuances do que você imaginava.

Mais nuances para a mulher certa? Pisquei com força, me forçando a não pensar demais no motivo de eu me importar.

Engoli os sentimentos confusos e me contentei em falar sobre a reputação dele.

— Ela é herdeira ou modelo? — Meus lábios se curvaram; esse era um território confortável para nós dois, o ponto de interseção entre sinceridade e artificialidade onde nossa amizade habitava.

Ele soltou uma risada e revirou os olhos.

— Vai se ferrar… — E relaxou na cadeira. — As duas coisas.



18

EB: Quando você terminar de mandar mensagem, precisamos discutir a reunião de amanhã com o Heimach.

A mensagem aparece na minha tela no exato segundo em que minha bunda encosta na cadeira. Sério, ele tem algum rastreador ou algo assim? Leio três vezes e solto um suspiro exagerado, revirando os olhos enquanto me afasto da mesa, pego o notebook e caminho decididamente até a recepção da Ignite, onde me vejo frente a frente com Harriet, a assistente do Sr. Catcher. O CEO do Grupo Catch faz questão de que seu escritório fique ao lado do escritório da Ignite para proteger seu aplicativo principal.

Ela olha para mim e depois de volta para o computador.

— Bem-vinda à Ignite. Qual é o seu nome, por favor?

Eu a encaro em silêncio.

— Harriet?

Ela me olha de novo, um sorriso se abre em seu rosto e a voz transborda animação:

— Meu Deus, para tudo! Eu também me chamo Harriet.

— Não, meu nome não é Harriet. É Grace. Da Fate? Grace Hastings? — esclareço.

— Ah, oi, Grace. — Ela parece um pouco desapontada por não ter encontrado uma xará. — Você não tem reunião marcada, tem?

— Hum, não — respondo com um sorriso educado.

— Então o que está fazendo aqui? — Ela volta a olhar para o teclado e começa a digitar, perdendo o interesse na conversa.

Eu me inclino e sussurro:

— Tem um rumor no oitavo andar de que a Ignite é comandada por alienígenas disfarçados de humanos. Fui enviada para investigar.

Ela pisca, inexpressiva.

— Deixa pra lá. Vim falar com o Bancroft. Sua Majestade está disponível? — pergunto.

— Ah, sim! — Ela ri. — O Eric está no escritório dele. Vou avisar que você está indo.

— Obrigada.

Ela sorri calorosamente.

— De nada!

Dou meia-volta, abrindo a porta para o salão principal, quando Harriet me chama.

— Ah, Grace? — Eu me viro, cheia de expectativa. — Poderia fazer a gentileza de entregar isso ao Jeffrey? Você vai passar pela mesa dele no caminho para o escritório do Eric.

Com as unhas feitas na manicure, ela estende uma pilha grossa de papéis. Jeffrey é o epítome perfeito da cultura da Ignite e ele me dá arrepios, assim como dá em praticamente todas as mulheres do Grupo Catch.

— Com o maior prazer — respondo com ironia.

Ela não percebe o tom e me lança um olhar agradecido.

Entrar no escritório da Ignite é como atravessar para um universo paralelo onde o feminismo nunca existiu. Nunca entendi por que colocaram as equipes de Desenvolvimento de Produto logo na entrada. Talvez seja porque o café e os lanchinhos grátis ficam a um braço de distância, mas a impressão inicial que passa é terrível. Todos adotam um *dress code* de camisetas manchadas com memes, calças jeans ou de moletom frouxas, finalizando com os tênis mais caros que já vi na vida. Nada expressa tão bem "ganho uma fortuna, mas não me dou ao trabalho de tomar banho" como desleixo em cima e ostentação embaixo.

Em contrapartida, as mulheres da Ignite estão sempre impecáveis, desde os rabos de cavalo perfeitamente alinhados até os saltos altos.

— Gracie Hastie! — Jeffrey aponta as mãos como se fossem pistolas na minha direção enquanto me aproximo da mesa dele, tentando me encolher o máximo possível.

— Jeffrey… Schmeffrey — digo, fazendo careta.

— O que a traz à minha… humilde residência? — Ele abre os braços, indicando as quatro telas de computador que formam um semicírculo brilhante ao seu redor.

— Códigos para os mísseis nucleares, da Harriet — digo, balançando os papéis em sua direção. Seguro a ponta da pasta o mais longe possível sem jogá-la como quem arremessa uma chinela em uma barata.

— Valeu, gata. Aliás, você está incrível. Vai a um encontro?

Olho para a minha roupa: blazer preto, calça jeans e uma camiseta vintage dos Rolling Stones.

— Velório — respondo, no tom mais seco possível.

— Ah, sim… — Ele franze os lábios, me analisando. — Deve ser o meu velório de caixão fechado, porque eu ficaria em pé só de te ver… se é que me entende. — Ele dá uma piscadela.

— Ainda bem que arrancam seus olhos antes de embalsamar.

Ele dá uma risada.

— Tá com a língua afiada hoje. Se precisar de um ombro amigo, é só chamar.

— Pode deixar! — respondo, sarcástica, enquanto atravesso as fileiras de mesas. Hesito ao sentir o celular vibrar no bolso, a curiosidade me consumindo. — Na verdade, se não estiver muito ocupado, pode me ajudar?

— Nunca estou ocupado para você. — Ele dá outra piscadela novo.

— Ótimo. — Abro um leve sorriso. — Pode me ajudar a encontrar uma conta?

Mostro a captura de tela do perfil do William como se fosse um cartaz de "Procura-se", tentando não tremer a mão.

— Claro — diz ele, dando de ombros. — Mas tem um preço.

Meu estômago dá um nó enquanto calculo na mente meu saldo bancário.

— Quanto você quer? — pergunto, tentando não remexer no colar.

Ele balança a cabeça.

— Não quero dinheiro, linda.

Cruzo os braços.

— Quer o quê, então?

— Quatro palavras: eu, você, jantar lagosta. — Ele sorri, exibindo dentes amarelados de café.

— Que tal… — começo, em um tom sugestivo, me aproximando e baixando a voz. Ele se inclina para a frente na cadeira, ansioso para ouvir. — … você fazer isso por mim, e aí eu não conto para todas as minhas colegas que você ainda mora com sua mãe e os seis gatos dela?

O rosto dele empalidece. Não conto que todo mundo na Fate já sabe disso, mas nem é por isso que o evitam.

Ele pigarreia e volta a digitar no teclado, evitando meu olhar.

— Preciso do número do celular associado à conta.

Abro o contato do William e recito o número em voz alta.

Ficamos em um silêncio desconfortável pós-chantagem por alguns segundos enquanto o software do Jeffrey filtra milhões de usuários do Ignite para encontrar a conta certa.

— William… Salter? — pergunta.

Faço que sim com a cabeça.

— Há quanto tempo ele tem uma conta?

— Parece que ele criou há alguns anos. — Os olhos minúsculos dele continuam analisando as informações da conta. — Está procurando algo em específico?

Meu coração começa a bater tão forte que o sinto nas costelas. Tento controlar a respiração, para não dar ao Jeffrey o prazer de me ver desconfortável.

— Ele deve ter criado a conta e se esquecido dela — digo mais para mim mesma do que para Jeffrey.

— Hummmm. — Ele estreita os olhos para a tela. — Nada disso… ele é bem ativo desde que criou a conta.

Ouço o som de uma porta se abrindo. Jeffrey levanta os olhos brevemente à medida que Bancroft se aproxima de nós a passos largos.

— Quão "ativo"? — pergunto em um tom tenso, ignorando o olhar cada vez mais incisivo de Bancroft.

— Só um segundinho. A conta dele tem algumas barreiras extras de proteção, o que é estranho para este nível de assinatura.

— Você consegue driblar? — pergunto, me inclinando em direção à tela, tentando manter a voz controlada.

— Grace — chama Bancroft em um tom baixo, de trás das telas que nos separam; sua voz parece distante por causa do zumbido alto nos meus ouvidos.

— Hum, ele entra quase todos os dias há uns quatro anos eeeee… — Jeffrey arrasta a última palavra, rolando a tela para baixo — a conta foi denunciada várias vezes por enviar fotos obscenas.

Arrepios percorrem cada centímetro do meu corpo enquanto encaro as linhas e mais linhas de registros documentados de logins na conta do William. O zumbido aumenta, como um macaco de brinquedo batendo címbalos incessantemente entre minhas orelhas.

— Espera. — Ele olha para Bancroft. — Esse não é o mesmo cara que *você* me pediu para pesquisar? Não podia simplesmente ter mandado o *seu*

arquivo para ela?

O zumbido para de repente, substituído por um silêncio ensurdecedor.

Eu me viro devagar e encontro Bancroft parado a poucos passos, com o rosto tenso e impassível. Ele ignora completamente Jeffrey e foca um olhar firme nos meus olhos, que começaram a marejar.

— Precisamos conversar, em particular. — Ele caminha para longe, com as mãos enfiadas nos bolsos.

Entramos no escritório em silêncio absoluto e ele indica que eu me sente no sofá Chesterfield de couro vinho, acomodado em um canto. Sim, ele não só tem um escritório próprio, como também um grande o suficiente para ter áreas separadas para trabalho e conversas informais.

O ambiente inteiro transmite um ar reservado, mas sensual, que faz total sentido para a personalidade que mostra no trabalho. As paredes são revestidas de armários e prateleiras preto fosco. O piso, de madeira escura, é parcialmente coberto por um tapete estampado em tons de preto e marrom, que combina com sua mesa de madeira moderna. Se este ambiente fosse uma peça de roupa, seria uma camisa de gola alta preta de *cashmere*: profissional, sem afetação e extremamente confortável. Quero perguntar por que ele passava tanto tempo na minha mesa apertada e cheia de migalhas quando poderíamos ter vindo aqui, mas sua voz fria me traz de volta ao presente amargo.

— Quer beber alguma coisa? — pergunta, se sentando ao meu lado. Ele olha para o meu braço e flexiona a mão, antes de escondê-la sob a própria perna.

— Quero que me mostre o que quer que seja que o Jeffrey mencionou — respondo, com os olhos fixos nas paredes escuras e abissais.

É como se eu estivesse tendo uma experiência extracorpórea, mas ao mesmo tempo meu corpo está sendo lentamente esmagado por um rolo compressor. De alguma forma, não estou presente, mas estou hiper consciente de cada grão de poeira flutuando nos raios de luz intensa que entram pelas janelas.

— Não acho que seja uma boa ideia. — Sua voz parece manteiga derretida.

Viro a cabeça em sua direção, tentando avaliar o quanto vai doer. Sua expressão oscila entre culpa, pena e medo, tudo isso escondido sob uma

máscara de neutralidade pouco convincente. Minha testa se franze enquanto tento permanecer calma, mesmo com a raiva surgindo, clara e incontrolável.

— Acho que você não está em posição de decidir o que é ou não uma boa ideia no momento — declaro, firme. — Me mostra. Agora — repito lentamente, com o *senão* mudo, mas claramente implícito.

Suas pupilas se contraem parecendo lasers acumulando energia antes de causar uma completa destruição.

Ele suspira, pigarreia e se levanta, alisando as mãos nas calças azul-marinho. Seus ombros estão tensos à medida que ele pega uma pasta de papel pardo de um arquivo alto de metal no canto da sala. Ele a coloca na mesa de centro feita de vidro diante de mim, enfia as mãos nos bolsos e, com o maxilar tenso, gesticula de leve com a cabeça na direção da pasta.

— Tudo o que você quer saber está aí.

Eu encaro a Pasta da Destruição e depois olho de novo para o rosto dele. Sua boca está franzida e as sobrancelhas unidas no centro. Talvez, se eu não tivesse acabado de receber uma série de mensagens de William dizendo que terminar *não foi a melhor decisão para nenhum de nós*, eu pudesse ter deixado isso para lá. Poderia ter pegado a pasta, jogado na trituradora mais próxima e transformado os pedaços em cinzas. Sei que isso provavelmente seria melhor para minha saúde mental a longo prazo, mas isso não impede minha mão de abrir o fecho elástico e deixar os papéis caírem sobre a mesa.

Mensagens, fotos e planejamentos se espalham pela mesa como fotografias de uma cena de crime. Uma linha do tempo de traição e engano traçada por quase todo o nosso relacionamento. Bancroft encosta na mesa em silêncio, olhando para as próprias mãos. As páginas se misturam na minha mente enevoada, virando letras sem sentido e pele até se transformarem em uma sopa de palavras, decorada com seios, lábios e fotos explícitas como complemento.

De repente, meus olhos param em uma data: três dias antes de ele me pedir em casamento. Pego a folha da mesa com tudo.

Laura: Ontem à noite foi incrível Bjs

William: Semana que vem vai ser ainda melhor ;) Bjs

A página escorrega da minha mão trêmula e cai no chão. Bancroft e eu acompanhamos a queda com os olhos; depois nos levantamos, em

sincronia, para nos encarar. Tudo o que consigo ouvir é um gongo gigante retumbando na minha mente.

Dou um passo em direção a ele, com a cabeça girando, e, com uma voz rouca que nem parece minha, pergunto:

— Há quanto tempo?

Ele contorna a mesa em minha direção, estendendo os braços para tocar os meus. Eu recuo, cruzando os braços na altura do peito. Bancroft dá um passo para trás e levanta as mãos.

— Há quanto tempo você sabe? — repito, mais alto dessa vez.

As paredes escuras parecem estar se fechando ao meu redor, me comprimindo, me prendendo, mas é o meu próprio corpo que está encostado na parede rígida.

Ele olha para o chão e depois para mim, com os olhos semicerrados.

— Eu descobri depois que vocês terminaram, alguns meses depois que a gente… — Ele pausa, procurando as palavras certas. — … depois que paramos de nos falar. A conta dele foi denunciada várias vezes por enviar fotos sem consentimento, e eu reconheci o nome. Não queria que mais ninguém ligasse os pontos e falasse disso com você, então enterrei o assunto.

Engulo o nó duro que se forma na minha garganta.

— E nem teve a decência de me contar?

— Você não estava falando comigo. Você disse que não queria mais ser minha amiga — responde ele com frieza. — A última coisa que eu queria era te causar mais dor.

— Pois, parabéns. Você fez um trabalho *excelente*. — Minha voz falha.

Eu me sinto como uma bolsa sendo virada de cabeça para baixo, com tudo o que é importante caindo de uma vez e rolando para debaixo do sofá, para nunca mais ser visto.

A voz dele suaviza enquanto seus olhos se voltam para o chão.

— Eu só… não sabia como te contar quando você mal conseguia ficar no mesmo ambiente que eu.

— E agora? Você podia ter me contado quando falei dele na galeria *ou quando a Iris te disse que ele estava me mandando mensagens*! — As palavras saem entredentes, cheias de raiva.

— Me desculpa — insiste ele. — Eu achei que… eu só queria te proteger. — Seus olhos, normalmente tão vivos, agora parecem cobertos por uma

nuvem de tempestade quando ele intercala entre olhar para mim e para os papéis.

Dou uma risada curta e amarga, minha garganta apertada.

— Era isso que estava fazendo? Me protegendo?

— Eu não queria que ficasse ainda mais magoada do que já estava. Queria te contar, mas parecia que eu só estaria colocando sal na ferida — desabafa ele, passando a mão nos cabelos em um gesto desesperado.

— Ah, então falar mal de mim no seu escritório *não* foi isso?

A Hastings é uma maluca grudenta… Nem para uma rapidinha ela serve. As palavras ecoam na minha cabeça, sobrepondo-se às que ele está dizendo agora, como um refrão doentio.

Ele pisca os olhos e para de andar de um lado para o outro.

— O quê?

Abro a boca e levanto as mãos, incrédula, me apoiando na parede quando meus joelhos começam a fraquejar.

— Perfeito. — Aponto para ele, tentando desesperadamente afastar a dor dos meus olhos. — Então você fala para todo mundo do seu escritório que eu sou maluca, desesperada e ridícula, e nem sequer se lembra. Simplesmente… perfeito.

Cruzo os braços, segurando a parte do meu corpo que parece estar respirando pela primeira vez depois de levar um soco.

Ele franze o cenho e balança a cabeça, confuso. Eu apenas o encaro até que, por fim, sua expressão suaviza e ele dá um passo à frente.

— Grace… eu não sabia que você tinha escutado. — Ele esfrega a nuca e depois hesita antes de tocar meu braço, o calor queimando a pele arrepiada. — Acreditaria em mim se eu dissesse que não foi o que pareceu?

Mantenho a boca bem fechada enquanto olho para o lado. Agora que tudo isso veio à tona, sei que qualquer palavra minha sairá trêmula e carregada de lágrimas. Não quero responder, muito menos lhe dar esse gostinho. Afasto o braço.

— Sinto muito — diz, abaixando a cabeça.

— Claro que sente. — Eu fungo, virando o rosto para evitar o olhar intenso dele, sabendo que desabaria só de ver a expressão de dor em seu rosto.

Bancroft olha para o teto, murmura um palavrão e depois baixa os olhos novamente para mim.

— O Jeffrey ficou sabendo do seu término e disse que ia tentar alguma coisa com você. Eu não queria que você tivesse que lidar com aquele asqueroso em meio a tantas coisas e entrei em pânico. Admito que não foi a melhor ideia que já tive, mas eu só disse aquilo para afastá-lo de você. Eu te juro, Grace, não era uma opinião sincera. Não era para ninguém mais ter ouvido, eu prometo.

Cruzo meu olhar com o dele, cheio de arrependimento e ternura, e suspiro, sentindo como se estivesse de ressaca pela quantidade de emoções conflitantes.

— Não quer dizer que não doeu. — Viro o rosto para limpar com a mão uma lágrima que escapa, de forma desajeitada.

Ele franze a testa, segura meu queixo com delicadeza e ergue meu rosto até nossos olhos se encontrarem.

— Foi por isso que você se recusou a falar comigo? Por isso me deu um gelo?

Assinto, os fantasmas do choque e da traição ainda vibrando na minha pele como se tudo tivesse acontecido ontem.

— Porra, Grace. Achei que fosse porque você estava constrangida com o que aconteceu entre a gente. Esse tempo todo, nós poderíamos ter… Caralho, me desculpa.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, nossas respirações pesadas e aflitas se misturando no pequeno espaço entre nós. Descruzo os braços e os deixo pender ao lado do corpo. As mãos dele me acompanham, descendo lentamente pelos meus braços, como se atraídas magneticamente. Meu corpo esquenta quando ele inspira fundo.

— Só para constar, você nunca precisou sentir vergonha. Grace, se as coisas tivessem sido diferentes naquela noite na festa de Natal…

— Não… — interrompo, pressionando as mãos em seu peito, que está quente. — Eu não preciso da sua compaixão. Só… preciso de um tempo.

Eu sei que tenho que clarear a mente, porque não consigo compreender muito bem o que está me deixando tão abalada, qual traição dói mais. A da pessoa que tentou me forçar a viver a vida que ela queria ou a da pessoa que guardou segredos sob o pretexto de “me proteger”. Não consigo entender por que a mentira de Bancroft me machuca tanto quanto a traição de William.

Susie já foi para casa, então consigo sair do escritório sem chamar atenção. Quando enfim chego ao apartamento, solto um suspiro de alívio que estava preso dentro de mim há meses, mas, antes de largar a bolsa no chão, sinto uma lágrima quente escorrer pela bochecha. Tudo vem à tona. William, Fate, Bancroft, a pressão esmagadora da promoção, a traição, a minha estupidez e cegueira diante do óbvio. Meu peito parece se romper e solto um soluço profundo. *Deixe fluir*, minha mente diz para si mesma, para o meu coração, para todo o meu corpo enquanto tremo e desabo no chão.



19

Que tal pedirmos uma pizza? — pergunta Alice, ao me ver aninhada em cobertores de lã no sofá pela segunda noite seguida. Essa mulher tem o metabolismo de um urso-pardo. Ela é capaz de devorar um bolo de aniversário de sete andares e ainda sair por aí em um vestido colado para ir comprar burritos.

— Não teria sido melhor a gente ter pedido pizza antes de comer as montanhas de sorvete? — questiona Yemi, apontando para a pilha de tigelas de cerâmica pontilhadas em cima da arranhada mesa de centro feita de madeira, junto com lenços manchados de lágrimas e taças de vinho meio vazias.

— O sorvete foi um caso de emergência e deve ser apagado dos registros oficiais — explica Alice.

— Gostaria de adicionar o saco gigante de batatinha e os dois gins-tônicas duplos ao registro, Meritíssima?

Alice faz um "hum" pensativo.

— Indeferido.

— Acho que não vou conseguir comer mais nada na vida — digo, acariciando minha barriga saliente, como uma mãe orgulhosa de seu bebê feito de comida. — Obrigada, meninas. Eu estava precisando disso.

A campainha toca e Alice se levanta do sofá e aperta o botão do interfone com o dedo com unha feita em manicure.

— Alô?

— Entrega — responde uma voz metálica.

— Terceiro andar, obrigada!

— Meu Deus, Al, você já tinha pedido a pizza? — Dou risada.

Ela ergue as mãos, com as palmas voltadas para nós.

— Juro que não fui eu!

Uma batida na porta ecoa pelo nosso corredor estreito e Alice caminha apressada para atender. Um homem com barba e sotaque *cockney* a pede que "Assine aqui, por favor, e aqui, e aqui". Depois, ouvimos a porta pesada

da frente bater, a corrente prateada tilintar e o som do papelão deslizando pelo chão de madeira.

— Errrr, gente? Eu vou precisar de uma ajudinha — grita Alice com um tom de esforço. Yemi e eu trocamos olhares confusos enquanto me desvencilho do meu casulo de lã. Chegamos à porta e encontramos Alice praticamente arrastando um pacote fino e quadrado envolto em papelão pelo corredor. Cada uma de nós pega um canto e juntas o levamos para a sala, apoiando-o com cuidado na parede creme.

— O que será que é? — pergunta Yemi, inclinando a cabeça.

— O entregador não falou. — Alice mostra um envelope pequeno e branco entre dois dedos. Yemi o pega e tira um cartão grosso de dentro. Ela o lê rapidamente e solta um suspiro, pressionando o bilhete contra o peito.

— É do *Eric*! — anuncia, com um sorriso travesso. Meu estômago dá um nó com uma mistura de apreensão e vergonha. O que poderia ter de tão chocante no bilhete? Pego o cartão; o papel tem uma textura fosca e cara. O logotipo no cabeçalho diz “CALICO” em letras cursivas em relevo. A galeria? Reconheço na hora a caligrafia firme, mas feia de Eric:

Antes que comece a pensar besteira,
isso não é uma tentativa de comprar o seu perdão.
É um pedido de desculpas por não ter sido um bom amigo, as duas vezes. Eu deveria ter te contado.
Manter segredo foi errado e peço desculpa.
Você merece muito mais.

Eric

O cartão treme nas minhas mãos. Alice se inclina e apoia o queixo no meu ombro, lendo a mensagem em voz baixa.

— O que tem no pacote? — pergunta, impaciente. — Podemos abrir?

Faço que sim com a cabeça, incapaz de falar.

Você merece muito mais. Leio a frase várias vezes.

Muito mais que o quê? Mais que o William? Mais que ele?

— Puta merda. — A exclamação de Alice me tira do transe. Olho para frente e vejo uma pintura parcialmente desembrulhada. Um lampejo de familiaridade surge à medida que mais papel pardo é retirado, revelando uma tela enorme de um metro e meio por um metro e vinte. Reconheço-a na mesma hora e arregalo os olhos. Puta merda mesmo.

A pintura, ainda meio coberta pelas embalagens, é a mesma que vimos na galeria. A que eu disse que gostei.

— O que é? — pergunta Yemi, observando as pinceladas abstratas que formam a figura colorida de uma mulher.

Boquiaberta, respondo:

— Não acredito. É uma pintura que eu falei que gostei na galeria.

— Uau. Parece cara — comenta Alice, admirada.

— Muito — confirmo, arqueando as sobrancelhas. Lembrar do preço na plaquinha ao lado do quadro na galeria me tira do meu estado de torpor. Balanço a cabeça. — Cara demais. Eu não posso aceitar.

— Mas você aceita o pedido de desculpas dele? — pergunta Yemi, sem tirar os olhos do quadro.

Suspiro, passando a mão no cabelo.

— Ele não precisava pedir desculpas. Acho que a questão nunca foi ele, na verdade. Acho que era eu. — Deixo o bilhete sobre a bancada, leio a última frase mais uma vez e depois encho de água um copo de vidro verde texturizado. — Estou com raiva do William por ser tão babaca, mas, acima de tudo, estou com raiva de mim mesma por ter caído que nem um patinho.

Exclui o contato do William assim que cheguei em casa. Não confiava em mim para resistir a mandar uma enxurrada de mensagens furiosas ou ligar, bêbada, para gritar com ele. Meu cérebro parece um pedaço de vidro sendo mergulhado em água gelada depois em fervente, prestes a rachar em pedaços irregulares.

Alice não para de encarar a pintura, seguindo com os olhos os tracejados fluidos que atravessam a tela.

— É linda. Ele deve gostar muito de você.

— Ou deve estar se sentindo muito, *muito* culpado — comenta Yemi, me trazendo de volta à realidade.

— Bom, ele não é o único. — Tomo um gole da água para limpar a voz trêmula da garganta. — Provavelmente só está tentando restabelecer a nossa trégua antes da reunião importante que ele marcou no hotel amanhã.

Você merece muito mais.

Tentar organizar meus pensamentos é como tentar embaralhar um baralho usando luvas de forno. Procuro, em algum recanto escondido da minha mente, o motivo que explique por que me sinto mais traída pelo Bancroft não ter me contado do que pelo William ter feito o que fez. Mais do que qualquer coisa, me sinto uma idiota. Será que eu estava tão frágil que ele achou que eu não conseguiria lidar com isso?

— Por mais que me doa concordar com o Eric, parece que ele não te contou pensando no seu bem. Ele queria te poupar de sofrer ainda mais depois do término — conclui Yemi, se sentando em um banquinho de metal à ilha da cozinha.

— Mas saber disso talvez tivesse me ajudado a superar o William mais rápido — digo, encarando o copo. Minha outra mão repousa sobre o cartão. — E me poupado da humilhação.

Alice estica a mão sobre a ilha e a coloca sobre a minha.

— Amiga, acho que você não tem ideia de como ficou mal depois que o William terminou com você. Você estava no limite. Mal comia, não falava com ninguém… Basicamente, estava com depressão de alto funcionamento.

Estremeço ao lembrar de mim mesma deitada na cama todas as noites, chorando tanto que queria vomitar. Da Yemi, que preparava o jantar para mim quase todas as noites e praticamente me obrigava a comer. Da Alice, que me fazia participar das noites de beleza dela, testando os últimos produtos de cuidados com a pele, cabelo ou corpo que a chefe dela ganhava e descartava. No trabalho, eu era apenas uma versão mais intensa de mim mesma, mas fora daquela bolha, mal conseguia me manter de pé. A verdade pesa em meu estômago como uma âncora se acomodando no fundo do mar.

Yemi me encara, uma ruga se formando entre as sobrancelhas enquanto observa meu olhar perdido no cartão.

— Não era o William que você estava tentando superar todo esse tempo, era? O que realmente aconteceu naquela noite?

— Que noite? — pergunta Alice, alternando o olhar entre nós duas, enquanto continuamos nos encarando.

Sem piscar, Yemi responde à Alice:

— Na festa de Natal da Catch em dezembro.

Sinto meus olhos começarem a arder.

— Acho que nunca contei a história toda para vocês.

Eu tinha acabado de ficar solteira, apenas cinco dias antes, tinha sido largada pelo William e expulsa do apartamento dele. A última coisa que eu queria era comparecer àquela festa, mas Catcher insistiu que todos os funcionários deveriam comparecer, e a Susie fez questão de dizer que eu precisava ir com ela. Era um evento absurdamente caro, realizado no topo do Edifício Gherkin, para comemorar os sucessos e o crescimento de todas as empresas do grupo. Meu objetivo principal da noite: encher a cara com coquetéis natalinos até esquecer meu estado de solidão e miséria. Meu grande feito da noite: passar vergonha de forma épica e irrestrita.

As luzes de Londres brilhavam ao fundo, enquanto uma multidão ria, bebia e balançava a cabeça no ritmo do set pulsante do DJ. Depois do meu sétimo ou oitavo (ou talvez nono) *mistletoe mojito*, minha cabeça girava e eu sentia a batida da música reverberando nos ossos. Susie tinha ido embora mais cedo, felizmente antes de presenciar minha performance no karaokê decorado com globos, onde desafinei uma versão lenta de *I'd Do Anything For Love (But I Won't Do That)*, cantando as partes masculinas e femininas de forma desastrosa. Insisti que Yemi tirasse fotos minhas na banheira decorativa ao lado do bar, cheia de gelo e garrafas de champanhe caríssimas. De tempos em tempos, eu examinava o ambiente na penumbra, emoldurado pelo horizonte de Londres, procurando rostos conhecidos. Aos poucos, os membros mais antigos das equipes do Grupo Catch começaram a ir para casa com suas famílias e parceiros e a atmosfera finalmente relaxou com a ausência dos chefes. Yemi foi se encontrar com o namorado e eu também queria ir embora, mas tudo o que me esperava em casa era a tristeza. Além disso, algo dentro de mim, impulsionado pelo álcool, dizia que minha noite ainda não tinha acabado, me incentivando a ficar. Evitei olhar meu próprio reflexo no espelho desgastado do bar, como se isso fosse trazer à tona a lucidez de mim mesma que tentava emergir. O objetivo daquela noite era esquecer quem eu era, como eu era e o porquê de ser assim. Meu reflexo era como a pele de uma cobra, pronta para ser descartada e se desintegrar na pista de dança.

Encostada no balcão do bar, mais por não ter certeza se conseguiria ficar de pé sem o apoio, pude sentir quando Bancroft entrou no local. Todo

mundo se ajeitou, como se quisessem mostrar o melhor de si para a sua grande chegada. Esse tipo de pessoa sempre me fascinou: alguém que chega atrasado e, com um simples olhar, uma palavra ou um franzir de sobrancelhas, domina o ambiente — exatamente o que ele estava fazendo quando me virei. E, para minha infelicidade, aquele franzir de sobrancelhas estava direcionado a mim. Encarei seu olhar intenso, mas brincalhão.

— Olha só quem resolveu aparecer — falei mais alto do que pretendia, enquanto ele se aproximava com elegância, cumprimentando aqui e ali alguns colegas no meio da multidão. Avaliei-o dos pés à cabeça e reparei numa jaqueta que nunca tinha o visto usar antes: uma jaqueta de couro bege, com lapelas marcantes. Ele tinha um dom para escolher roupas que o valorizassem, geralmente peças neutras e escuras, mas eu estava convencida de que havia uma mulher por trás disso. Nenhum homem hétero se veste tão bem sozinho.

— Estava me esperando, Hastings? — Ele tirou o copo da minha mão e tomou um gole, encostando os lábios onde os meus haviam estado, sem desviar o olhar.

— Você se acha demais. — Apertei o balcão gelado atrás de mim por um breve instante antes de afastar uma mecha de cabelo rebelde do rosto. — Estou me divertindo.

— Até que enfim — comentou ele com um sorriso contido.

— Imagino que estava se divertindo bastante por aí?

— Imaginou certo — respondeu com uma piscadela, e eu reagi revirando os olhos. Havia um leve brilho em seu olhar quando me encarou por um segundo, o que suavizou sua expressão. — Então… quer conversar sobre isso?

— Sobre como se divertiu esta noite? Ah, não, obrigada! — retruquei, tirando minha bebida da mão dele.

— Não, sobre… — ele fez uma pausa, escolhendo as palavras com cautela — ele.

Soltei uma risada falsa.

— Mas não quero mesmo.

A última coisa que eu queria era pensar ou falar sobre o William. Eu estava um caco, mas, de alguma forma, apesar do nível altíssimo de embriaguez a que estava chegando, ainda conseguia manter a pose.

— Ok. — Ele assentiu com firmeza e se inclinou por cima do meu ombro para falar com o barman. Alguns instantes depois, com um novo gim-tônica em mãos, retomou sua posição, me encarando até que o silêncio me fez ceder.

— Qual foi a impressão que você teve de mim quando nos conhecemos? — A pergunta deixou um gosto metálico na língua, como algo que eu sabia que não deveria provar, mas que queria experimentar só para ver como seria.

Ele tamborilou os dedos no balcão enquanto girava o gelo no copo com a outra mão.

— Quer mesmo saber?

A multidão atrás dele vibrou em gritos bêbados quando o DJ direcionou o holofote para o globo acima da pista, fazendo pontos brilhantes dançarem pela sala e transformando a festa em um globo de neve alcoólico.

— Aham — respondi, já arrependida da pergunta, sem saber se estava pronta para mais uma análise masculina, especialmente vinda de alguém cuja opinião me importava tanto.

Ele pigarreia e diz:

— Achei que você fosse uma santinha.

Soltei uma gargalhada, deixando escapar um gole da bebida, que foi parar no chão.

— Quem ainda usa essa expressão hoje em dia? — perguntei, limpando a boca molhada com o dorso da mão.

Ele levantou a mão em defesa.

— Ei, a educação em colégio particular não é mais o que era!

Ri mais um pouco, encarando meus pés.

— E agora? — perguntei, sem coragem fazer contato visual.

— Humm — disse Bancroft, pensativo, me obrigando a olhar para ele. Apertou os lábios por um segundo, olhou para a bebida e então voltou a me encarar com um sorriso travesso. —Agora eu te conheço melhor. Sei que você não é nem de longe tão comportadinha quanto faz parecer. — Sua covinha apareceu e sumiu em um instante.

Meu estômago deu um nó enquanto eu tentava impedir minhas bochechas de ficarem vermelhas. Minha boca se abriu e fechou em busca de uma resposta descontraída, mas, no fim, optei por tomar um bom gole da bebida

e mudar de posição. Senti o álcool atingir meu corpo na hora, o calor se espalhando pelas minhas pernas.

— E aí…? — perguntou Bancroft, com expectativa, os olhos fixos em mim, como se queimassem um buraco em minha cabeça.

— O quê? — Tomei um gole do drinque gelado e tremi quando o líquido frio desceu pela garganta.

— E quanto a mim? — perguntou. Um toque de nervosismo apareceu por um segundo nos olhos azuis dele, mas sumiu rapidamente. A garganta sombreada pela barba por fazer se mexeu quando ele tomou outro gole. — O que achou de mim no começo?

Olhei para os dedos dele, que apertavam o copo com mais força.

— Achei que você fosse puro gim e nada de tônica — respondi, o mais séria possível, endireitando a postura para dar ênfase.

Ele soltou uma risada curta e olhou para o copo quase vazio.

— E agora?

Tentei pensar em qualquer coisa que eu pudesse dizer em voz alta, mas a única coisa que consegui articular foi:

— E agora eu quero dançar.

Bati o copo com força no balcão e puxei o braço dele, todo elegante, em direção à multidão agitada, envolvendo totalmente seu antebraço com as duas mãos. Os olhos dele, preocupados, seguiram meus movimentos enquanto eu passava por entre nossos colegas vestidos com brilho. Fechei os olhos conforme a música aumentava e joguei os braços ao redor dele; usando os saltos mais altos que tinha, nossos rostos ficaram quase colados.

Aquela atitude, no meu raciocínio de bêbada, parecia uma boa forma de evitar uma conversa desconfortável, mas, ao fazer isso, acabei ficando fisicamente mais próxima dele do que nunca. Ver seu rosto tão perto me pegou de surpresa por um momento. A barba por fazer na mandíbula, as sardas sutis nas bochechas, o arco dos lábios carnudos: características que normalmente eram ofuscadas pelo olhar penetrante. Eu as guardei na memória, prometendo prestar mais atenção a cada uma delas no futuro. Senti suas mãos grandes se moverem pela minha cintura e me envolverem — provavelmente para me manter equilibrada, agora que penso a respeito. Enquanto tudo girava ao redor, meus olhos embaçados só conseguiam focar nele. Suas mãos em mim eram como estar em um carro de fuga; sem rumo, torcendo para não bater.

— Você é tão lindo — falei, franzindo o cenho. — Todo mundo diz que você é bonito, mas eu acho você lindo.

Ele riu.

— Você também não deixa a desejar. — Ele levantou a mão e afastou o cabelo da minha testa, agora suada. — Mas acho que esse elogio sincero é um forte indicativo de que você bebeu demais.

Mesmo quando éramos amigos, nossas conversas nunca tocavam em assuntos mais sérios.

Ignorei o que ele disse. Eu poderia beber mais um milhão de drinques! Eu era a Rainha dos *Mistletoe Mojitos* e nada nunca mais me impediria!

— Qual a sensação de ser adorado por todos na empresa? — perguntei com a voz abafada pelo ombro dele.

Ele deu outra risada, mas desta vez não alcançou os olhos.

— Nem todo mundo me adora — sussurrou no meu ouvido, apertando minha cintura de leve para dar ênfase.

— É, eu definitivamente só te tolero — falei, abraçando mais o pescoço dele e me balançando conforme a música, forçando-o a se mover no mesmo ritmo que eu.

— Eu também te tolero — respondeu ele, sorrindo de verdade desta vez. — Mas tenho a sensação de que você não vai mais me tolerar se eu deixar você continuar nesse ritmo e acabar com intoxicação alcoólica.

— Uuuuuuuu! — vaiei. Bem na hora, tropecei no salto fino e agarrei o cabelo dele para me equilibrar. Ele colocou a mão na minha, entrelaçando nossos dedos atrás da cabeça.

— Vem, vou pedir um táxi para você. — A voz quente dele viajou dos lábios curvados até os meus ouvidos, atravessando a música.

— Foto primeiro, depois a gente vai — falei parecendo uma criança, enquanto tropeçava para longe da multidão, puxando-o em direção à cabine de fotos do Grupo Catch. Dez minutos depois, ele finalmente conseguiu me conduzir até a saída.

A fila para o elevador estava muito comprida, então saímos do salão circular pela escadaria de concreto que fazia eco, com o braço dele firme em volta da minha cintura para evitar que eu caísse e quebrasse o pescoço. O movimento levantou ainda mais o meu vestido, mas não me importei, as luzes fluorescentes deixavam o mundo ainda mais embaçado. O vento gelado atingiu minha pele quando ele abriu a porta de saída de emergência e

me aconcheguei perto dele para me aquecer. As sirenes da polícia ecoavam pelas ruas escuras de Londres, preenchendo o silêncio enquanto ele pegava o celular e eu tentava, com dificuldade, digitar meu endereço na tela iluminada. Ele leu em voz alta para ter certeza de que eu não iria, acidentalmente, me mandar para Brighton.

— O Uber chega em alguns minutos. Como é possível que não esteja tremendo de frio? Seus braços estão gelados. — Ele me encarou, esfregando as mãos quentes nos meus braços desnudos.

— Cobertor alcoólico. — Sorri para ele, enquanto os faróis dos carros passando iluminavam seu rosto esculpido. Eu queria tocá-lo e não conseguia pensar em nenhum bom motivo para não o fazer. Coloquei a mão em sua bochecha e o observei se inclinar automaticamente para o meu toque, a barba curta roçando minha palma. Nossos olhares se encontraram e ele me deu aquele sorriso travesso. O sorriso que me fez corar no primeiro dia em que nos conhecemos. O sorriso que fazia meu sangue ferver. O sorriso que disparou eletricidade por todo o meu corpo com tanta intensidade que precisei apertar as coxas para fazer parar.

Ficamos assim por alguns instantes, paralisados nessa escuridão mágica e cintilante, onde podíamos baixar as guardas que mantínhamos durante o dia. Eu me aproximei dele até nossos peitos se tocarem, o calor de seu corpo me envolvendo. Ele encostou a testa na minha e fechei os olhos. A ponta do nariz dele roçou na minha e senti sua respiração quente na bochecha. Por fim, cedi à atração que vinha ignorando há meses, virando o rosto e levando meus lábios em direção aos dele. O impacto de sua boca macia e firme contra a minha enviou uma onda de choque por todo o meu corpo, como se tudo se encaixasse de uma forma que eu nunca tinha sentido antes, enquanto tentava aprofundar o beijo.

— Grace… — sussurrou ele em meus lábios, a voz baixa e carregada. — Não podemos… Eu não posso. — Sua boca se afastou da minha, deixando um vazio no lugar. Ele franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça como se pudesse ouvir todos os meus pensamentos.

— Por que não? — Fiz um biquinho, com os olhos ainda fechados. Meu ego estava tão bêbado que não queria aceitar a rejeição e sentia uma necessidade avassaladora de mudar o rumo da noite.

— Eu não posso. Não… desse jeito. — Ele parecia odiar a si mesmo por dizer isso, por tentar ser um cavalheiro.

— Eu nem bebi tanto assim! — Um soluço fora de hora destruiu meu argumento.

Ele balançou a cabeça.

— Nós dois sabemos que não é verdade. E, de qualquer forma, esse não é o único motivo.

Encarei ele, os olhos marejados pelo frio e pela rejeição.

— Não posso te beijar quando está pensando nele. — Seus dedos apertaram os meus ombros, como se fosse preciso muita força de vontade para manter as mãos ali.

Pela primeira vez desde que Eric chegou à festa, visualizei o rosto de William. Envergonhada, afastei os braços, cruzando-os na frente do peito, ainda presa no abraço parcial. Fiquei encarando o asfalto cheio de chiclete, piscando furiosamente.

— Ei, olha para mim. — A expressão dele era de uma doçura que eu nunca vira antes.

Nunca fomos amigos o bastante para passar tempo juntos fora do trabalho e, a cada respiração compartilhada, eu me dava conta de que talvez houvesse um bom motivo para isso. Não porque não nos gostássemos o bastante para ultrapassar aquele limite da amizade, mas porque nós dois sabíamos o que poderia acontecer se o fizéssemos. O que eu queria, o que eu precisava que acontecesse naquele instante.

Ele deu uma respirada funda e trêmula, mas antes que pudesse dizer algo, um carro buzinou e virou os faróis na nossa direção.

— Eric? — gritou um homem do banco do motorista.

E então, num piscar de olhos, embora um piscar bem lento e cansado dos meus olhos embaçados pelo álcool, Bancroft voltou a ser o de sempre.

— A lembrança seguinte que eu tenho é de acordar com a pior ressaca da minha vida e com o casaco dele me envolvendo como um casulo cheiroso e caro. — De volta à cozinha, dou um suspiro exasperado, vendo as expressões de choque de Yemi e Alice.

Eu não me lembro direito do resto da noite; é como um pesadelo terrível do qual você acorda, mas não consegue se lembrar, apesar de seu coração estar acelerado e o corpo suado.

— Ai. Meu. Deus. Não acredito que não contou para a gente! — exclama Alice.

— Eu não queria contar para ninguém. — Coloco a mão fria no rosto.

— E eu só suspeitei que *algo* tinha acontecido porque o Eric entrou em contato comigo para garantir que ela chegasse em casa em segurança — explica Yemi. — Ele queria confirmar o endereço porque a Grace estava bêbada demais para dizer.

Abro um sorriso rápido e com os lábios apertados para ela, pois é a única forma de explicar que, apesar de o término com William ter me abalado profundamente, perder Bancroft foi uma devastação que eu não esperava.

Suspiro e falo:

— Nunca agradeci às duas. Vocês basicamente me mantiveram viva, alimentada e limpa durante aqueles primeiros meses. Obrigada. — Meus olhos ficam marejados de gratidão.

— E o nosso plano brilhante funcionou. Conseguimos te fazer tomar banho! Muahahaha! — Alice mexe os dedos, girando no banquinho.

Yemi contorna o balcão e me abraça.

— É, na verdade, a gente só não queria você deixando nosso apê fedido.

— Como posso agradecer vocês? — pergunto com sinceridade.

— Humm… — reflete Alice, se virando para o pacote enorme que ocupa metade do corredor, com um sorriso travesso. — Que tal uma pintura ridiculamente cara?

— Ai, meu Deus. — Cubro o rosto com as mãos. — É um exagero. Eu tenho que devolver, né?

Encosto no balcão. Amanhã preciso ser uma profissional exemplar para a reunião importante no Hotel Heimach, sendo que tudo o que eu quero fazer e falar vai contra o Código de Conduta do Grupo Catch.

— Acho melhor deixar para decidir amanhã — sugere Yemi, dando de ombros. — Talvez você mude de ideia quando acordar.

— Ou quando o vir na reunião — acrescenta Alice.

Essa é a maior oportunidade de parceria da lista de contatos do Bancroft: uma reunião para dar aos usuários do Ditto acesso exclusivo à academia, aulas de ciclismo, spa e ioga no Hotel Heimach, além de descontos na hospedagem e no restaurante. Se eu estragar tudo por não comparecer, nós dois perderemos a chance de promoção. Esfrego os olhos. Como sequer vou começar uma conversa dessas? “Ei, obrigada pela pintura caríssima, mas, aproveitando, vá se catar por guardar um segredo daquele de mim. Está pronto para a reunião que pode definir nossas carreiras?”



20

Cadê o relatório? — A voz aguda de Susie ressoa no meu ouvido como unha arranhando lousa.

— Na sua mesa — digo ofegante ao telefone. Visualizo mentalmente a mesa dela; na maioria das vezes, a bolsa Chloé Marcie cobre praticamente tudo. — Talvez esteja embaixo de alguma coisa, mas…

— Não estou vendo. — Ela soa desesperada. — Meu bem, estou prestes a entrar em uma reunião muito importante e preciso desse relatório.

— Com certeza está aí, em uma pasta azul. Eu deixei antes de sair.

O celular bate no meu rosto enquanto ando apressada, quase correndo, pela calçada poeirenta. Saí na hora certa, mas parece que é sempre nos dias em que você precisa estar perfeita que tudo dá errado: metrô atrasado, calor sufocante e ter que fazer o resto do trajeto a pé. Pelo menos a brisa da caminhada ajuda a secar o suor da testa.

— Se “com certeza” está aqui, por que não encontro?

Estremeço por dentro. Susie não ficou muito feliz por eu sair do escritório duas horas mais cedo numa quinta para me encontrar com Bancroft e o dono do Heimach Hotel, então me passou uma tarefa de última hora como punição. O hotel finalmente desponta no horizonte de concreto, e eu começo a correr de salto alto.

— Já olhou debaixo da sua bolsa?

Ela fica quieta por alguns segundos; ouço barulhos do outro lado da linha.

— É por isso que você deveria marcar essas reuniões fora do expediente. Só está desperdiçando o meu tempo e o seu.

Pelo jeito ela achou o relatório.

— Vou lembrar disso na próxima vez. Tenho que…

— Próxima vez? — interrompe ela. — A pressão sob mim está enorme agora. Preciso saber se posso confiar em você.

— Eu só quis dizer… A apresentação da Ditto é daqui a algumas semanas, então… — Deixo a frase morrer no ar, sem coragem de dizer “espero não estar mais trabalhando para você depois disso” de um jeito que não termine

com minha cabeça sendo empalhada e usada como porta-chapéus na casa dela.

Quase posso ouvir os olhos dela revirando, como bolinhas de bingo girando no globo.

— Espero ver seu trabalho *de verdade* na minha mesa amanhã de manhã, de preferência num lugar onde eu não precise procurar?

— Claro. Tenha uma boa noite.

— *Tenha uma boa noite!* — repito para mim mesma com uma voz irritantemente aguda, me recriminando por tentar ser educada com uma hiena faminta e raivosa.

Chego às portas giratórias do hotel, que ficam entre um prédio comercial alto e reluzente e uma Blank Street Coffee. Respiro fundo e uso a manga para secar o suor do rosto e do cabelo. Meu terninho azul-marinho feito sob medida me faz sentir como se fosse uma versão feminina de Bancroft. Em dias quentes como hoje, eu normalmente opto por tecidos mais leves e cores claras, mas essa reunião é importante demais para arriscar estar malvestida.

Entro no saguão e o ar gelado me atinge como se estivesse atravessando o Ártico. Bancroft está de pé, conversando com um homem na outra extremidade do ambiente amplo com piso de ônix, mas ainda não me viu. Na recepção, um letreiro de mármore iluminado se destaca, e a palavra HEIMACH, escrita em luzes industriais, domina o ambiente. Funcionários elegantes, com cabelos bem alinhados com gel e macacões pretos, circulam apressados com iPads nas mãos. Este hotel é o ponto de encontro de gente criativa e descolada, que muitas vezes se espalham pelos sofás de couro verde do saguão com seus notebooks. Alice ficaria totalmente à vontade aqui. Observo os clientes, comparando-os mentalmente com a descrição do público-alvo do Ditto: jovens, únicos, estilosos. Parece que estamos no lugar certo.

Minha pele, úmida de suor, se arrepia no momento em que Bancroft nota minha presença. Ele avalia minha roupa com um leve franzido de sobrancelhas, tão discreto que quase penso ter imaginado. Yemi, como sempre, estava certa. Passei boa parte da noite passada encarando o teto, imaginando, cenário após cenário, o que deveria ter feito ou dito de forma diferente no escritório dele. Antes de enfim pegar no sono, cheguei à conclusão de que embora tenha doído, consigo entender por que ele preferiu não me contar.

Ansiando pelo sorriso característico dele, abro um sorriso tímido e de lábios fechados, e os olhos de Bancroft brilham com algo parecido com alívio antes de desviar o olhar. Ele está ao lado de um homem de cabelo loiro platinado, vestindo um terno listrado azul e verde-escuro e uma gravata vermelha chamativa. Deve ser Christoph Teller, o caçula da dinastia de hotéis da família Teller. Segundo a *Forbes* e a *Vanity Fair*, o pai dele e o pai de Bancroft, Malon, são grandes amigos. Quando me aproximo, eles parecem duas colunas de mármore guardando a entrada de um clube exclusivo para quem tem mais de 1,80m e contas bancárias recheadas.

— Ahh! — Christoph Teller junta as mãos com entusiasmo. — Você deve ser a Srta. Hastings. — Sua voz ecoa pelo saguão, firme, mas acolhedora.

— Eu mesma. Muito prazer, Sr. Teller. Peço desculpas pelo atraso, o metrô estava caótico.

— Por favor, pode me chamar de Christoph. — Seu sorriso perfeito brilha à medida que ele fala. Ele parece exalar uma alegria calorosa e contagiante, bem diferente do que eu esperava de um herdeiro de uma rede de hotéis multimilionária. — Eric falou bastante de você!

— Se alguma das histórias envolver uma aula de culinária, juro que não o esfaqueei de propósito — solto, sem pensar.

Christoph cai numa gargalhada aguda que ecoa pelas paredes de pedra preta como um sonar numa caverna. Olho para Bancroft de canto de olho, que me encara com uma expressão intensa, mas indecifrável. Estreito os olhos para ele, e ele rapidamente desvia o olhar para Christoph, que já parou de rir e começou a contar a história de um hóspede que se cegou tentando usar a técnica *sabrage* para abrir uma garrafa de champanhe. Mantenho um sorriso educado e rio nos momentos certos, até que Christoph sugere iniciarmos o tour.

Ele se posiciona entre mim e Bancroft, apoiando um braço em nossos ombros e nos guiando por um corredor escuro e atmosférico. Christoph tem a habilidade impressionante de falar sem parar, como se mal precisasse respirar entre as frases, suas anedotas se misturando ao tour guiado sem dar espaço para ninguém interromper, muito menos para conversarmos. Falar com Bancroft sobre o nosso desentendimento ou o quadro parece estar derretendo da programação como sorvete nesse calor.

Ele nos leva a uma academia banhada por luz natural, com pisos de carvalho, onde apresentamos a ideia de aulas de ioga como primeiros

encontros em grupo em um cenário de dar inveja.

— Vocês querem participar da aula de ioga? — pergunta Christoph, seu inglês ligeiramente marcado por um sotaque.

— Ah. — Dou uma risada nervosa, olhando para Bancroft em busca de socorro, mas ele mantém o rosto impassível. — Não se preocupe, não queremos atrapalhar.

— Que nada! — exclama ele, animado. — Vou pedir à minha assistente que inscreva vocês na próxima aula.

— De verdade, não precisa. Nem temos roupas apropriadas para uma aula de ioga desse nível! — insisto, tentando manter o tom leve enquanto o pânico cresce.

— Eu trouxe as minhas roupas esportivas. Posso usá-las. — Bancroft dá de ombros, com um vestígio do seu sorriso travesso no rosto. Claro que trouxe. Claro que vai usá-las. Seus olhos se voltam para mim. — Não é esse o objetivo? Experimentar antes de comprar?

— E temos roupas esportivas de uma marca parceira na recepção da academia. É só dizer que eu que te mandei até lá e vão providenciar tudo o que precisar. — Christoph sorri para mim e eu não tenho escolha a não ser sorrir de volta.

— Tá bom! — cedo, forçando um sorriso exagerado.

Ele nos guia pelo restaurante e bar com estrela Michelin, igualmente sofisticado e atmosférico, onde discutimos a realização de um evento de lançamento incrível para promover o aplicativo e o hotel. Em seguida, ele nos apresenta uma suíte deluxe king, que vai estar disponível com desconto para usuários que se inscreverem nos primeiros três meses. Por fim, ele nos mostra a cereja do bolo do Heimach Hotel: a cobertura.

Christoph ergue os braços em direção ao teto abobadado e declara que aquele é seu lugar favorito no mundo.

— Difícil discordar… É realmente lindo — diz Bancroft, cruzando os braços enquanto contempla a paisagem urbana de 360 graus. Meu olhar se prende à sua figura alta, parcialmente envolta pela luz intensa que entra pelas janelas que vão do chão ao teto.

O telefone de Christoph toca, e ele pede licença antes de se afastar para o outro lado da suíte, deixando-nos sozinhos na cozinha, com vista para os arranha-céus que parecem perfurar as nuvens como espetos de algodão-doce. O sol da tarde se derrama pelos espaços entre eles.

Entre nós dois, paira um sentimento de hesitação. Eu ainda não me recuperei completamente da mágoa que ele me causou, mas sou grata por sua tentativa de se redimir. Aproximo-me dele com um sorriso descontraído, tentando mudar o clima.

— Aposto que você não vê uma vista dessa com frequência, né?

Ele me olha por um instante, confuso, antes de fazer um muxoxo e voltar a prestar atenção na janela.

— Porque vim do inferno, né? Entendi.

Uma pontada de culpa surge no meu estômago quando ele não retribui o sorriso. Ficamos em um silêncio constrangedor até que Christoph reaparece de repente.

— Me desculpem — diz ele, surgindo do canto. — Uma de nossas hóspedes trouxe oito Lulus da Pomerânia, mas o quarto não estava preparado para receber cães. Vocês se importam de voltar à academia para a aula de ioga enquanto eu resolvo isso?

Seguimos para o corredor iluminado por uma luz quente.

— Sem problema. Foi um prazer finalmente conhecê-lo. — Bancroft estende a mão para apertar a dele. — Ligo para você amanhã para finalizarmos os detalhes do contrato.

— Claro, e foi um grande prazer, Srta. Hastings. Espero que possamos nos encontrar de novo.

— Vamos, sim. Eu acabei de reservar um quarto para mim e meus doze gatos — respondo com um sorriso. Christoph solta uma última gargalhada alta e dá um tapinha em nossas mãos ainda unidas.

Observamos ele praticamente saltitar pelo corredor, quando Bancroft sussurra:

— Acho que você não disse uma única frase que não o fizesse rir.

— Fazer o quê? Sou uma garota engraçada — retruco em um tom neutro.

— Você é engraçada mesmo, mas não do tipo “haha que engraçada!”… É mais do tipo peculiar. Deve ser a barreira linguística.

Meu peito aquece ao ver o sorriso travesso dele reaparecer. Com as mãos nos bolsos, Bancroft caminha em direção ao elevador. Fico aliviada por ele ainda estar disposto a brincar comigo.

— O verdadeiro humor transcende as palavras; você entenderia isso se não fosse tão… — faço um gesto vago em direção a ele — assim.

Aperto o passo para alcançá-lo quando ele entra no elevador e aperta o botão. Bancroft solta uma risada rápida e baixa, olha para o chão e depois para mim. À luz do ambiente, seus olhos refletem o brilho dourado das lâmpadas espalhadas pelas paredes, cheios de calor e possibilidades. Esperamos lado a lado as portas do elevador abrirem, ouvindo o barulho de metal da máquina. Depois de um silêncio breve, ele me lança um olhar sugestivo. Suspiro e me viro.

— Recebi o pacote.

Ele arqueia as sobrancelhas, e talvez seja por causa das luzes do elevador, mas seus olhos brilharam de um jeito que eu nunca havia visto antes.

— Eu até pagaria para saber o que pensou.

— Pagaria? — Cruzo os braços. — Pelo preço daquele quadro, sei que pode pagar bastante.

Ele não responde, mas os cantos dos lábios se curvam para cima. Decido deixá-lo sofrer um pouco mais.

— Ainda não decidi o que acho disso — digo com um suspiro dramático, jogando uma mecha do cabelo cacheado por cima do ombro, bem no momento em que as portas se abrem.



21

Seis meses atrás

Apesar de todos os esforços que Eric fez na reunião mensal do relatório de marketing, evitei seu olhar o máximo que pude, chegando a culpar o ar-condicionado por mudar para o lado oposto da mesa quando ele tentou se sentar ao meu lado. Nos dezessete dias desde a festa de Natal, ele vinha tentando desmoronar, tijolo por tijolo, o muro que ergui para mantê-lo afastado. Felizmente, tivemos um pequeno recesso de Natal, mas assim que voltamos ao escritório com meias novas e ressacas de conhaque, ele retomou a missão. Ele mandava mensagens que eu não abria perguntando o que eu faria no almoço, deixava cafés na minha mesa quando eu estava em reunião e chegou até a aparecer na noite em que costumo ficar até mais tarde. Só soube disso porque Hannah me mandou mensagem enquanto eu estava em uma autoproclamada "noite dos anos 1990" no bar com a Yemi, gritando letras catárticas das Spice Girls entre rodadas de coquetel Woo Woo que estavam na promoção de leve dois e pague um.

Durante sua apresentação, Eric pareceu desconfortável, bem diferente da figura calma e controlada que costuma ser nessas reuniões. Ele estava mais inquieto que o normal, alinhando os materiais de papelaria e limpando os óculos a cada cinco minutos. Talvez estivesse sentindo uma fração do que eu sentia. Quando olhei para ele, uma mistura de tristeza, arrependimento, desejo e raiva revirou meu estômago, pronta para ser despejada na mesa da sala de reuniões. Eu simplesmente não conseguia entender como ele podia ter dito aquelas coisas sobre mim e depois me olhar com tanta desolação.

Esse tipo de desespero não é nada atraente. É simplesmente ridículo.

Evitar seu olhar era fácil, porque toda vez que eu o encarava, as palavras ecoavam nos meus ouvidos. Passei as duas semanas seguintes tentando me convencer de que não foi ele; foi seu gêmeo malvado de novela, ele estava sob um feitiço, seu corpo havia sido possuído por um alienígena. Que ele era qualquer pessoa, menos aquele de quem eu estava começando a gostar.

Mas então me recompus, lembrando que não era a primeira vez que um homem em quem eu confiava me traía assim.

— Certo, preciso fazer uma ligação daqui cinco minutos. Obrigado, pessoal — anunciou o Sr. Catcher, já digitando no celular à medida que deixava a sala.

Desta vez, me senti grata à Susie por não me deixar nem digerir as últimas informações e já ir direto ao ponto.

— Precisamos incluir mais dados de ROI no resumo dos eventos especiais para a reunião do mês que vem. Deixe bem claro que a estratégia está tão forte quanto antes da aquisição.

Era uma instrução simples de lembrar, mas aproveitei para me concentrar totalmente no meu caderno, anotando as informações mais detalhadas que já escrevi, enquanto seguia Susie em direção à saída.

— Grace? — Eric esperou uma brecha para interromper nossa conversa.

Todos na sala viraram a cabeça para ele enquanto meu corpo inteiro se cobria de arrepios.

— Você pode ficar um minuto? — Ele levantou uma folha de papel. — Preciso comparar uma coisinha com os resultados da sua campanha.

Olhei para Susie e Dharmash: será que eu poderia dizer não? Acho que seria pouco profissional da minha parte mandá-lo ir se ferrar bem ali na frente dos nossos chefes. Ele forjou um sorriso educado para eles, mas eu podia ver que outra emoção estava tentando se manifestar.

Apertei os dentes.

— É claro.

Ficamos em silêncio até eles saírem lentamente da sala, deixando a porta entreaberta. Meus olhos permaneceram fixos numa mancha de tinta preta no carpete cinza. Os sapatos não engraxados de Eric entraram em meu campo de visão quando ele deu um passo à frente, as mãos erguidas como se estivesse iniciando uma negociação de reféns.

— Eu sei que você está tentando me evitar, mas *precisamos* conversar sobre isso. — Ele olhou pela parede de vidro da sala de reuniões para o fluxo de pessoas saindo para almoçar. — Fora do ambiente de trabalho.

Cruzei os braços, usando uma mão para pegar meu celular e abrir o aplicativo de e-mails.

— Estou cheia de coisas para fazer. Não tenho tempo agora.

Ele se remexeu, desconfortável, apertando o maxilar.

— Quando você vai ter tempo?

Mordi a parte interna das bochechas, tentando manter uma expressão de indiferença no rosto.

— Não sei, provavelmente nunca. — *Só mete o pé daí. Essa tática tem dado certo até agora. Uma hora ele vai desistir.*

Quando me virei para abrir a porta, ele estendeu a mão por cima do meu ombro e a fechou com delicadeza. Meus músculos ficaram rígidos ao ouvir o clique, meu olhar quase perfurando o anel de sinete dele. Estava mais opaco que o normal, mas eu podia ver seu reflexo distorcido no dourado enquanto o calor do corpo dele irradiava nas minhas costas.

Quando me virei, contrariada, para encará-lo, imaginei que ele recuaria a mão, mas ela continuou ali, pressionada na porta, acima do meu ombro. Meu peito arfava; meu corpo não sabia se deveria se jogar contra a porta até quebrá-la ou se ceder à proximidade como na noite em que dançamos na festa de Natal.

— Por favor… conversa comigo. — Senti uma pontada de dor crescente no peito ao ver os olhos dele brilharem de desespero, em busca de respostas.

— Não acho que tenhamos o que conversar. — Evitei seu olhar.

— Você está me ignorando desde que… — Ele parou, relutando em verbalizar o que havia acontecido. Como se aquela noite tivesse sido um sonho telepático que nós dois tivemos. Como se o que dissera sobre mim fosse tão trivial que já tivesse esquecido.

Eu não queria *mesmo* falar a respeito.

— Não é nada. Eu só ando ocupada — repeti, agitada demais para pensar em qualquer outra desculpa.

— Olha, eu entendo se estiver com vergonha do que aconteceu, mas eu não estou. — Ele balançou a cabeça de um lado para o outro, tentando me olhar nos olhos. Por um segundo, nossos olhares se encontraram e tudo ao nosso redor sumiu. De repente, estávamos de volta à rua escura, tão perto que eu conseguia sentir a faísca de eletricidade entre nós. Eric percebeu que eu estava baixando a guarda e se aproximou mais.

Sua mão deslizou da porta para repousar de leve no meu ombro.

— Você estava bêbada e fragilizada. Não precisamos fazer alarde do que aconteceu, se não quiser.

Voltei à realidade com um baque. Ele estava jogando a culpa toda para cima de mim. Como se ele não tivesse participado e depois decidido falar mal de mim pelas costas.

"A Hastings é uma maluca grudenta… Nem para uma rapidinha ela serve. Esse tipo de desespero não é nada atraente. É simplesmente ridículo."

Ele continuava falando, mas tudo o que eu ouvia eram sons abafados enquanto a raiva fervia dentro de mim. Ele estava me culpando por tudo. Nem imaginava que eu tinha escutado o que ele disse.

Ele queria voltar a ser meu amigo… para quê? Para que eu continuasse o ajudando a fazer o trabalho dele? Um sentimento parecido com vergonha subiu pelas minhas costas como uma aranha. Eu me senti como uma personagem de comédia adolescente: a garota nerd que cai no papo do cara popular só para fazer a lição de casa dele. E eu caí mesmo, que nem um patinho.

Quando ouvi as coisas horríveis que ele disse, soube que era o fim. Eu não estava desesperada a ponto de continuar uma amizade, ou seja lá o que isso fosse, com alguém que falava de mim pelas costas daquele jeito. Tudo o que eu queria era voltar para o meu cantinho no sofá da Yemi, me encolher em posição fetal e esquecer que algum dia fui amiga de Eric Bancroft.

Fiquei em silêncio, piscando lentamente para afastar qualquer emoção do rosto antes de finalmente encará-lo. *Machuque-o. Machuque-o como ele te machucou e tudo ficará mais fácil.*

— É, tem razão. Não foi nada demais. Eu só queria a única coisa que você tem a oferecer. E, já que deixou claro que isso não vai rolar, não preciso de mais nada vindo de você. Obrigada. — Pisquei devagar, mantendo o tom o mais neutro possível.

Seu maxilar enrijeceu e o choque reluziu em seus olhos azuis por um instante. Ele tirou a mão quente do meu ombro, enfiando-a nos bolsos e se afastando de mim com a mesma elegância de sempre.

A voz dele saiu baixa e fraca:

— Me perdoe por ter achado que fosse mais do que isso.

Meus tênis chiaram no chão quando me virei e praticamente corri para fora da sala. Parte de mim não queria ouvir mais nenhuma das desculpas ridículas dele, mas em grande parte porque eu sentia a emoção presa na garganta como uma bola gigante de chiclete, impedindo que eu respirasse direito. Meu coração batia tão forte nas têmporas que parecia um tambor,

exatamente como aconteceu com William. Só que desta vez não era o fim de um relacionamento. Nem mesmo o fim de uma amizade *de verdade*.

Isso nunca foi nada.



22

PLMDS, *não posso sair vestida desse jeito*

Mando no grupo do apartamento junto com uma selfie no espelho, vestindo a *legging* que a recepcionista da academia me deu.

Alice responde na hora.

Que conversa é essa? Você tá uma gata!

Olho para o meu traseiro nos espelhos do vestiário feminino. Essas calças para ioga são, sem dúvida, as peças mais apertadas que já vesti. Já estava apavorada com a ideia de fazer alongamentos em público, mas aí percebi a costura elástica passando bem no meio do meu bumbum.

Digito:

Não posso sair assim.

Por que não? Esse look te deixa meio dividida?

Nossa, como você é engraçada!

Respondo, tentando conter o sorriso. Yemi brinca:

É, Alice, essa piada foi meio bunda-mole…

Alice rebate:

Foi mal aí, gente, na próxima vou tentar mandar uma piada mais redondinha

Acho que esse grupo chegou no fundo do poço

Respondo.

Ainda bem que a camiseta branca com a marca HEIMACH vai até a metade dos meus glúteos. Sigo a caminho da academia e, logo de cara, dou de frente com o Bancroft saindo do vestiário masculino. Nós dois analisamos descaradamente as roupas um do outro, fingindo que é pura implicância.

Examino a camiseta preta justa e a calça para ioga que parecem absurdamente caras.

— O “Armazém dos Canalhas” estava em liquidação?

— Comprei no “Armazém dos Canalhas” pelo *valor de tabela*, obrigado por perguntar. — Ele arqueia as sobrancelhas e eu me esforço para não deixar meus lábios se curvarem.

Música calma de flauta e um aroma de incenso de jasmim preenchem o ar à medida que entramos na academia, agora cheia, e nos sentamos nos dois últimos tapetes pretos e macios.

— Essa aula deve ser um sucesso — comento, animada, com um sorriso que não consigo conter. Pelo que vi no Instagram do hotel, tem o dobro de gente que eu esperava.

Bancroft ignora meu comentário, preferindo observar a multidão com o maxilar travado e um pânico evidente nos olhos. Inclino a cabeça e franzo a testa para ele, mas antes que eu consiga perguntar o que houve, uma mulher na frente da sala ergue as mãos para todos. Ela tem cabelo grisalho cacheado e usa um conjunto verde limão de top e *legging* apertada de cintura alta.

— Bem-vindos. Meu nome é Crystal e eu vou conduzir a aula de hoje. Por favor, sentem-se. Antes de começarmos, se virem para o lado e segurem a mão do seu parceiro ou da sua parceira.

Meu olhar dispara pela sala enquanto vejo as pessoas começarem a se virar umas para as outras. Sinto um pânico crescente correndo pelas veias.

Nós nos encaramos, ambos com expressões completamente neutras, enquanto, a contragosto, dispomos as mãos uma sobre a outra de forma alternada, cada um com uma palma virada para cima. As mãos dele estão quentes, cobertas por uma fina camada de suor. Seguindo as instruções, empurramos nossas mãos, como uma versão moderna de queda de braço. Minha mão quase se perde na dele, seus dedos cobrindo os meus como ondas do mar quebrando sobre as pedras. As pupilas de Bancroft se dilatam e ele esconde um sorriso espertalhão enquanto eu me esforço ao máximo para vencer a “não competição”, tencionando os braços. Ele mal se esforça para me empurrar — deve achar mais divertido me ver tentando. Eric muda de posição, sem empurrar, mas se mantém estável enquanto minha pele toca a dele. Crystal por fim levanta as mãos, indicamos que devemos parar, e nós voltamos a colocar as mãos na lateral do corpo no tapete. A pressão de sua mão forte reverbera de leve na minha.

— Estão vendo quanta energia é desperdiçada quando trabalhamos um contra o outro? Nesta sessão, vamos focar na união.

Um pânico puro e absoluto percorre minha espinha, explodindo no meu cérebro como fogos de artifício.

— Espera aí, é… ioga para casais? — sussurro, com os olhos arregalados.

Ele contrai a mandíbula enquanto olha para a saída atrás de mim.

— Certeza que foi algum erro. Christoph deve ter nos colocado na aula errada. — Ele contrai a bochecha.

Passo a mão no cabelo e dou uma risadinha.

— Ou ele acha que somos um casal, como todo mundo insiste em achar.

O rosto dele se fecha e ele apoia as mãos no chão para se levantar.

— Melhor a gente ir embora.

— Quê? Acabamos de chegar! — respondo, incrédula.

— Não podemos fazer isso — retruca, os olhos se movendo rapidamente enquanto busca forma mais discreta de sair da academia. Talvez pela janela?

Estreito os olhos enquanto observo sua linguagem corporal: ombros tensos, mandíbula rígida, testa franzida. Era de se pensar que ele faria qualquer coisa para garantir que essa oportunidade de parceria desse certo, mas ele sequer suporta a ideia de ultrapassar um limite, se esse limite envolver os meus braços esticados? Chamusca na minha mente uma lembrança dele, com os pés apoiados na minha mesa, dizendo que eu não conseguiria me sentir à vontade em tocar esse projeto com ele. Eu o encontrei no meio do caminho todas as vezes que poderia ter ficado desconfortável, e ele está tentando fugir assim que as coisas podem ficar minimamente constrangedoras. Eu poderia muito bem deixá-lo ir embora e receber o crédito pela parceria sozinha, mas não posso fazer essa aula sem um parceiro. E *eu* não vou recuar.

Ele se agacha e eu seguro seu pulso com delicadeza, envolvendo apenas metade da largura com meus dedos, mas o mantendo no tapete comigo.

— Passamos as últimas duas horas ouvindo sobre cada lâmpada e maçaneta do prédio para fechar essa parceria. — As outras pessoas da sala começam a observar a nossa interação: ele tentando se levantar e eu o segurando. Ele tenta se levantar de novo, presumindo que vou soltar. Quando percebe que posso ser tão teimosa quanto ele, fecha a mão em punho, tenciona o braço e me levanta junto, meu corpo quase encostando no dele.

Ele pisca, surpreso com a proximidade, mas começa a falar:

— Eu acho que não consigo…

Engulo em seco, vendo o pânico em seus olhos.

— Se a gente se recusar a fazer essa aula, podemos acabar ofendendo um certo alemão que *adora* falar pelos cotovelos e que vai repensar a parceria com a gente e contar essa história sabe-se lá pra quem — interrompo-o com um sussurro irritado, os olhos arregalados fixos nos dele, implorando para que fique. Sinto sua pulsação disparar sob os meus dedos, mas ignoro, irritada demais para pensar no motivo. Depois de tudo o que aconteceu nos últimos dias, ele não pode simplesmente me deixar aqui.

— Primeiro exercício para nos aquecer, a Ponte Borboleta — anuncia Crystal, nos observando de canto de olho, já que somos o único casal que não está prestando atenção nela.

Bancroft contrai o rosto, indeciso.

Em pânico, mudo de abordagem, me aproximando e acariciando a pele dele com o polegar.

— Pense bem: o quarto, o restaurante, a festa de lançamento. Tudo perfeito para o Ditto — sussurro, sedutora. — Só precisamos fazer alguns exercícios de equilíbrio e fortalecimento de abdômen. Você consegue fazer isso… não é, campeão?

Ele levanta a cabeça em direção ao teto e fecha os olhos por alguns segundos.

— Merda. — Ele suspira. — Você quer ser a borboleta ou a ponte?

— Você quem sabe. — Sorrio, vitoriosa, o alívio relaxando meus músculos.

— Vamos começar decidindo quem vai conduzir, como numa dança — avisa Crystal a todos, e eu vejo os outros casais se olhando discretamente. Solto uma risada baixinha pelo nariz. Dança é o que a gente tem feito o tempo todo. Esse vai e vem. Dizer que é algo além de uma dança seria um eufemismo. Mesmo quando mal conseguíamos ficar no mesmo ambiente, estávamos dançando. Conscientes da presença um do outro enquanto nossos corpos se moviam, tentando desviar. Sob a orientação de Crystal, nos levantamos e eu viro de costas para Bancroft. Ele coloca a mão quente e hesitante na minha cintura, de forma tão leve que quase paira, deixando espaço para que a tensão entre nós fique ali, no ar. Até a sombra da mão dele faz minha pele aquecer.

Crystal se aproxima de nós, colocando uma mão no ombro de Bancroft, com os lábios comprimidos.

— Vai precisar segurar bem, querido. — Ele pigarreia, claramente desconfortável, enquanto Crystal posiciona as mãos dele nos meus quadris. — Sua namorada vai precisar do apoio.

Um choque elétrico percorre minhas pernas até encontrar os dedos dele, abertos e inquietos, e eu agradeço por não estarmos frente a frente agora.

Você está brava com ele, lembro a mim mesma, tentando acalmar o sangue fervendo nas veias.

Crystal instrui a turma a passar para a próxima parte da posição: meus pés apoiados nos joelhos dobrados do Bancroft enquanto me inclino para frente na posição do cachorro olhando para baixo. Eu me arrependo na mesma hora de ter insistido em participar da aula. Assim que minhas mãos estão firmadas no tapete, Bancroft se inclina para trás, apoiando as mãos no chão. Meus olhos permanecem fechados enquanto meu corpo treme durante os intermináveis sessenta segundos em que preciso manter a posição. Meu coração parece que vai saltar do peito, e minhas mãos não poderiam estar mais suadas, mas não sei dizer se é a ioga ou a ioga com Bancroft que está me deixando assim.

A posição seguinte — "para fortalecer a conexão", explica Crystal — envolve ficarmos de costas um para o outro, nos inclinando como se fôssemos tocar os dedos dos pés, mas segurando as mãos um do outro entre as pernas. Nós dois tentamos não rir ao fazermos contato visual entre nossas coxas, aliviando a tensão que estava prestes a arrebentar no meu peito.

— Está sentindo a conexão? — Ele esboça com os lábios, sem emitir som, com as sobrancelhas levantadas. Bom, abaixadas. O rosto dele continua perfeito, mesmo de cabeça para baixo.

Reprimo um sorriso.

— Meu traseiro está bem conectado com o seu agora.

Ele me dá um leve empurrãozinho, tentando suavizar o clima.

— Por falar nisso, gostei da *legging* — sussurra.

Balanço a cabeça.

— Não fui eu que escolhi, era a única no meu tamanho. — Meu rosto esquenta, seja pelo sangue descendo para a cabeça ou pela forma como o elogio percorreu meu corpo como uma brisa quente de verão.

— Me lembre de mandar um bilhete de agradecimento para o Christoph — diz ele num tom sério, e eu reviro os olhos.

— Manda um quadro pra ele. Você adora fazer isso.

— Vamos mudar para a próxima posição. Por favor, levantem os braços devagar assim até ficarem acima da cabeça e inspirem na postura da montanha — instrui Crystal, demonstrando com um movimento amplo.

Nós a imitamos, soltando as mãos e erguendo os braços para o alto, virando para ficar frente a frente. Estamos próximos, mas, fala sério, é ioga *para casais*. É assim mesmo. De tão perto que estamos, consigo ver os traços azul-escuros de seus olhos, como fendas profundas em um oceano vasto, realçadas pelo rubor no rosto. O rosto dele está tão vermelho quanto o meu deve estar, mas, de alguma forma, ele continua bonito. Respiramos fundo juntos, soltando o ar aos poucos.

— Reservo os quadros para destinatários muito especiais. — O tom dele é como um martíni gelado em um dia quente.

— Para com isso — peço. Abaixamos os braços, e não tenho alternativa a não ser apoiá-los nos quadris.

— Com o quê? — retruca ele, imitando meu gesto e se aproximando de forma quase imperceptível.

— *Isso*. — Dou uma boa olhada nele de cima a baixo, inclinando o corpo para frente. — Com esse “charme Bancroft para tentar se redimir”.

— Existe um “charme Bancroft”?

Arqueio as sobrancelhas, lhe dirigindo um olhar que espero que transmita “não se faça de desentendido”. Ele sorri de canto e umedece os lábios, confirmando que, de fato, sabe do que estou falando.

— Sim, e eu não vou cair nessa desta vez.

Ele ergue o queixo e franze as sobrancelhas por um instante, até se dar conta a que estou me referindo.

Merda. Por que toquei nesse assunto?

— Não que eu estivesse pensando na vez em que a gente…

— Agora vamos passar para a penúltima posição. — A voz de Crystal reverbera pelo ambiente, como um anjo tentando me impedir de falar besteira.

Bancroft se deita no tapete, segurando minhas pernas no ar enquanto eu faço uma prancha acima dele, agarrando suas panturrilhas para me

equilibrar. O aperto firme, mas cuidadoso, nas minhas pernas faz meu sangue ferver.

— Então — diz ele com um grunhido, empurrando minhas pernas para cima —, em nome da "união e da honestidade", numa escala de um a dez, o quanto você me odeia agora?

A pergunta sai em seu tom despreocupado de sempre, mas entre os fios de cabelo que caem nos meus olhos, vejo sua garganta se mover ao engolir em seco. Ele não está falando apenas do risco cada vez maior de me deixar cair de cara.

Ajusto as mãos mais para cima nas pernas dele, buscando um apoio melhor, e resmungo:

— Provavelmente o mesmo tanto que você me odeia. Ugh, precisava ser tão alto? Essa posição não funciona.

— Desculpa.

Solto um suspiro.

— Eu te perdoo.

— Por ser alto? — insiste ele e, pelo tom da voz, sei que está sorrindo.

— Eu te perdoo pelo William e pelo Jeffrey, mas ainda estou magoada com a maneira como você lidou com a situação. Posso estar arrependida pra cacete da festa de Natal e também envergonhada até a alma. Uma coisa não anula a outra.

— Verdade — comenta ele, forçando os músculos para me segurar no lugar enquanto ajusto a mão.

— Eu entendo por que escondeu o perfil do William de mim… mas você sabia algo importante relacionada à minha vida que eu não sabia. — Meu braço direito começa a tremer, então mudo de posição, tentando encontrar um apoio melhor na coxa dele. — Foi uma invasão enorme de privacidade.

— Hã, Grace? — A voz dele soa tensa, e seus lábios comprimem.

— O que foi?

— Vai ser uma invasão enorme de privacidade se sua mão subir um centímetro sequer.

— Putz, desculpa. — Afasto a mão imediatamente, e meu corpo inteiro desaba para o lado. Ele me segura com o braço, impedindo que eu caia para o lado direito. Com a mão firme na minha cintura, ele me puxa de volta e eu aterrisso em seu colo, com o cabelo cobrindo quase todo o meu rosto.

Ele se senta, se inclinando para frente e colocando meu cabelo atrás da orelha em um gesto tão delicado que sinto como se meus membros fossem líquidos.

— Mais uma vez, também peço desculpas. Por tudo. — O braço dele permanece firme ao meu redor enquanto nós dois tentamos recuperar o fôlego. — Não tenho conseguido dormir sabendo que te decepcionei assim — confessa, os olhos formando ruguinhas quando minha respiração falha.

— Nem eu — admito, limpando o suor da testa. — Acho que precisamos melhorar nesse lance de amigos.

Crystal pigarreia. O som nos traz de volta à realidade: à sala cheia de gente, onde estou sentada no colo de Bancroft, com o braço dele ainda ao meu redor, e nós dois ofegantes.

— Você está bem? — pergunta, olhando para qualquer lugar, menos para mim, enquanto me tira rapidamente do seu colo.

— Sim! — respondo depressa, levantando a cabeça e fixando o olhar na tapeçaria colorida da parede, de repente o objeto mais fascinante da sala, enquanto fico de pé em um salto.

Ficamos equilibrados em silêncio por alguns instantes, o calor subindo às minhas bochechas enquanto tento, desesperadamente, evitar catalogar cada lugar onde nossos corpos se tocam. Mudamos para a posição final de relaxamento, sentados de pernas cruzadas, com os joelhos tocando o chão e nossos rostos a meros centímetros de distância. Evito o contato visual, preferindo fixar o olhar na marca que minha mão suada deixou no tapete e que agora está evaporando.

— Não posso ficar com o quadro. É caro demais. Você deveria devolvê-lo para a Calico.

— Hastings! — exclama ele, fingindo estar escandalizado, o sopro de sua respiração acaricia minha bochecha. — Você seria capaz de tirar uma quantia tão grande de dinheiro das mãos de uma artista faminta por puro orgulho?

Sinto uma vontade de segurar o rosto dele e dar uma boa sacudida.

— Ai, tá bom. Mas por que você não pendura no seu apartamento? — proponho.

Ele aperta os lábios, formando uma linha reta, enquanto reflete por um instante. Por fim, dá de ombros.

— Ah, sabe, eu adoraria, mas não tenho espaço na parede.

Encaro-o, arregalando os olhos diante de sua insistência.

— Então compra um apartamento maior!

— Que tal isso? Tecnicamente, a pintura é *minha*, mas você pode ficar com ela pelo tempo que quiser?

Arqueio uma sobrancelha, desconfiada.

— Você não vai desistir, né? — deixo um pequeno sorriso se formar em meus lábios.

— Dificilmente. — Ele dá de ombros, os lábios se curvando tal qual os meus.

— Tá bem — Suspiro. — Novo acordo. Eu fico com a pintura, mas só se concordarmos que, como *amigos*, não teremos mais segredos.

Estendo minha mão num gesto caricato de "acordo fechado", enquanto vejo algo surgir no olhar dele. Ele pega minha mão com calma, traçando os dedos ao longo da minha palma antes de pressionar suavemente a lateral com o polegar.

— Nada de segredos — repete ele, segurando minha mão com uma firmeza gentil enquanto parece ponderar sobre a promessa. — Amigos.



23

Uma mulher de cabelo escuro, com um crachá que diz “Oi, sou a Janice. Me pergunte sobre a nossa Bratwurst” acena para a gente do balcão de *concierge* no saguão do hotel.

— O Sr. Teller deixou isso para vocês. — Ela me entrega um bilhete: “Foi *wunderbar* conhecer vocês! Mal posso esperar para começar uma parceria frutífera. Nossa suíte na cobertura está disponível esta noite. Aproveitem do melhor que o Heimach Hotel tem a oferecer!”

Conforme termino de ler em voz alta, Janice desliza dois cartões de acesso pelo balcão de ônix com um giro teatral do pulso. Tudo começa a fazer sentido; será que foi por isso que Christoph nos colocou naquelas aulas de ioga para casais?

— Humm, acho que houve um pequeno engano. Não somos um casal, só colegas de trabalho— explico, lançando um olhar rápido para Bancroft em busca de apoio.

— Ah, peço desculpas por isso — diz Janice. — Que tal apenas um de vocês aproveitar a suíte esta noite? O Sr. Teller disponibilizou créditos de serviço de quarto. — Ela alterna o olhar entre mim e Bancroft.

Bancroft dá um sorriso travesso, arrastando um dos cartões de acesso bronze pelo balcão preto brilhante.

— Lembra quando você disse que lençóis de algodão egípcio eram um luxo exagerado e pretensioso? Não vai querer se contradizer, vai?

Bato a mão na outra chave.

— Alguém me disse recentemente que eu deveria me permitir viver novas experiências.

Minha mente se perde na ideia de estar esparramada numa cama ultra king-size, de relaxar naquela banheira enorme e ter meu próprio espaço à noite para trabalhar na minha apresentação do Ditto com total tranquilidade.

Janice dá um passo para trás enquanto ficamos ali, ambos cobrindo um dos cartões com uma mão. Meio que brincando, mas também completamente sérios. Sempre foi assim entre a gente. É como se fôssemos a mesma pessoa em dois corpos diferentes: queremos as mesmas coisas e não conseguimos

evitar a competição. Estamos dançando de novo, nós dois nos recusando a admitir que não se pode *vencer* numa dança.

Ele me encara com os olhos semicerrados.

— Por mais que eu adoraria que você ficasse com a suíte… Acho que podemos concordar que fui eu que garanti essa oportunidade.

Encaro-o de volta, com as sobrancelhas arqueadas.

— E *eu* acho que podemos concordar que fui eu que conquistei o Christoph.

— Eu que tinha o contato — afirma ele.

— Você queria desistir da ioga para casais — retruco.

— Não tem trabalho da Susie pra fazer hoje à noite? — supõe ele.

— Você não mora literalmente a cinco minutos daqui, em um apartamento maravilhoso? — rebato.

Bancroft ergue as mãos.

— Tá bom! Nenhum de nós vai ganhar. Então, em nome da nossa trégua… talvez nenhum dos dois devesse aceitar.

Penso por um momento e em seguida concordo com a cabeça.

— Sofrimento mútuo… parece justo.

— Sofrimento adora companhia, então acho que funciona com o lance de amigos.

Saímos juntos pelas portas giratórias de vidro, pisando na calçada cinza e salpicada de manchas, e observo Bancroft se afastar por alguns segundos antes de um trovão no céu me avisar que é hora de ir para casa. Nuvens escuras pairam como marshmallows esquecidos em uma fogueira, derramando gotículas de chuva no meu rosto enquanto desço os degraus escorregadios para o metrô. Minhas coxas tremem um pouco pós-ioga ao sustentarem meu peso a cada degrau. Os passageiros abaixam seus guarda-chuvas ao entrarmos na cobertura da estação, fazendo um dilúvio de água escoar pelo piso de azulejos rachados e desbotados. O cheiro de algo que só consigo descrever como mofo fresco toma conta das catracas. A água já entrou pelas laterais da malha dos meus tênis; espero conseguir chegar em casa sem acabar pegar uma frieira.

Há uma estranha camaradagem em um clima como esse; em vez de resistir ao calor e ao suor, todo mundo simplesmente os aceita e nos transformamos em um único organismo gigante e pulsante, com braços que se entrelaçam e buscam apoio. Por alguns minutos do dia, somos apenas células formando

um conjunto, indo de um lado para outro em harmonia, colidindo pelas artérias da cidade.

Quando eu e William nos mudamos para cá, fazíamos metade do trajeto juntos antes de nos separarmos: ele se juntava à multidão de engravatados e eu continuava com meus colegas coloridos e cheios de estampas. Eu adorava passar o tempo imaginando a vida dos outros. *Para onde você está indo? Como é seu trabalho? Você estaria interessado em adicionar uma ruiva com problemas de autoestima ao seu grupo de amigos?*

Eu não tinha amigos, mas, quando estava com William, sentia que não precisava abrir espaço para esse tipo de relacionamento. Claro que essa ideia foi interrompida com a força de uma frenagem de emergência quando ele me deixou. Quando percebi que ele gostava de me ter dependente dele e apenas dele.

Meu celular apita com uma notificação de e-mail.

ERIC BANCROFT FEZ EDIÇÕES NO SEGUINTE DOCUMENTO:

"RELATÓRIO DO PROJETO DITTO".

Como ele consegue ser tão rápido? Abro o documento às pressas para adicionar meu feedback antes que eu fique sem sinal no metrô, dando uma olhada rápida na parte dele.

Gostei de participar desta experiência:

Concordo totalmente.

Comentários adicionais:

Ele deixou a seção de comentários em branco. Ele gostou *totalmente* da experiência, mas não quis comentar? Ou será que só não terminou de escrever ainda? Tateio o bolso da jaqueta procurando meu cartão de débito. Agindo no automático, pego o cartão e o encosto no sensor amarelo, avançando na fila como uma ovelha sendo conduzida para um pasto enlameado. Meu corpo se choca com a cancela fechada e eu encosto o cartão de novo. A barreira apita e, ao olhar para a minha mão, percebo que não é meu cartão de débito, mas sim um cartão de bronze reluzente. As luzes do metrô refletem em sua superfície brilhante. É uma das chaves que Christoph deixou para a suíte na cobertura.

— Moça, se o seu cartão não está funcionando, vai ter que comprar passagem — diz um homem grande e careca, vestindo um colete que sugere autoridade, com uma voz monótona.

— Desculpa — murmuro instintivamente, me esgueirando de volta pelo meio da multidão de trabalhadores do horário comercial que me cercam. Abro caminho entre as pessoas, enquanto as palavras *concordo totalmente* ecoam na minha mente e eu encaro o cartão com uma careta… até que me dou conta. Nós não chegamos a cancelar a reserva, e eu saí com o cartão no bolso. O quarto vazio ainda está lá. Parada no meio da multidão em movimento, como uma rocha em um rio agitado, encaro o plástico fino. Partes de um plano começam a se encaixar como uma torre de bloquinhos sendo reconstruída.

Será que Charlie Bucket teria devolvido seu bilhete dourado se uma das outras crianças tivesse desistido? As palavras ditas por Bancroft, depois da aula de culinária, giram na minha cabeça como vodca morna no fundo de um copo descartável.

"Quando a oportunidade surge, você tem que agarrá-la".

Se ele não tivesse um apartamento silencioso, confortável e luxuoso, com ar-condicionado e máquina de gelo na geladeira, será que ele *realmente* teria ido para casa? Ele está acostumado com esse estilo de vida, então provavelmente isso não significa nada para ele. Ficar em uma cobertura mal chega a ser uma ocasião especial para ele. Essa oportunidade está se apresentando para mim com as palavras "APROVEITE" piscando repetidamente em luzes neon. *E* Christoph provavelmente ficaria chateado ao saber que reservou seu "lugar favorito no mundo" para que passássemos a noite e nenhum de nós aceitou. Sinceramente, eu deveria ficar lá pelo bem da parceria. É preciso ir além para atender aos desejos do cliente em potencial.

Talvez eu dê de cara com o Christoph e aproveite para discutir algumas coisas que possam enriquecer minha apresentação. Essa ideia ferve dentro de mim enquanto avalio minhas opções e as possíveis consequências.

Porta Número Um: passar meia hora espremida em um vagão de metrô abafado, até sair de lá coberta de suor alheio, tomar rosé no meu quarto minúsculo enquanto leio os milhares de e-mails da Susie e depois ir para a cama embriagada demais para uma quinta-feira, me sentindo péssima comigo mesma.

Porta Número Dois: passar a noite sozinha em um dos quartos de hotel mais lindos que já vi, com serviço de quarto já pago e uma banheira

gigante, possivelmente ampliando minha lista de contatos ao causar uma boa impressão em um dono de hotel influente e poderoso.

Dou meia-volta e corro para fora do metrô com meus tênis encharcados em direção ao hotel.

Quando chego, a chuva já diminuiu. Raios de sol do verão tentam irromper as nuvens carregadas, e encaro isso como um sinal dos deuses de que tomei a decisão certa. O sol da tarde aquece meu rosto enquanto observo a cidade da varanda banhada em dourado da cobertura: os sons de buzinas, passos apressados e trabalhadores conversando sobre o dia deles sobem como hera pelos cantos do prédio. Tons de azul, laranja e rosa se acumulam no céu como um quadro de Rothko. O quarto do hotel, ou melhor, o conjunto de cômodos interligados, é uma fusão gloriosa de tapetes aconchegantes cor de creme estampados, sofás de couro marrom-amanteigado e superfícies reluzentes de ônix. Eu não tinha dado o devido valor ao espaço quando Christoph nos mostrou tudo, mas agora que é só meu por uma noite, sinto vontade de chorar. Caminhando descalça da sala para o quarto, resisto à vontade de me jogar nos lençóis brancos e impecáveis como o Macaulay Culkin.

Tiro a *legging* que estava grudada no corpo como um filme plástico de algodão e elastano, e abro o guarda-roupa com temperatura controlada e espelhos fumê, onde encontro dois roupões brancos e macios. Penduro as roupas para secar e visto minha fantasia de ovelha, afundando os pés doloridos nos chinelos fofos e acolchoados, aproveitando cada detalhe dessa nova experiência.

Não é como se essa fosse a primeira vez que me hospedo em um hotel, mas é a primeira vez que fico em um hotel “com H maiúsculo”. A primeira viagem que fiz com as minhas amigas para Mallorca, antes de todas nós nos separarmos para viver futuros diferentes, foi em um albergue que tinha um cheiro diferente a cada noite, mas que sempre parecia ter um toque de vômito. Depois vieram os finais de semana prolongados em Airbnbs ruins pelo interior, que eu e William alugávamos quando ainda estávamos na universidade. Por fim, as estadias em hotéis baratos que, em comparação com as opções precárias dos tempos de faculdade, pareciam até luxuosos. Depois que eu e William nos mudamos para o centro da cidade e começamos a trabalhar, nossas agendas raramente coincidiam e, quando coincidiam, eu sempre precisava tirar um tempo do dia para responder e-

mails. Minha mensagem automática de “ausente” passava uma energia de “mas tudo bem se precisar entrar em contato”, o que a tornava praticamente inútil. Isso sempre acabava em brigas com o William, que me acusava de nunca conseguir estar “no presente, vivendo o momento”.

O trabalho dele na área de finanças era direto e previsível: das nove às dezessete. Todos os dias eram iguais: ele batia o ponto, mexia em algumas planilhas, batia o ponto de novo, recebia 350 libras e seguia adiante. Quando queria largar tudo e relaxar, sempre tinha uma legião de colegas engravatados na casa dos vinte e poucos anos dispostos a assumir suas tarefas por alguns dias. Eu não tinha essa opção. E ainda não tenho. Era para Susie ter contratado um assistente, mas nunca o fez, preferindo despejar todas essas funções na minha já sobrecarregada rotina. Tentar explicar isso para alguém que não consegue ou não quer imaginar uma realidade diferente da própria demandava mais energia do que valia a pena. Depois de um tempo, desisti e optei por esconder o notebook e o celular, esperar o William dormir e então responder à enxurrada de e-mails, tarefas e solicitações. Combatia o cansaço com doses de café expresso no café da manhã, sempre com um sorriso forçado no meu rosto cansado.

Os chinelos fazem barulho no piso de madeira brilhante e afundam nos tapetes de lã macia enquanto caminho até a cozinha. Sim, o quarto tem uma cozinha completamente equipada. Armários pretos envernizados com puxadores de bronze e bancadas de ônix com veios dourados e cinzentos se estendem por todo o cômodo, suas superfícies brilhantes refletem a vista da cidade através de uma janela que vai do chão ao teto. Vejo nuvens escuras familiares começarem a cobrir o sol novamente e um trovão distante anuncia o retorno potente das tempestades de mais cedo.

Quase danço de felicidade quando vejo champanhe grátis na adega climatizada e pego a garrafa gelada. Por causa da quantidade absurda de eventos que organizo para a Fate, me tornei especialista em abrir qualquer tipo de espumante. Tomo um gole em uma taça de cristal, me sentindo chique pra caramba, enquanto as bolhas descem pela minha garganta e sobem direto para o meu cérebro. Talvez Bancroft tenha razão com essa filosofia de “aproveitar as oportunidades”. Faço um lembrete mental de torná-la meu novo mantra.

Pego o celular e vejo uma notificação do Ignite:

Jack: Ansioso para amanhã :D

Sentindo uma satisfação que não experimentava há semanas, respondo:

Eu também :)

E me jogo na cama com um suspiro de alívio. A combinação do roupão felpudo com os lençóis do hotel cinco estrelas supera qualquer expectativa, é como deitar num enorme suflê e ser envolvida por uma doçura quente e macia. Relutante, convenço meu corpo a rolar em direção ao telefone do hotel e ligo para o serviço de quarto. Peço o jantar e um balde de gelo para o champanhe e, em seguida, me arrasto até o outro lado dessa superfície celestial para preparar um banho.

Enquanto a água quente e fumegante enche a banheira de mármore no banheiro, que é revestido com mais mármore ainda, pego o notebook e o caderno para avaliar o estado da minha apresentação para o Ditto. Estamos a duas semanas do fim do prazo e, neste momento, ela está bem básica, sem o toque visual que precisa para se destacar. Estudo as anotações de cada slide, destrinchando minhas ideias sobre como o público-alvo do Ditto busca mais do que um jantar convencional e não querem experiências genéricas. Eles não querem sentir que estão indo várias vezes ao mesmo primeiro encontro. Não querem ir a grandes redes de restaurantes ou a encontros prontos que todo mundo já teve. Só querem encontros tão interessantes quanto eles mesmos, tão diversificados quanto suas vidas e tão ecléticos quanto seus gostos musicais, cinematográficos e artísticos. Minhas ideias fervilham como grãos de milho em uma panela quente.

Talvez seja isso? Digito *primeiros encontros tão únicos quanto você* em negrito, sorrio para as palavras e, pela primeira vez desde aquele dia no escritório do Catcher, penso comigo mesma: *posso ganhar essa.*

Passo mais alguns minutos revisando os slides em preto e branco, transformando os dados do Fate e do Ignite que a Yemi me passou em gráficos para embasar minhas ideias, até que um barulho chama minha atenção para a entrada da cobertura. Ouço o que parece o som de passos bem do lado de fora da porta, e minha mente é inundada por histórias de terror sobre mulheres sozinhas em quartos de hotel. Respiro fundo, tento afastar o medo e lembro do meu pedido. Deve ser apenas um serviço de quarto *super*-rápido — afinal, é um hotel cinco estrelas. Desço da cama, aperto o nó do roupão, tomo o restante do champanhe, fecho a torneira da

banheira e vou para a sala de estar com decoração *mid-century*. Tentando domar meu cabelo bagunçado pela chuva, abro a porta de supetão e dou de cara com uma bolsa preta de couro que conheço bem e Bancroft curvado, examinando o cartão de acesso bronze com seriedade, como se estivesse tentando descobrir qual lado passar primeiro.

Abro a boca na mesma hora para acusá-lo de quebrar a promessa. Mas aí desço do meu pedestal e lembro que estou de roupão branco, meio bebinha depois de uma taça de champanhe absurdamente caro, *dentro da* cobertura do Heimach Hotel enquanto ele acabou de chegar. Seus olhos, estreitos, brilham de divertimento enquanto percorrem lentamente o cartão na mão, sobem pelo meu corpo coberto pelo roupão macio, passam pela taça vazia em minha mão e se fixam no meu rosto corado e envergonhado, apreciando a vista.

— Que surpresa te encontrar aqui, Hastings.



24

Uma covinha surge na bochecha esquerda dele por uma fração de segundo enquanto me encara como quem está se divertindo.

— Achei que a ideia de lençóis com mil fios a enojava?

— Me enoja e dá sono — respondo, soltando uma risada desconfortável e apertando meu robe ao máximo. — O que está fazendo aqui?

Ele suspira e gesticula com o braço, exasperado.

— A tempestade derrubou a internet do meu prédio inteiro. Preciso de um lugar com Wi-Fi decente por algumas horas para terminar minha apresentação do Ditto.

— Que tal uma cafeteria? — sugiro, sem muita convicção, segurando a porta com firmeza para formar uma barreira.

Ele olha para o relógio Moncler no pulso e depois de volta para mim.

— Fechado.

— Um bar? — proponho.

— O trabalho é confidencial. — Ele me dirige um olhar acusador, como se eu estivesse explanando os planos do Grupo Catch de dominar o mundo dos aplicativos de namoro em um programa noturno.

Solto um suspiro, aceitando meu destino, e escancaro a porta.

— Tá, Bancroft! Entra logo! — Estendo o braço num gesto de boas-vindas.

Ele observa o quarto.

— Se acomodou rapidinho.

Meu estômago revira quando ele percorre com o olhar os itens da minha bolsa espalhados pela sala, as roupas jogadas na poltrona do quarto e o notebook aberto na cama. Pedaços da rolha da garrafa de champanhe estão espalhados pelo balcão da cozinha; com um movimento rápido do braço, jogo tudo para dentro da pia.

Bancroft tenta conter o sorriso que surge no canto da boca enquanto cruza os braços.

— O que você fez… Se escondeu nos arbustos até eu sair do prédio e depois voltou de fininho?

Junto minhas coisas e jogo tudo na cama para reafirmar meu território por esta noite e respondo com inocência:

— Eu estava indo para casa, mas me lembrei de um conselho que me deram sobre aproveitar as oportunidades quando elas surgem.

— Humm, bom conselho. Que pessoa absurdamente inteligente te disse isso? — comenta ele, sem emoção na voz, girando o corpo enquanto me observa correr de um lado para o outro.

— Um cara do trabalho. — Dou de ombros. — Um colega.

Ele inclina a cabeça de leve, fazendo um biquinho.

— Parece mais do que um mero colega.

Jogo meu top esportivo, meu caderno com anotações sobre o Ditto e meus tênis no quarto antes de voltar até onde ele está, me sentindo um pouco ofegante.

— Você tem razão, mas ex-amigo barra pior inimigo barra amigo atual não tem o mesmo efeito.

Ele reflete por um instante, abre a boca para falar algo, mas logo a fecha como se reconsiderasse a resposta. Depois de um momento de silêncio, finalmente fala.

— E onde esse "ex-amigo barra pior inimigo barra amigo atual" pode trabalhar no grandioso plano de destruição dele? — Ele arqueia as sobrancelhas, analisando o cômodo e fazendo questão de evitar olhar para a cama.

Talvez eu devesse ir embora — recuar diante dessa aparição inesperada e voltar para o meu apartamento —, mas o orgulho não deixa. Agora somos amigos, e eu cheguei primeiro. Além do mais, se eu sair, ele vence, e isso é infinitamente pior do que aturá-lo por algumas horas.

Analiso o cômodo também; em seguida, aponto para o sofá.

— Ali.

Ele apenas assente e caminha até lá.

— Não deixe que eu atrapalhe o restante da sua noite — diz com sarcasmo, me analisando de cima a baixo.

— Você *sempre* atrapalha — murmuro, ajustando o roupão outra vez.

Ele solta uma risada baixa. Eu me pergunto se ele se lembra da última vez que lhe falei isso; quando tentou me desencorajar de aceitar esse projeto,

dizendo que eu ficaria desconfortável. É louco pensar o quanto as coisas mudaram desde então. Se alguém me dissesse, algumas semanas atrás, que eu estaria sozinha, praticamente pelada, numa suíte de cobertura com Eric Bancroft, eu jamais acreditaria.

Sozinha. Praticamente pelada. Com Eric Bancroft. Engulo em seco e o som parece ecoar no quarto.

Ele tira os sapatos e o casaco úmido com calma, colocando-o com cuidado sobre uma cadeira antes de ir até o sofá e começar a trabalhar. Enquanto isso, tento me esgueirar discretamente para dentro do banheiro. Assim que entro, fecho a porta e me apoio na pia de mármore, exausta.

— Se controla. Já superamos isso. Não tem *nada* demais — insisto para o meu reflexo. — Não é diferente de quando ficávamos sozinhos no escritório da Fate.

Exceto que é diferente. Agora, não tem o William, nem uma decepção amorosa para me distrair, e, ao contrário do escritório, aqui não existe a menor chance de um colega ou chefe entrar de repente. Bancroft e eu estamos completamente sozinhos. Meu Deus, preciso parar de pensar nisso.

Ele está apenas concentrado no trabalho, focado na apresentação e na vaga, enquanto eu estou aqui, trancada no banheiro, surtando porque ainda consigo sentir a forma que os dedos dele tocaram minha cintura durante a aula de ioga. Sacudo a cabeça e jogo água fria no rosto.

Em busca de qualquer distração, começo a vasculhar os frasquinhos de sabonetes, géis e cremes dispostos impecavelmente sobre a pia. Mas assim que bato os olhos no conteúdo do kit de cortesia, congelo. Bem na minha frente, há uma cesta tão recheada de produtos que posso até imaginar Alice dando pulinhos de empolgação. Máscaras capilares, cremes faciais, óleos corporais, algo chamado sérum de caracol e um saquinho de veludo preto com a marca HEIMACH estampada. Não resisto e abro o saquinho, despejando o conteúdo na pia. É um kit erótico. Um verdadeiro kit erótico, cuidadosamente montado para uma noite picante em uma suíte de luxo. Há um frasquinho de óleo de massagem orgânico, um frasco de lubrificante sabor baunilha em embalagem para viagem e uma variedade de camisinhas veganas. Christoph não estava brincando quando disse que a equipe pensa em tudo por aqui.

Tento colocar tudo de volta no saquinho, mas os itens estavam tão bem organizados que percebo, tarde demais, que não vou conseguir arrumar

como estava antes. Assim que Bancroft bater o olho nessa bagunça, vai ser óbvio que eu estava escondida aqui dentro mexendo no kit erótico. Sem alternativa, enfio os preservativos, o lubrificante e o óleo nos bolsos do roupão e reorganizo a cesta o melhor que posso, até parecer intocada. Bancroft já me acha careta; a última coisa de que preciso é que ele tenha mais munição para me provocar sobre estar na "suíte do *sexo*". Respiro fundo, lembrando a mim mesma que em poucas horas ele irá embora e essa tensão ridícula no meu corpo desaparecerá.

Abro a torneira e deixo a água quente encher a banheira. Passa longe de ser a experiência relaxante que eu esperava, sabendo que ele está do outro lado da suíte. Fico deitada na banheira, quente, suada e com uma sensação de desconforto. Isso não está funcionando. Alguns minutos depois, me levanto e puxo a toalha branca e macia do toalheiro. Assim que a enrolo no corpo, meu estômago revira quando noto que o tecido mal cobre metade das minhas coxas e meu cabelo, ainda molhado, pinga nos ombros e nas costas. Pior ainda, na pressa de fugir de um momento possivelmente constrangedor, esqueci de trazer minhas roupas.

— Fecha os olhos! — grito, deixando a porta entreaberta.

Espero alguns segundos, sem obter resposta alguma.

— Fechou? — pergunto.

— Sim — responde ele, com a voz um tanto tensa.

Dou alguns passos hesitantes para fora, para confirmar se os olhos dele estão de fato fechados; ele também cobriu o rosto com as mãos, como uma medida extra de precaução. Satisfeita, disparo para fora do banheiro, cruzando o vão sem porta entre o quarto e a sala, xingando mentalmente o design moderno e aberto deste lugar. No canto mais afastado do quarto, me seco rapidamente e visto as peças íntimas e a camiseta, que agora está seca. Por cima, visto o roupão, deixando apenas as pernas à mostra. Meu cabelo, ainda encharcado, fica enrolado em uma toalha macia no topo da cabeça.

— Terminou? — pergunta ele, ainda cobrindo os olhos.

— Sim — respondo, tentando soar despreocupada.

— Sua comida chegou. Fiz a gentileza de conferir se não estava envenenada — declara, indicando com a cabeça a mesinha de centro, onde estão um hambúrguer de Wagyu com batatas fritas trufadas e uma salada Caesar com frango grelhado. No entanto, falta um pedaço gigantesco do hambúrguer. Arqueio as sobrancelhas, indignada. — Em minha defesa, você

pediu dois pratos principais só para você e usou todo o crédito do serviço de quarto. Ou eu fazia isso ou morria de fome.

— Tranquilo, parceiro! Fique à vontade. Que tal umas batatinhas para acompanhar? — digo com sarcasmo.

Se ele percebe a ironia, decide ignorar, e pega uma mão cheia das minhas batatas trufadas. Respiro fundo, puxo o prato quente para perto e, ao dar a primeira mordida no hambúrguer, solto um gemido involuntário de satisfação. Disfarço me espreguiçando no divã de frente para ele, observando-o enquanto ele encara a tela do notebook com concentração.

Mastigo uma batata frita antes de perguntar:

— Como está indo a sua apresentação?

— Bem — responde, sem emoção. — E a sua?

Estalo a língua, frustrada com a falta de detalhes.

— Terminei.

Ele franze o cenho.

— Está trabalhando em que agora, então? — Ele aponta para o notebook na cama.

Me mexo, ajeitando o roupão.

— Ah, sabe aquele projeto paralelo que mencionei há séculos? Acho que você nem deve lembrar… — Minha voz some.

— Para Sempre. — Ele diz o nome como se tivéssemos falado sobre isso ontem e não há nove meses.

— Isso. — Tento conter o sorriso, mas não consigo. — Estou transformando ele de uma funcionalidade do Fate para um aplicativo próprio. A Yemi fez uma versão beta para mim.

— Ah, é? — pergunta, e algo em sua expressão suaviza. — Achei que a Susie tinha vetado?

— E vetou… — concordo, olhando para o tapete.

— Mas é mais forte do que você — conclui ele por mim.

Bufo e rio ao mesmo tempo, inclinando a cabeça sem conseguir pensar numa resposta engraçadinha.

Ele se inclina.

— Você devia continuar… É uma ideia muito boa.

Sinto um calor no peito maior do que gostaria.

— Você acha?

— Eu achava antes, não achava? — Ele arqueia as sobrancelhas.

— Acrescentei umas funções novas de lá pra cá, tipo ideias mensais para encontros. — Dou de ombros, tentando parecer indiferente. — Meio que me inspirei nas análises que temos feito. — É estranho conversar sobre o aplicativo com ele, abrir uma porta que nós dois trancamos meses atrás. — Mas a Susie provavelmente vai rejeitar de novo.

— Meu conselho, apesar de você não ter pedido, é: não desperdice uma ideia boa com quem não quer ouvir. — Ele se recosta no sofá, cruzando as pernas. — Quando eu for Chefe de Marketing na Ditto, você pode apresentar pra mim.

Ele abre um sorriso presunçoso e eu reviro os olhos.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, só o som da minha mastigação e do teclado dele ecoando no quarto.

— Tem que fazer isso? — pergunta ele.

— O quê? — questiono.

Ele faz uma careta de nojo.

— Mastigar fazendo tanto barulho. Parece um velociraptor.

Cubro a boca com a mão e engulo.

— Foi mal, você deve estar acostumado com mulheres que só vivem de vento, né? — provoco.

— Sim, geralmente dividimos um soro vitamínico e chamamos de jantar. — Ele passa a mão no cabelo cor de areia.

O cabelo está mais ondulado do que o normal por causa da chuva, o que, combinado com o colarinho aberto e as mangas dobradas, lhe dão um ar relaxado que eu nunca tinha visto antes. Ele levanta o olhar do notebook e me flagra encarando.

Pigarreio e baixo a vista para as batatas fritas.

— E é isso que você vai fazer no encontro que conseguiu pelo Fate? — Giro uma batata no molho.

— Não… Eu estava pensando em jantar e ver um filme, depois passar no cartório mais próximo pra assinar a certidão de casamento. É assim que funciona um encontro do Fate, né?

— Rá, rá — respondo com amargura, a boca cheia, tentando descobrir como se mastiga sem fazer barulho. Pego uma batata e jogo nele. Bate na testa dele antes de cair no colo.

Ele a pega e rasga ao meio com os dentes.

— E o encontro que você conseguiu pelo Ignite?

Dou de ombros e endireito a postura.

— Na verdade, tenho um amanhã. Um encontro de café da manhã.

Bancroft se remexe, a mão esquerda se espalma no sofá.

— Ah, é? — Pela primeira vez, ele levanta os olhos da tela do notebook. O sofá range quando ele se remexe de novo. Vincos se espalham pelo estofado à medida que ele tenta se acomodar melhor. O sol poente tinge de rosa o lado dele do quarto.

— Sim, ele vai me levar a uma cafeteria histórica conhecida pelas panquecas antes do trabalho. — Meu leitor emocional de Bancroft analisa seu rosto para detectar alguma reação.

Por que você se importa tanto com o que ele acha?

— Café da manhã. Muuuuito seeexy. — A voz dele se arrasta em um tom entediado, os olhos se arregalando para enfatizar.

Meu sorriso murcha.

— Estou bem animada. Ele disse que eu vou adorar — comento e estreito os olhos, ajustando o foco do leitor para captar qualquer mínimo movimento no rosto dele. Mas seus olhos estão fixos num ponto da mesa.

— Aposto que sim — retruca ele rapidamente, cortando meu fluxo de pensamento como uma bolinha de papel acertando minha cabeça. Depois, volta a olhar para a tela do notebook. — Que vai adorar, quero dizer.

— Vou mesmo! — friso, deixo o prato vazio na mesa de centro, em cima de um dos cadernos de couro ridículos dele e volto para o quarto contrariada.

Não há porta separando a sala do quarto, só uma divisória de duas folhas entre dois armários espelhados. Parece estranho fazer questão de separar esses dois cômodos, então me estiro no pé da cama king-size, apoio o notebook nas pernas nuas e começo a digitar.

Trabalhamos em silêncio por duas horas, os ruídos distantes da cidade dando mais um clima de “escritório compartilhado” do que de “presos juntos num quarto de hotel”. Em meia hora, termino um relatório de dados urgente para Susie e volto a focar na apresentação do Ditto. Não sei como conseguíamos trabalhar juntos antes; agora, mal consigo me concentrar com ele tecnicamente em outro cômodo. Estamos frente a frente, cada um num canto da suíte, os notebooks servindo de escudos. Sinto seu olhar várias vezes, mas sempre que olho de volta, ele está focado na tela, o rosto sério e concentrado.

Por fim, cedo e quebro o silêncio.

— Ainda não me disse o que vai fazer *de verdade* no encontro que conseguiu pelo Fate. — Copio o olhar intenso dele, tentando parecer indiferente.

Ele fecha o notebook com um clique suave.

— Por que quer saber? — Ele contrai a mandíbula, em seguida se levanta e vai até a cozinha, enquanto penso num motivo. Ele tira a garrafa de champanhe do balde de gelo meio derretido e serve duas taças. Segura as hastes das taças entre os dedos compridos de um jeito distraído e estranhamente sexy. Como aqueles cordões desamarrados em calça de moletom.

Algo dentro de mim se contorce, e prendo a respiração quando ele se aproxima, me oferecendo uma taça.

— Curiosidade mórbida? — respondo por fim, fechando o meu notebook.

Nossos dedos roçam de leve enquanto ele me encara, o calor de sua pele contrastando com o vidro gelado.

— Ainda não marquei nada — admite ele, entornando metade da taça de champanhe de uma vez e voltando para o sofá da sala.

— Ora, ora, ora… — O prazer da arrogância sobe pela minha espinha e explode no centro de recompensa do meu cérebro enquanto abro um sorriso travesso do pé da cama gigante.

Ele ergue a vista para mim do sofá e inclina o pescoço para o lado.

— "Ora, ora" o quê? — A voz desce uma oitava.

— O ilustríssimo "Solteiro do Ano" não consegue arrumar um encontro? — provoco, fazendo um biquinho zombeteiro.

— Na real, o ilustríssimo "Solteiro do Ano" está ocupado demais indo a encontros falsos com uma "colega" insuportável para ter tempo pra isso. — Ele arrasta a palavra como se fosse um xingamento.

— Claro, amigão, continue se iludindo. — Tomo um gole tão grande quanto o dele e me lanço da cama em direção ao banheiro; o roupão se abre um pouco, expondo a parte de cima da minha coxa.

Ele fala enquanto me afasto:

— Ah, desculpa. Esqueci que não somos colegas, somos arqui-inimigos barra amigos de trabalho. — Mesmo do outro lado do quarto, posso ver que ele revirou os olhos… Astronautas na Estação Espacial Internacional conseguiriam ver esse revirar de olhos.

— Ex-amigos! E estou seriamente reconsiderando se não devemos voltar a ser inimigos mortais! — corrijo cantarolando de um jeito exagerado, minha voz ecoando pelos azulejos de mármore enquanto tento manter nossa trégua, que já está por um fio.

Sorrio com presunção para mim mesma no espelho do banheiro, satisfeita com a falta de resposta dele. Pego um óleo capilar que custa mais do que uma semana do meu aluguel e passo nas madeixas quase secas. O cheiro de coco e baunilha envolve o ar enquanto fecho os olhos e massageio o couro cabeludo com os dedos.

Dou um pulo quando uma voz clara corta o silêncio.

— Quando é que você vai admitir? — Bancroft apoia o braço no batente da porta, com uma taça recém-abastecida de champanhe na mão. Meu sangue ferve ao vê-lo assim, com a silhueta destacada, a cabeça quase tocando o topo da moldura da porta.

— Admitir o quê? — Minha voz falha um pouco enquanto minhas mãos, ainda cobertas de óleo, deslizam do cabelo para o balcão frio de mármore.

— Que quando éramos amigos, nunca fomos *só amigos*. — A expressão dele carrega algo que não consigo decifrar.

Por que isso parece perigoso?

— Do que você está falando? — Meus olhos semicerrados encontram os dele pelo espelho do banheiro. Meu estômago se retorce num nó apertado quando ele dá um passo à frente, se destacando atrás de mim no reflexo. Tento manter o rosto neutro, mas os vestígios da lembrança dos dedos dele queimam sob minha pele.

Bancroft observa meu rosto, a mandíbula travada enquanto escolhe as próximas palavras.

— Éramos aliados. — As bolhas do champanhe se dissipam no meu estômago enquanto ele continua, com a voz rouca: — E agora você se empenha tanto em sustentar a ilusão de que não damos certo juntos. Nós poderíamos ser…

Ele se interrompe ao ver minha expressão e termina a bebida em um gole só.

— Deixa pra lá. — Ele se inclina sobre mim, o dorso da mão roçando a minha ao colocar a taça vazia no balcão. A outra mão está fechada em punho ao lado do corpo. Meus pelos se arrepiam enquanto meu coração martela contra as costelas como se tentasse se libertar.

Ele fecha os olhos com força por um segundo e balança a cabeça antes de perguntar:

— Esse encontro que você arranjou no Ignite. É um encontro de verdade? Ou só trabalho?

Engulo em seco.

— De verdade.

Os olhos dele encontram os meus no espelho e, sem aviso, ele se vira e sai do banheiro, me deixando sozinha. O perfume dele paira no ar, e, sem pensar, sigo o rastro como um cachorro de desenho animado farejando uma torta na janela. Eu o encontro na sala, enrolando o cabo branco do carregador na mão, enquanto guarda o notebook.

— O que você está fazendo? — pergunto, mesmo já sabendo.

— É melhor eu ir embora. — Ele enfia o cabo enrolado dentro da bolsa de couro. — Você tem razão: você deixou o Christoph caidinho, merece aproveitar o quarto sozinha.

As palavras saem da minha boca antes que meu cérebro possa processá-las.

— Já é mais de meia-noite e está caindo um temporal lá fora. Dorme na sala. — Coço a nuca e franzo as sobrancelhas. A chuva bate na janela com a mesma força que meu coração.

Ele para, ainda com um braço dentro da bolsa, e me encara, com os olhos brilhando.

— Você quer que eu fique? — Ele arqueia uma sobrancelha e parece tão surpreso quanto eu com as palavras que escaparam de meus lábios.

— Não! — solto, defensiva, cruzando os braços com força. — Só não quero que vá embora.

Ele não responde, mas um sorriso lento se espalha pelo rosto.

Jogo os braços para cima.

— O quarto foi um presente para nós dois. *Mi casa es su casa!* — digo, com a boca seca.

— Não precisa…

— Você pode dormir ali — corto, apontando para o sofá. Ele reprime um sorriso quando jogo um travesseiro na direção dele, em confirmação. — Mas eu vou para a cama. Boa noite.

Ele se vira, e eu fecho os olhos com força. *Por quê. Por quê. Por quê*. Por que minha mente idiota fez uma coisa dessas? Sei que deveria mandá-lo

embora, mas simplesmente… não quero. Já consigo sentir o vazio que a ausência dele deixaria. Um abismo escancarado de frustração. E tudo o que eu faria seria me perder em pensamentos obsessivos e possibilidades hipotéticas.

— Tá bem, vou ficar. Boa noite, Grace. — Ele aperta o travesseiro contra o peito, com os olhos brilhando.

Respondo de longe:

— Durma bem!



25

Não durmo bem. Durmo toda esparramada, com braços e pernas estirados pelos lençóis, tentando achar lugares frescos na cama king-size, parecendo um polvo chapadão. Faz tempo que desisti. A tempestade lá fora só piora a sensação de estar presa em uma bolha prestes a estourar. O ar que entra da cidade parece carregado de eletricidade. Sempre tive dificuldades para dormir, até mesmo em dias normais; quando me mudei para o centro da cidade, levei meses para me acostumar com os sons de ambulâncias, bêbados e raposas no cio disputando quem fazia mais barulho toda noite. Mas o trovão intermitente — que parece muito mais alto aqui em cima — e a presença naturalmente sufocante de Bancroft na suíte acabam com qualquer possibilidade de descanso.

"Nunca fomos só amigos."

Debato comigo mesma se devo cancelar o encontro com Jack. São duas horas da manhã, o encontro é daqui a seis horas. Vou estar exausta. Vou precisar usar a mesma roupa que usei no trabalho ontem. Susie vai ficar furiosa se eu chegar um minuto depois das nove, então quase nem vale a pena ir.

A única coisa que me impede de cancelar é o fato de eu já ter, numa atitude bem burra, contado ao Bancroft. Se eu cancelar, ele vai achar que foi por causa dele. Por causa do que disse.

A voz dele se repete na minha cabeça, como um caminhão de sorvete tocando uma música sedutora, rodando o quarteirão sem parar.

"É um encontro de verdade?"

O que ele quis dizer com isso? E por que tentou sair correndo assim que confirmei que era?

Com movimentos lentos, para que a cama mal faça barulho, viro o rosto na direção de Bancroft, que dorme tranquilamente. Sua presença no quarto é tão… ensurdecedora. Ele sempre atrai atenção, mas agora é como se alguma entidade de outro mundo estivesse gritando dentro da minha cabeça: "Oláááá, está vendo aquele homem espetacular dormindo a poucos

metros de você?”. A luz aconchegante que entra pelas janelas enormes da sala o banha de forma delicada enquanto dorme. Tenho quase certeza de que ele está só de cueca debaixo daquele cobertor. Seu peitoral exposto sobe e desce em um ritmo calmo e sereno. Isso não é justo. Por que a pessoa que quero destruir não pode ser um ogro irritante, sem graça e desprovido de qualquer charme? Por que tem que ser o Adônis perfumado com notas de madeira, fumaça e um toque de capim-limão, e tão alto que suas pernas desnudas escapam do cobertor e ficam penduradas para fora do sofá? Urgh.

Mordo o lábio enquanto minha mão faz movimentos lentos, em círculos amplos, pela minha barriga, contornando o cós da calcinha. Estou só frustrada; isso não tem nada a ver com ele. Mas então por que não consigo parar de encarar o maxilar dele, imaginando como seria traçá-lo com meus dedos? Ou o peito, pensando na sensação de tê-lo pressionado contra o meu? Ou a boca, imaginando o que sussurraria para mim no escuro? Algo se agita na minha barriga ao lembrar os lábios dele roçando os meus sob a luz do poste no inverno, o olhar ficando mais intenso e do pomo de Adão subindo e descendo enquanto tentava me consolar no escritório dele, do toque quase etéreo do polegar dele acariciando minhas costelas durante a aula de ioga. Minha mão acompanha o movimento do peito dele, subindo e descendo sobre a renda da calcinha.

Ele se vira de costas e joga um braço musculoso sobre o rosto. Minha mão para no mesmo instante.

Fecho os olhos com força, espelhando o movimento dele e me deitando reta na cama.

O que você está fazendo? Sai dessa! É o Bancroft. Você o odeia. Você está trabalhando para destruir a carreira dele!

Suspiro e estico o braço na escuridão em direção à mesinha de cabeceira, procurando um copo d’água, mas acabo esbarrando em uma taça de champanhe quase vazia. A base arredondada balança para frente e para trás, como se estivesse decidindo se deve cair e quebrar. Para me punir pela minha falta de cuidado, ela escolhe tombar. Lanço a mão para frente e solto um grito abafado entre os dentes cerrados quando meu dedo encosta na beirada da taça. A haste bate na quina da mesa e se parte perfeitamente ao meio no piso de madeira. Agradeço ao universo por ela não ter se despedaçado em minúsculos cacos de cristal caro no tapete ou encharcado

meu caderno com champanhe sem gás. Olho para Bancroft para conferir se o barulho o despertou; felizmente, ele segue dormindo, com o braço cobrindo o rosto. Sem fazer barulho, me desvencilho dos lençóis e esfrego os olhos.

Com um caco de cristal encharcado de champanhe em cada mão, me esgueiro na ponta dos pés pela sala, parecendo um vilão do Scooby-Doo, rezando para que Bancroft não acorde e me veja, de camiseta e calcinha, passando lentamente por ele com cacos de vidro nas mãos, como uma arma improvisada. Solto o ar que estava prendendo quando chego à cozinha e coloco os dois pedaços da taça na pia de cobre com cuidado. Minha cabeça pesa enquanto olho para o horizonte cintilante da cidade. Luzes roxas, azuis e vermelhas de barcos que passam pelo rio refletem na água, atravessando as fileiras de arranha-céus iluminados. Este horário da noite sempre me trouxe uma sensação de conforto turbulento. É como estar presa entre o sonho e a consciência, num mundo onde tudo parece possível, mas nada parece real.

Dou um sobressalto quando vejo, pelo canto do olho, uma figura na entrada da cozinha.

— Com sede? — pergunta a figura sombria, com um sorriso de canto.

Sinto um arrepio percorrer cada centímetro do meu corpo.

— Morrendo — respondo, engolindo em seco.

— Eu também. — Ele caminha na minha direção, a luz da cidade revelando sua silhueta conforme sai das sombras.

É Eric Bancroft, é claro, vestindo apenas uma cueca boxer preta.

Mordo as bochechas e olho fixamente para a janela, evitando a todo custo que meus olhos desçam abaixo do pescoço dele. Porque se olhasse, eu veria os peitorais bem definidos com uma camada de pelos mais escura que seu cabelo, pelo menos seis gomos de abdômen emergindo sob a pele, e aquelas curvas definidas que descem em V até desaparecerem na cueca, como uma pista de pouso. E bem ao lado delas: a cicatriz em processo de cura que eu mesma causei no El Turo.

Eu me afasto um pouco, soltando uma risadinha nervosa, enquanto ele abre o armário. Os músculos das costas e dos ombros dele se movimentam como placas tectônicas, cada gesto calculado e fluido, enquanto ele pega dois copos de bordas largas. Ele pigarreia, me tirando do torpor causado pelo cansaço.

— Pode ser água? — Os olhos dele, que normalmente são tão claros, parecem quase azul-marinho nessa iluminação, com as luzes piscantes da cidade refletindo neles como constelações.

Faço que sim com a cabeça em silêncio, e ele enche os dois copos na pia, sem sequer dar atenção aos cacos de vidro no fundo. Será que ele não percebeu ou já sabia que estavam ali?

— Desculpa se te acordei. — Testo.

— Não acordou. Estou acordado há horas. — Ele tira os olhos da pia, como se estivesse me testando também. — Tenho o sono leve.

Sinto o rosto esquentar quando ele me entrega um dos copos, sem desviar o olhar intenso enquanto seus dedos roçam nos meus. Não consigo nem formular uma frase, apenas encaro o fundo do copo, desejando ser cem vezes menor para poder pular dentro dele e de lá nunca mais sair.

Percebendo meu desconforto, Bancroft muda de postura, voltando à arrogância desdenhosa que eu tanto conheço e detesto.

— Aposto que isso é chocante para você, já que normalmente sempre pareço tão bem descansado. — Ele exibe um sorriso confiante enquanto dá um passo para trás.

Na tentativa de aliviar a tensão familiar surgindo entre minhas pernas, me apoio no balcão e tento imitar seu tom sarcástico.

— Ué, dormir na sua cama imperial com um milhão de fios não é bom o suficiente para Sua Majestade? — Encaro-o com as sobrancelhas franzidas em confusão. Essa versão dele é tão diferente do homem que estava no banheiro mais cedo, como se ouvir as palavras “encontro de verdade” saírem dos meus lábios tivesse acionado um interruptor em sua cabeça.

Uma covinha brota em uma das bochechas quando ele dá mais um passo à frente.

— Você parece *muito* interessada no meu quarto. — Ele toma um gole do copo esculpido com um ar despretensioso, sem tirar os olhos de mim. Cruzo os braços sobre os seios para esconder os mamilos que endurecem. Ele está bem mais nu do que eu, mas, de alguma forma, é como se eu fosse a única vulnerável.

Ele franze a testa, incomodado com o fato de eu me recusar a entrar no jogo dele, seja lá qual for.

— Por que você pediu que eu ficasse?

Ele avança mais, deixando apenas a distância de um braço entre nós.

Eu desvio, pressionando minhas costas nuas na bancada fria de ônix.

— Fiquei com pena de você.

Ele recua, encerrando nossa dança, e se apoia na janela que vai do chão ao teto. O horizonte da cidade o emoldura em um brilho branco e pulsante, um diabo disfarçado de anjo.

— Se é isso que você tem que dizer a si mesma para conseguir dormir à noite. Mas… — Ele faz uma pausa, como se deliberasse algo, olhando para o copo na mão e depois levantando os olhos semicerrados de volta para mim. — … você também não estava dormindo, estava? Mostra pra mim o que estava fazendo.

— O quê? — pergunto, e a palavra escapa mais ofegante do que eu pretendia. Ele se recosta na janela, cruzando os braços musculosos na altura do estômago.

— Mostra pra mim — repete.

Uma mistura intensa de vergonha e tesão me aperta o estômago. Ele me encara com um olhar carregado de confiança enquanto faz um gesto sutil com o queixo, deixando seu olhar vagar lentamente dos meus olhos para minha calcinha, que aparece sob a barra da camiseta. O jeito como ele me observa não é uma pergunta… é um desafio. Um convite silencioso que parece me atingir direto entre as pernas. Preciso reunir toda a confiança que me resta, fortalecida pela escuridão ao nosso redor, para encará-lo de volta. Seguramos juntos essa corda invisível, cada um puxando para um lado. Um sorriso desafiador começa a surgir nos meus lábios à medida que aceito o jogo.

Ele não vai vencer.

Minha mão esquerda repousa, despretensiosa, sobre o balcão, enquanto a direita começa a deslizar na direção do alto da minha coxa. Tento estabilizar a respiração enquanto meus dedos percorrem de leve minha pele, subindo até encontrar a barra da camiseta. Com um leve movimento, o tecido macio e desgastado se ergue, revelando minha calcinha para ele. Agradeço internamente por não estar usando aquele pijama velho com estampa dos Muppets que costumo vestir para dormir. Minha mão desliza sob a renda rosa escura até alcançar o lugar onde havia estado minutos atrás. Minha respiração falha e meu olhar se prende ao dele. Meu rosto cora, ficando na mesma tonalidade da minha calcinha ao perceber que, enquanto eu me concentrava no movimento da minha mão, seu olhar estava fixo no meu

rosto. Observando minha garganta subir e descer a cada respiração do ar noturno.

Ele se remexe, se reposicionando contra a vidraça, e meu olhar vai de seu rosto rígido para seu corpo… rígido. Um lado da minha boca se curva em um sorriso de satisfação, sabendo que aceitar esse tipo de desafio será sua ruína, forçando-o a ceder também. A onda de poder que sinto ao vê-lo perder o controle de sua fachada fria e se render a algo que não consegue dominar faz um arrepio de prazer percorrer meu corpo e aterrissar entre minhas coxas.

Engulo, com a boca seca.

— É isso que você acha que viu, *amigo*? — Minha voz sai mais rouca do que eu pretendia, mais carregada, enquanto lembro a ele do nosso "acordo". Bancroft não responde; apenas solta uma risada abafada e me devolve um sorriso travesso.

Seu olhar é intenso enquanto minha mão trêmula retorna ao balcão; preciso de toda minha força para evitar que meus joelhos cedam. Minha mente enevoada tenta me convencer a parar agora, antes que façamos algo irreversível, como se me tocar na frente de um colega fosse um evento banal. Meus olhos alternam entre ele e a passagem abobadada que leva à sala de estar. Eu poderia simplesmente voltar para a cama e nós dois fingirmos que isso nunca aconteceu. Ele me desafiou, e eu aceitei. Fim do jogo. Mas meus pés descalços estão grudados no piso de azulejo preto, como se mãos gentis estivessem segurando meus tornozelos.

— Deixa eu te mostrar o que eu venho querendo fazer — diz ele, enquanto seus olhos abrandam.

A frase é dita como uma afirmação, mas também como uma pergunta silenciosa: *Você quer que eu mostre?*

Ele está esperando minha resposta, mas as palavras me abandonaram enquanto minha mente entra em colapso. Minhas pernas estão, de alguma forma, moles como gelatina e rígidas como pedra ao mesmo tempo. Tudo o que consigo fazer é assentir. Ele termina o copo d'água devagar, saboreando a última gota como se tivesse todo o tempo do mundo, e então começa a caminhar na minha direção em um ritmo torturante. Percebo que ele está me dando tempo. Tempo para pensar, para detê-lo, para recuperar o juízo e interromper o que quer que isso seja. Para erguer uma bandeira branca, sem ressentimentos.

Na realidade, qualquer traço de bom senso desapareceu no instante em que o convidei para passar a noite. Ele para à minha frente, a centímetros de distância, e coloca o copo ao meu lado no balcão com um pequeno baque. Sua mão desliza do vidro frio para a minha cintura quente, por baixo da camiseta. Ele aperta de leve, marcando minha pele como fogo, derretendo as barreiras que havíamos imposto. Agarro o balcão com toda minha força, como se soltar significasse abrir mão de tudo. Como se fosse admitir o peso crescente da atração que se instalou entre nós desde o momento em que nos conhecemos. Ele encosta o corpo no meu, a pele nua de seu tronco esculpido irradia calor através da camiseta até a minha pele se eriçar em resposta. Seu perfume invade meu olfato, um cheiro doce, esfumaçado e convidativo. Fecho os olhos e abaixo o queixo. *Isso é tortura.* Mas eu já dei o primeiro passo. Se é isso que ele quer, agora depende dele.

Ele desliza os dedos pela lateral do meu corpo, com movimentos tão lentos e provocantes que me fazem suspirar, até aproximar a boca do meu ouvido:

— Na aula de ioga, era só nisso em que eu conseguia pensar.

Seu hálito quente e a leve vibração do peito encostado no meu enviam um aviso claro às minhas pernas: se rendam agora. Meu corpo cede alguns centímetros, mas ele me segura com uma mão gentil.

— Foi por isso que você se recusou a escrever um comentário no formulário de avaliação? — murmuro, o fôlego preso em algum lugar no fundo do meu peito.

Ele solta uma risada abafada.

— O que eu escreveria? “Mal consegui prestar atenção à aula porque estava concentrado demais em não ficar de pau duro”?

Mãos ásperas percorrem minha cintura, descem até os quadris e deslizam lentamente para a parte externa das minhas coxas. Seus dedos apertam de leve, depois, gradualmente, exercem mais pressão na minha pele. Seus olhos estão cheios de um desejo ardente, mas percebo que ele está se segurando. Cada movimento, cada toque, é mais suave do que ele gostaria que fosse. Contido, quando tudo dentro dele clama por intensidade.

— E como vai essa concentração agora? — pergunto, sussurrando sem fôlego em seu ouvido, como uma declaração que negarei se ele algum dia repetir.

Um murmúrio rouco escapa de seus lábios e ele desliza as mãos para debaixo das minhas coxas e me coloca no balcão frio. Eu solto um gemido

involuntário, tirando minhas mãos da superfície e agarrando seus ombros largos e definidos para me firmar. Ele se coloca entre minhas pernas para que eu possa sentir sua ereção.

Sinto seus ombros se moverem sob minhas mãos quando ele se aproxima e acaricia minha bochecha com o polegar.

— Grace, nunca consigo me concentrar em nada perto de você.

Antes que eu possa responder, seus lábios roçam delicadamente os meus, suaves e tênues em comparação com a rigidez entre minhas coxas. Cravo os dedos em sua pele, entreabrindo os lábios para ele. Ele geme diante do convite, e sua língua se encontra com a minha, enquanto ele fricciona contra mim e aumenta a intensidade. Um desejo eletrizante percorre cada nervo enquanto correspondo ao seu ritmo exigente. Deslizo as mãos por seu pescoço e as enrosco em seu cabelo, nossas bocas se chocam e seu sabor doce me faz ferver. Seus lábios distribuem beijos na minha mandíbula e descem até seus dentes encontrarem meu pescoço. Eu gemo, agarrando seu cabelo como se estivesse arrancando tufos de grama da terra. A sensação áspera de seus dentes, língua, lábios e respiração me deixa tão tonta que eu teria caído do balcão se seu corpo não estivesse me prendendo contra ele. Eric desliza a mão pelos meus cabelos, devolvendo meus leves puxões e me jogando em um turbilhão de luxúria estonteante.

Ele faz uma pausa para recuperar o fôlego e seu peito sobe e desce enquanto nossas testas se tocam. Ele franze a testa, como se não esperasse que fosse tão bom *assim*. Seus olhos flamejantes alternam entre minhas pálpebras pesadas e meus lábios rosados e inchados. Inclino a boca para frente, pronta para aceitar a sua na minha a noite toda, mas em vez de me encontrar no meio do caminho, ele se ajoelha, sem desviar o olhar, e afasta minhas pernas com as mãos.

— Espera. — A palavra mal deixa meus lábios e a pressão de suas mãos diminui. Ele permanece ali, entre minhas pernas, mas se afasta e leva as mãos para o balcão. Sinto o calor concentrado onde seus dedos tocaram minha pele. Seu olhar encontra o meu, aguardando pacientemente, como eu pedi.

— Eu não estou… Eu não me… — Engulo em seco, constrangida pela primeira vez desde que ele começou a me tocar. — Eu não me depilo… faz alguns dias.

Doze dias, para ser exata, mas quem está contando?

Sei que não é motivo para ter vergonha, mas William não me tocava a menos que eu estivesse completamente depilada. Houve algumas vezes em que ele parou para que eu pudesse usar uma cera depilatória de emergência e só depois continuamos. E com certeza eu não esperava que a noite terminasse dessa forma.

Ele solta uma risada sem fôlego, e vejo o alívio fluir por seu rosto enquanto encosta a testa na minha. Ele puxa meu lábio inferior entre os dentes e fala, com a voz mais grave do que estou acostumada:

— Eu sei que o que quer que eu encontre será perfeito. Além disso, sou fã do visual retrô — admite ele em meus lábios com um sorriso malicioso e um encolher de ombros, fazendo outra respiração nervosa minha se misturar com a dele. Sinto meu sangue pulsar sob seus dedos. Arqueio a cabeça para trás enquanto ele se abaixa e puxa minha calcinha para o lado, temendo que a visão de sua boca entre minhas pernas me faça ter um orgasmo ali mesmo.

— Caralho, Grace. Você passou a noite toda molhada assim por minha causa? — rosna ele, parecendo irritado com o tempo que perdemos nesta suíte. — É melhor resolvermos logo isso.

Seus lábios pairam sobre os meus, uma última pergunta antes de cruzarmos o limite de mãos dadas. Movo a mão de seu ombro para o cabelo, puxando levemente os fios macios, enrolando-os nos meus dedos. Ele ri pelo nariz, aceitando minha resposta silenciosa.

Arfo quando ele me puxa para si, me arrastando para mais perto, a gravidade aumentando a pressão deliciosa em meu centro cheio de desejo. Seus bíceps se contraem enquanto os braços envolvem minhas coxas, prendendo a metade inferior do meu corpo enquanto ele me penetra lenta, gentil e devastadoramente com a língua. Cada toque de sua língua, lábios e dentes me liberta mais de minhas inibições. Eu me esfrego nele e ele acompanha o ritmo, aprendendo o que me arranca suspiros ofegantes e repetindo os movimentos.

Uma onda de calor pulsante percorre meu corpo. Mordo o lábio para não gritar, como se estivesse negando a sensação avassaladora que se espalha pelo meu centro. Cada terminação nervosa está prestes a explodir em chamas à medida que entro em combustão no balcão frio. Minhas pernas tremem enquanto arqueio as costas, gemendo obscenidades no escuro.

Ele volta a ficar de pé e me beija com força, roubando a respiração da minha boca como se eu fosse sua máscara de oxigênio pessoal. Antes de a

névoa do orgasmo se dissipar completamente, ele agarra minhas coxas novamente e me levanta até que eu me prenda aos seus quadris. Meus braços e pernas o envolvem enquanto ele me carrega até o quarto. Prendo seu lábio inferior entre meus dentes, arrancando sorriso malicioso em seu rosto com um beijo. Seu pau pulsante roça minha calcinha, provocando um choque de calor que se espalha pelas minhas pernas a cada passo.

Ele me deita na cama, em meio aos lençóis amarrotados, e me beija na testa, bochecha, queixo e pescoço com tanta ternura que por um instante esqueço quem somos e tudo o que aconteceu entre nós. Um sorriso tímido se abre em meus lábios. Ele percebe e os contorna com o polegar, retribuindo o sorriso antes de voltar a mapear meu corpo com a boca, levantando minha camiseta e abocanhando meu mamilo com avidez.

Após alguns segundos assim, ele levanta a cabeça como se estivesse saindo de um transe.

— Precisamos de camisinha — afirma ele, ofegante.

— Você tem? — pergunto.

— Por que eu traria camisinha para uma reunião de negócios? — retruca ele, com a boca perto das minhas costelas.

Levanto a cabeça, pesada, para olhá-lo.

— Você não guarda uma na carteira ou algo assim? — pergunto, já desesperada, tentando ignorar a sensação de tristeza que invade meu peito.

— Não, carteiras podem danificar o látex depois de umas três horas. — Ele passa a mão no rosto, a mesma mão que estava me tocando agora há pouco.

— Ah, então quer dizer que *agora* você segue as regras?! — Eu rio, dividida entre a diversão e o desespero.

Ele se afasta, aliviando o peso sobre mim. Uma de suas mãos afunda na cama ao lado da minha cabeça, e ele abaixa a cabeça como se tivesse acabado de perder o prêmio da loteria, seu cabelo bagunçado caindo sobre o rosto enquanto a boca se apoia em meu ombro.

Ficamos assim por um instante, nenhum dos dois querendo desenlaçar as pernas umas das outras, mas sabendo o que acontecerá se não o fizermos. Sinto a vontade irresistível de ajeitar seus cabelos ondulados quando me lembro do kit erótico no banheiro.

— Ai, meu Deus!

Ele olha para nossos corpos entrelaçados em pânico. Com as mãos em seu peito nu, eu o empurro para longe de mim e corro para o banheiro.

— V-você está bem? — grita ele do quarto, mas eu mal consigo ouvi-lo, enquanto vasculho os dois bolsos do roupão até que…

— Ah rá! — Espio pela porta e mostro uma camisinha vegana com a marca do Heimach Hotel como se estivesse mostrando a ele minha posse mais preciosa. — Obrigada, Christoph.

Tenho que me controlar para não voltar correndo para ele, então opto por tentar um andar sensual, tirando a camiseta amassada e jogando-a para o outro lado do quarto. Ele está sentado na beira da cama e pega a camisinha. Preciso me lembrar de não ficar encarando seu corpo bronzeado e definido. Ele suspira, girando a embalagem entre os dedos, entre as coxas.

Uma ruga de preocupação aparece em sua testa, e ele solta um suspiro que acaricia minha barriga exposta.

— Você tem certeza de que quer fazer isso?

A hesitação dele me enternece. A percepção do *quanto* eu quero me atinge com a força de um golpe. É como jogar uma moeda para o alto e só saber o lado que você realmente quer depois que ela cai. Afasto as mechas de cabelo caídas em seu rosto e pergunto com a voz mais sedutora que consigo:

— Já não estamos fazendo?

Ele segura meus quadris e me puxa de leve para mais perto até que eu esteja em pé entre suas pernas.

— Não — Ele responde com um sorriso leve, as pequenas fontes de luz do quarto realçando suas maçãs do rosto. Sinto minha barriga liquefazer quando ele a beija, logo acima da calcinha, e me encara com os olhos semicerrados. — A gente nem começou.



26

Nós nos movemos como um só, respirando quase completamente em sincronia enquanto a chuva torrencial atinge a janela, como uma salva de palmas. Acho que nunca foi tão bom assim. Ainda mais na primeira vez com alguém. Não parece que é primeira vez, parece que estive fora por anos e finalmente voltei para casa, para os braços de alguém que me conhece como a palma da mão.

— Caralho, como você é linda.

Ele afasta o cabelo úmido de suor da minha testa e roça a língua na minha, fazendo meu corpo inteiro tremer em cima dele. Ele deve sentir o efeito das palavras, porque sussurra no meu ouvido o quanto quis me curvar vestida com o terninho rosa sobre a mesa de conferência, e como ficou triste por eu não querer o mesmo…

— Nunca teve um momento em que eu não quisesse isso — gemo, sem fôlego. Abro os olhos em pânico e respiro fundo, como se estivesse tentando engolir as palavras que acabei de dizer.

Seus dentes arranham minha nuca, deixando um rastro de calor fervente no meu pescoço. De repente, estou tão perto, na beira de um precipício do qual só posso sobreviver se eu me jogar de novo. Enquanto minha mente repete “caralho”, “não para” e “isso, aí”, faço as contas: e não, nunca, em toda a minha vida, um homem me fez ter dois orgasmos na mesma noite, mas depois do que ele fez comigo na cozinha, não duvido da sua capacidade.

Ele envolve a minha cintura com os braços e me levanta junto com ele. Ele me beija com força e, com um gemido baixo, me leva em direção ao guarda-roupa com espelho fumê. Solto um gemido involuntário enquanto ele me vira, para que eu possa ver nosso reflexo.

Minhas mãos suadas deixam marcas no espelho e seus olhos escuros e focados voltam sua atenção para mim.

— Fala meu nome — rosna, mordiscando minha orelha, sua voz grave vibrando em meu pescoço.

— Bancroft — ofego enquanto seu antebraço aperta minha cintura.

Sua palma serpenteia ao meu redor gentilmente, me puxando para um abraço apertado.

— Não, *Grace*. Só por hoje, quero ouvir você dizer *meu* nome — murmura ele, com a voz rouca.

Jogo a cabeça para trás para que nossas bochechas se encostem, e para que sua barba por fazer roce minha pele. Levo uma mão aos seus cabelos e puxo alguns fios. Eu me preparo para o que vai acontecer quando eu finalmente disser a palavra que evito desde que nos conhecemos.

— Fala. — Ele aperta a parte interna da minha coxa. — Por favor.

Sua voz se torna suave, como se implorasse por uma confirmação de que eu estou no mesmo planeta que ele. Como se estivesse me entregando as chaves para sua ruína, e também a minha.

Estou começando a entender como o poder corrompe porque, quando a palavra “Eric” tremula em meus lábios, eu me sinto quase cruel. Ele ri, rouco, encostado em meu ombro e me penetra novamente. As investidas pulsantes criam ondas de prazer que sobem até minha garganta. Nós nos jogamos do precipício juntos, sem pensar onde vamos aterrissar.



Nossas cabeças dividem o mesmo travesseiro sob o luar, nossos corpos entrelaçados como um átomo que se recusa a se dividir. As primeiras horas da manhã parecem outro mundo. Um universo paralelo onde não somos Hastings e Bancroft: rivais na indústria. Somos apenas Grace e Eric: duas pessoas que finalmente se encontraram. A oportunidade de sermos toda e qualquer coisa. O que quisermos, juntos.

Uma voz sussurra em meu interior que isso não é real; nós dois estamos apenas fingindo por algumas horas e amanhã voltaremos a ser aliados hesitantes até que esse projeto acabe e cada um siga seu caminho. Mas o som do meu nome em seus lábios, nossa respiração pesada e ofegante e os gemidos de prazer que ainda ecoam em minha mente abafam essa voz — abafam de tal maneira que eu nem a ouço mais.

Ele me abraça enquanto aconchego o rosto em seu peito, os pelos fazem cócegas nas minhas bochechas quando inspiro fundo.

— O que está fazendo? — pergunta ele, olhando para baixo.

— Tentando descobrir que perfume você usa — respondo, recuperando o fôlego.

Ele ri baixinho.

— Por quê?

— É que as meninas do escritório fizeram uma aposta.

— Sobre mim? — pergunta ele, com um ar inocente.

— Ah, faça-me o favor… — Eu me solto de seus braços e me apoio em um cotovelo. — Você sabe que elas são obcecadas por você, não sabe? Elas ficarem de queixo caído toda vez que você aparece deve ter sido um bom indicativo.

— Nunca reparo em mais ninguém quando vou ao seu escritório. — Seus olhos estão vidrados, mas com uma doçura que me convence de sua sinceridade, e o frio que sinto na barriga confirma que ele está falando a verdade.

Estreito os olhos e mordo a língua, tentando disfarçar o rubor. Devagar, ele se desvencilha do meu corpo e caminha completamente nu até a sala. Puta merda, até o bumbum dele é esculpido pelos deuses.

— Pare de olhar para a minha bunda — diz sem se virar, sumindo de vista por alguns instantes antes de voltar para a cama e me entregar uma garrafa de vidro com um líquido claro.

— Vetiver — leio, borrifo em mim a fragrância terrosa e murmuro em aprovação. — Humm, eu tomaria um banho deste perfume.

— Ai, meu Deus, não são só as meninas do seu escritório. Você também é obcecada por mim! — provoca ele com um sorriso atrevido que se espalha pelo seu rosto.

— Acho que isso… — Gesticulo entre nós dois, nus e cobertos por um lençol. — … fez você subir e ultrapassar a escala de arrogância.

Quando tento me sentar, ele me segura pela cintura, com um brilho travesso nos olhos, e me deita de volta na cama.

— Você é obcecada — repete no meu ouvido, me prendendo na cama com seu corpo — por *mim*.

— Não sou, não! — solto um gritinho e tento, sem sucesso, me soltar, batendo no peito dele de leve. Ele pega meus dois pulsos com uma mão e os prende contra o travesseiro, acima da minha cabeça.

— Ah, é? Então parece que meu trabalho aqui ainda não acabou.

Ele abaixa a cabeça, toma meus lábios nos seus e traça a mão livre até minha mandíbula. Meus olhos se fecham, aceitando meu destino. Desta vez, é sem pressa. Como se ele precisasse de horas para arquivar cada parte de mim para uma coleção particular. Dois corpos se unindo como as páginas de um livro que se fecha.



27

Embora tenhamos dormido apenas algumas horas, esses 120 minutos transformaram o que antes era uma ideia vaga e abstrata, escondida sob o véu da noite, em algo concreto e claro como o dia. Um carro buzinando na rua me desperta; o barulho baixo me arranca do torpor e me traz de volta à realidade. Como de costume, estico a mão para pegar o celular assim que acordo. Coloquei-o no modo "Não Perturbe" depois da *primeira* vez ontem à noite, então perdi várias notificações.

Um e-mail da Susie enviado às 6h34.

Uma mensagem de texto da Yemi de ontem à noite, perguntando se vou trabalhar até tarde ou se voltarei a tempo do jantar.

Uma mensagem do William no Facebook, que escolho ignorar. Vou desfazer a amizade com ele mais tarde.

Uma notificação da agenda: meu encontro com Jack, em trinta minutos.

Uma mensagem do Jack no Ignite: *Chego em vinte minutos, ansioso pra te ver :)*

Merda.

O braço de Eric está relaxado, repousado sobre minha cintura, mas nossos corpos não se tocam. Será que consigo sair sem acordá-lo? Fugir e fingir que nada disso aconteceu? Será que é isso que eu realmente quero?

Enquanto tento me afastar para a beirada da cama, a mão dele desliza para frente e se espalma sobre meu ventre, os dedos desenhando círculos lentos e subindo em direção às minhas costelas. O ritmo lento e tranquilo de sua respiração não se altera enquanto ele me puxa mais para perto. Meu interior se derrete quando ele me aperta contra seu corpo, sua ereção matinal pressionando minhas costas. As lembranças da noite passada, ainda frescas, invadem meus pensamentos. Relaxo quando sua boca, agora tão familiar, cobre meu ombro, pescoço, queixo e bochecha com beijos carinhosos, até que seus dentes perfeitos roçam o lóbulo da minha orelha, me incendiando por completo. Em um momento de fraqueza, eu me entrego à sensação, apertando o travesseiro e rebolando os quadris na direção de Bancroft.

Ele ri, e o calor da sua risada faz cócegas no meu ouvido.

— Bom dia. — A voz dele está grave e rouca.

— Eu preciso ir — respondo num misto de murmúrio e gemido, enquanto resisto mentalmente à força gravitacional que me mantém em seus braços.

— Não precisa, não — insiste ele, quase suplicando, me apertando mais contra seu corpo. — Tenho um plano: nós dois ligamos dizendo que estamos doentes, eu estendo a reserva do quarto por mais uma noite e ficamos assim o dia todo.

Evito fazer as contas de quanto custaria estender a estadia aqui e de como me sinto lisonjeada por ele estar disposto a gastar tanto só para ter mais vinte e quatro horas comigo. Ele desliza a mão pelos meus quadris, desenhando círculos leves com o polegar, aumentando a tensão no nó que sinto na barriga.

Abafando um gemido, afundo o rosto no travesseiro macio. Não quero que ele pare, mas eu preciso que pare. Preciso clarear a mente. Esse é o Bancroft. Bancroft, meu concorrente. Bancroft, meu colega. Bancroft que está enfiando os dedos na… Minha mente corre em busca da frase certa até encontrar a única coisa que tenho certeza que será capaz de quebrar o clima entre nós:

— Tenho um encontro em trinta minutos.

A mão dele congela no mesmo instante.

— Você ainda vai no encontro? — pergunta ele com os lábios colados no meu ombro.

— Vou. — Respiro fundo à medida que ele afasta lentamente o corpo do meu. O ar frio ocupa o espaço que sua pele quente deixou.

— Certo.

O colchão afunda quando ele se joga de costas, passando a mão na boca, pensativo.

— É — repito, sem saber o que mais dizer. Eu me decido por uma palavra: — Banho.

Uma segunda onda de determinação parece reacender nele, seu olhar gentil recuperando a confiança calma e sexy.

— Que tal tomarmos banho juntos? — Ele sorri de canto e gesticula com a cabeça em direção à porta do banheiro. — Acho que aquele box é grande o suficiente para dois. Quer testar minha teoria?

Por um momento, imagino ele me encostando nos azulejos quentes e úmidos, mas logo sou arrancada da fantasia. Meus olhos se prendem ao

meu caderno na mesinha de cabeceira, com as anotações da apresentação claramente visíveis. Por um instante, me pergunto: *será que o que aconteceu ontem foi uma tentativa dele de me impedir de ir ao encontro que ele mesmo sugeriu? Para que eu não o supere?*

Balanço a cabeça, me preparo e anuncio:

— Acho que isso aqui — gesticulo com a mão entre nós dois — não deveria se repetir.

Meu estômago revira ao ver um lampejo de dor atravessar os olhos dele, antes que se tornem frios e indecifráveis.

Ele sabe que isso não pode acontecer de novo, não sabe? Talvez ele só nunca tenha enfrentado esse tipo de rejeição e não saiba lidar com ela. Nossas apresentações são em apenas duas semanas; se continuarmos a nos ver, vai terminar antes mesmo de começar. Um de nós vai conquistar o emprego e o outro não vai conseguir lidar com a derrota. Dormir com o concorrente já é uma coisa complicada, mas ficar com a pessoa que roubou seu emprego dos sonhos é um golpe duro demais. Não podemos repetir isso, por mais que a vontade exista — não levaria a lugar algum. Acabaria antes que nos déssemos conta.

Ele ajusta o rosto para uma expressão de neutralidade.

— Vai querer isso de volta? — Ele balança minha calcinha pendurada no dedo. Eu a arranco de sua mão com mais força do que pretendia e me viro descalça em direção ao banheiro. Quando saio do ambiente quente e úmido, agora de roupão, ele já está vestido, arrumando a mochila ao lado da porta. Ele fez a cama, apagando qualquer vestígio da noite passada como se nada tivesse acontecido.

Tentando aliviar o silêncio incômodo, pergunto:

— Não vai tomar banho?

— Vou, na academia — responde, enquanto fecha o zíper da bolsa.

— Ah. — Assinto, como se isso fizesse todo sentido.

Ele dá de ombros como se isso fosse algo completamente normal para ele: passar a noite com alguém em uma cobertura luxuosa e, em seguida, voltar direto à rotina matinal padrão como se nada tivesse acontecido. Como se *isso* não fosse nada.

— Bom, divirta-se no seu *encontro*. — Ele arqueia as sobrancelhas, o maxilar tenso enquanto me analisa de cima a baixo antes de caminhar em direção à porta.

— Bancr… Eric? — Mordo o interior das bochechas ao lembrar o que ele sussurrou no meu ouvido antes de me levar ao segundo orgasmo.

— Oi? — Ele parece quase nervoso ao olhar por cima do ombro. Seus dedos estão brancos de tanto apertar a alça da mochila.

Com os dedos entrelaçados na frente do corpo, digo:

— Será que você poderia…

Não contar nada disso para ninguém?

Fazer aquele truque com a língua de novo?

Ficar para que possamos entender o que isso significa para nós dois?

— … deixar seu cartão de acesso perto da porta, para que eu possa devolvê-lo à recepção?

Os ombros dele relaxam um pouco, e eu prendo a respiração enquanto ele coloca o cartão em uma mesinha de canto e sai sem dizer mais nada. Quando a porta bate, a bolha de energia no quarto finalmente estoura. Estou sozinha em um dos quartos mais caros da cidade, com tantos pensamentos tumultuando minha mente que viraram um grande ruído branco.

Dez minutos depois, com a maquiagem mais rápida que já fiz na vida, saio correndo para encontrar Jack. Se eu não estivesse tão desnorteada por conta da noite passada e tão preocupada com o atraso, acharia fofo o fato de ele ter chegado adiantado.

— Senhorita Hastings! — Uma voz retumbante ecoa pelas paredes enquanto aperto o botão do elevador.

— Christoph! — respondo, ofegante. Ele está vestindo um terno vermelho vivo estampado com flores de hibisco brancas e cinzas. É difícil não sorrir ao vê-lo, mesmo nessas circunstâncias inusitadas.

— Espero que sua estadia tenha lhe deixado satisfeita, *ja*? — diz ele, com uma piscadela.

— O quê? — exclamo.

Christoph parece confuso; claro, ele não faz ideia de que Eric ficou no quarto.

— Ah, sim, *ja*! Muito obrigada!

Tive o melhor, o segundo melhor e o *terceiro melhor* orgasmo da minha vida em uma única noite? Sim. Me arrependo? Sim. Quero que aconteça de novo? Sim. Espera aí… Não!

— *Wunderbar!* — Ele junta as mãos. — Ah, e peço desculpas pelo mal-entendido em relação ao quarto. Espero que o Eric não tenha se importado

em ceder a suíte para você por uma noite.

Meu estômago se revira só de pensar na possibilidade de Christoph cruzar com ele a caminho do saguão. Aí está: mais uma razão pela qual isso não deveria ter acontecido. Nós dois corremos o risco de parecer péssimos profissionais diante do nosso maior parceiro de negócios em potencial para o lançamento do Ditto, colocando em jogo as chances de qualquer um de nós conseguir a promoção. Claro, *ele* já tem esse tipo de reputação, e mesmo que deteste, isso acaba jogando a seu favor. Mas a última coisa que eu quero é que um novo contato comercial pense o mesmo de mim.

— Tenho certeza de que ele não se importou — digo, com os olhos arregalados e a cabeça balançando freneticamente. O elevador faz um "ding". — Preciso ir, mas entraremos em contato na segunda-feira para tratar dos contratos de parceria.

Abro meu sorriso mais entusiasmado e cheio de dentes, que provavelmente me faz parecer uma figurante surtada de *Wallace e Gromit*.

Ele acena displicente, ignorando minha tentativa de soar profissional.

— *Ja*, *ja*, sem problemas. Até logo!

Ele me empurra gentilmente para dentro do elevador dourado. Espero as portas metálicas gigantes se fecharem antes de desabar contra a barra de apoio.

Preciso de cada segundo do trajeto até o local onde vou encontrar Jack para me recompor, mas, mesmo assim, ainda estou nervosa quando finalmente me sento em frente a ele.

Jack parece aquele tipo de pessoa que você levaria para conhecer seus pais, e eles diriam: "Que rapaz simpático". Porque é exatamente o que ele é: um Rapaz (tem o porte daqueles homens das capas de romances antigos, montados em fardos de feno ou segurando uma donzela desmaiada, com cabelos escuros e compridos esvoaçando ao vento; além disso, tem um rosto mais de menino do que nas fotos, mas ainda assim é atraente, de um jeito desleixado e charmoso) e é Simpático (tem olhos gentis, foi educado ao insistir em pagar meu café e minhas panquecas e está fazendo várias perguntas).

É disso que você precisa. Um Rapaz Simpático. Alguém que não vai contar para toda a sua família que vocês estão noivos e depois te largar em menos de vinte e quatro horas. E nem alguém que não vai te fazer sentir a

pessoa mais especial do mundo enquanto planeja roubar o emprego dos seus sonhos bem debaixo do seu nariz.

O café, decorado com paredes de tijolos expostos, pôsteres de jazz francês e quatro baristas de bigodes combinando, está cheio, mas ainda mantém um ambiente calmo. Não é um silêncio absoluto, mas tem um clima de biblioteca — como se qualquer som mais alto que um sussurro fosse atrair um "xiu!" de uma mulher de meia-idade com óculos de leitura com armação estilo gatinho presos em uma corrente. Estamos sentados em um sofazinho com encosto alto, com pratos meio vazios de panquecas sobre a mesa, virados diagonalmente como se estivéssemos encenando o famoso espetáculo teatral *Primeiro Encontro Um Tanto Embaraçoso* para o restante das pessoas no local.

Meus lábios ainda inchados encostam na borda da caneca quente. É surreal pensar que há quatro horas eu estava implorando para o Bancroft me…

— … e aí ele rolou em uma poça de lama e penas. Saiu da floresta parecendo uma galinha! — Eu volto à realidade no momento em que Jack solta uma gargalhada alta e ergue o celular para me mostrar uma foto na tela: um cachorro sujo de lama e coberto de penas, com uma expressão de satisfação em um campo. Droga, não prestei atenção a uma palavra do que esse Rapaz Simpático disse nos últimos cinco minutos. O que deu em mim?

Eu me pergunto se alguém por perto percebe que a risada que dou olhando para a tela do celular de Jack é completamente forçada.

— Você tem cachorros? — Ele me olha, esperançoso, como se a resposta fosse o fator decisivo que usa para avaliar toda namorada em potencial.

— Não — respondo, soltando o ar sobre a borda do meu *latte*. Com o tom baixo, a resposta soa mais ríspida e desdenhosa do que eu gostaria.

— Ah. — Ele franze as sobrancelhas e faz um biquinho.

Jack encara a espuma branca se desfazendo em sua xícara e parece genuinamente arrasado, como se eu tivesse acabado de confessar que sou uma assassina de cachorrinhos, em vez de simplesmente não ter um.

— Mas gosto muito de cachorros! — Tento amenizar, abrindo um sorriso apertado e arqueando as sobrancelhas de leve.

— Ah! — Ele solta um suspiro de alívio, se recostando na cadeira. Esse cara *realmente* adora cachorros. Será que eu devo confessar que prefiro gatos?

Meu celular apita, me lembrando de enviar as notas de avaliação do Heimach Hotel. Como diabos vou resumir as últimas doze horas?

Meu cérebro entra em pane tentando encontrar qualquer outro tópico para conversar com Jack. Enquanto isso, lembranças insistentes dos dentes de Bancroft no meu pescoço e das mãos dele no meu cabelo invadem meus pensamentos, até que por fim pergunto:

— E aí, com o que você trabalha?

Ele olha para o cappuccino com uma expressão tímida, mexendo o líquido restante na caneca até deixar um rastro de espuma marrom nas bordas.

— Eu sou… sou bartender?

Ele ergue o olhar, seus olhos de cachorrinho brilhando para mim. Franzo a testa; por que ele parece desconfortável ao dizer isso? Será que acha que eu menosprezo a profissão? Então, de repente, tudo faz sentido.

— Ah, droga, você já tinha dito isso. Desculpa! Tive uma… noite difícil ontem. Mal dormi. — Tomo um gole enorme do meu *latte* para enfatizar, erguendo a xícara em um gesto de "foi mal" para ele. — Minha cabeça está meio fora de órbita hoje.

Ele volta a se animar com a minha explicação.

— Ah, sem problemas. Podíamos ter remarcado, se você quisesse. Está tudo bem? — Urgh, como ele é um Rapaz Simpático.

— Não, não. Tudo bem! Está tudo bem — insisto. Ele é tão solícito que está tentando remarcar o encontro em que estamos *neste exato momento* para ser mais conveniente para mim. — Por favor, fale mais sobre o seu trabalho… Quero muito saber.

Faço um esforço para dar um sorriso genuíno, focando em seus olhos enquanto ele fala. Ele tem olhos muito bonitos. Castanho-escuros com manchas douradas-alaranjadas, como chamas dançantes, bem diferentes do azul glacial de Eric.

— Então, eu trabalho no SALT. Um barzinho que fica no centro?

— Mentira! Já estive lá para um evento do trabalho. É muito bom!

Ele solta uma risada nervosa, sua camiseta branca impecável se levanta um pouco quando ele coça a nuca abaixo de seus cabelos escuros e cacheados.

— Acabei de reformular o cardápio de coquetéis. A ideia é ter mais bebidas instagramáveis e experimentais, com gelo seco e tal.

Cruzo as pernas e me inclino para frente, como se fosse revelar um segredo obscuro.

— Acho que sou o tipo de garota que prefere um bom martíni.

Ele imita minha postura.

— Dá pra notar — diz ele, com um sorriso perfeitamente simétrico que faz aparecer covinhas nas bochechas.

Apoio o queixo nos nós dos dedos.

— E aí, você tem algum drinque favorito no seu novo cardápio fabuloso?

— Tenho… que tal você não aparecer lá no bar pra eu preparar um pra você?

Minha pose de confiança se desfaz e eu começo a suar frio na hora, como se ele tivesse acabado de perguntar se poderia extrair alguns dos meus dentes.

Pisco sem parar e, tentando sorrir de novo, me forço a dizer:

— Humm, claro, boa ideia.

O que deu em mim? Eu consigo ir a um milhão de encontros de mentira com meu inimigo, mas não quero ir a um segundo com esse cara incrível?

Conversamos por mais vinte minutos sobre lugares que fomos para beber, para caminhar, para comer, até que eu noto a hora e preciso ir embora, explicando que minha chefe queria um trabalho entregue logo pela manhã. Jack toca na minha lombar enquanto nos desviamos das mesas até a saída. Sua mão parece um intruso indesejado tentando invadir meu espaço pessoal. Agradeço a mim mesma por ter marcado este encontro para o café da manhã; a refeição menos carregada de segundas intenções.

Nós saímos para o sol da manhã já abrasador, com a multidão da hora do rush cheia de uma energia ambiciosa.

— Bom, foi ótimo. Eu não costumo acordar tão cedo, mas valeu a pena ter adiantado o despertador. — Eu dou uma risada, mas então percebo que ele não está brincando. Meu sorriso se desfaz enquanto tento imaginar como nos veríamos, já que trabalho até tarde na maioria das noites e começo o dia cedo, e ele trabalha todas as noites. Nossos fins de semana envolveriam corridas na natureza, cobertos de galhos e picadas de insetos, em vez de passeios tranquilos de mãos dadas por galerias de arte e museus climatizados.

Jack se inclina e eu travo. *Cacete, cacete, cacete.* Eu deixo ele me beijar? Eu o beijo? Eu ainda consigo sentir o gosto do Eric na minha boca… seria injusto com o Jack! É isso que as pessoas fazem no primeiro encontro hoje em dia? Ou apenas em encontros do Ignite? Estou prestes a me jogar na

frente das pessoas que passam quando sinto os lábios dele na minha bochecha em brasa. Meus ombros relaxam e quando o clima acalma, eu me sinto péssima. Claro, ele não me beijaria após tomarmos café no primeiro encontro. Ele é um Rapaz Simpático.

Nós nos despedimos e fazemos as promessas obrigatórias de “eu te mando mensagem”, em seguida, nos viramos e caminhamos em direções opostas. Ele de volta para a cama e eu para o escritório, tentando suprimir um desejo instintivo de que ele fosse outra pessoa.



28

Quando estou trabalhando em algo pelo qual sou apaixonada, as horas passam voando e mal percebo. Criar a apresentação do projeto Ditto, assim como quando desenvolvi a proposta do Para Sempre, nem sequer parece trabalho. É como se fosse algo em que realmente sou boa: pegar uma ideia do zero e desvendar o quebra-cabeça de transformá-la em algo aplicável ao mundo real. Apesar de todas as surpresas que surgiram durante a pesquisa e o desenvolvimento do Ditto, essa tem sido a experiência mais divertida que tive no trabalho em meses, talvez anos. Susie vai passar a manhã toda em reuniões com a estrita instrução de "não perturbe", então fiquei trancada em seu escritório, ajustando os últimos detalhes dos meus slides, adicionando um toque especial, ajeitando frases confusas e transformando tudo em uma lista clara de tópicos para acompanhar minha apresentação oral.

O toque estridente do telefone preto do escritório dela me assusta, mas deixo tocar até a secretária eletrônica atender, seguida por uma voz grave:

— Boa tarde, Sra. Jopling. Minha equipe analisou sua solicitação. Eles mantêm o direito de removê-la de seu cargo, mas sua vaga no conselho continua garantida, conforme os termos da aquisição. Por favor, entre em contato com minha secretária para agendarmos uma reunião e discutirmos os próximos passos.

Eu congelo. Não posso apertar o botão de replay — ela vai perceber que alguém ouviu. Tentar processar aquelas palavras é como tentar lembrar a placa de um carro que passou a noventa quilômetros por hora. O Grupo Catch está tentando se livrar da Susie? Meu estômago revira; durante a aquisição da Fate, ela lutou para que mantivéssemos nossos empregos. O que aconteceria com o resto da equipe se Susie fosse mandada embora?

Uma mensagem da Yemi no Slack aparece na tela do meu notebook, me arrancando do início de um surto:

OM: Está livre para almoçar, sua gandaieira? Bjs

GH: Te encontro no elevador em cinco minutinhos Bjs

Se não fosse pelo desconforto persistente entre minhas coxas e pela marca de mordida nada discreta no meu ombro, eu começaria a achar que imaginei a noite passada.

— Puta que pariu! — Yemi se inclina para frente na cadeira.

— Concordo plenamente.

— Não, sério, puta que pariu!

Eu me recosto, aliviada por compartilhar o peso desse problema com alguém em quem confio, e respiro fundo pela primeira vez desde que Eric saiu da cobertura.

— Tá, me avisa quando o choque passar.

— Ah, eu não estou chocada por você ter transado com ele — diz ela e toma um gole da sua bebida. — Na verdade, estou chocada que isso não tenha acontecido antes. *E* que teve coragem de ir naquele bendito encontro logo depois.

Meu *matcha latte* gelado quase sai pelo meu nariz.

— Primeiro: não foi você que sugeriu que eu colocasse o rosto dele em um alvo de dardos? Segundo: eu precisava da experiência de um encontro de verdade para a minha apresentação e isso definitivamente esclareceu algumas coisas pra mim…

— Eu sugeri o alvo de dardos *antes* de você começar esses encontros-teste com o Eric. — Ela dá de ombros e toma um gole do chá gelado de hibisco, me analisando com um olhar atento. — Desde que você começou esse projeto, parece que está… brilhando.

Minhas sobrancelhas quase alcançam o teto.

— Brilhando? — repito, incrédula.

— Sim. Você parece mais segura de si. Pra ser bem sincera, eu estava esperando que você fosse acabar completamente exausta com esse trabalho extra… mas parece que você renasceu, pelo menos no lado profissional. Seus olhos têm aquela chama outra vez.

Mexo a mandíbula, tentando disfarçar o quanto gostei desse comentário. Ela está certa: a última vez que realmente me diverti no trabalho foi quando estava com William. Achei que o término tivesse causado um impacto negativo no meu desempenho — afinal, quem quer promover a ideia de encontrar A Pessoa Certa quando A Pessoa Certa acabou de te destruir? Mas a festa de Natal aconteceu só alguns dias depois, e logo em seguida foi o fim da minha amizade com Bancroft. Esse pensamento paira ali. Uma

sementinha de ideia, na verdade. Será que a chama se apagou por perder o Eric, e não o William?

"Vocês são como combustível para o outro."

Será que eu era a única que não tinha percebido como ele me desafia, me impulsiona e me trata como uma igual, em vez de me ver como uma ameaça? Tento não pensar no momento em que ele negou me ver como inimiga, dizendo que sempre me enxergou como uma aliada. Ele sempre considerou que estivéssemos no mesmo time, mesmo quando éramos colocados um contra o outro a cada oportunidade possível.

Eu contenho um sorriso até que Yemi suspira.

— Ou talvez você tenha razão, e seja só o brilho de três orgasmos seguidos.

— Ai, meu Deus! — Jogo um canudo de papel amassado nela. — Já estou arrependida de ter contado essa parte.

— Por falar nisso, vocês vão conversar como dois adultos maduros ou só fingir que nada aconteceu? — O gelo no copo dela tilinta quando ela gira o canudo.

Eu balanço a cabeça, colocando minha bebida na mesa com um baque.

— Não consigo pensar nisso agora, pelo menos não até as apresentações terminarem. Parece a coisa mais madura a fazer. — Confirmo minhas próprias palavras com um aceno enfático. — Mais uma vez, obrigada de coração pelos dados. Eles realmente abriram meus olhos sobre o que o usuário pode querer do Ditto.

— Acha que está com a vantagem nas mãos agora? — pergunta ela entre goles.

— Nas mãos, não, mas talvez em uns dois ou três dedos — digo, dando de ombros encostada na cadeira de madeira.

— Pelo visto, ele só precisou disso — murmura ela com a boca no copo.

Bato a cabeça na mesa.

Quarenta e cinco minutos depois, sou recebida de volta à minha mesa por um Post-it rabiscado e grudado na tela do meu computador. Os recados da Susie são umas das coisas que mais me irritam — sempre deixa aquele restinho de cola grudado na tela. Tenho certeza de que é de propósito. Ela sempre os cola bem no centro da minha tela para deixar claro que o que ela quer deve ter prioridade em relação a qualquer coisa que eu esteja fazendo no momento. Seja qual for o capricho dela, tem passe livre direto para o

topo da fila interminável de tarefas da Grace. Desta vez, o bilhete diz de forma ameaçadora: *"Meu escritório."*

Meu estômago revira enquanto me esgueiro até a sala; será que ela sabe que eu ouvi o recado? Aparentemente não, porque ela passa os minutos seguintes me repreendendo pela qualidade do meu trabalho. Pelo jeito, o relatório sobre os dados de expansão que entreguei ontem já não serve mais.

— Precisa refazer isso imediatamente. — Susie esfrega o topo do nariz como se o trabalho que, segundo ela precisa ser refeito, fosse estressar *ela*, e não eu. Levei uma hora e meia para montar aquele relatório. Refazê-lo com uma análise aprofundada vai levar várias horas. Eu queria usar esse tempo hoje à noite para finalizar minha apresentação do projeto Ditto e começar a ensaiar.

Engulo o nervosismo.

— Eu… eu acho que não vou ter tempo para fazer isso esta noite.

Os olhos de Susie brilham, como se ela estivesse esperando exatamente essas palavras para desencadear uma bronca completa. Ela comprime os lábios e se inclina sobre a mesa de vidro, com olhos afiados que perfuram qualquer resquício de autoestima, como um palito atravessando uma uva. Ela fala devagar e baixo, saboreando cada palavra que sai de seus lábios:

— Eu só tinha uma condição para você trabalhar nesse projeto para o Catcher: que continuasse cumprindo com suas obrigações comigo. Isso é uma enorme decepção. Enorme. Você vai ficar até tarde hoje para terminar esse relatório com uma qualidade *consideravelmente* mais alta.

Meu peito começa a subir e descer em respirações rápidas; eu não tenho tempo para concluir esse trabalho *e* começar a ensaiar minha apresentação. Se eu me render facilmente agora, Bancroft vai acabar saindo vitorioso, e eu vou ficar presa nesse ciclo interminável de buscar cafés, ser manipulada pela culpa e fazer planilhas.

Aceitando minha punição, dou meia-volta para sair, enquanto as palavras que estou morrendo de vontade de dizer pesam nos meus ombros. A imagem de Bancroft surge na minha mente, com aquele sorriso convencido ao receber a notícia de sua promoção. Como ele lidaria com essa situação? Ele diria algo. *Este é o momento* de dizer algo. Se eu não conseguir o cargo no Ditto, será que quero mesmo voltar para essa relação de trabalho? Endireito a postura, cerro as mãos e inspiro o que suspeito ser minha última respiração.

— Não… a condição era que eu continuasse cumprindo minhas funções de *Gerente de Marketing* enquanto assumia esse projeto, e foi o que fiz. — Meus pés, como se tivessem vontade própria e estivessem sendo movidos pelo que só posso imaginar ser a "chama" que Yemi mencionou mais cedo, me levam até a mesa de Susie. — Sei que você está passando por um momento difícil e eu lamento. Mas o que está te irritando é o fato de eu não ter tempo para ser sua *assistente*: algo que eu não tenho tempo para fazer e pelo qual não sou paga.

Ela bufa e solta uma risada seca.

— Você não tem a menor ideia do que está falando.

Minha voz treme um pouco. Não consigo acreditar que estou fazendo isso. Parece uma experiência extracorpórea. Como se alguém que realmente tem um pouco de autoestima tivesse tomado as rédeas e me levado para dar uma voltinha.

— Talvez não, mas você estar sob pressão não te dá o direito de me tratar assim.

É como a onda de adrenalina que senti quando defendi Iris no Bar da Matilda, só que melhor. Defender a *mim mesma* é uma questão totalmente diferente. Com os outros, consigo ver claramente quando estão sendo explorados ou maltratados. Quando se trata de mim, não consigo enxergar as entrelinhas com a mesma clareza — por mais que as pessoas ao meu redor estejam gritando isso aos quatro ventos. Talvez tenha sido isso o que aconteceu com o William? Começo a perceber as semelhanças entre as personalidades dos dois. Eles tomavam as decisões e me informavam sobre o andamento das coisas, e eu só me deixava levar, sendo carregada na corrente deles em vez de nadar até a margem.

Pisco os olhos com força e pigarreio.

— Eu costumava te admirar. Ainda sou muito grata pela oportunidade que você me deu, mas gratidão tem seus limites. — Levanto o relatório rejeitado, que amassou sob os meus dedos. — Quanto a te decepcionar: este relatório está ótimo. Não se trata do relatório. Mas, sim, de você querer que eu seja sua assistente para sempre, às custas da minha própria carreira.

O poço de lágrimas, que costuma surgir sempre que expresso qualquer emoção extrema, borbulha logo abaixo da superfície, ardendo nos meus olhos. *Não chore*. Pisco para afastar as frustrações e respiro fundo.

Ela se endireita, como se ser tratada assim tivesse despertado algo nela, e suspira.

— Não sabia que você se sentia dessa forma.

— Eu me sinto — confirmo. — Já me sinto assim há um tempo. Se eu não conseguir a promoção e passar a trabalhar na Ditto, as coisas precisam mudar.

Ela me olha com uma expressão vazia.

— O que você quer?

Merda, ela acha que eu ensaiei esse discurso.

— Eu quero que você contrate uma assistente. Posso recomendar algumas pessoas. Não uma estagiária, mas uma assistente com salário fixo. E eu gostaria de um reajuste de salário, para o valor que eu deveria estar recebendo se tivesse solicitado aumentos anuais desde que comecei a trabalhar para você. No valor padrão da indústria.

Ela cruza os braços.

— Está bem. Peça ao RH que elabore um novo contrato e eu dou uma olhada.

Abro um sorriso educado.

— Obrigada.

Eu me viro para sair, tentando com todas as forças evitar que minhas pernas trêmulas tropecem uma na outra. A última coisa que eu quero depois de uma jogada de poder é uma queda desengonçada de salto. Empolgada com a sensação, tento a sorte mais uma vez. Já cheguei até aqui, melhor aproveitar e apostar tudo.

— Ah, e quero meu próprio escritório. Tem uma sala de depósito desocupada no fim do corredor, posso adaptá-la.

Ela arqueia as sobrancelhas, quase como se estivesse impressionada.

— Está bem.

— Obrigada. E… sei que não é muito, mas se precisar de alguém para te apoiar, pode sempre contar comigo. — Assinto para reforçar e abro um sorriso com os lábios fechados.

Ela tamborila a unha na mesa, enquanto a outra mão massageia a ponte do nariz.

— Sabe, só porque você é dona de uma empresa não significa que está no controle; sempre haverá pessoas… ou, no meu caso, uma sala de reunião cheia de pessoas… que decidirá que você não é boa o suficiente, que seus

anos de contribuições não importam porque você já não se encaixa na “visão” deles. Desculpe se eu te fiz sentir o mesmo.

— Que “visão”?

Ela faz um gesto blasé com a mão, pensando nas razões.

— Ao que parece, sou velha demais para ser a imagem da Fate. É deprimente ter uma mulher da minha idade representando a busca pelo amor. Eles querem que eu me demita.

Faço uma careta em descrença.

— Pois é — afirma ela, concordando com a minha expressão. — Acha que Dharmash está sendo avaliado da mesma maneira? Uma ruga aparece e pronto, sou descartada. Ele paga uma revista para perseguir um funcionário e o conselho só falta aplaudir.

Meus nervos ficam todos em alerta.

— Como é?

Ela inclina a cabeça.

— Achei que você soubesse?

Balanço a cabeça.

— Soubesse o quê?

— Sobre o Eric Bancroft?



29

Depois de terminar os slides da minha apresentação, agora estou praticando na sala de estar o que vou falar. Só vou parar quando minha garganta pedir socorro, essa é a única maneira de acalmar o enxame de gafanhotos que parece se revoltar na minha barriga.

— Em resumo — declaro com um gesto teatral —, com essa estratégia, o Ditto abrirá novos caminhos para conectar usuários e trará um sopro de inovação para o setor. As pesquisas de mercado mostram que a nova geração de usuários em potencial está cansada dos aplicativos de encontros. O Ditto elimina a conversa inicial desconfortável e vai direto ao encontro, mas em um ambiente seguro e controlado.

Franzo a testa em dúvida e pergunto para Yemi e Alice:

— A última parte ficou meio sem graça? — Brinco com as pontas da minha camisa de linho *oversized*, presa em um short jeans desfiado, uma tentativa de compensar a falta de ar-condicionado no prédio.

— Não, ficou ótima! — exclama Alice, animada, esparramada no sofá ao lado da Yemi, os pés das duas enroscados em um cobertor amarelo de tricô.

Eu me jogo na velha poltrona de estampa xadrez ao lado delas e confesso:

— Quero transmitir o quanto sou apaixonada por essa ideia. Acho de verdade que pode ser incrível. — Um calor doce como mel preenche meu peito. — Não me sentia assim há muito tempo.

— Por que você não fala sobre essa paixão, então? Eles estarão esperando os números e dados, claro, mas também querem alguém que defenda a marca. Você sabe, que fale com o coração — sugere Alice.

— Verdade. — Yemi concorda com a cabeça. — O principal objetivo dos usuários é encontrar alguém que compartilhe das mesmas paixões, então faz sentido você falar sobre as suas.

Depois de anotar o conselho delas nos meus cartões de fala, olho para cima e vejo minhas duas amigas maravilhosas se empanturrando com restos de pipoca. Estou nas alturas, numa onda de adrenalina impulsionada por essa rara e preciosa sensação de autoestima. É assim que as pessoas confiantes se sentem o tempo todo? Respiro fundo, satisfeita.

— Sinto que tenho uma chance de verdade.

— Você acha que a apresentação do Eric vai ser tão boa quanto a sua? — pergunta Alice.

— Tenho certeza que sim. E ele ainda tem o Livro Secreto dos Sonhos para respaldar a estratégia dele. O resultado é imprevisível. — Mordo as bochechas. A ideia de a decisão depender daquela maldita lista de contatos é uma possibilidade bem real. Ser duas vezes melhor do que ele é uma tarefa difícil, mas é o mínimo que preciso para ter uma chance. — Agora que comecei a praticar, posso usar os próximos dez dias para refinar tudo e realmente mandar bem.

— Você chegou a falar com o Eric desde o, humm… — ela hesita, escolhendo bem as palavras — incidente?

Contei tudo para a Alice quando cheguei em casa algumas horas atrás, e é seguro dizer que a reação dela foi bem menos contida que a da Yemi. Daqui a semanas ainda vamos encontrar pipoca espalhada pelo chão, que ela jogou para cima como se fosse confete de casamento.

— Não falei direito. — Passo as mãos no cabelo, mais bagunçado que o normal depois de ter sido seco às pressas com uma toalha no quarto do hotel de manhã. — O que eu diria, afinal? “Oi, obrigada pelo sexo incrível, meio que quero repetir, mas sei que não vai funcionar a longo prazo. Ah, e também tenho umas acusações bem pesadas de que uma das poucas pessoas em quem você confia é, na verdade, quem tem arruinado sua vida e seus relacionamentos há mais de um ano”.

Yemi balança a cabeça, incrédula.

— Isso é muito sujo. Você tem que contar pra ele, né?

— Sinto que deveria. — Cruzo os braços, como se já estivesse me protegendo da repercussão. Será que ele acreditaria em mim? Ou pensaria que é algum tipo de jogo psicológico para desestabilizá-lo antes das apresentações?

Claro, eu poderia fazer o que ele fez comigo. Não dizer nada para protegê-lo, mas talvez, assim como aconteceu comigo, isso só causasse mais dor no futuro. Talvez, se o Eric tivesse sido honesto comigo sobre o William, teria doído, mas teria me poupado de mais sofrimento. Teria me ajudado a pensar no meu futuro, em vez de ficar presa ao passado.

— A principal coisa que preciso fazer agora é esclarecer tudo. — Aperto os lábios. — Deixar claro que o que aconteceu no hotel não pode e não vai se

repetir.

— Mesmo se você quiser? — Alice dá um sorrisinho e eu fico vermelha. — Competir com alguém enquanto tem um caso escandaloso com essa pessoa passa muito a *vibe* de *Ligações Perigosas*. — Ela mexe os dedos no ar, como se fossem mãos de jazz.

— Mas isso vai acabar assim que um dos dois conseguir o emprego. Eles são competitivos demais para levar algo assim adiante — argumenta Yemi para Alice.

Aponto para Yemi, concordando.

— Exatamente! Sei das minhas limitações. Melhor arrancar o Band-Aid antes mesmo de colocá-lo. — *Enquanto ainda é só uma ferida aberta e escancarada.*

Meu telefone me encara do outro lado da sala, com o círculo vermelho de sete mensagens não lidas parecendo o relógio para o juízo final. Eu poderia facilitar as coisas e mandar uma mensagem, mas algo tão delicado assim precisa ser resolvido pessoalmente.

— Tá bem, vou falar com ele — anuncio. — No caminho penso no que dizer. — As chaves tilintam na minha mão enquanto caminho pelo corredor e escancaro a porta da frente. Meu corpo inteiro congela, como um cervo iluminado pelos faróis de um carro, ao ver Bancroft subindo as escadas em direção à minha porta.

— Precisamos conversar. — As palavras dele, ditas em um tom grave, ecoam pelo vão da escada e aterrissam direto entre as minhas coxas. *Cacete.* De alguma forma, ele está impecável, mesmo com o calor abafado da noite que deixa tudo quase molhado. A camiseta branca simples, mas com um corte perfeito, e a calça jeans com um ótimo caimento criam um visual casual e sofisticado, claramente obra de marcas de grife que só quem entende de moda reconheceria. Enquanto isso, eu estou vestindo um short curtinho, que está praticamente se desfazendo nas costuras, e uma blusa que comprei pela metade do preço num cesto de promoções de um bazar beneficente.

Os cachos da Yemi balançam quando ela se vira rapidamente para encarar uma Alice de olhos arregalados.

— Bar?

— Bar! — Alice confirma com entusiasmo exagerado por ser expulsa da própria casa. — Manda mensagem se estiver… ocupada mais tarde.

Atrás do Bancroft, olho incrédula quando Alice inclina Yemi sobre o corrimão de ferro da escada e finge dar palmadas nela, se divertindo.

Lanço um olhar fulminante para as duas enquanto elas descem os degraus, me deixando sozinha com um Bancroft de expressão séria parado no batente da porta.

— Posso entrar? — pergunta ele, num tom impossível de decifrar.

— O que foi, virou vampiro agora? — Solto um suspiro, tentando mascarar a respiração pesada com um toque de irritação. Abro mais a porta, e o corpo grande dele roça de leve no meu ao passar. Ele deixa um rastro sutil do perfume que tem assombrado minha memória olfativa nas últimas dezoito horas.

Nós dois seguimos em silêncio até a sala de estar. De repente, uma onda de autocrítica me atinge, como sair de um prédio com ar-condicionado direto para o sol escaldante. Ninguém além de Yemi e Alice esteve aqui antes, nem mesmo minha família. A casa de Eric me revelou tantas coisas sobre ele que eu jamais descobriria de outra forma, e não sei se é uma boa ideia que ele descubra essas coisas sobre mim. Convidá-lo para entrar é como abrir uma caixa lacrada cheia de partes preciosas de mim mesma e dizer: “Fique à vontade para fuçar!”

Tá legal, eu teria feito o mesmo se não estivesse temporariamente incapacitada enquanto estava na casa dele? Sem dúvidas. Tenho orgulho disso? Nem um pouco. O que encontrei só de dar uma olhada na decoração da mesinha de centro dele desencadeou uma série de pensamentos na minha cabeça que, no final, mudaram toda a dinâmica entre nós. Meu estômago dá um nó ao lembrar das versões de nós dois naquelas fotos: bêbados em uma cabine fotográfica temática de Natal, com as bochechas coladas uma na outra. O jeito como ele me olhava enquanto eu estava completamente alheia parece pertencer a um mundo muito distante deste.

Ele caminha até a estante de madeira entalhada no canto da sala, os músculos dos ombros formando vales sob a camiseta. Passa o dedo pelas lombadas marcadas de romances que eu devorava obsessivamente. Desde que me mudei para cá, eles ficaram esquecidos, acumulando poeira. Disse a mim mesma que era por falta de tempo, que minhas noites estavam ocupadas demais para mergulhar nessas histórias. Mas, na verdade, tudo o que tenho feito é vasculhar e-mails inúteis da Susie sobre alguma tendência

do TikTok de semanas atrás que, segundo ela, daria uma ótima campanha publicitária.

Pigarreio e me apoio no balcão da cozinha, e lembro, no mesmo instante, o que aconteceu da última vez que fiz isso com ele no cômodo. Eu me afasto rápido e vou até a sala de estar, garantindo que haja pelo menos a distância de um sofá entre nós. Ele observa tudo em silêncio, analisando detalhes de mim que nunca tinha visto antes. A sensação me lembra estranhamente da forma como ele percorreu meu corpo com a boca, memorizando cada detalhe à medida que a luz pálida da manhã começava a invadir o quarto.

— Cadê o quadro? — O rosto dele está indecifrável enquanto analisa as paredes cobertas de pôsteres de arte e cinema.

— No depósito — minto, mantendo os olhos firmes nele e longe da porta do meu quarto, onde a pintura está pendurada bem acima da minha cama.

— Humm — murmura ele com desconfiança, passando a palma da mão pela lateral do sofá.

Eric me lança um olhar de esguelha, e o cabelo cor de areia cai sobre sua testa. Fecho o punho instintivamente para evitar o impulso de afastá-lo.

— Como foi o encontro? — pergunta.

— Foi… legal — respondo, olhando para o chão.

— *Legal?* — Ele solta uma risada seca.

Franzo o cenho.

— Algum problema com “legal”?

Agora estamos nos movendo em círculos pela sala, como pistoleiros esperando o momento certo para sacar a arma.

— Só não sabia que suas expectativas eram tão baixas — provoca ele, arqueando uma sobrancelha.

Abro a boca para rebater com alguma resposta impulsiva, mas ele continua:

— Você merece mais do que algo “*legal”*. — Ele inclina a cabeça e se aproxima devagar, como um predador estudando os movimentos da presa. Antes que ele me devore, dou um pulo para o outro lado do sofá e começo a dobrar de qualquer jeito uma manta jogada.

Para ser sincera, meu critério sempre foi alguém “legal”, nada além disso. Seguro a manta dobrada como um escudo fofo antes de perguntar:

— E o que você sugere? — Contraio um dos cantos da minha boca enquanto tento disfarçar a pequena epifania acontecendo na minha cabeça.

Talvez, depois de William, meu padrão tenha ficado tão baixo que “legal” parecia o melhor que eu poderia almejar. Alguém que não tentasse me controlar, que não tratasse o meu futuro como se lhe pertencesse.

— Alguém que te entenda. — Ele abaixa a cabeça e contorna o sofá. — Que queira você pelo que você é, não pelo que poderia ser.

O silêncio ao nosso redor se torna absoluto. Com William, eu precisava caber em uma caixinha. Precisava ser alguém digna de todo o amor que ele me dava. Ele me amava muito, só que amava a versão de mim que ele mesmo tinha criado. Uma projeção. Mas com Eric, eu sempre fui simplesmente eu. Posso ser a minha versão mais autêntica, ousada, ambiciosa e confiante. Posso ser a melhor versão de Grace. A Grace que se impõe. A Grace que sabe o seu valor e não teme as consequências de demonstrá-lo.

Como se lesse meus pensamentos, ele diz:

— A sua melhor versão.

“Vocês trazem à tona o que há de melhor no outro.”

Até o Sr. Catcher percebeu. Mas isso não pode acontecer. O letreiro neon piscando “Apresentações em dez dias!” no fundo da minha mente toma conta da minha visão. Vamos entrar juntos no ringue, e apenas um de nós sairá vencedor. E por que ele está dizendo essas coisas agora, depois de *tanto* tempo? Ele poderia ter me dito na festa de Natal, meses atrás, mas, em vez disso, me rejeitou. Balanço a cabeça, e suas palavras desmoronam no chão como em um deslizamento de pedras. A única explicação para ele falar isso agora é para tentar me desestabilizar. Porque é isso que fazemos. Competimos. Manipulamos. Jogamos sujo até vencer. Somos iguais. E o que eu mesma estava pensando antes de ele chegar? Em como poderia desconcentrá-lo antes das apresentações para ganhar vantagem. Minha cabeça gira como um cata-vento em meio a um furacão. Quem me garante que ele não está fazendo exatamente o mesmo? Que não vai retirar tudo o que disse no momento em que eu estiver cega de amor e sem me importar com vitória ou derrota? Que não vai me dizer que me quer para sempre e, num piscar de olhos, arrancar isso de mim, assim como o William fez?

Forço meu rosto a assumir a mesma expressão impassível que ele tinha na porta.

— Por que agora?

— O quê? — Ele apoia as duas mãos no encosto do sofá, e as veias saltadas em seus antebraços se tornam uma distração irritante.

Respiro fundo para manter a compostura.

— Por que você veio até aqui dizer isso agora? Por que, justo a poucos dias de um dos momentos mais importantes das nossas carreiras, você achou que era a hora certa para aparecer e me… — Engulo as palavras, piscando rápido antes de tentar de novo. — Você teve a noite inteira para falar alguma coisa. Teve meses para falar alguma coisa… — Dou um passo para trás, apertando o cobertor contra o peito. — Então, por que agora?

Ele contrai a mandíbula. Seu olhar, afiado como lâmina, cravado em mim.

— Porque a noite passada mudou tudo.

Ficamos imóveis, em silêncio, os dedos pairando sobre o gatilho.

Eu atiro primeiro:

— Para você. — O golpe acerta em cheio. Ele franze o cenho à medida que as palavras se alojam nele. *Mesmo que essa mentira doa agora, é o melhor para nós dois*, digo a mim mesma. — As coisas mudaram para você. — Afasto qualquer vestígio de emoção da voz. — Quando soubermos o resultado, um de nós vai sair feliz, e o outro, arrasado.

Ele endireita os ombros.

— Certo. — Não parece que está concordando, apenas aceitando minha opinião.

Ele começa a dar a volta no sofá, vindo na minha direção, mas meus pés parecem presos ao chão. O resquício da pessoa romântica enterrada dentro de mim estende uma mão através da terra e grita para eu parar. Para dizer a verdade. Para sair da defensiva, parar de tentar me proteger de um futuro que talvez nem aconteça. Podemos enfrentar qualquer coisa juntos, porque sempre fomos Grace e Eric, fingindo ser Hastings e Bancroft.

Ele se aproxima até ficarmos frente a frente, sua sombra envolvendo a minha. Contrai o maxilar enquanto seu olhar intrusivo dança dos meus lábios para o meu pescoço, depois para os meus olhos, que ardem. Sem dizer nada, ele passa por mim. O som dos seus passos ecoa no piso de madeira. A porta da frente se abre e se fecha com um clique seco.

Um soluço entrecortado explode do meu peito antes que eu perceba que estava ali, esperando para sair. Pressiono as mãos no rosto, enquanto cada palavrão que já ouvi martela na minha cabeça como uma sirene incessante. Como isso pode ser o melhor para nós dois? Se fôssemos iguais, ele teria

vindo aqui para me destruir emocionalmente, para desferir um golpe certeiro na minha confiança. Mas não. Ele veio me dizer que eu sou capaz de qualquer coisa. Eu ferrei com tudo.

Antes que minha mente processe o que estou fazendo, minhas pernas já estão em movimento. Disparo porta afora, descendo as escadas, rumo à saída do prédio. Meus braços já se preparam para agarrá-lo, para segurá-lo antes que seja tarde demais. Mas é. Ele já se foi. E, com ele, qualquer resquício de esperança que ainda restava entre nós.



30

Estou sentindo uma certa tensão entre vocês dois — afirma Iris Fender.

Ela alterna o olhar azul-safira entre mim e Bancroft.

Estamos espremidos em uma mesinha redonda para duas pessoas na praça de alimentação da Fair Play, a mais nova "experiência de parque de diversões só para adultos". Atrás de nós, fileiras intermináveis de food trucks decorados com grafites, glitter e luzes festivas multicoloridas contornam o espaço. Na sala ao lado, há uma pista de patinação, um fliperama e uma pista de dança tocando exclusivamente músicas de balada dos anos 1990 e 2000. *Where's Your Head At?*, do Basement Jaxx, ecoa pelos alto-falantes enquanto luzes neon piscam ao nosso redor, nos prendendo em um globo de neve caótico digno de *Euphoria*.

Bancroft se mantém em silêncio, esperando para ver como vou reagir ao interrogatório de Iris.

Quando os dois irmãos chegaram juntos, em vez de só ele, achei que ele a tinha trazido como uma espécie de escudo emocional. Mas, quando ela saiu rapidinho para ir ao banheiro, Eric me contou que a mãe deles estava se recusando a falar com ela, e ele se sentia mal de deixá-la sozinha. Ver o quanto ele se importa com a irmã amoleceu um pouco a minha casca grossa. O carisma radiante e contagiante dela também ajudou, tanto que acabei falando sem rodeios.

— Tivemos uns desentendimentos, mas o tempo cura tudo, eu acho. — Rasgo o guardanapo entre os dedos, espalhando minúsculos confetes vermelhos pela mesa, caso precise jogá-los no rosto deles e sair correndo feito um mágico de quinta categoria.

Iris se recosta na cadeira dobrável.

— Isso tem alguma coisa a ver com aquele ex com quem você estava trocando mensagens?

Meu corpo fica tenso.

Bancroft se vira para a irmã e pega um cartão de crédito, segurando-o entre dois dedos.

— Por que não vai pegar algo para a gente comer? Pegue o que quiser.

— Tá beeeem, mas nada de se atracarem enquanto eu estiver longe. — Ela tira o cartão preto reluzente de entre os dedos dele e sai desfilando até o bar, fazendo com que todos no caminho virem a cabeça para olhar.

Ele se inclina para frente, apoiando os antebraços descobertos na mesa grudenta.

— Desculpa pela Iris.

— Tudo bem. Eu gosto dela.

Ele vira a cabeça para olhar para a irmã, que agora está encostada no balcão, esperando ser atendida.

— Eu também.

O silêncio dos últimos quatro dias desde que ele esteve no meu apartamento fica cada vez mais pesado, pairando entre nós como aquele último convidado que insiste em não ir embora depois de uma festa em casa.

— Sobre aquilo que…

— Eu acho que a gente devia…

Começamos a falar ao mesmo tempo, nossas tentativas desajeitadas e descoordenadas de puxar assunto se atropelando. Meus ombros relaxam um pouco ao vê-lo se remexer na cadeira, pigarrear e tomar um gole da bebida antes de tentar de novo.

— Este lugar é bem legal. — Ele olha em volta. — Você já tinha vindo aqui?

— Hum, não. Vi um vídeo no TikTok e parecia divertido, então resolvi comentar com você.

Ele assente, nenhum de nós com disposição para prolongar essa conversa superficial. Respiro fundo, pronta para ir direto ao ponto.

— Então, eu preciso te contar uma coi…

— Não tinha mais hambúrguer, então pedi taaaaaacos! — Iris larga uma bandeja laranja neon na mesa com um baque, fazendo metade dos tacos tombarem e espalharem recheio por todo lado. — Merda. — Ela enfia a alface e queijo de volta nas tortilhas e distribui os tacos.

Procuro um jeito de mudar de assunto. Talvez eu pudesse falar sobre isso na frente da irmã dele, mas contar a ela o verdadeiro motivo pelo qual os paparazzis têm a fotografado em seus piores momentos parece algo que Bancroft deveria decidir por conta própria.

Opto por algo mais fácil:

— E aí, Iris, o que pretende fazer depois que sair da casa do Eric?

Percebo que Bancroft fica atento ao ouvir o primeiro nome e torço para que ele entenda que chamá-lo de “Bancroft” na frente da irmã seria simplesmente estranho, nada além disso.

Iris está mastigando um pedaço generoso de taco de carne de porco desfiada quando responde:

— Ainda não sei. Talvez eu passe um tempo com meu pai.

— Malon? — pergunto.

— Não, meu *pai* de verdade. A banda dele vai passar uma temporada em Londres. — Ela diz isso com tanta naturalidade e inocência que é impossível não gostar dela.

— Ah, que legal! — Assinto com entusiasmo.

— *Ele* sabe que esse é o seu plano? — Bancroft corta a conversa, com a expressão fechada.

As bochechas rosadas de Iris estão camufladas pela luz vermelha neon em seu rosto, mas pelo jeito que seu corpo enrijece, fica claro que a resposta é não.

— Acho que não seria muito incômodo… — responde ela baixinho.

Bancroft contrai a mandíbula e não responde. Não parece estar com raiva, e sim preocupado. Pelo que me contou, o pai de Iris nunca fez muito esforço para permanecer na vida dela, mas talvez eu esteja interpretando errado. De qualquer forma, o clima pesa tanto que quase me sinto tentada a retomar a conversa sobre Dharmash. Felizmente, o toque do celular de Bancroft corta a tensão no ar.

Ele olha para a tela.

— Preciso atender.

A cadeira de metal arrasta fazendo barulho pelo chão de concreto quando ele se levanta e se afasta a passos largos, buscando um pouco de privacidade longe das caixas de som.

Eu me viro para Iris, que exibe um sorriso educado no rosto normalmente radiante.

— Você está bem? — pergunto, pousando a mão em seu antebraço.

— Sim, estou bem. É só que ele é… muito protetor. É irritante, daquele jeito mandão de irmão mais velho, mas sei que no fundo ele só quer o meu bem.

— Tenho certeza que sim. — Olho para ele, encostado na parede, com o celular colado à orelha e um dedo tampando a outra para tentar escutar melhor. Suas sobrancelhas estão franzidas, como se estivesse fazendo um esforço enorme para entender a pessoa do outro lado da linha, apesar do som ensurdecedor de Scissor Sisters preenchendo o ambiente. De repente, seus olhos encontram os meus, como se tivesse sentido meu olhar, e eu rapidamente viro o rosto de volta para Iris. — Ele sempre foi assim tão protetor?

— Acho que sim. Mas também não acho que ele teve escolha… nossos pais nunca zelaram pela gente, nem mesmo quando ainda estavam juntos. Claro, sempre tivemos comida orgânica da melhor qualidade e roupas de grife feitas para crianças, mas, no fundo, acho que eles nos viam mais como mascotes decorativos do negócio da família. — Ela reflete por um instante, enrolando uma mecha de cabelo no dedo antes de prendê-la atrás da orelha. — Tivemos tudo o que queríamos, menos o que realmente importava: nossa mãe e nosso pai. Quando crescemos e passamos a entender como aquela situação era errada, nós dois nos rebelamos… cada um do seu jeito.

Nós duas olhamos para a bebida de Iris, que ela fez questão de pedir sem álcool.

— Queria te agradecer pelo que fez no Bar da Matilda. Por mim e pelo Eric — murmura ela com a boca encostada na borda do copo. — Não sei se ele chegou a te agradecer, mas sei que fez uma grande diferença para ele ter alguém ali o apoiando.

Uma risada nervosa escapa dos meus lábios.

— Sei lá. Acho que só atrapalhei, acabei fazendo mais alarde do que a situação realmente pedia.

— Nada disso. Na manhã seguinte, quando ele me contou o que aconteceu, eu percebi como nós dois estávamos presos nesse ciclo: eu perdia o controle nas festas e ele vinha atrás para consertar tudo. Não era justo. Acho que precisávamos de alguém de fora para nos fazer enxergar isso. — Ela assente. — Estou tentando melhorar agora.

— Isso é ótimo. — Aperto de leve o antebraço dela. — E você não tem só o Eric. Você tem a mim também.

O rosto dela se ilumina.

— Isso quer dizer que vocês dois estão…

— Não! — interrompo bem rápido. — Só quis dizer que podemos ser amigas também, sabe.

O sorriso largo dela se transforma em um daqueles sorrisos de canto de boca típicos dos Bancroft.

— Sabe, o Eric fala muito de você. Tipo, *muito* mesmo. — Ela gira o canudo no copo. — Acho que ele nem percebe.

— Deve ser porque ando infernizado a vida dele nas últimas semanas com esse projeto — desconverso.

— Não, é mais tipo… de um jeito fofo. — Ela ri olhando para o copo. — E, pra falar a verdade, ele faz isso há *bem* mais do que algumas semanas.

Um aperto estranho me atravessa… culpa, por não ter sido sincera com ele? Arrependimento por ter saído do quarto de hotel naquela manhã? Alívio por saber que não sou a única pensando em cada momento entre nós? Talvez tudo isso junto.

Não consigo tirar da cabeça a expressão dele naquele momento, o brilho nos olhos quando dei a entender que nossa noite juntos não significou nada para mim. Teria sido mais fácil quebrar uma noz com dois dedos fraturados do que fazê-lo admitir o que realmente estava pensando. Ele passou a vida inteira afastando as pessoas que ama sob o pretexto de protegê-las. Na galeria de arte, consegui convencê-lo a se abrir comigo, e desde então ele tem, aos poucos, me mostrado quem realmente é por trás daquela fachada confiante e sorridente. E o que eu fiz? Disse que nossa noite não teve importância. Afastei-o para proteger nós dois das possíveis consequências. Uma voz racional ecoa na minha mente: *No momento em que você pediu para ele ficar, sabia que haveria consequências. Você causou isso. A culpa é sua, e você sabe.*

Enquanto ele caminha de volta para a mesa, só tenho certeza de uma coisa: nenhum de nós sairá ileso disso.



31

Os ruídos frenéticos das ruas de Londres ecoam enquanto me reviro na cama. Meu ventilador de mesa, que é uma porcaria, está no máximo, tentando abafar o barulho e dissipar o ar quente da cidade.

Já se passaram cinco dias desde a última vez que vi Eric. Desde que ficamos sentados em um silêncio constrangedor, nos apoiando em conversas forçadas sobre qualquer coisa, menos sobre o que realmente precisava ser dito. Não nos falamos desde então. Em vez disso, tenho contado os dias até as apresentações e remoído aquela noite, as palavras que ele disse na minha sala, a bomba que Susie contou. Tudo isso se mistura em um caos viscoso, até que meu cérebro não consegue pensar em mais nada.

São só 21h, o sol de verão acabou de ceder à escuridão, mas me obriguei a deitar cedo, torcendo para ter uma boa noite de sono antes da apresentação amanhã à tarde. Esqueci que ficar na cama acordada faz minha mente se abrir como uma represa, deixando escapar tudo o que consigo ignorar durante o dia. Preciso resolver isso logo de uma vez.

A luz do celular brilha forte na escuridão do quarto enquanto digito, apago e reescrevo a mesma mensagem. Por fim, fecho os olhos e aperto em enviar:

Podemos conversar?

O arrependimento vem na mesma hora, jogo o celular para o outro lado da cama e cubro os olhos com o braço. *Podemos conversar?* Mas o que sequer quero dizer a ele? Quero contar toda a verdade sobre Dharmash, pedir desculpas por não ter sido honesta, quero que ele saiba que a noite que passamos juntos foi importante para mim — tão importante que não consigo parar de pensar nela sempre que estou sozinha. Mas mesmo que ele responda, como vou conseguir expressar tudo isso por mensagem?

Pego o celular e começo a digitar outra mensagem.

Na verdade, desculpa, esquece i…

Três pontinhos aparecem na tela, que logo se transformam em um compartilhamento de localização. Meu peito se contrai no mesmo instante,

e eu bloqueio a tela do celular, como se ignorá-la fizesse aquilo simplesmente desaparecer.

Ele quer que eu vá até ele? Não dá. As apresentações são daqui a dezoito horas. Procurá-lo agora seria imprudente, impulsivo e completamente idiota.

Jogo as cobertas para o lado e saio porta afora.



32

Quarenta e cinco minutos depois, acabo em um bar no lado da cidade onde o Eric mora. Na verdade, parece mais uma casa elegante do que um bar de verdade. Chique, mas discreto, iluminado por arandelas e velas, com risadas estourando pelo ambiente como fogos de artifício. Vou serpenteando pela multidão até avistar uma silhueta conhecida. Ele está no balcão, com os ombros curvados, como se mãos invisíveis o pressionassem contra o banco de veludo vermelho.

— Amanhã é o grande dia — digo, me acomodando no assento vazio ao lado dele.

— Vai ser um dia e tanto. — Ele não me olha, apenas empurra um martíni de vodca com limão na minha direção, exatamente como eu costumo pedir.

— Valeu.

— Sobre o que queria conversar? — pergunta ele, sem desviar os olhos do copo.

Passo o dedo na borda gelada do meu drinque e aperto os lábios. Decido ir direto ao ponto, sem me dar chance de arregar. Tomo um gole generoso para criar coragem e faço uma careta quando o álcool desce queimando, mas continuo:

— Preciso te contar algo sobre a *Societeur*. É o Dharmash. Não sei quando começou, mas a imprensa está te seguindo esse tempo todo porque ele tem pago os jornalistas com o dinheiro da Ignite.

Solto o ar que estava prendendo.

A luz bruxuleante das velas faz sombras dançarem no rosto dele à medida que se vira para o bartender.

— Me vê mais um, por favor. — Ele aponta para o copo vazio.

— Você está reagindo incrivelmente bem a isso.

— Eu sei.

— Você sabe que está reagindo incrivelmente bem?

— Não, *eu sei*. Eu sei que o Dharmash está por trás disso.

Fico boquiaberta.

— Como assim, porra?

— Bom, eu já desconfiava. Só não queria aceitar. Aí, recebi uma ligação de uma amiga uns dias atrás, quando estávamos na Fair Play.

Lembro da expressão fechada dele ao celular, como estava curvado de um jeito parecido com agora.

— Ela disse que a *Societeur* ligou para pedir uma declaração sobre o nosso "encontro secreto" na noite anterior. — Vendo minha cara de espanto, ele acrescenta: — Ela é corretora de imóveis. Nos encontramos para discutir as opções da Iris. Se eu poderia ajudar no aluguel ou ser fiador caso ela quisesse comprar um imóvel. No calendário do trabalho, marquei como *Jantar com Isabella*. A única pessoa, além de mim, que tem acesso ao meu calendário é o Dharmash.

— Você já contou pra ele que sabe?

— Não. — O bartender coloca um copo gelado novinho à sua frente, e ele toma um gole. Ele contrai a mandíbula quando o álcool toca a língua.

— Por que não? Se você o confrontasse, ele provavelmente pararia.

Ele solta um suspiro cansado, como se essa fosse *a última* coisa que quisesse discutir.

— Porque, se eu fizesse isso, teria que pedir demissão. E se eu me demitisse… quem me contrataria? Se você jogar "Eric Bancroft" no Google, as dez primeiras páginas são só artigos sobre mim. A única empresa que lucraria com esse tipo de reputação é a Ignite.

Meus ombros murcham, ficando iguais aos dele.

— Eu não tinha pensado por esse lado.

— Pois é, você não é a única com problemas com o chefe. — Ele suspira, tomando um gole demorado do drinque.

— Acho que temos mais em comum do que eu imaginava. — Bato meu copo no dele, num brinde silencioso, enquanto uma covinha tímida surge em sua bochecha por baixo da barba rala.

Ele se ajeita no banco, apoiando o cotovelo no balcão e se virando um pouco na minha direção.

— Você veio até aqui só pra me contar sobre o Dharmash?

Cruzo as pernas na direção dele.

— A gente prometeu que não ia ter mais segredos, lembra? — Hesito por um instante antes de completar: — E, apesar de tudo, eu ainda me importo com você.

Os olhos cansados dele suavizam e descem dos meus olhos para minha boca, que roça na borda gelada do martíni. Não sei se é o líquido frio ou o olhar intenso que faz um arrepio subir pela minha espinha. Mas seja o que for, a sensação continua percorrendo meu corpo até se instalar entre minhas pernas cruzadas.

Ele pigarreia, e um sorrisinho discreto volta a seus lábios enquanto nos aproximamos, até que seu joelho encosta levemente no meu.

— Achei que você queria me encontrar para dizer que se arrependeu de ter ido naquele encontro.

— Não me arrependi — respondo sem rodeios.

— Então vai haver um segundo encontro? — Ele vira o resto do drinque e sinaliza para o bartender trazer a conta.

— Não.

O joelho dele roça de leve o meu, girando tanto a mim quanto o banco até estarmos completamente de frente um para o outro.

Meu rosto esquenta quando confesso:

— Não me arrependo, porque isso me mostrou o que eu *não* quero.

Nós nos encaramos, nossas pernas se tocando enquanto equilibro o pé no apoio do banco dele. O olhar gélido dele faz cada parte do meu corpo arder. Meus olhos descem para sua gravata de seda. Eu a toco, deixo o tecido deslizar entre meus dedos, resistindo à vontade de enrolá-la nos nós dos dedos.

— É melhor eu ir… as apresentações são amanhã. — É um lembrete tanto para ele quanto para mim. Meus olhos sobem até os lábios dele, lembrando o gosto.

Ele se levanta, paga a conta e se apoia no balcão, se inclinando e ficando tão perto de pé que sinto sua respiração na minha pele.

— Posso caminhar com você até em casa?

Olho para cima e reprimo um riso.

— Levaria umas duas horas de caminhada até a minha casa.

— Eu não disse que era até a *sua* casa. — O olhar demorado dele desata qualquer resistência que eu ainda tinha.

Caminhamos em silêncio, com nossos dedos entrelaçados. Ele pegou minha mão para me puxar pela rua num intervalo rápido entre os carros e, sem que percebêssemos, nossas mãos já estavam perfeitamente encaixadas quando chegamos ao outro lado. O prédio dele fica a dez minutos dali, mas

eu poderia ter continuado assim por horas, caminhando pelas ruas ao lado dele nesse silêncio doce e tranquilo.

Ele me conduz para dentro do edifício familiar, passando pelo porteiro, que nos cumprimenta com um sorriso discreto, e entramos no elevador. Meu peito começa a subir e descer num ritmo mais acelerado, mas ele não se mexe — apenas acaricia minha mão com o polegar. Nada no mundo se compara à sensação da pele dele na minha. O elevador apita ao chegar ao andar certo, e seguimos pelo longo corredor cinza e elegante até finalmente, *finalmente*, pararmos diante da porta dele. Bancroft solta minha mão para vasculhar o bolso, o tilintar das chaves ecoa no espaço silencioso antes que a fechadura gire e a porta se abra devagar.

Ele segue à frente, acendendo as lâmpadas pelo caminho. A luz quente se espalha pelo ambiente como mel escorrendo, iluminando partes da casa como sinapses se ativando no cérebro. Minha mente trabalha a todo vapor enquanto absorvo cada detalhe do espaço sob uma nova perspectiva. Fico ali, meio sem jeito, parada no fim do corredor de entrada, bem na divisa com a cozinha, enquanto ele contorna a ilha e enche dois copos de cristal com água.

— A Iris está aqui? — pergunto, ao notar seus brincos inconfundíveis na tigela de chaves.

Ele ergue o olhar em direção a uma porta no fundo do corredor.

— Está dormindo no quarto de hóspedes.

Faço uma careta e abaixo a voz para um sussurro.

— Merda, desculpa.

Ele ri, ainda falando no tom normal.

— Relaxa. As paredes são grossas e, sinceramente, ela dormiria até durante um terremoto.

— Quanto tempo ela vai ficar aqui?

— Pelo tempo que quiser, mas conhecendo a Iris, duvido que fique por muito tempo. — Meu peito se aquece com o cuidado que ele demonstra ter por ela. Iris parece ser do tipo que preza pela independência, mas saber que existe alguém em quem se pode confiar quando os pais não são uma opção é algo que todo mundo deveria ter. Uma vozinha na minha cabeça sussurra que talvez eu possa ser essa pessoa para o Eric, mas prometer qualquer coisa antes de sabermos nosso destino no Grupo Catch seria injusto com nós dois.

Ele tira o paletó e segue descalço até a sala, ligando a vitrola, que já tem um disco pronto para tocar. Um jazz ao vivo e lento se espalha pelo ambiente à medida que ele retorna para a ilha da cozinha, pega os copos e me entrega um. É aí que eu percebo o que está fazendo. Ele me trouxe até aqui, mas, desta vez, não está no controle. Nos últimos meses, foi ele quem decidiu se algo aconteceria — seja me afastando ou me desafiando. Mas, desta vez, ele está esperando por mim. Ficamos ali, nos encarando, tomando a água gelada em goles lentos. Minha teimosia me desafia a resistir, a prolongar esse jogo de paciência a noite inteira. Mas meu corpo quer outra coisa. Opto por um meio-termo; viro a água de uma vez e entrego o copo vazio para ele. Tiro os mocassins e a bolsa do ombro e, sem dizer nada, deixo-o parado no corredor enquanto começo a explorar o apartamento, cômodo por cômodo, até encontrar o quarto dele.

Estou xeretando descaradamente. Algo que queria fazer desde que vim aqui pela primeira vez com um tornozelo torcido. Passo os olhos pelos porta-retratos, pelos livros, por pequenos objetos que nunca imaginei que ele teria. A mesma tira de fotos que vi da última vez agora espreita para fora de um livro sobre a cômoda. Sinto sua presença quando ele entra no quarto, mas continuo puxando a tira de fotos, revelando as imagens espelhadas de um passado que ainda pesa entre nós.

Seguro a ponta brilhante da tira e a ergo sobre o ombro, sem olhar para trás.

— Você sabia que eu tinha visto?

Ele solta uma risada curta, enquanto coça a nuca.

— Fiquei com uma puta vergonha quando me dei conta de que foi *por isso* que você saiu daquele jeito.

— Por que não disse nada?

— Achei que você ia me achar um maluco por dizer que nunca pensava em você e por, ao mesmo tempo, usar seu rosto como marcador de livro.

Passo o dedo de leve nas nossas expressões felizes e embriagadas.

— Só não supera a minha maluquice na festa de Natal.

Ele suspira, se aproximando até que seus lábios fiquem perto do meu ouvido e suas mãos se firmem na minha cintura.

— Sei que você não guarda boas lembranças daquela noite, mas saber que você sentia algo também foi um dos melhores momentos da minha vida.

Engulo em seco, o ar preso na garganta enquanto inclino o pescoço para trás, buscando seu toque. O Eric da cabine de fotos encara a Grace da cabine de fotos com um olhar que achei que nunca veria na vida real, mas talvez eu só não estivesse prestando atenção. Eu me viro para ele, sentindo minhas costas pressionarem a cômoda de madeira.

— Fico feliz que você tenha recuado naquela noite. Acho que, se tivesse acontecido ali, a gente nunca mais teria se falado.

— Eu teria tentado. — Ele sorri de canto.

Bufo uma risada e mordo o lábio.

— Tá bom. Mas eu teria ficado tão constrangida que *jamais* teria coragem de olhar na sua cara de novo.

— Não sei, não. Algo me diz que você teria voltado atrás de mais — brinca ele e a covinha aparece na bochecha.

Arqueio uma sobrancelha, olhando-o dos pés à cabeça.

— Nossa, quanta confiança. —Nos movemos, a distância entre nossos corpos diminuindo centímetro a centímetro.

— *Alguém* invadiu meu quarto — rebate ele, apoiando as mãos na cômoda, uma de cada lado do meu corpo. Meu sangue ferve com a proximidade enquanto ele se mantém parado, esperando que eu encurte a distância.

— É que eu queria ver onde acontece a lendária mágica de Eric Bancroft.

Ele abaixa a voz.

— São só truques de cartas, nada mais.

Contenho o sorriso.

— E eu estava muito preocupada com a quantidade de fios do seu lençol. — Franzo a testa de brincadeira, pressionando as mãos no peito largo dele para passar.

Eu me sento na beirada da cama com as pernas balançando para fora do colchão, depois me deito, alisando os lençóis brancos e impecáveis, como se fizesse um anjo na neve.

— Agora que vi de perto, acho que não precisava ter me preocupado.

Ele continua em silêncio, até que, por fim, eu me sento de novo e o encontro exatamente onde o deixei. Ele está me deixando fazer todo o trabalho. Desço o olhar devagar, do rosto dele até as calças do terno, onde as dobras do tecido se esticam à medida que ele fica duro em reação ao meu

olhar. Sorrio, triunfante, como se finalmente tivesse vencido esse joguinho que estamos fazendo desde que saímos do bar.

Os lábios dele se curvam em um sorriso constrangido ao mesmo tempo em que ele inclina a cabeça de lado.

— Aí é golpe baixo.

Arqueio as sobrancelhas.

— Aceite a derrota. Não é culpa minha se você entrega o jogo.

— Quando você está na minha cama desse… — Ele pigarreia e movimenta a garganta ao engolir em seco enquanto dá um passo lento à frente. — … jeito, a culpa é *toda* sua.

Ele coloca o copo na mesa de cabeceira e enfia as mãos nos bolsos, como se precisasse se segurar para não me tocar. Eu estico os dedos e puxo de leve o cinto de couro preto dele; a fivela de prata tilintando quando a desato.

— Desculpa. — Faço um biquinho. — Eu não criei as regras.

Pauso no botão da calça, dando a ele a chance de recuar, de facilitar tudo e desistir.

Ele segura meu queixo entre os dedos, os olhos brilhando na penumbra.

— Se você for o prêmio de consolação, então vale a pena perder.

Nos movemos entre beijos, palavras e toques. Cada um deles leve como pena, em contraste com o peso das últimas semanas e meses. Eu o puxo para mais perto, com nossas testas se encostando, como se tentássemos inventar uma nova forma de telepatia. A boca dele percorre cada centímetro meu, redescobrindo curvas e contornos até que eu arqueio as costas e vejo estrelas. Minha boca explora cada parte dele pela primeira vez, aprendendo o que o faz gemer e xingar, até que a necessidade de tê-lo dentro de mim se torna insuportável para nós dois.

— Caralho, você é tão… — diz ele com a cabeça encaixada no meu pescoço, à medida que, em um gesto de misericórdia, se encaixa entre minhas coxas, com os lábios entreabertos, mas a frase fica pela metade quando arqueio os quadris para me ajustar a ele.

— Cruel? — Dou um sorriso travesso e passo os dedos por seu cabelo desgrenhado até a nuca.

Ele beija meu braço, deixando um caminho de arrepios por minha pele.

— Eu ia dizer devastadora.

— Já usou essa antes. Achei que fosse mais criativo? — Mordo seu lóbulo.

— Me perdoe, então. — Ele beija minha mandíbula. — Meu cérebro está trabalhando com bem menos sangue do que o normal.

Solto uma mistura de riso e gemido, quando ele penetra mais fundo em mim, me preenchendo por inteiro.

— Faça isso para sempre e todos os seus pecados serão perdoados.

— Obrigado, meu Deus.

— De nada.

A luz da lua se derrama sobre nossos corpos como um véu de orvalho fresco. Não sei dizer se dez minutos ou dez horas se passaram desde a última palavra que trocamos. O tempo parece ter desacelerado enquanto ficamos ali, peito contra peito, nus e entrelaçados, traçando os contornos um do outro com os dedos.

— O que vamos fazer? — questiona ele, por fim rompendo o silêncio confortável enquanto acaricia minha coluna nua com a mão quente.

Eu me deito de costas e solto um suspiro.

— Não sei.

— Vai fugir como da última vez? — Ele sorri, mas o brilho travesso nos olhos denuncia seu nervosismo.

— Tenho quase certeza de que foi você quem saiu correndo primeiro — provoco, puxando o lençol e o aconchegando sob os braços.

Ele se vira de lado e apoia o cotovelo no travesseiro enquanto me observa.

— Só porque não queria ficar com a imagem de você saindo primeiro para ir a um encontro com outro cara. Isso teria me assombrado para sempre. Eu não me sujeitaria a isso.

—Uma hora ou outra vou precisar ir embora. — Angulo meu queixo para olhá-lo. — Tenho que voltar para casa — afirmo, séria.

— Já está tarde… por que não fica?

Sinto um aperto no peito ao responder:

— Todas as minhas coisas para a apresentação de amanhã estão na minha casa.

Ele solta um suspiro.

— Tá bem. Vou chamar um carro para você. Mas fica mais um pouco? — Ele me envolve nos braços e me puxa contra si.

Meus olhos ardem quando deito o rosto em seu peito nu e respiro fundo, tentando gravar seu cheiro na memória. Dói, dói de verdade não saber se

estamos juntos assim pela primeira ou pela última vez, deitados nesse estado de incerteza.

As palavras crescem dentro de mim até transbordarem em sua pele:

— Vamos esperar e ver o que acontece amanhã. — Pigarreio para tirar os rastros de incerteza da garganta. — Podemos tomar uma decisão agora e, amanhã, sentir algo completamente diferente. Não acho justo com nenhum de nós dois decidir agora.

Ele murmura um acordo vago e apoia o queixo na minha têmpora enquanto me puxa ainda mais para perto.

Ergo o rosto e nossos olhos se encontram.

— Se as coisas não acabarem bem, ainda vamos ser amigos?

Ele me observa por um momento antes de acariciar meu rosto e me dar um beijo lento e profundo, como se estivesse saboreando cada último encontro de nossas línguas. Quando se afasta, seus olhos brilham no escuro.

— Grace, eu já disse. Não sei se já fomos só amigos.



33

O antigo conselho de “deixar para amanhã” não poderia estar mais errado quando se trata do que sinto por Eric. Passar a noite digerindo uma conversa sobre quem sente o quê e quem tem coragem de fazer algo a respeito disso não muda nada quando o sol nasce. Pelo contrário, só acrescenta uma bela ressaca emocional para engolir junto com o café da manhã. Vê-lo ontem à noite só trouxe mais dúvidas. Sei que os sentimentos dele são reais, mas será que sou ingênua o suficiente para achar que não mudariam se eu conseguisse a promoção no lugar dele? E se fosse o contrário — será que eu ainda sentiria o mesmo se o visse conquistando minha oportunidade? Uma vozinha insistente na minha cabeça diz que nada disso é real, que sou uma tola iludida destinada ao fracasso. Será que ele foi sincero? Ou será que tudo não passa de um plano elaborado para fazer com que me apaixone por ele e depois me esmagar como um inseto sob seus mocassins da Prada? Talvez eu seja só uma boba fácil de manipular, tão maleável quanto um pano encharcado. Basta torcer e espremer até não sobrar nada. Foi algo que William deve ter percebido em mim — e usou a seu favor até que eu finalmente abrisse os olhos.

No momento em que conheci William, ele me viu como alguém a ser moldado e manipulado até se tornar uma casca vazia, uma pessoa que seria sua subordinada na vida. Talvez por isso eu e Eric nunca tenhamos nos entendido direito — porque somos o oposto disso: nos vemos como adversários à altura. Iguais, correndo atrás do mesmo futuro. Eu tento afastar esses sentimentos, respirando fundo para encher minha mente e meu sangue de oxigênio, em vez de me causticar em inseguranças.

Minha mão treme na cadeira da sala de espera enquanto mantras de confiança giram na minha cabeça, se misturando como frutas em um liquidificador. Nós dois fomos instruídos a enviar as apresentações para o escritório de Catcher logo pela manhã, para que fossem preparadas para serem exibidas na tela plana enorme. O que é uma bênção e uma maldição ao mesmo tempo: a bênção é que não posso surtar com mudanças de última

hora; a maldição é que não posso surtar com mudanças de última hora. Em vez disso, entro em pânico pensando no que vão achar de mim como pessoa. Será que vão ver meu nervosismo como cuidado e paixão ou como imaturidade e falta de preparo? Meu estômago se retorce enquanto aliso meu terninho azul-claro. Eu o vesti achando que combinaria com as cores da marca Ditto, como uma mensagem subliminar para sugerir que eu deveria fazer parte do lançamento. Só agora percebo que é o mesmo terno que vesti no dia em que descobri sobre esse projeto.

Meu celular vibra e eu estremeço, sabendo que receber uma mensagem de Eric agora só vai me desestabilizar ainda mais.

Mulher do céu, se acalma!

Deve ser só a Yemi e a Alice desejando boa sorte. Mas não é. É uma mensagem do William no Instagram. Ai, não consigo imaginar nada pior do que falar com ele neste momento. Se eu continuar o ignorando em todas as plataformas, espero que acabe entendendo o recado. Me afirmar com Susie me deu uma onda de confiança e me assegurou que, no fim das contas, o mundo não vai desabar se eu expressar o que quero e preciso. Então, por que não consigo dar um basta definitivo em William? Já passei tempo demais afastando quem eu realmente quero. Ignoro a notificação e endireito os ombros, tentando me aquietar.

Vamos apresentar para Catcher e dois grandes investidores do aplicativo. Meus nervos se acalmam um pouco ao entrar na sala e perceber que um deles é uma mulher. Tomara que isso signifique que eu não vou ter que apresentar minhas ideias para um clube do bolinha do mundo da tecnologia. Catcher já é ruim o bastante. Rezo para que ele não me chame de “querida” durante a entrevista. Sorrio de canto ao me lembrar dos nós dos dedos de Eric ficando brancos ao ouvir a palavra “querida” na nossa primeira reunião sobre o Ditto. Eu estava nervosa demais para ousar corrigir o CEO da empresa em relação aos seus comportamentos misóginos, mas Eric teve que se segurar para não dar um soco nele. Meu estômago se contorce de culpa: o instinto dele foi me proteger, mesmo quando eu agia como se o odiasse.

Eu me sento diante de uma fileira de executivos vestidos de forma impecável. Catcher: com seu cabelo e barba, sempre ralos e grisalhos, cortados com tanto esmero que consigo até imaginar que um barbeiro mora com ele e corta enquanto ele dorme. O outro homem, Angus Glass, é um

investidor-anjo bem conhecido; nunca o encontrei pessoalmente, mas sei que ele já apostou em várias start-ups do Grupo Catch. Seu cabelo ruivo é quase tão chamativo quanto o meu, mas ele o mantém bem curto, deixando seus olhos verdes falarem por ele. A mulher, que se apresenta como Suma Harada, uma ex-colaboradora do Grupo Catch em Nova York, tem uma franja reta e cabelos pretos compridos que caem sobre seus ombros de uma forma que eu só poderia sonhar em ter. Depois de cumprimentar todos com um aperto de mãos e me apresentar, engulo em seco de forma audível, que felizmente é abafado pelo barulho das cadeiras e papéis sendo mexidos. As três pessoas que vão decidir meu destino observam meu rosto enquanto alinho meus cartões de anotações na mesa de conferências de madeira. Posso garantir que nenhum mantra em um corredor iluminado por luz fluorescente me prepararia para esse momento, mas repito as palavras na mente mesmo assim.

Eu sou capaz, eu me encaixo aqui, eu mereço estar aqui.

Minhas mãos estão suando, meus joelhos estão bambos e meus braços de repente parecem tão incrivelmente pesados que poderiam estar cheios de chumbo. Acho que enfim entendi o que Eminem quis dizer no começo de *Lose Yourself*. Minha boca começa a secar enquanto respondo às primeiras perguntas sobre minha experiência atual; embora a maior parte das minhas experiências e conquistas não esteja *oficialmente* registrada no papel que resume minha carreira. Fazer todo o trabalho e deixar Susie levar o crédito parece agora um plano menos sensato do que eu imaginava. Com ninha visão periférica, vejo Angus Glass rabiscar no topo da página ao lado do meu nome. Por conta da agenda social agitada de Susie e da lista exigente de tarefas diárias, posso afirmar com propriedade que já desempenhei essencialmente o papel de Chefe de Marketing de forma indireta e com bastante facilidade. É satisfatório pensar que poderia ocupar o lugar dela a qualquer momento, pois já fiz isso tantas vezes no passado.

Expressar esse tipo de coisa nunca foi meu forte, mas talvez o tempo que passei com Eric nas últimas semanas tenha me forçado a me posicionar melhor em relação a mim mesma. Ele sempre pareceu ter nascido com a mente cheia de afirmações subconscientes que o guiavam pela vida, quando, na verdade, também precisa lutar contra a forte necessidade de receber a validação dos outros para conquistar algo de que possa se orgulhar. Essa percepção se repuxa dentro de mim como um elástico prestes

a arrebentar. Se eu tivesse simplesmente me afirmado, falado o que queria em vez de me curvar à vontade dos outros, eu poderia ter sido verdadeiramente feliz e me sentido realizada e orgulhosa de mim mesma e do meu trabalho muito antes.

O nervosismo sobe pela minha coluna, travando uma batalha com minha mente, à medida que me levanto com as pernas trêmulas para apresentar minha estratégia. O slogan estampado na tela me diz que não há mais volta. Quando explico meu plano não só de trazer os atuais usuários de aplicativos de namoro, mas também de atrair uma nova geração que está cansada de aplicativos de namoro, as três pessoas que vão decidir o meu futuro parecem silenciosamente interessados: olhos concentrados, acenos sutis e inconscientes de aprovação e posturas relaxadas e confortáveis. Depois de anunciar a premissa da minha estratégia, sigo em frente, detalhando os planos de parceria com grandes nomes nas indústrias de lazer e entretenimento, mas também com empresas menores, descoladas e promissoras; trazendo um apelo em massa para o Ditto e estabelecendo sua reputação de autenticidade. Algo que nem Fate nem Ignite conseguiram executar por completo sob a liderança de Susie e Dharmash.

— Enquanto eu e o Sr. Bancroft temos firmado parcerias com marcas grandes e locais para o lançamento inicial, também tenho trabalhado com marcas independentes pela cidade para criar encontros verdadeiramente únicos. Nada desses encontros batidos de ver uma partida de futebol ou ir a um barzinho.

Catcher arqueia as sobrancelhas em aprovação.

Eu listo alguns exemplos desses encontros:

- Cabaré e comida chinesa
- Caiaque em áreas secretas
- Peças de teatro imersivas
- Aulas de culinária com pratos autênticos
- Patinação em uma pista retrô reformada
- Rapel em um arranha-céu, para os fãs de adrenalina
- Dança em boates brasileiras
- Visitas a museus inusitados

- Passeios noturnos por galerias de arte.

Uma imagem de Eric na galeria surge na minha mente, hesitante, mas disposto a me mostrar uma parte de si que ele mantém escondida dos outros. Ele, perdido em histórias da sua infância sem perceber, durante a aula de culinária no El Turo. Tentando, com todas as forças, esconder o desejo nos olhos durante a sessão de ioga. A tirinha de fotos da cabine fotográfica escondida em um livro que ele geralmente deixava aberto, mas tinha medo de me mostrar. A pessoa que, em vez de ceder às minhas investidas bêbadas, não queria que eu tivesse segundas intenções quando estava com ele. Que não queria que eu fosse como todas as outras pessoas que só queriam algo dele, que o confundiam com alguém que ele nunca quis ser. Ele merece muito mais do que isso.

Meu estômago se retorce.

Explico como vamos colaborar com uma ampla gama de influenciadores, que criarão e divulgarão seus encontros dos sonhos nas redes sociais. Experiências únicas, que estarão disponíveis apenas no Ditto. Encontros cuidadosamente selecionados, não apenas por marcas e empresas que eles amam, mas também por formadores de opinião que inspiram nossos futuros usuários.

— Em resumo… — Encaro os três executivos, com a boca seca, sem saber o que dizer.

Dou uma olhada rápida nas minhas anotações.

Certo, hora de falar com o coração!

Mas onde está meu coração? No momento, ele está afundando no fundo do mar.

O principal motivo de eu estar buscando esse novo emprego era porque não estava feliz com as condições do meu atual, mas agora elas foram renegociadas. Eric, por outro lado, está trabalhando para uma víbora que nunca pensou no que é melhor para ele. Se eu conquistar essa vaga e Eric ficar na Ignite, ele nunca terá os relacionamentos e o respeito que merece. Apesar de tudo, as opções dele são limitadas. Se eu perder, sei que ficarei bem. Sei que tenho valor para além da Susie, da Fate e do Grupo Catch. Se eu ganhar, terei merecido, mas não acho que ficarei feliz.

— Em resumo — repito, saboreando as palavras na língua até elas ficarem doces —, vocês deveriam dar esse cargo ao Eric Bancroft.

— Como é? — As sobrancelhas de Suma se erguem e somem atrás da franja à medida que ela se inclina para frente e confere seus papéis. — Esse não é o próximo candidato?

Ela se vira para Catcher em busca de confirmação. Meu estômago vira chumbo, mas não estou nervosa. Na verdade… é a primeira vez que não me sinto nervosa hoje.

— Sim, é — confirmo.

Catcher morde o lábio superior, tentando esconder a frustração, e mantém o olhar intenso fixo em mim.

Percebendo que uma explicação é necessária, pigarreio para limpar qualquer hesitação da garganta e esclareço:

— Ele merece esse cargo. Eric é talentoso, apaixonado e inteligente. Foi graças a ele que conseguimos chegar aos maiores parceiros. — Aponto para a sequência de logotipos flutuando na tela. — Vocês deveriam dar esse cargo a ele — repito, para reforçar, observando as sobrancelhas franzidas e os olhares atônitos do outro lado da mesa.

— Você sabe o que está colocando em risco? — Catcher me encara com total descrença.

— Sim. — Levanto o queixo e respondo com toda a confiança que consigo, porque acho que nunca estive tão certa de algo na minha vida.

— Está bem — aceita ele. — Isso é tudo. Obrigado, Grace.

Ele olha para a porta, fazendo um gesto para que eu saia antes que desperdice ainda mais o tempo deles. Ele se recosta na cadeira, apertando a ponte do nariz com os dedos grossos e rechonchudos. Os investidores ao lado dele se inclinam na sua direção, sem dúvida para discutir as consequências da minha inesperada chutada de balde.

Por um momento, meu corpo fica rígido. Talvez eu tenha feito isso da maneira errada. Eu deveria ter apenas arruinado toda a apresentação e aí eles automaticamente teriam dado a vaga para ele. Afasto esse pensamento da minha cabeça. Eu não deveria precisar me enfraquecer para defender outra pessoa. Eu sei que sou suficiente, sei onde me encaixo e sei o que mereço. Vou ficar bem. A Ignite está destruindo Eric aos poucos e ele não acredita que merece nada melhor. Mesmo que ele nunca mais fale comigo, quero fazer isso por ele mais do que quero esse emprego.

A única coisa que consigo pensar em dizer ao sair é:

— Obrigada pelo tempo de vocês.

Catcher solta uma risadinha e eu me apresso até a porta, jogando os cartões de anotações no lixo ao sair.

Já sentiu como se estivesse embriagada pelas suas próprias decisões? Aqueles poucos segundos de euforia e alívio depois que você sai de uma montanha-russa feita para fazer você sentir como se estivesse com o coração na garganta?

É assim que me sinto, saindo do escritório do Catcher e entrando no corredor silencioso. Como se precisasse gritar até que as últimas faíscas de emoção que restam em mim desapareçam. Uma página em branco. Livre de toda a bagagem emocional, pronta para tudo o que vier.



34

A apresentação do Eric está marcada para logo depois da minha. Foi quase um milagre eu não ter dado de cara com ele assim que saí da sala de reunião. Quando chego à minha mesa, sinto o corpo inteiro começar a suar. É melhor eu sair daqui e tomar um pouco de ar antes que acabe esbarrando nele em algum corredor.

A ficha começa a cair. Eu realmente acabei de abrir mão do emprego dos meus sonhos por causa de um cara? Será que acabei de ser oficialmente banida dos portões do paraíso feminista por essa idiotice? Engulo em seco.

Talvez eu devesse voltar lá e retirar o que disse. Implorar por uma segunda chance. Todo mundo erra! Quem nunca tomou uma decisão impulsiva que, minutos depois, se revelou a maior burrada da vida, né?

O elevador se enche de pessoas indo embora, como se fosse só mais um dia qualquer. Provavelmente é para elas. Até agora, a agenda delas inclui "ir trabalhar", "ver os e-mails", "participar de uma reunião" e "comer um sanduíche superfaturado". Nada de "dar seu sangue, suor e lágrimas numa apresentação de trabalho boa pra cacete e, depois, se sabotar tanto que seu sistema nervoso parece um monte de moedinhas sacudindo no bolso". Quando mais gente entra no elevador, tiro o celular do bolso e começo a digitar uma mensagem. Algo mais descontraído, como: *Como foi?* ou *E aí, como anunciaram que você é o novo Chefe de Marketing da Ditto? Escrito com fumaça no céu ou num daqueles cheques grandes de mentira?*

Aperto a tecla de apagar e observo as letras evaporarem no ar quente e úmido do elevador, como se nunca tivessem existido.

Cada vez mais funcionários do Grupo Catch entram, alguns conhecidos, para os quais lanço um sorriso educado, como se não tivesse acabado de detonar minha própria vida. As portas começam a se fechar, estão quase encostando, quando uma mão surge e segura uma das portas metálicas, fazendo o elevador se abrir de novo com um "ding" animado. Ergo os olhos e dou de cara com Eric e sua expressão indecifrável. Ele contrai a mandíbula quando nossos olhos se encontram. Ele deve ter ficado na

entrevista por, no máximo, uns dez minutos. Será que ofereceram o cargo para ele assim que entrou?

Eric se vira para frente, como todo mundo, algo que eu nunca teria achado estranho até agora. O elevador desce alguns andares, espremendo ainda mais gente dentro do que já parece uma lata de sardinha humana. Quem criou o clichê do "presos no elevador" nos romances provavelmente está se revirando no túmulo literário agora.

A multidão se esparrama pelo saguão, todos seguindo na mesma direção, e por um instante me deixo enganar por uma falsa sensação de segurança, até que Eric se vira e me encontra no fundo do grupo. Desvio para direita e sigo andando pelo saguão principal. Não posso parar. Falar com ele antes de termos a confirmação oficial de que ficou com o cargo vai ser demais para mim, e tentar prever a reação dele ao que eu fiz deixa a minha imaginação completamente vazia.

Ele me alcança e pousa uma mão quente nas minhas costas, me guiando com delicadeza para longe da multidão. Quando por fim paramos, suas mãos ainda seguram meus braços. De perto, as olheiras sob seus olhos, geralmente tão cheios de vida, estão mais evidentes do que nunca. Ele faz uma careta, como se não conseguisse colocar as palavras para fora.

Uma pontada de inquietação atinge meu peito. Certo, parece que é algo mais importante do que a entrevista.

— O que houve? A Iris está bem? — pergunto, já que só vi essa expressão no rosto dele uma única vez, no Bar da Matilda.

— Sim, ela está bem. — Ele balança a cabeça, parecendo confuso, e solta um suspiro curto, os lábios enfim relaxando num vestígio de sorriso aliviado. Então dá um passo à frente, ficando bem de frente para mim, enquanto sua mão pousa sutilmente na minha cintura, como se atraída por um ímã.

Num estalo, percebo que já vi esse olhar preocupado mais de uma vez. Uma quando Iris estava desmaiada na mesa. Outra quando eu estava caída ao lado da trilha. Coloco uma mão sobre a dele, num gesto reconfortante.

Ele pigarreia.

— Eu precisava te contar antes deles. Eu sei que eu…

— Grace! — Uma voz potente atravessa o imenso salão de mármore, ecoando pelos veios de pedra e me cortando como uma lâmina. A mão de Eric fica tensa ao mesmo tempo que meu corpo enrijece. Meu rosto parece

querer fugir do próprio crânio quando vejo a expressão dele endurecer em entendimento.

Eu me viro na direção de William, e minha mão escorrega da de Eric. Por um instante, apenas encaro aquele que já foi o homem dos meus sonhos. Há um sorriso sem jeito em seu rosto, parcialmente escondido por um enorme buquê de flores apoiado em um dos braços, enquanto a outra mão segura uma pequena caixa de veludo. Minha mente volta à realidade, e eu caminho até ele com cautela. O calor da mão de Eric desaparece da minha cintura, mas sinto sua presença atrás de mim enquanto me aproximo de William.

— O que você está fazendo aqui? — Minha voz sai mais fraca do que eu esperava.

— Você não atendeu minhas ligações, nem respondeu minhas mensagens, então fiquei preocupado com você, Gracie. Precisava saber se estava bem. — Ele parece quase confuso, como se realmente esperasse que eu largasse tudo para retornar suas ligações. — Eu te liguei… eu precisava te ver — repete ele.

— Eu te disse que eu estava ocupada… Que estava concorrendo a uma promoção. — Semicerro os olhos, devolvendo a mesma confusão que vejo no rosto dele.

— Ah — diz ele, parecendo magoado.

Espero que pergunte alguma coisa; como foi, como estou me sentindo, se consegui o cargo, mas, em vez disso, ele apenas desvia o olhar, observando, acanhado, os padrões geométricos na parede.

Olho para o buquê e solto um suspiro ao ver seus olhos castanhos opacos.

— Por que está aqui?

William pigarreia e ergue o rosto, arregalando os olhos como um ator ruim prestes a declamar seu grande monólogo.

Ele inspira fundo.

— Eu andei olhando suas redes sociais. Ver você tão feliz, brilhando, me fez perceber uma coisa: eu não posso e não quero viver sem você. Nós fomos feitos um para o outro.

Alguns “ooooown” surgem entre a multidão que se forma ao nosso redor. Minha mente se desloca para a perspectiva deles: um homem fazendo uma grande declaração para reconquistar o amor de uma mulher. Há não tanto tempo assim, eu também teria me derretido por essa cena. É disso que as

histórias de amor são feitas. Porém, me encolho ao perceber o que ele está fazendo.

Sei que isso não passa de um teatro: demonstrar gestos públicos de afeto, devoção e fidelidade; encenar tudo isso na frente de pessoas cuja opinião me importa, fazendo com que me sinta pressionada ou constrangida demais para protestar; e, depois, agir de forma completamente diferente quando não há plateia. Ele sequer retirou o ultimato. Talvez ache que o tempo longe dele foi meu "castigo" por não ter cedido ao que queria. Por não ter jogado minha vida inteira fora em troca do amor de fachada dele.

Meu corpo treme, tomado por frustração, confusão e cansaço, enquanto pergunto um pouco mais alto do que deveria:

— E todas as mulheres para quem você mandava mensagens enquanto estávamos juntos? Consegue viver sem elas?

Antes, eu achava que as pessoas saberem o que aconteceu me faria parecer ingênua e fraca, como se fossem as *minhas* escolhas que tivessem levado *ele* a agir daquela forma. Mas, nas últimas semanas, aprendi que não dá para controlar a forma como os outros nos veem; a única coisa que realmente importa é como enxergamos a nós mesmos.

— O quê? — O rosto dele cora, seja de vergonha ou raiva. Ele se engasga nas palavras: — Eu não faço ideia do que você está falando. — Ele franze o cenho, os olhos indo de mim para a plateia, como se estivesse acompanhando uma partida de tênis. Ele agarra minha mão. — Gracie, qual é. Já que é tão importante assim para você, pode ficar com o seu empreguinho.

— Não me chame assim. — Tento puxar o braço, mas ele me ignora e seu aperto não cede.

— Foi ele, Gracie? — Seus lábios se contorcem em puro desprezo. — Foi *ele* que encheu sua cabeça de caraminholas?

Ele aponta para Eric, que vem em nossa direção com o maxilar travado, parecendo um predador prestes a dar o golpe fatal. A multidão percebe a tensão estampada no rosto dele e, de repente, todos fingem estar ocupados, como se não estivessem assistindo a tudo até agora.

— O que você disse para ela, porra? — William se inclina para trás do meu corpo para gritar com Eric, sua voz ricocheteando pelo mármore e atraindo mais olhares curiosos.

— Não precisei dizer nada. Você conseguiu ferrar com tudo sozinho. — A voz de Eric soa calma e confiante, em contraste com o tom desesperado de William. Nunca vi seu rosto parecer tão ameaçador.

Antes que isso se transforme numa briga digna de Bridget Jones, corto a tensão crescente e me viro primeiro para William.

— Isso não tem nada a ver com ele. — digo, firme, antes de pousar a mão no peito definido de Bancroft, sentindo o algodão da camisa roçar minha palma suada. — Eric, nos dá só um minuto.

Com relutância, ele dá alguns passos para trás, me cedendo espaço para conduzir a conversa, mas mantendo-se próximo o suficiente para me defender, caso eu precise. Um aperto de culpa se instala no meu peito; mesmo depois de eu não poder prometer nada para ele, seu instinto ainda é me proteger.

Eu me viro de volta para William, ainda plantado no meio do saguão, no centro das atenções. A culpa se dissolve quando encaro seu rosto patético.

— Eu sei da verdade, então não adianta mentir. Eu vi as mensagens e as fotos. Você só está passando vergonha.

William abaixa o buquê ao lado do corpo, as pétalas caem conforme as flores ficam penduradas de cabeça para baixo. O desespero, a vergonha e a irritação estampados no rosto dele só me fazem odiá-lo ainda mais. Ele solta uma risada nervosa e coça a nuca.

— Não é como se estivéssemos noivos nem nada. Eu teria parado depois do casamento — implora ele, como se isso fosse uma grande concessão da parte dele, um sacrifício em troca do meu. Meu rosto se contorce, e um gosto amargo sobe pela minha garganta. Percebendo minha indignação, ele segura minha mão com delicadeza, tentando enfatizar o pedido de desculpa, e inclina a cabeça de leve. — Eu vou parar, eu prometo.

Mordo a parte interna da bochecha, desviando o olhar para o chão e implorando mentalmente para que meus olhos parem de arder.

— Por quê? — Minha voz sai fraca e baixa. — Por que você fez isso?

— Você estava tão ocupada com o trabalho. Eu precisava de mais. Foi por isso que quis que você se casasse comigo e se demitisse. — Ele curva os lábios em um sorriso tenso. — No fundo, é isso que você quer também. É o melhor para nós dois, Gracie.

Arranco minha mão da dele.

— Meu Deus, você sequer me conhece?

— Escuta, só… — Ele passa a mão na boca, enquanto a frustração surge em seus olhos escuros. — … só vem comigo, vamos conversar sobre isso.

Ele agarra meu braço e tenta me puxar em direção às portas de vidro automáticas para ir para a rua. Lá vem ele de novo, me arrastando para onde quer ir, esperando que eu simplesmente o siga sem questionar. Antes que eu me dê conta, meu punho dispara em direção ao rosto dele. Um calor cortante percorre meu braço inteiro, e os nós dos meus dedos latejam de dor. William cambaleia para trás, derrubando o buquê com tanta força que pétalas rosa-escuras se espalham pelo chão bege parecendo um flamingo que explodiu, combinando com o tom de seu rosto à medida que o sangue começa a escorrer em um fluxo constante de seu nariz até sua camisa branca impecável.

William estende as mãos ensanguentadas, chocado com o que acabou de acontecer. Ele analisa o estrago, apertando o nariz com cuidado antes de avançar contra mim, com os lábios repuxados em um rosnado e os dentes manchados de sangue.

Dou um passo para trás, mas antes que ele chegue perto, uma mão firme se fecha em seu ombro, agarrando a camisa.

— Eu não faria isso se fosse você, parceiro — diz uma voz tranquila, mas autoritária, vinda de trás dele. Meus músculos relaxam ao ver Dave, o segurança, impassível como sempre.

— Ela me atacou! Essa vadia quebrou meu nariz! — William cospe as palavras, com o sangue ainda escorrendo com força.

— Não. Você agarrou a moça e ela apenas se defendeu — responde Dave com serenidade.

— Tá de sacanagem, porra? — William tropeça, os olhos arregalados de incredulidade enquanto tenta se desvencilhar de Dave.

— Sugiro que saia agora, senhor, ou terei que chamar a polícia. — Dave o guia como se estivesse conduzindo uma criança birrenta na Disney, levando-o em direção às portas de vidro.

Meu coração martela no peito enquanto vejo William se encolher e sumir na movimentada rua de Londres. O ódio, a vergonha e a lástima se acumulam no meu peito como um ralo entupido, enquanto meu cérebro tenta compreender sua verdadeira natureza. Ele estava desesperado para bancar o herói, mas tudo o que realmente queria era me manter trancada, sempre ao seu alcance, minha única preocupação sendo fazê-lo feliz. *Minha*

felicidade só importava quando ele decidia que devia importar. Ao meu redor, as pessoas murmuram, e a adrenalina corre solta em meu corpo, fazendo meus braços e pernas tremerem como um animal enjaulado se debatendo contra as grades.

— Grace? — A voz tranquila de Eric é um bálsamo para meus nervos em frangalhos. — Vamos sair daqui.

Ele lança um olhar ao redor, analisando os curiosos que ainda se demoram no lobby, e então estende a mão para mim. Eu a seguro com minha mão não machucada.

Meus olhos pesam enquanto ele me conduz com cuidado até o elevador.

Um homem de terno se aproxima das portas, encara nossos rostos e simplesmente diz:

— Vou esperar o próximo.

As portas do elevador se fecham com um estalo metálico, seguido pelo zumbido das polias, um som inesperadamente tranquilizador. Permanecemos em silêncio até que me apoio na barra lateral e examino minha mão, soltando um sibilo ao notar o hematoma já se formando. Assim que o ar escapa dos meus lábios, ele se move, analisando as marcas, acariciando meus dedos com cuidado. Então, leva minha mão à boca e deposita um beijo delicado nos nós dos dedos antes de piscar rápido, afastando os pensamentos.

— Desculpa — murmura quando percebe meu rubor. — Provavelmente é uma pergunta idiota, mas… você está bem?

Tudo o que aconteceu entre nós nos últimos dias surge na minha mente, e por um instante estou de volta ao quarto de hotel, sentindo-o explorar cada parte do meu corpo com ternura. Ele endireita os ombros.

— Acho que sim. Vai sarar — respondo, estudando minha mão dominante, aquela que escreve e (aparentemente) também soca.

— Que bom. — Ele sorri de leve. — Mas eu queria saber se *você* está bem?

Ah. Ele quer saber se vou me transformar na sombra de quem fui ao lado de William. Um ovo rachado sem frigideira: quebrada, bagunçada e inútil. Olho dentro dos olhos dele e, pela primeira vez, reconheço totalmente o carinho e a preocupação que sempre estiveram ali. Se eu ainda fosse uma pessoa toda quebrada, bagunçada e inútil, ele estaria aqui. Ele esperaria eu me recompor, porque é isso que ele tem feito o tempo todo.

As palavras escapam antes que eu consiga prendê-las entre os dentes.

— Eu disse para escolherem você. — Meu tom transmite uma certa descontração que caberia melhor em um “eu disse para trazerem uma Coca Zero” do que em “eu disse para darem a você o emprego pelo qual temos brigado há semanas”.

— O quê? — Ele pisca, com a boca entreaberta.

Faço que sim com a cabeça.

— Eu disse a eles que você era a escolha certa para o cargo.

Ele leva as mãos às têmporas, esfregando-as em pequenos círculos.

— Por que você fez isso?

— Não sei — respondo, só que eu sei. Minha mente enevoada simplesmente não entende por que ele não está feliz por ter conseguido o emprego dos sonhos.

Ele suspira.

— *Eu* falei para escolherem *você*.

— O quê? Por que você fez isso? — Ao que parece, levar um susto desses é um ótimo jeito de esquecer a dor na mão recém-machucada.

Ele pressiona os lábios e balança a cabeça antes de se virar para o painel metálico cheio de botões luminosos e socar de leve o grande botão vermelho brilhante. O zumbido suave cessa e eu me seguro na barra de apoio quando o elevador dá um tranco e para.

Eric começa a andar de um lado para o outro no pequeno espaço até ficar a poucos centímetros de mim.

— Você disse no hotel que não havia sentido em continuarmos com isso porque quem perdesse a promoção não suportaria ver o outro vencendo. — Ele me encara, com os olhos arregalados, esperando minha resposta.

— Sim! — Minhas sobrancelhas quase tocam o teto enquanto eu concordo com ele da maneira mais desafiadora que consigo.

Ele inclina a cabeça para cima e me lança um olhar de canto de olho.

— Bom, você estava enganada. Eu suportaria. Eu não só ficaria de boa, como ficaria feliz pra caralho.

Eu gaguejo:

— M-mas você quer isso tanto quanto eu.

Ele avança um passo em minha direção e balança a cabeça. Eu ergo o queixo para encará-lo.

— Eu prefiro *você*. Estar na mesma equipe que você, acordar ao seu lado todo dia, te levar em encontros de verdade, te ver perceber que você merece o mundo e ser a pessoa que tem o direito de te dar isso. Poder te dizer todos os dias que eu te amo. Essa seria minha vitória, Grace. Eu não preciso de mais nada.

Dou uma respirada profunda, mas trêmula.

— Bom… porra. Eu também te amo.

Digo com tanta naturalidade que "claro que eu te amo, ué" teria soado mais adequado. Falei com uma sinceridade tão brutal que nem parei para pensar.

Ele segura meu rosto e me beija com delicadeza, o polegar acariciando minha bochecha até que ele se afasta para me olhar.

— E você provavelmente teria me vencido de qualquer forma. Melhor perder com um pouco de dignidade.

Ele pisca para mim e eu solto uma risada abafada, encostando a testa na dele. Ele segura meu rosto e afasta uma lágrima que escapou como um limpador de para-brisa em uma tempestade.

A voz grave de um homem ressurge no alto-falante do elevador.

— Tá tudo certo aí, pessoal?

Eric pressiona o botão do interfone.

— Sim. Mas você pode nos dar dois minutos, por favor? Estou abrindo meu coração aqui.

A voz rouca fica em silêncio por alguns segundos e então responde:

— Vou dar um minuto.

— Valeu, cara. — Eric me puxa pela cintura, me levando para perto dele. — Onde eu estava mesmo? — provoca ele.

— Estava confessando o seu amor por mim. — Aceno com a cabeça, tentando não deixar meu sorriso radiante cegá-lo.

— Ah, certo. — Ele me beija nos lábios — Eu te amo… — na bochecha — Eu te amo… — no pescoço — Eu te amo.

Quase não conseguimos nos separar quando as portas se abrem no andar do Catcher, revelando Harriet parada com os braços cruzados, visivelmente irritada.

— Estou tentando te ligar faz vinte minutos! O Sr. Catcher quer falar com você agora mesmo.

— Sobre o quê? — Eric pergunta, com a mão fora de vista acariciando minha lombar, como se nunca fosse me soltar.

— Não faço ideia. — Harriet passa a mão no cabelo loiro cor de mel. — Algum de vocês viu a Grace Hastings? Me mandaram chamar ela também.

Eric me olha com diversão enquanto saímos do elevador para o andar do escritório, prendendo a respiração.



35

É uma mistura estranha de sentimentos: saber que, na melhor das hipóteses, seu chefe vai te esculachar, e na pior, você será demitida por ter feito a empresa passar vergonha diante de seus principais investidores. E, ainda assim, sentir-se tão absurdamente feliz que nada parece capaz de te atingir. Como ficar grata por sentir o calor do sol, mesmo sabendo que vai acabar torrada. É exatamente essa a sensação de caminhar de mãos dadas com Eric até o escritório do Catcher. As sobrancelhas erguidas de Harriet indicam que ela flagrou nosso momento romântico no elevador, mas quando Bancroft entrelaça os dedos nos meus bem diante dela, meu peito se enche de alegria. Seja lá o que vier a seguir, enfrentaremos juntos.

O polegar de Eric traça círculos tranquilizadores na minha mão enquanto caminhamos pelo corredor, passando por uma sequência de salas de reunião envidraçadas que mais parecem aquários. Lá dentro, os ocupantes nos encaram de olhos arregalados e bocas entreabertas. Não sei se é porque a notícia de que dei um soco no meu ex-namorado no saguão já correu pelos andares ou se é porque nós dois, os eternos inimigos mortais de aplicativos de namoro rivais, parecemos estar nas nuvens, como dois gatos que acabaram de provar o creme mais sofisticado do mundo. Seja como for, temos coisas mais urgentes com que nos preocupar agora.

Paramos diante da sala de Catcher, apertamos as mãos por um instante antes de soltá-las. Se começássemos a despejar justificativas emocionadas e desencontradas sobre por que cada um abriu mão dessa oportunidade pelo outro, acabaríamos invalidando todo o esforço que fizemos. A verdade é que tomamos essa decisão porque merecemos estar aqui pelo nosso próprio mérito, já que qualquer um de nós se sairia bem nesse cargo.

Diante da temida porta, Eric levanta a mão para bater, mas hesita. Em vez disso, se inclina na minha direção.

— Estou com vontade de dizer algo como “boa sorte”… mas acho que isso meio que perdeu o sentido agora.

— Algo como “foi bom te conhecer!”… — faço um gesto imaginário de tirar o chapéu — … parece se encaixar mais.

Eric solta uma risada ofegante e responde:

— Foi bom te conhecer também.

Ele dá três batidas rápidas na porta.

Martin Catcher, fundador e CEO do Grupo Catch S.A. e o homem que, no fim das contas, tem o destino da nossa vida profissional nas mãos, nos encara em silêncio enquanto nos acomodamos, meio sem jeito, nas cadeiras do outro lado de sua imponente mesa de madeira entalhada. Seu escritório parece ter saído direto de um catálogo de “homem rico e velho que provavelmente tem um iate” com livros de couro vermelho com detalhes dourados, decantadores de uísque brilhantes organizados com capricho no canto e uma coleção de porta-retratos com fotografias dele em preto e branco ao lado de praticamente todo empresário de sucesso do século XXI espalhadas pelas paredes. Ele aperta os lábios e semicerra os olhos, como se tentasse entender qual foi o plano mirabolante que armamos para estragar o seu dia.

Ele puxa o ar com força e apoia os punhos unidos sobre a mesa.

— Sabe, cheguei a pensar em demitir os dois depois da palhaçada que fizeram.

Meu estômago se revira, como se o soco que acertei em William tivesse atravessado um portal no tempo e no espaço apenas para me atingir aqui, direto no estômago.

— Não foi planejado — afirmo com calma. Lanço um olhar para Eric e vejo que ele se recosta na cadeira como se estivéssemos apenas batendo papo. Como se reuniões capazes de mudar o rumo da vida fossem rotina para ele. Juro que ouço um sussurrado “Fale por você” escapar dos lábios dele. Mordo a parte interna da bochecha para não deixar um sorriso tímido escapar.

— Espero que não, já que vocês desperdiçaram o meu tempo e o dos nossos investidores. — O olhar de Catcher alterna entre nós dois, esperando que um de nós ceda primeiro.

Meu instinto, lapidado por anos de querer agradar os outros, é dar a ele exatamente o que deseja: demonstração de arrependimento, pedido de desculpas e súplica por perdão. Minha boca se entreabre, a palavra “desculpa” chega a formigar na ponta da língua, mas então me lembro de

que não estou arrependida. Nem um pouco. Se pudesse voltar no tempo, faria tudo de novo, exatamente do mesmo jeito.

Diante do nosso silêncio, Catcher prossegue:

— Dito isso, Suma e Angus ficaram bastante impressionados com a determinação de vocês. — Nós nos mexemos desconfortáveis nas cadeiras, sentindo o peso da tensão se rearranjar sob nós como placas tectônicas. Catcher continua:

— Eles disseram que vocês demonstraram uma "verdadeira paixão pelo cargo e pela empresa"… — ele faz aspas com os dedos e revira os olhos — … ao colocar os egos e a competição de lado para recomendar a melhor pessoa para o trabalho.

Eu daria qualquer coisa para ter sido uma mosquinha na parede durante a reunião do Eric. Talvez, depois disso, ele me presenteie com uma reencenação dramática dos acontecimentos. Isso é, *depois* de nós dois reencenarmos nossa noite na cobertura, é claro.

Catcher passa a língua nos dentes da frente e solta um arzinho pelo nariz.

— Parece que eu tinha razão quando disse que vocês trabalham bem juntos.

Reprimo um sorriso antes que ele se forme por completo. No início, quando as pessoas chegavam a essa conclusão sobre nosso relacionamento, eu me opunha com todas as forças. Mas depois de tudo o que aconteceu, fica difícil negar. Nunca conseguimos ser apenas amigos porque sempre exigimos mais um do outro. Quando não pudemos oferecer o que precisávamos, nos consumimos. Trabalhar juntos no Ditto nos forçou a renascer das cinzas e brilhar juntos.

Catcher se vira para Eric.

— Você estava tão convencido de que a senhorita Hastings era a melhor para o cargo que sequer fez a sua apresentação.

Viro a cabeça na direção de Eric e percebo sua mandíbula tensa. Eu achava que ele tinha exagerado quando me contou. Ele simplesmente entrou, disse que eu era a pessoa certa para o cargo e saiu? Meu coração se aperta e se expande ao mesmo tempo.

— E você. — Catcher se vira para mim, com a testa franzida e o rosto rígido com irritação contida. — Se não tivesse insistido tanto para que déssemos a vaga ao Sr. Bancroft, eu teria descartado completamente o que ele enviou para o projeto, já que nem se deu ao trabalho de apresentar. No

entanto, Suma e Angus acreditaram nas suas palavras e decidiram avaliar a estratégia dele. E ficaram muito impressionados com o trabalho que ele fez.

Eu me inclino para frente e prendo a respiração, sentindo o coração martelar no peito. Será que meu plano terrivelmente mal elaborado deu certo?

— Certo, vamos direto ao ponto. — Catcher se recosta na cadeira, cruza os braços e nos observa com uma expressão curiosamente satisfeita. Fizemos ele sofrer; agora ele quer que soframos também. — Como eu disse, há tempos percebo o potencial que vocês têm juntos. Depois de discutir o assunto com os investidores e o conselho, tomei uma decisão executiva: vou promover os dois.

— O quê? — perguntamos ao mesmo tempo, e meu coração bate tão alto que tenho certeza de que Catcher pode ouvir.

Ele franze as sobrancelhas de um jeito que praticamente grita "Vocês ainda não entenderam?"

— Se meus dois melhores Gerentes de Marketing entram na sala, apresentam estratégias igualmente boas, porém com pontos fortes distintos, e ainda insistem que eu contrate o concorrente… acham que me resta alguma alternativa além de promover os dois?

Quer dizer, demitir a gente também seria uma saída bem razoável, mas não sou eu quem vai lembrar ele disso.

Eric inclina a cabeça para o lado e pergunta num tom baixo:

— Mas o que exatamente isso significa? — Ele aperta o braço de madeira da cadeira com os dedos; eu me seguro para não os cobrir com os meus.

A cadeira de couro verde escuro range quando Catcher se relaxa, um homem satisfeito em estar no controle da conversa.

— Isso significa, dependendo da liberação dos fundos, que nossos investidores estão dispostos a liberar o capital para pagar dois salários de Chefe de Marketing. Acreditamos que isso trará mais respeito para o Ditto. Ter um homem e uma mulher à frente do lançamento proporciona uma abordagem mais completa. Vocês podem dividir e conquistar com base nos pontos fortes de cada um, e então trabalhar juntos nas partes mais importantes.

— Com base nos pontos fortes de cada um? — pergunto.

— Eric fica com os peixes grandes, as atrações de peso que sustentam a indústria, e… como você colocou em sua apresentação… você vai se

concentrar na conscientização local da marca e nas empresas emergentes para criar parcerias com experiências exclusivas.

Balanço o pé no ar enquanto tento acalmar o corpo e a mente. Nunca, nem nos meus sonhos mais loucos, imaginei que isso seria sequer uma possibilidade, quanto mais a consequência de termos saído completamente do roteiro.

— Isso se… vocês dois quiserem continuar trabalhando juntos? — pergunta Catcher, com as sobrancelhas arqueadas.

Mantenha a calma: ele não sabe que vocês estão obcecados um pelo outro. Ele ainda acha que são rivais. Talvez ainda sejamos? Talvez sempre sejamos combustível para o outro. Um desafio para que o outro seja a melhor versão de si mesmo, a grandeza que vemos um no outro. Para que sejamos o que mais amamos um no outro.

Olho para o Eric, com o coração batendo tão forte que só falta sair do peito. Ele se vira para mim e dá um sorriso travesso.



EPÍLOGO

Dezoito meses depois

— Pronta? — pergunta Eric do banheiro.

— Sim, só um segundinho — respondo, digitando bem rápido as últimas palavras do e-mail.

Ele encosta no batente da porta, com os braços cruzados e uma sobrancelha arqueada.

— Já estão pra chegar.

— Eu sei, eu sei, eu sei. Enviado! — A cadeira arrasta no chão quando me levanto de supetão e fecho o notebook.

O celular de Eric apita, e ele revira os olhos de brincadeira ao olhar a tela.

— Sabe que morarmos juntos significa que você pode simplesmente me falar as coisas em vez de me mandar e-mail, né?

— A gente concordou em separar trabalho e vida pessoal, bonitão — respondo, dando uma leve esbarrada nele com o quadril enquanto entro no banheiro e ajeito o cabelo com os dedos.

— Só porque minha sócia é viciada em trabalho. — Ele guarda o celular no bolso, desliza as mãos pela minha cintura e beija minha bochecha. — Agora está pronta?

Viro e me apoio na pia.

— Não, a sua gravata está torta.

Eric olha no espelho por cima do meu ombro e depois para mim de novo.

— Não está, não. — Ele inclina a cabeça para o lado e me olha com cara de quem não está entendendo nada.

Passo os dedos pelo tecido de seda e dou um puxão de leve, trazendo-o para mais perto. Seus olhos brilham por um segundo antes de se fecharem e nos deixamos levar, mergulhando um no outro. Nosso próprio mundinho antes de o caos começar.

Ele solta uma risadinha enquanto ajeito a gravata de novo.

— Perdão, devo ter me enganado. — Sorrio. — O que seria de você sem mim?

— Uma pessoa com muito, mas *muito* mais tempo livre — diz ele, me pegando pelas coxas. Solto um grito misturado com risada enquanto ele me carrega de volta para o quarto e me joga na cama, subindo em cima de mim até seus lábios tocarem minha nuca, espalhando beijos que fazem meu corpo inteiro arrepiar.

A campainha toca, mas a gente finge que não ouviu, aproveitando mais um pouquinho. Ela toca de novo, seguida pelo som de chaves girando na porta.

— Dei uma cópia da chave pra Iris semana passada — confesso, mordendo o lábio quando as mãos dele sobem pelo meu peito. — Para o caso de emergências.

— Oiiiiii! — A voz de Iris ecoa pelo apartamento, acompanhada pelo barulho dos sapatos batendo no chão de madeira quando ela os tira.

Eric apoia a testa no meu ombro.

— Agora que ela tem a chave daqui, o único lugar sagrado que me resta pra ter você só pra mim é o seu escritório novo.

Dou um último beijo nele, mordiscando seu lábio por alguns segundos antes de soltá-lo.

— O sofá chega semana que vem, então vou te cobrar.

— Beleza, vamos nessa. — Ele me puxa para cima, e damos uma arrumada rápida nas roupas.

— E aí, Rissy! — Envolvo a irmã dele num abraço apertado, nos balançando de um lado para o outro.

— Isso estava na sua porta. — Iris aponta para um arranjo gigantesco de flores laranjas, fúcsia e violetas, com aves-do-paraíso despontando no topo. Pelo nível de exagero, já sei quem mandou.

Parabéns pelo novo projeto, vamos conversar em breve. Bjs, Susie

Na minha cabeça, já imagino Susie relaxando com uma taça de mimosa na mão, curtindo a vida na Grécia com suas amigas vestidas de branco e bege, parecendo um culto secreto de cashmere. Susie saiu da Fate pouco depois de mim e embarcou numa transformação completa no universo do *hashtag* empoderamento feminino. Ainda não fui ao retiro de networking só para mulheres que ela organiza, mas, segundo ela, as portas estão sempre abertas.

— Ah, e a mamãe pediu pra te entregar isso. — Iris estende para Eric uma garrafa preta e brilhante de Dom Pérignon Vintage. — Ela mandou um beijo lá de Dubai.

— Ela mandou a filha sóbria trazer champanhe? — pergunta ele, pegando a garrafa da mão da irmã e analisando o rótulo.

— O instinto materno segue firme e forte — comenta Iris, inexpressiva, enquanto ele a puxa para um abraço apertado.

— E seu pai, como vai? — pergunto, vendo Eric atravessar o corredor com a champanhe e as flores rumo à cozinha.

— Ele está bem! A residência lá está indo super bem, e eu tenho ajudado a cinegrafista sempre que dá. — As bochechas de Iris ganham um tom rosa peônia.

— Sim, imagino que você tenha sido bem… prestativa. — Tento não sorrir.

Ela arregala os olhos e balança a cabeça.

— Ainda não contei pra ele sobre ela — fala Iris, sem som, lançando um olhar rápido para Eric.

Faço um gesto de zíper na boca.

— Não faço ideia de onde colocar isso. — Eric ergue o buquê enorme e me entrega, secando com um pano a água que respingou no balcão.

— A Susie nunca foi de pensar na praticidade — comento. Pego as flores e as levo para o quarto, deixando-as sobre a cômoda, bem atrás da nossa tirinha de fotos da cabine fotográfica. A porta se abre de novo, e logo as vozes de Yemi, Robert, Alice e Claudia preenchem o apartamento com saudações alegres e dispersas. Pego um saquinho de veludo azul-claro da cômoda e enfio no bolso.

Quinze minutos depois, meus pais chegam e cada um dá um abraço apertado em Eric na porta. Depois, fazem o mesmo com Iris, acolhendo-a na família tanto quanto o irmão.

Assim que meus pais se acomodam no sofá, Eric endireita os ombros e pigarreia.

— Beleza, agora que estão todos aqui, temos uma novidade maravilhosa pra contar.

Respiro fundo.

— Bom, vocês sabem que, desde que saímos do Grupo Catch há alguns meses, temos trabalhado num projeto. E, graças ao talento impecável do Eric em fazer contatos…

— … e à sua apresentação incrível… — acrescenta ele com um sorriso.

— … conseguimos oficialmente o financiamento e já temos a data de lançamento do Para Sempre!

— Meu Deus! Que demais! — Iris salta do sofá para nos abraçar de novo, pulando de empolgação, e Robert dá um tapa alto nas costas de Eric enquanto o envolve num abraço apertado.

— Gostaria de acrescentar que foi também a excelente versão beta criada pela única e inigualável Yemi que garantiu tudo. — Coloco uma mão no bolso e levanto a taça com a outra.

Yemi se levanta, faz uma reverência e então ergue sua taça.

— E não vejo a hora de levar ainda mais crédito quando a minha cláusula de não concorrência expirar! Aos novos fundadores do Para Sempre!

Bebo o conteúdo da taça e anuncio:

— Espera! Precisamos de mais champanhe para o brinde!

— Achei que você fosse anunciar que está noiva ou algo assim — diz Alice, rindo com a boca na taça.

Eric e eu trocamos olhares, sorrindo de orelha a orelha, enquanto mostro a mão esquerda, bem mais cintilante do que alguns minutos atrás.

— Bom, antes de brindarmos, tem mais uma coisa que a gente precisa contar pra vocês…



AGRADECIMENTOS

Obrigada aos meus pais, Karen e Albert, que me ensinaram o que significa ser ambiciosa e apostar alto. Além de sempre me incentivarem a seguir minha paixão pela escrita criativa, desde a infância até a vida adulta. Este romance, de verdade, não existiria sem a paciência, o incentivo, o amor, a mente aberta, o entusiasmo e o apoio inabalável de vocês.

Obrigada ao meu marido, Alex, meu conselheiro particular em todos os aspectos deste livro, desde os nomes dos personagens à arte da capa. Quando namorávamos, o vi fazendo anotações sobre um filme que acabáramos de assistir só para podermos discutir a história no caminho de volta para casa. Agora, fico na cama o vendo fazer a leitura beta dos meus livros. O fato de você ter aprendido a falar a minha língua me traz uma alegria diária que, ironicamente, palavras não conseguem expressar.

Obrigada à minha madrinha, Angela Hoyes, que assumiu o papel de “mãe de Londres” quando me mudei para a cidade. Cada experiência que inspirou esta história e minha escrita só aconteceu graças ao seu apoio.

Obrigada à minha sogra, Karen McHale, a primeira pessoa a ler este livro e que me disse para colocar mais cenas picantes. Segui o conselho e recebi uma proposta de agenciamento duas semanas depois. Obrigada por sempre me receber com tanto carinho e de braços abertos. Sou incrivelmente sortuda por ter ganhado mais uma mãe na minha vida.

Obrigada a todos os amigos e familiares que não riram da minha cara quando eu disse que estava escrevendo um livro. Quando a palavra “autora” ainda era só um gostinho na minha boca. Obrigada ao meu time incrível de torcedores, melhores amigos e revisores: Charlotte McHale, Christina Hilton, Emma Burgoyne, Georgie Arnold, Hannah Worth, Hannah Carroll e Kate Urquiola. E também um agradecimento especial aos membros do clube do livro local, que me conhecem desde bebê e ainda insistem que eu autografe seus exemplares. O apoio inabalável de vocês significa mais do que jamais poderão imaginar.

Obrigada a Charlotte Hay por ter ganhado de mim na cobiçada competição de Escrita Criativa do sexto ano. Além da sua amizade e carinho de uma vida toda, foi meu plano de vingança de vinte anos que me impulsionou até a linha de chegada.

Obrigada a Annabel Faulkner, que me lembra todos os dias que o espírito humano não tem limites. Sempre que acho que não vou conseguir cumprir um prazo ou terminar um projeto, penso que você terminaria, sairia para beber e ainda escalaria uma montanha na manhã seguinte. Você é maluca, e é por isso que eu te amo.

Obrigada a Kat Grant; ainda penso naquele momento no restaurante em Paris, quando admitimos que não conseguíamos nos imaginar morando com mais ninguém além da outra. Obrigada por ouvir meus desabafos diários sobre o trabalho — seu amor incondicional e sua alegria contagiante me ajudaram a superar alguns dos momentos mais estressantes da minha vida.

Obrigada à minha agente, Silé Edwards, por me tirar da obscuridade e me levar a uma obscuridade um pouquinho menor e me permitir ser minha versão mais virginiana possível. Mas, acima de tudo, obrigada por ser a melhor organizadora, colega, parceira de todas as horas e confidente nessa jornada louca. Você é, sem dúvida, a agente dos sonhos.

Obrigada à minha incrível equipe de editores: Alice Rodgers, Sally Williamson, Asanté Simons e Shannon Plackis. Escrever um livro é um trabalho coletivo, e sou imensamente grata pela gentileza, pelo incentivo e pela confiança de vocês de que uma garota qualquer de Lincolnshire conseguiria produzir um livro minimamente decente.

Obrigada à comunidade de escritores que foi um porto seguro para qualquer crise ou dúvida ao longo desse processo. Ao meu grupo de estreantes de 2025, à Lizzy Dent e à minha irmã de agência Simone Soltani pelo apoio inabalável. E um agradecimento especial a Emily Wibberley e Austin Siegemund-Broka por serem os primeiros a escrevem um comentário sobre meu livro!

Obrigada a Catherine Love e Jessica Paul por criarem um ambiente tão inspirador para o meu amor pelo inglês florescer! Obrigada também a Will Buckingham, Jonathan Taylor, Kathy Bell e Simon Perril. Ensinar escrita criativa para alunos de ressaca não deve ser fácil, mas vocês fizeram toda a diferença.

Obrigada a todos os meus colegas incríveis e a cada pessoa que já me contratou para escrever e criar. As experiências, boas ou ruins, nos moldam, e sou grata por todas elas. Em especial, obrigada a Emma Dai, Aimee Barrett, Ariadna Morrell Cheung, Jemima Knight e Francesca Perks, apenas algumas das mentes brilhantes que tornaram suportável trabalhar até tarde para chefes péssimos.

Agradecer a si mesma pode parecer um tanto egocêntrico, mas, sendo bem sincera, meu penúltimo obrigada vai para alguém que realmente merece: eu mesma. Obrigada às inúmeras versões de mim que insistiram, dia após dia, em continuar escrevendo este livro, mesmo sem nenhuma garantia de que ele veria a luz do dia. Sem sequer imaginar o quanto isso significaria para aquela pequena Annabelle e seu sonho distante.

E, por fim, obrigada a você. Comprar o livro de uma autora estreante é sempre um tiro no escuro, e sou eternamente grata por você ter escolhido este livro e ainda ter lido os agradecimentos, porque isso, sim, é dedicação!



SOBRE A AUTORA

Annabelle Slator passou a infância escrevendo histórias nos confins do interior britânico. Depois de se formar em escrita criativa, dedicou grande parte do final da adolescência e do começo da vida adulta a redigir conteúdos para redes sociais, blogs de start-ups e empresas de tecnologia em Londres. Hoje em dia, quando não está escrevendo, provavelmente está acompanhando fofocas de nichos específicos na internet, aperfeiçoando as habilidades de esgrima ou garimpando achados em feirinhas de antiguidades com o marido e seus dois dachshunds miniatura, Gruffalo e Gryffin.

O Algoritmo do Amor é o primeiro livro de Annabelle, inspirado na época em que trabalhou em um famoso aplicativo de relacionamentos.